

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**MEMÓRIAS BOÊMÍAS: Histórias de uma cidade de fronteira**

**Liane Chipollino Aseff**

Florianópolis, abril de 2006

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**MEMÓRIAS BOÊMIAS: Histórias de uma cidade de fronteira**

**Liane Chipollino Aseff**

Dissertação orientada pelo Professor  
Dr. Orientador: Valmir Francisco Muraro e  
apresentada à Banca Examinadora  
como requisito parcial para obtenção do  
título de Mestre em História

Florianópolis, abril 2006.

# **MEMÓRIAS BOÊMÍAS: Histórias de uma cidade de fronteira**

**LIANE CHIPOLLINO ASEFF**

Esta dissertação foi julgada e aprova em sua forma final para obtenção do título de  
**MESTRE EM HISTÓRIA CULTURAL**

## **BANCA EXAMINADORA:**

---

**Prof. Dr. Valmir Francisco Muraro – Orientador (HST/UFSC)**

---

**Profa. Dra. Susana Bleil de Souza (HST/URGS)**

---

**Prof. Dr. Paulo Pinheiro Machado (HST/UFSC)**

---

**Profa. Dra. Cynthia Machado Campos (HST/UFSC)**

---

**Profa. Dra. Maria Bernardete Ramos Flores  
Cordenador do PPGH/UFSC**



Grupo de velhos parceiros da boemia brindando os anos 30: “ bebes e verás que a vida é bela! “

## **RESUMO**

Esta pesquisa aborda a trajetória cultural entre duas comunidades de fronteira. Através da lembranças de alguns personagens locais, procurou-se verificar a rota do lazer, assim como também dos lugares boêmios, ponto de integração e disputa entre duas culturas distintas: brasileiros e uruguaios. Alguns desses lugares tornaram-se pontos de referência do lazer fronteiriço para ambas as cidades. Para tal, o trabalho desenvolveu-se em três capítulos. No Primeiro encontra-se a parte teórica, onde os protagonistas apresentam aquela fronteira dos anos 1930. O Segundo capítulo trata-se das variadas formas de lazer estabelecidas na região, o universo dos bufões, as lutas e seus enigmáticos personagens, os bailes nas residências particulares e os cursos públicos. E na última parte, a pesquisa volta-se para acirrada disputa em torno do lazer, que por muitos acompanhou o cotidiano daquelas duas comunidades. As relações cotidianas entre riverenses e santanenses constituíram-se de momentos homogêneos e heterogêneos, caracterizando o encontro entre os vizinhos pelo espírito da concorrência cotidiana nas variadas formas do convívio.

**Palavras-chave:** fronteira, lembranças, boêmios, cotidiano, integração.

## **ABSTRACT**

This investigation explores the cultural trajectory between two border communities. Through the memories of the local personages, the investigation verified the route of leisure and the boemian places, points of integration and discordance between two distinctive cultures: Brazilians and Uruguayans. Some of these places become points of reference of the frontier leisure for both cities. The work has been developed in three chapters. The first chapter is the theoretic one, where the protagonist shows the frontier of the 30s. The second one focalizes the various forms of leisure established on the region, the buffoon universe, the fights and its enigmatic personages, the festive dance reunions on the residences and the public procession of automobiles. In the last chapter the investigation turns to the intransigent dispute for leisure spaces that became part of the quotidian of those communities. The daily relationship among the townsman of Rivera and Santana consists in homogeneous and heterogeneous moments, that confers to the neighbourhood meetings a competitiveness spirit of daily competition in the various forms of social contact.

Key-words: frontier, remembrance, bohemians, quotidian, integration.

## Sumário

<b>Agradecimentos</b> .....	08
<b>Apresentação</b> .....	09
<b>Capítulo I</b>	
A Fronteira (re) apresentada através da memória.	
1.1- Apresentando a fronteira .....	15
1.2- Os circos, espaços democráticos.....	20
1.3- As lutas, uma atração popular.....	31
1.4- Reconstruindo a fronteira, em busca de uma outra cidade.....	42
1.5- Novos hábitos além do Prata .....	45
1.6- "Dar palavra as vozes que foram silenciadas" .....	51
1.7- <i>Causos</i> do contrabando.....	55
1.7.1- O caso Ripoll.....	58
1.8- A cena boêmia.....	62
1.9- A diversidade econômica.....	70
<b>Capítulo II</b>	
A Boemia: integração e divisão nos espaços comuns de sociabilidade.	
2.1- A moderna Santana.....	76
2.2- Na trilha das casas noturnas.....	84
2.3- Mulheres de cabaré e <i>chinas</i> de <i>bailantas</i> .....	88
2.3.1- Cerro do Marco.....	90
2.4- Os Cine-Theatros.....	95
2.5- Os corsos, genuínos espaços da diversão popular.....	98
2.5.1- As faces do carnaval fronteiriço.....	101
2.7- Outras festas: orquestras, serenatas, bailes e <i>assaltos</i> .....	104
2.8- Cinema Hermes, um sonho popular .....	107
<b>Capítulo III</b>	
A Fronteira inusitada. Conflitos e diferenças nas Fronteira da Paz	
3.1- O mito.....	114
3.2- O concurso dos carnavais.....	124
3.3- Duelo de espaços: a disputa pelo lazer na fronteira.....	129
3.3.1- Entre marchas, murgas e tangos.....	132
3.4--"Mancharam o símbolo da paz", violência, repressão e morte em uma romântica fronteira.....	149
3.4.1- Os protagonistas.....	154
3.5- A revanche de Rivera: A moderna e civilizada <i>Via Blanca</i> .....	160
<b>Considerações Finais</b> .....	169
<b>Fontes Bibliográficas</b> .....	174
<b>Anexos</b> .....	179

## AGRADECIMENTOS

Dedico esse trabalho aos  
inesquecíveis boêmios  
Vasco Iturbide e  
Humberto Bisso.

Muitas pessoas colaboraram para que este trabalho se realizasse. Agradeço ao Programa de Pós-graduação em História (PPGH) e a seus professores, que me deram a oportunidade de investigar essa singular região da fronteira.

Agradeço a meu orientador, professor Valmir Francisco Muraro, que soube aconselhar-me na construção deste conhecimento. Suas pacientes leituras, críticas e conselhos, além das palavras de entusiasmo foram fundamentais. Também agradeço a meu co-orientador, professor Paulo Pinheiro Machado, pela oportunidade de convívio e aprendizagem no período em que orientou a pesquisa. A gentileza da professora Susana Bleil de Souza pela sua participação na banca desta dissertação.

Agradeço a CAPES por ter me contemplado com uma bolsa de estudo que viabilizou a realização deste trabalho. Do mesmo modo, agradeço a FAPES, que possibilitou viagens e pesquisas de campo, tão importantes para o desenvolvimento deste trabalho, bem como a dedicação da secretária do PPGH, Nazaré Wagner.

Também quero agradecer o carinho e dedicação das funcionárias do Museu Municipal David Canabarro, em Santana do Livramento, em especial, Maria do Carmo Rivero, Cleusa Lopes Valiente e Jocasta Vandes Pedroso. A carinhosa recepção dos personagens deste estudo, os saudosos Humberto Bisso, Floriano Menendes e Lúcio Soares Neto, que sem sua sincera disposição em relatar suas aventuras, não seria possível reencontrar aquela outra Santana. Agradeço também aos bravos combatentes da intolerância e pelas liberdades individuais, Perseverando Santana, Antônio Apoitia Neto, Eustáquio Apoitia e Hugo Negres, sobrevivente de uma tragédia. E a Hermes Walter, pela alegria em ceder-me seu material e seu convívio. Por fim, não posso deixar de lembrar de minha família, pelo carinhoso apoio em todos os momentos. Em especial meus filhos, Sofia e Tiago.

## APRESENTAÇÃO

O cotidiano é onde a gente vive sem se dar conta,  
um lugar desdramatizado pela familiaridade e  
banalizado pela rotina.  
Luis Fernando Veríssimo.

A pesquisa aborda as referências culturais, que marcaram o cotidiano das cidades de Santana do Livramento (RS) e Rivera (ROU). As comunidades fronteiriças caracterizaram-se pelas trocas de linguagem ocorridas entre essas duas culturas<sup>1</sup>. O estudo, pretendeu estabelecer relações com os lugares reservados ao lazer que misturavam o público da cidades, e as características de seu relacionamento cotidiano. O recorte temporal proposto para essa análise situa-se entre os primeiros anos da década 1930 e o início da década de 1960, considerada pela investigação como mais significativa para o desenvolvimento dos espaços de sociabilidade na cena boêmia fronteiriça.

Essa pesquisa objetiva historicizar a vida cultural nessa região, através dos lugares que constituíram-se palco desse intercâmbio. Também pretendeu verificar a rota da boemia, dentro de uma perspectiva histórica, assim como a elaboração de um mapa cultural dos espaços de sociabilidades que abrigavam os lugares da cena boêmia nas comunidades<sup>2</sup>.

A motivação para a escolha desse tema deve-se a intensidade das relações que acompanham o cotidiano das pessoas nascidas nessa região fronteiriça. A linha divisória que permeia esse relacionamento é muito tênue, constituída de diferenças e semelhanças.

A metodologia proposta nesta investigação priorizou a utilização de fontes escritas e da memória oral. Foram analisados os periódicos de Santana do Livramento e Rivera, a procura de dados que auxiliassem nas respostas das hipóteses iniciais da pesquisa. Também foram observadas as fotografias dos acervos pessoais e dos arquivos públicos.

---

<sup>1</sup> Sobre o linguajar específico daquela região encontram-se palavras de uso comum entre as duas cidades como *bico*, para designar lâmpada elétrica, *viso* para combinação, *carpim* (do espanhol escarpines), significa meias; *tricota* é blusão, pulôver, *guisado* (do espanhol guiso), é carne moída e *enchufe*, tomada elétrica, entre outras.

<sup>2</sup> Esse mapa trata da reconstrução dos lugares que constituíram o convívio miscigenado entre essa população bares, cafês, cinemas, restaurantes, confeitarias e cabarês.

Seguindo-se a investigação dos jornais, utilizou-se da história oral para as variadas entrevistas acontecidas entre as pessoas das duas comunidades, sempre buscando identificar nas recordações dos personagens daquele período, os espaços de diversão comuns entre eles. Os entrevistados pertenciam a diversas profissões e classes sociais, dada a diversidade de opções para o lazer fronteiriço da época<sup>3</sup>. Essa geração reconstruiu através de sua memória lugares que permanecem como pontos demarcadores do lazer naquele período. Suas recordações dessa fronteira antiga guardam episódios notáveis contados muitas vezes, nas palavras de Ecléia Bosi, em forma de fábula.

No primeiro capítulo, os personagens apresentam sua cidade, rememorando episódios sobre o lazer na fronteira. O objetivo desse capítulo é (re) apresentar a fronteira antiga, daquele período, impregnada pelas memórias de seus personagens.

As atrações, as festas, os circos e as suas peculiaridades geográficas que por muitos anos favoreceram a prática do contrabando (e as marcas da violência associadas a ela) são rememorados com detalhes. Os passeios pela praça, o crescimento da nova e moderna Santana e Rivera, vão sendo apontados pelos seus personagens. No entanto, esses personagens não omitem de suas lembranças acontecimentos referentes à suas diferenças culturais e tampouco a crônica policial. Com certo espanto vislumbrou-se, uma fronteira violenta e pouco afeita às leis, ao contrário do discurso romântico e unificador imposto as gerações posteriores aos anos sessenta. Seus personagens, entretanto carregam alguns episódios notáveis da truculência da ação da polícia e pistoleiros impregnados no interior de sua memória.

Em seu estudo sobre a memória dos velhos, Ecléia Bosi provoca seu leitor quando reflete sobre a fidelidade das lembranças coletivas - “será a memória individual mais fiel que a social? Sim, enquanto a percepção original obrigar o sujeito a conter as distorções em certos limites, porque ele viu o fenômeno”<sup>4</sup>. Assim, também esta pesquisa mostrou indícios semelhantes ao referido por Ecléia Bosi. Seu Bisso, quando rememorava suas várias vivências pelos lugares da fronteira, estava imbuído de relatar os fatos,

---

<sup>3</sup> No decorrer da pesquisa foram entrevistados 10 mulheres e 18 homens de distintas profissões e classes sociais. A transcrição dessas entrevistas e as fitas encontram-se a disposição no Laboratório de História Oral Marcus Vinícius de Almeida Saul, no Departamento de História da UFSC.

<sup>4</sup> BOSI, E. Memória e Sociedade. Lembranças de Velhos. 7ª Edição. São Paulo: Cia das Letras, 1999, p. 420.

igualando-se em certos momentos ao observador benjaminiano<sup>5</sup>. Quando passeia pelos cabarés, pensões, cassinos, revendo as barbearias, as lojas de alfaiatarias todas elas dispostas pelas ruas de uma outra cidade; o personagem articula uma visita àqueles lugares perdidos no tempo. Assim, Seu Bisso procura passar seus ensinamentos e sua experiência para outras gerações através de sua narrativa. Juremir Machado da Silva refletiu aspectos semelhantes em sua crônica que abordava o cotidiano boêmio na cidade de Porto Alegre:

O observador passeia, tão na superfície de tudo e resgata, descreve, encanta-se e narra com rigor factual a vida [...] desvela-se a lógica da inserção do indivíduo em uma sociedade cruel. Transparece a capacidade de resitência, a maravilhosa arte de criar na adversidade<sup>6</sup>.

No segundo capítulo, o estudo procura pelos espaços de sociabilidade que construíram o lazer na região. Os Cine-Theatros, os Cabaret Cassinos, praças e cafés como centros de agitações ou efervecências, lugares onde o público local compartilhava com pessoas de fora do lugar e estrangeiros a cena noturna. Verificou-se existir naquele naquele momento nessas casas noturnas uma aparente integração entre as nacionalidades, visto que seus espectadores em muitas ocasiões conviveram momentos homogêneos e hetetogêneos nos lugares reservados para diversão.

Objeto do estudo, a vida noturna, dividia-se entre as casas de shows, cafés, restaurantes e casas de jogos. Foi registrado o ingresso de pistoleiros que nas décadas de 1930 e 1950 chegaram em busca do eldorado que o jogo, a contravenção e a boemia possibilitavam. Os Cabaret Cassinos freqüentados geralmente por pecuaristas, comerciantes bem sucedidos, turistas e políticos influêntes no estado, mantinham um fluxo, embora pequeno de trabalhadores, estrangeiros e dos *outsiders*; essas casas de espetáculos também atraíam músicos, artistas e jogadores internacionais<sup>7</sup>.

---

<sup>5</sup> O observador (narrador) benjaminiano refere-se aquele que procura extrair os ensinamentos da sua experiência e passá-los a outras gerações. Assim, dentro do contexto da narrativa é permitido fazer a comparação do personagem com o observador benjaminiano. In: BENJAMIN, Walter. O Narrador. 2ª edição, São Paulo, Abril Cultural, 1979. (Coleção os Pensadores).

<sup>6</sup> SILVA J. M. da A Noite dos Cabarés. Histórias do cotidiano de uma cidade grande. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1991, p. 06.

<sup>7</sup> Como excluídos podem ser citados os indivíduos de profissão indefinida, não pertencendo ao comércio local, operários, os *outsiders*. A cidade mantinha uma característica excludente, os indivíduos chegados de outros lugares do estado, país e exterior, eram estigmatizados como forasteiros. Nessa época afloravam na comunidade, e em muitas ocasiões dividiram os espaços de sociabilidade com a comunidade. Muitas famílias dos descendentes de comunistas ou descendentes de árabes, ainda são discriminadas pela sociedade local. Nos espaços de sociabilidade, como clubes, praças, restaurantes, comumente insinuam-se comentários sobre sua origem familiar.

Perseguindo o rastro dos grandes centros boêmios, como Paris, Buenos Aires, Montevidéu, Rio de Janeiro e Porto Alegre, essas cidades também experimentaram sua época de ouro. A boemia fronteiriça impunha-se como atraente rota para os endinheirados que vinham do centro do Brasil em direção a Buenos Aires ou a Montevidéu. Carlos Machado, ilustre boêmio e empresário da noite carioca, descreveu a influência cultural da língua espanhola no Rio Grande Sul, nos anos 1930, em seu livro de memórias. Quando em sua primeira visita à capital portenha, já encontrava-se familiarizado com esse idioma:

Buenos Aires por sua proximidade e, naquele tempo, por sua grande importância era visita obrigatória dos gaúchos abastados. A influência portenha era grande não só na música como na gíria. Usávamos *che*, que *te vayas* bonito, *atorrante sin domicilio*, *maricón*, *bailongo*, *compadrito* e tantas outras expressões vizinhas<sup>8</sup>.

Contudo, para refletir sobre esse complexo processo tornou-se necessário, investigar as relações sociais de Santana do Livramento, com um olhar sobre as relações de poder que manteve com sua vizinha Rivera.

No capítulo final, a reflexão volta-se para a desconstrução do mito construído ao longo de quatro décadas de Fronteira da Paz. A pesquisa vislumbrou o relacionamento entre essas comunidades, constituídos de uma aparente cordialidade, para traçar uma rota dessa pluralidade impregnada de embates cotidianos. Diante da abordagem unificadora que caracteriza atualmente a região- a inexistência de marcos divisórios- podem orientar a comunidade e algumas pesquisas, na construção de um mito. A visão romanceada aponta para duas cidades sem fronteiras, isentas de conflitos cotidianos e diferenças culturais. Assim, esta comunidade fronteiriça teria construído diante da diversidade cultural uma única cultura, pautada por um caráter híbrido.

A pesquisa aborda a disputa pelo cobiçado público que convivia nos variados espaços de lazer na região. No início do século XX até meados dos anos 1940 à hegemonia dos lugares reservados ao entreterimento do público fronteiriço estava reservada aos espaços públicos e privados brasileiros. A cena cultural concentrava-se em Santana, que era constantemente visitada por companhias estrangeiras e turistas vindos de lugares que ultrapassavam as fronteiras da região. Entretanto, a situação reverte-se quando a

---

<sup>8</sup> MACHADO, C. Memórias sem Maquiagem. São Paulo, Livraria Cultura Editora, 1978, p. 30. Esse histórico boêmio gaúcho esteve à frente das melhores casas noturnas do Rio de Janeiro a partir de 1936, apresentou variados espetáculos de revista, lançando cantoras e artistas, como Elizeth Cardoso, Virgínia Lane, Iris Bruzzi entre outras. Suas casas gozavam da preferência dos Presidentes da República e artistas internacionais.

Intendencia de Rivera visando revigorar a economia emergente da cidade, implanta políticas para criação e revitalização dos seus espaços públicos.

A fronteira, entretanto, descobre-se truculenta e violenta, o imaginário da comunidade viu-se invadido por vários episódios de mortes e repressão policial e da contravenção. Assim, o estudo considerou pertinente a inclusão de alguns casos que atormentaram o cotidiano da fronteira durante os anos investigados no trabalho. Como a violência, adormecida pela memória daquela comunidade, as mortes do pistoleiro baiano e a truculência policial e do poder na repressão e morte dos militantes do PCB.

## ***Frontera***

*Yo no sé de donde soy  
Mi casa está en la frontera  
Y las fronteras se mueven como las banderas  
Mi patria es un rinconcito  
El canto de una cigarra  
Los dos primeros acordes que yo supe en la guitarra  
Soy hijo de un forastero y de una estrella del alba y si hay amor, me dijeron  
Y si hay amor , me dijeron, toda distancia se salva  
No tengo muchas verdades prefiero no dar consejos  
Cada cual por su camino, que igual va a aprender de viejo  
El mundo está como está por causa de las certezas  
La guerra y la vanid comen en la misma mesa  
Soy hijo de un desterrado y de una flor de la tierra y de chico me enseñaron  
Las pocas cosas que sé del amor y da guerra.  
Jorge Drexler*

# CAPÍTULO I

## A fronteira (re)apresentada através da memória

*Todo esta clavado en la memoria  
Esquina de la vida y  
de la historia  
Todo esta clavado en la memoria  
Refugio de la vida y  
de la historia  
Leon Gieco.*

### 1.1- Apresentando a Fronteira

Situada na Fronteira Oeste do estado, o município de Santana do Livramento, juntamente com as cidades de Bagé, Alegrete, Dom Pedrito, Quaraí, Rosário do Sul, São Borja, São Gabriel e Uruguaiana integra a região fisiográfica da campanha, que ocupa uma área total de 50.043 Km., o que representa aproximadamente vinte por cento de área territorial do Rio Grande do Sul.

A cidade de Santana do Livramento foi desmembrada do município de Alegrete, em meados do século XIX, sendo elevada a condição de vila em 1857. Historicamente, aquela região está ligada às lutas cisplatinas com seu vizinho Uruguai e a condição de fronteira. A cidade de Rivera teve sua formação urbana impulsionada na segunda metade daquele mesmo século por decisão do governo uruguaio que, estrategicamente, visava estabelecer controle na questão dos limites e destinava marcar a soberania de seu território<sup>9</sup>. Sabe-se que os reinos da Espanha e de Portugal possuíam especial interesse pela banda oriental, visto que este território encontrava-se em uma zona de constantes conflitos pela disputa de seus domínios<sup>10</sup>. No sul do Brasil deflagraram-se

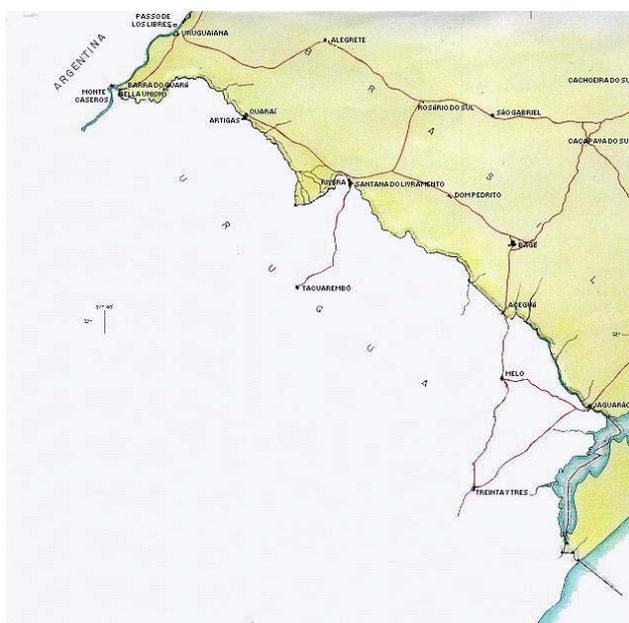
---

<sup>9</sup> Ao Oeste e ao Sul o limite ocidental é com a Argentina e está assinalado pelo Rio Uruguai e pelo Rio da Prata. Sobre essa temática verificar o estudo de Neiva Schäffer sobre a região: N.O. Urbanização na Fronteira. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 1993, p. 14 - 16. Santana foi elevada à vila conforme o decreto de lei nº 151/1857.

<sup>10</sup> Torna-se importante ressaltar que estas cidades surgiram naquela região dentro de um contexto singular de lutas territoriais entre portugueses e espanhóis pelo controle da área oriental do rio Uruguai e que posteriormente, quando se estabeleceram o acordo da divisa dos territórios, em 1856, levou a demarcação de linhas limites que dividiam as fronteiras entre os dois territórios. Segundo observou Andreia Quadrelli em sua pesquisa antropológica sobre os limites políticos daquela região: "O próprio limite político do departamento de Rivera com o município de Santana do Livramento apresenta características singulares, desde o ponto de vista histórico, com relação ao resto dos limites políticos com o Brasil, e inclusive com a República Argentina. Como assinala Grimson, reconhecer a historicidade das fronteiras políticas, isto é, a concepção da fronteira e seus processos, "*como contingentes, sujetos al tiempo y a la acción humana*", é um aspecto central das investigações desenvolvidas nestas áreas (Grimson, 2000: 33). Como lembra o autor, as fronteiras não

lutas com os espanhóis pelo domínio da região do Prata. Conforme investigação de Andréia Quadrelli, a fronteira política entre o Uruguai e o Brasil é extensa, “ao menos para o Uruguai, com quase 1.000 Km. de fronteira com territórios brasileiros. Nessa faixa, sessenta por cento de dita extensão define-se sobre a base de uma linha imaginária traçada entre sucessivos marcos colocados em alinhamento<sup>11</sup>”.

Assim, essa fronteira, acolhe cinco centros urbanos: Artigas, no Uruguai, faz divisa com as cidades brasileiras de Quaraí; Rivera e Santana do Livramento, Aceguá, do lado oriental e Aceguá do brasileiro, a cidade uruguaia de Rio Branco e a cidade brasileira de Jaguarão e no extremo sul do país a cidade de Chuí uruguaia e a cidade de Chuí brasileira.



Mapa físico da Fronteira Brasil-Uruguai Fonte- Google.

Em Santana do Livramento e Rivera, não existem marcos físicos naturais que orientem a separação, fazendo com que a urbanização não se interrompa. Na visão de Neiva Schäffer, esta característica torna-as “um par de cidades” denunciando com isso sua singularidade

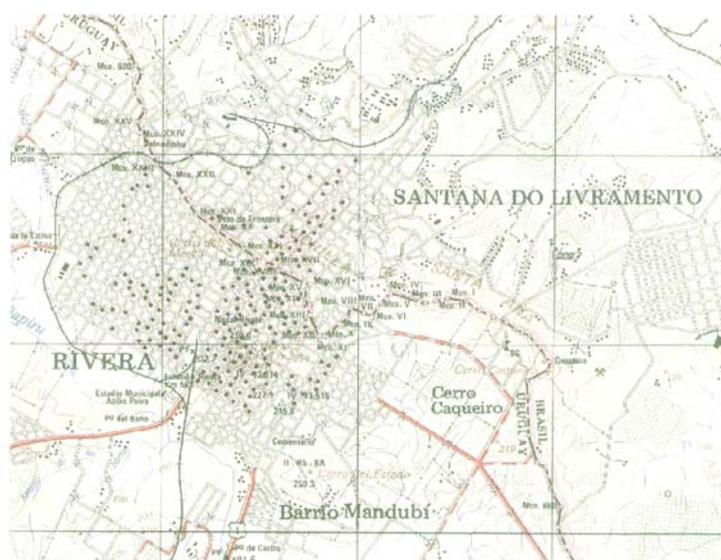
---

sempre estiveram ali, “son el producto de disputas entre imperios y reinados, entre poblaciones locales, son la consecuencia de la construcción de los Estados-nación” (idem, 32). In QUADRELLI, A. S. A Fronteira Inevitável. Um estudo sobre as cidades de fronteira de Rivera (ROU) e Sant’Ana do Livramento (Brasil) a partir de uma perspectiva antropológica. Tese de Doutorado apresentada no Programa de Pós-Graduação de Antropologia Social, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS. Porto Alegre, 2002.

<sup>11</sup> Idem, p.14. A autora direciona seu estudo para o desenvolvimento de uma antropologia de fronteiras, considerando a confluência de limites simbólicos, políticos e jurídicos entre nação e Estado. p.14.

perante as outras regiões<sup>12</sup>. Esses dois centros urbanos de diferentes nacionalidades, hoje comportam uma população de aproximadamente 160 mil habitantes e carregam um significado cultural ímpar, motivando pesquisadores a estreitarem investigações sobre a região<sup>13</sup>.

Como demonstrou Andréia Quadrelli, em seu estudo que pode ser considerado de referência, pois direcionou sua abordagem para a complexidade do relacionamento cotidiano entre as cidades- o limite político territorial entre o Uruguai e Brasil “atravessa ambos centros urbanos, mas também é possível afirmar o contrário, são as cidades as que parecem atravessar o limite político internacional e é isso o que transforma esta fronteira tão singular”. Ambas as cidades reúnem populações com pertencimentos políticos e institucionais diferentes em um espaço comum fisicamente interrompido. O interesse acadêmico pelo estudo dessa fronteira, encontra-se na pauta dos variados trabalhos e áreas de pesquisas que envolvem as cidades limites com o Uruguai<sup>14</sup>.



Mapa urbano de Sant' Ana do Livramento (RS)e Rivera (ROU).

Mapa Urbano de Santana do Livramento/Rivera Acervo- Andreia Quadrelli.

<sup>12</sup> SCHÄFFER, Op. Cit. p. 14.

<sup>13</sup> O Centro de Literatura e Psicanálise Cyro Martins, com sede na cidade de Porto Alegre (RS), coordenado pela Prof. Dra. Maria Helena Martins, fomenta e divulga pesquisas acadêmicas sobre as regiões de fronteira do Brasil com o Uruguai, Argentina e Paraguai. Seus temas são variados e interdisciplinares, incluindo pesquisas na área da Antropologia, Literatura, Música, História, Artes Dramáticas, Direito, entre outras disciplinas, buscando sempre priorizar as relações de fronteira.

<sup>14</sup> QUARELLI, S. A. Op. Cit. p. 15.

Desse modo, o espaço da linha divisória daquelas cidades são traduzidos de maneira incomum, onde “a própria configuração urbana “dissolve” a linha imaginária, confundindo o forasteiro incauto [...] um obelisco ladeado pelas bandeiras dos dois países é um monumento a união, longe do marco delimitador<sup>15</sup>”. Contudo, em muitas ocasiões, a inusitada geografia do lugar não consegue esconder alguns choques culturais e políticos em meio a convivência pacífica daquela população. Nesse sentido, torna-se pertinente problematizar o cotidiano sem fronteiras dessa comunidade, onde, frente a um aparente olhar as (inter)nacionalidades parecem não interferir no convívio pacífico de suas fronteiras físicas. Torna-se urgente uma reflexão sobre o fato dessa comunidade manter seu cotidiano isento de fronteiras, onde o discurso de sua integração física parece complementar o de sua integração cultural.



Mapa comercial de Santana do Livramento/Rivera Acervo- Neiva Schäffer.

É possível existir uma integração física e cultural homogênea entre duas comunidades singulares, livre dos conflitos inerentes ao seu convívio? Entre outros objetivos, esta investigação pretende responder algumas dessas questões, que serão abordadas no terceiro capítulo<sup>16</sup>.

Certos pesquisadores que trabalham suas problemáticas sobre aquela região, compartilham de uma idéia unificadora, romântica: em princípio, essas cidades, unidas

<sup>15</sup> MARTINS, M. H. (org.) Fronteiras Culturais - Brasil, Uruguai, Argentina. Cotia: Ateliê Cultural, 2002. p.45.

<sup>16</sup> Na literatura sobre a região, tornou-se comum a existência de um discurso uniformizador sobre aquela população, com referências que vão desde as cidades-gêmeas, a "*la mas hermana de todas las frontera del mundo*" ou, geralmente o mais divulgado de *Fronteira da Paz*. Nessa abordagem, trabalha-se apenas com a homogenização política e cultural dessa comunidade fronteiriça. Contudo, sabe-se que no interior das comunidades seus membros vivenciam momentos homogêneos e heterogêneos. Para Norbert Elias, numa comunidade os conflitos dissimulam-se muitas vezes entre seus membros.

através do Parque Internacional, símbolo da paz entre as duas nações, partilham espaços de sociabilidades comuns, isentos de conflitos e diferenças étnicas. Entretanto, o discurso da irmandade ou integração tem um vigor ainda não totalmente dimensionado<sup>17</sup>.

Assim, as relações cotidianas dessa população de fronteira não significam necessariamente que as mesmas tenham que compartilhar uma identidade ou ainda de uma identificação fronteiriça, como propõe algumas literaturas. Pelo contrário, “*la propia dinámica de la interacción cotidiana plantea en muchos casos un crecimiento de los roces y los conflictos*”<sup>18</sup>.

Contudo, uma vigorosa intensidade nas relações humanas acompanha o cotidiano daquela comunidade que se autodenomina binacional. A linha divisória que permeia esse relacionamento é muito tênue. Mas afinal, o que é sentir-se fronteiriço? Como viver em uma fronteira da paz mitificada e fragmentada pelas disputas entre duas nações?

Perseguindo esta perspectiva, mergulhando nesse universo singular, a investigação colheu relatos da memória oral de alguns de seus cidadãos, das mais variadas classes sociais, reunindo entre eles um fator em comum: vivenciaram em sua juventude a agitada efervescência cultural, o *glamour* que essa fronteira apresentou no período estudado. Assim, verifica-se em determinados momentos, ingredientes da circularidade cultural propostos no estudo de Mikail Bakhtin<sup>19</sup>. A presença de representantes das várias camadas sociais existentes na região (ricos, pobres, heróis, bandidos, católicos, protestantes, prostitutas, donas de casa), convergem para uma comunidade, onde seus integrantes partilham de alguns ambientes comuns do lazer fronteiriço. Nos mais variados espaços de sociabilidade, esses personagens, em muitas ocasiões, sem perceber, dividiram valores, costumes, modos de ser e proceder, praticando com suas ações, algum tipo de troca cultural.

---

<sup>17</sup> QUADRELLI, A. S. Op. Cit. p.154.

<sup>18</sup> GRIMSON in QUADRELLI, A. S. Idem, Ibidem.

<sup>19</sup> BAKHTIN, M. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento. O Contexto de Francois Rabelais*. 2ª ed. Brasília: Ednub/HUCITEC, 1993. p. 78. O estudo sobre a cultura popular medieval e moderna desse autor analisa a obra de *Francois Rebelais*, cronista dos costumes dessa época, entre os quais estão o riso, os bufões e o carnaval, apresentando propõe um conceito de circularidade cultural, que permite a mistura entre as várias categorias sociais de uma comunidade. Assim, perseguindo essa perspectiva, o estudo das festas populares nessa região, em especial a do carnaval, aproxima-se desse conceito indicado por Mikail Bakhtin quando então possibilitaria que as várias classes sociais existentes na fronteira dividissem em um mesmo espaço físico as comemorações do Momo, como nas ruas e nas praças.

Pois desde a Antigüidade, a circularidade entre as diversas culturas impõe-se às sociedades. Assim, pode-se estabelecer que nas festas populares,

O mundo infinito das formas e manifestações do riso opunha-se à cultura oficial, ao tom sério, religioso e feudal da época. Dentro de sua diversidade, essas formas e manifestações- as festas públicas carnavalescas, os ritos e cultos cômicos especiais, bufões, tolos, anões, monstros, palhaços, de diversos estilos e categorias, possuem uma unidade de estilo e constituem partes e parcelas da cultura cômica popular, principalmente da cultura una e carnavalesca, una e indivisível.[...] todos esses ritos e espetáculos organizados à maneira cômica apresentavam uma diferença notável, uma diferença de princípio<sup>20</sup>.

Diante dessa possibilidade, torna-se possível para a investigação examinar um atrativo secular, genuinamente popular que sempre monopolizou a cena do lazer quando oferecido às comunidades: os circos.

## **1.2- Os circos , espaços democráticos**

O antigo Areial, atualmente Parque Internacional, foi nas primeiras décadas do século XX, um espaço continuamente percorrido por diversas companhias circenses, assim como local de encontro para os mais variados grupos. A partir da pesquisa em jornais, relatos de personagens, e algumas obras literárias, pode-se observar a movimentação de ciganos, bandidos, comerciantes, imigrantes e artistas ambulantes de teatro e de circo nesse local. Muitas companhias vinham de outros lugares, compostas muitas vezes por membros de outras nacionalidades. Entretanto, a região tornou-se um tipo de entreposto artístico, onde mambembes se fixavam, provisoriamente, entre um trajeto e outro da viagem.

Na fronteira, os circos que ali chegavam frequentemente impunham àquela população uma característica bakhtiniana: embaixo de sua lona misturavam-se diversas classes sociais dentro de um mesmo espaço, aglutinando-se e miscigenando-se, em busca de um objetivo comum: o lúdico picadeiro<sup>21</sup>. Em suas divertidas apresentações encontravam-se, reunidos geralmente com suas famílias, os chefes políticos, os trabalhadores em geral, os funcionários públicos graduados, assim como todos aqueles sujeitos marginalizados pela comunidade local<sup>22</sup>.

---

<sup>20</sup> Idem, p. 4, 5.

<sup>21</sup> DUARTE, R. H. Noites Circenses, Espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX. Campinas: Unicamp, 1995, p. 79.

<sup>22</sup> As pessoas humildes e também aquelas que mantinham uma conduta moral duvidosa, de maneira geral, as prostitutas, os cafetões, os mercenários que vivenciaram o cotidiano da fronteira, especialmente entre os anos 1920 e 1930. Finalmente, diante do preconceito social e racial da maioria da população, também aí estavam incluídos os trabalhadores negros e os ciganos. Embora os ciganos apresentassem uma presença fluída na

Alguns periódicos da época mantinham diariamente anúncios dos espetáculos circenses de companhias que visitavam a região. A chegada dos artistas modificava o ambiente e o cotidiano da fronteira, levando seus moradores a viverem fortes emoções com as *tournées* dos circos. Uma vez na cidade, faziam anunciar pelos jornais o espetáculo a ser levado à cena. Costumavam alardear as qualidades artísticas de suas estrelas e os variados números a serem oferecidos ao seu respeitável público! Os frequentadores do circo contavam ainda com o apoio dos meios de comunicação da época para a informação e divulgação dos espetáculos. Tornou-se uma constante a publicidade nos jornais e no rádio indicando as novidades mambembes que chegavam a cidade.

O Republicano, jornal de caráter político conservador, pertencente a família do General Flores da Cunha, indicou diariamente durante o mês de outubro de 1950 as atrações do circo Parque e Teatro Miramar<sup>23</sup>. A atração apresentava-se na antiga Praça Barão do Ijhuy, localizada na divisa do centro com a periferia da cidade. O jornal apontava um caminho para a diversão de seus leitores, composto de famílias de políticos e comerciantes. O lugar oferecia, nas noites frescas da primavera, números de circo de cavalinhos, teatro, mágicas, acrobacias e pequenas esquetes de comédia ou de melodrama, embora todas mantivessem o mesmo tom: fazer a alegria do público. Sempre mantendo o palhaço como estrela principal, a companhia apressava-se em destacar em seu anúncio a

---

fronteira, ela é notada com desconforto pela comunidade. Os comentários a seu respeito são sempre pejorativos. Diferente dos demais grupos, os ciganos possuíam uma lógica diversa do sedentarismo presente naquela sociedade. Para Regina Horta Duarte, "a vida nos acampamentos ciganos compunha-se de horas perdidas em conversas, cantorias e outras atividades **alheias ao trabalho**" (os grifos são meus). Diversamente dos ciganos, a maioria dos moradores daquela região mantinha algum tipo de atividade remunerada nos segmentos da economia local.

<sup>23</sup> O General José Antônio Flores da Cunha, santanense, destacou-se como político influente em Santana do Livramento, no Rio Grande do Sul e na cena política nacional, especialmente nas décadas de 20 a 50. Aliado de Getúlio Vargas na revolução de 30, auxiliou na derrota da Aliança Liberal, após a queda do presidente Washington Luis, foi nomeado por Vargas Interventor Federal e posteriormente em 1935, governador constitucional do estado do RS. Durante o período que permaneceu à frente do governo gaúcho, recuperou as finanças públicas estaduais e criou institutos de fomento econômico. Também controlava a força militar estadual mais poderosa da federação, composta por seis mil homens da corporação da Brigada Militar e vinte mil da milícia civil - os chamados corpos provisórios - além de contar com aliados no Exército. Em 1937, já rompido com Vargas, foi forçado a deixar o governo gaúcho, exilando-se por cinco anos no Uruguai. Elegeu-se Deputado e Senador da República, foi um dos organizadores do Partido Republicano Liberal, PRL. Em 1945, elegeu-se deputado constituinte pela legenda da UDN, União Democrática Nacional, sendo um dos seus fundadores. Morreu em 1959, no Rio grande do Sul.

Fonte: Fundação Getúlio Vargas\_sítio, [www.cpdoc.fgv.br/nav\\_história/htm/biografias/ev\\_bio\\_floresdacunha.Htm](http://www.cpdoc.fgv.br/nav_história/htm/biografias/ev_bio_floresdacunha.Htm)

ressalva de praxe “no palco com **novos artistas**”, buscando com esses ingredientes, a assiduidade da platéia em suas audiências<sup>24</sup>.

Na investigação de Regina Horta Duarte sobre a cultura dos espetáculos circenses em Minas Gerais, a autora alerta para a vigilância do poder público sobre essa comunidade artística, impondo aos proprietários das companhias, a cobrança de um valor a ser pago, uma obrigatoriedade de licença e permissão para a atuação dos artistas<sup>25</sup>.

Em Santana ocorria cobrança semelhante pelas apresentações dos espetáculos, conforme o relato de protagonistas daquele período. Infelizmente, no ano de 1995 o então prefeito municipal, ordenou a incineração de todos os documentos do arquivo da prefeitura até aquele momento, perdendo-se para sempre os dados contidos nos alvarás de licença expedidos para comércio e espetáculos.

A chegada dos circos nessa época fazia-se semelhante a de outras cidades, com o desfile dos artistas pelas ruas principais demonstrando os ingredientes para o divertido espetáculo noturno. Para a população santanense e riverense, a maioria composta de trabalhadores urbanos e operários fabris, os circos apresentavam-se como diversão garantida, até mesmo para os moradores das localidades mais distantes, mesmo nos dias mais frios do rigoroso inverno gaúcho. Quando visitavam a cidade, seus artistas praticavam ritual semelhante aos divulgados por Regina Horta Duarte,

A armação do circo despertava a curiosidade de seus habitantes. Vários dias eram necessários para realização dessa tarefa. Durante esse tempo, os arredores da praça escolhida enchiam-se de crianças maravilhadas e de adultos que "ampliavam o tempo de estar na rua, retardando obrigações domésticas"[...] os recém - chegados que no dizer de um memorialista, eram "homens estranhos que se afiguravam como super- homens". Talvez tão excitante quanto a primeira apresentação fosse o cartaz, nome que se dava ao anúncio da noite de estréia, feita ruidosa e alegremente, pelas casas e ruas. Ao mesmo tempo uma banda precedia o palhaço, montado num cavalo ou num burro, assentado de costas para a cabeça do animal. Atrás, as crianças, enlouquecidas, corriam, gritavam e assobiavam enquanto dialogavam com o palhaço:

- Hoje tem espetáculo?
- Tem sim sinhô!
- E o palhaço que é?
- É ladrão de muié!<sup>26</sup>

O palhaço, personagem mágico ao olhar da platéia, no entanto, mantinha-se com uma postura irreverente diante de seu público. Montado ao avesso no animal, e assim contariando a ordem natural das coisas, roubando as mulheres alheias, “maliciosamente

---

<sup>24</sup> O Republicano, 14.09.1950, p. 02. Os grifos são do anúncio.

<sup>25</sup> DUARTE, Op. Cit. p. 32.

<sup>26</sup> DUARTE, Op. Cit. p. 34.

esperto, admirado pelas crianças, ele liderava um evento que transfigurava as ruas da cidade”<sup>27</sup>. Geralmente crianças humildes de “canela suja” participavam da turba garantindo o seu ingresso para a estréia, ao contrário dos meninos de famílias mais abastadas, que invejavam tal liberdade possibilitada pelo desfile do “cartaz”<sup>28</sup>.

As hilárias cenas do picadeiro permaneceram mágicas nas recordações de Miguel Saynun Hijo, que nos idos dos anos de 1940 integrava uma abastada família libanesa de comerciantes, residentes na cidade de Rivera. Assim ressurgiram suas lembranças, com dosagens da euforia infantil, mantendo visivelmente imortalizados aqueles momentos em sua memória,

Onde todos nós, os meninos da época, brincávamos, e trazíamos nossos bichos de pé. Por quê? Porque nesse areial se acostumavam a fazer de seu domínio os ciganos que passavam por aqui. Nos areiais do futuro Parque Internacional acostumavam a fazer seus acampamentos, um grande número de ciganos que passavam pela cidade. E diziam que eles costumavam transportar os bichos de pé, nessa época! Com todo o respeito aos ciganos. Mas esse lugar também, quando vinham os grandes circos que passavam por esta cidade, na época dos grandes circos né? Aquela dos circos europeus, pra não falar dos outros, aqui teve o Circo Pensado Irmãos, com todo seu poderio artístico. Lembro bem, dos personagens que foram, e porque não dizer, da lenda circense, do palhaço, do anão, chamado-se Minguito[...] Essas coisas que ficam, tinha o circo Pensado Irmão, em espanhol *Pensado Hermano*, não *creo* que fosse espanhol, mas um circo famoso no mundo, *Pero estaba* formado por artistas de todo o mundo. Tinha de tudo o que tu imaginava, e vou te dizer uma coisa, tinha uma trapezista, filha do Pensado, que era a minha paixão. O único que ela deveria ter uns 18 anos e eu uns 6 anos! Mas eu já era *apasionado*<sup>29</sup>.

Sem dúvida, nesse período, entre os anos 1920 e as últimas décadas dos anos 1950 a população fronteiriça buscava nos espetáculos circenses os ingredientes imprescindíveis para sua diversão.

Algumas histórias dos circos impregnam as lembranças de Seu Bisso, que retrocedendo em alguns anos de sua infância, demonstrou entusiasmo em compartilhar suas lembranças daqueles momentos lúdicos passados no interior da lona dos circos. Na visão desse personagem, a importância dos circos não encontrava-se em sua estirpe; tanto os mambembes, apresentando uma programação mais singela, geralmente compostos pelos ciganos; ou aqueles com espetáculos sofisticados, apresentados nos grandes circos internacionais, tinham platéia garantida.

---

<sup>27</sup> Idem, p. 35.

<sup>28</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>29</sup> SAYNUN HIJO, Miguel. 69 anos. Entrevista concedida a Liane C. Aseff. Rivera, 17.01.2004.

Assim, parecem ressurgir das cinzas aquelas concorridas noites circenses,

*Entonces* aí armavam os circos, vinha circos bons, traziam animais, leão, tigre, elefante, tudo, não é? E tinha número de bailarina também, é, tinha de tudo aí, os palhaços eram muito bom também, os mágicos! Ah, nos circos eu ia seguido. Armavam aí, não tinha o parque ainda, aí era um campinho!<sup>30</sup>

Para algumas pessoas valia a pena misturar-se aos numerosos simpatizantes dessa diversão, pois frequentemente as lonas de circos eram estendidas no espaço do Aerial, com companhias que ofereciam variadas atrações. Seu Floriano relembra com vivacidade sua meninice vivida nas cadeiras desse círculo, absorvido com os espetáculos de acrobacia e equilbrismo dos artistas, especialmente das casas que ofereciam animais. Sua presença era garantida nesses eventos,

O Cassino já era lá no centro, ficava na frente do Aerial, mas na frente do "Cinema Internacional" tinha sempre um parque, como era o nome desse parque? Parece que era "Japonês", eu não lembro, tinha de tudo, tinha fera, tinha bicho, não era jardim zoológico, era um parque que tinha de tudo, faziam festas, *shows*, organizações, aquelas festas que se faz hoje, naquela época faziam no parque<sup>31</sup>.

Como veremos no terceiro capítulo, para o poder público, entretanto, fazia-se a necessidade de modernizar aquela região ao mesmo tempo em que buscava eleger um ícone que demonstrasse o bom relacionamento entre as duas cidades, ou seja, as duas nações<sup>32</sup>.

Contudo, retrocendo alguns anos para trás, época em que a região apresentava características diversas do atual Parque Internacional, desencobre-se da memória dos contemporâneos do Aerial um espaço de sociabilidade próprio para recreação da comunidade fronteiriça,

Tinha circo que vinha, ali bem defronte do Internacional porque ali era mais ou menos limpo. Porque acampava circo, o Jeca Tatu, o famoso Jeca Tatu, que era uma companhia de teatro popular, vinha sempre aqui, e as vezes ele dava função no Cinema Internacional, ela era de Porto Alegre. Os circos vinham se instalar muito aqui na Praça no Parque aí, armavam o circo, na parte da frente, ali donde está o Obelisco, bem na frente, faziam teatro às vezes, ambulante, circo ou teatro, enchia de gente. Ali onde está o Fortim, era meio despovoada, casas de chácara, e o Parque era uma sujeira<sup>33</sup>.

---

<sup>30</sup> BISSO, Humberto. 101 anos. Entrevista concedida a Liane C. Aseff. Essa pessoa foi entrevistada várias vezes, nos anos de 2003, 2004, 2005.

<sup>31</sup> MENENDES, Floriano. 94 anos. Entrevista concedida a Liane C.Aseff. Santana do Livramento, 12, 13, 16.01.2004.

<sup>32</sup> A pesquisa observou na atitude dos governos uma demonstração de "civildade", ao mesmo tempo em que, também servia para aparar as diferenças e divergências entre as duas cidades. Urbanizado, o Parque Internacional mantém-se até este século como o símbolo da bandeira branca da paz, apontando para a fraternidade entre os povos. Claro que a demanda turística desde então se tornou uma constante na região.

<sup>33</sup> SANTANA. Perseverando Fernandes. 86 anos. Entrevista concedida a Liane C. Aseff entre os anos de 2004, 2005, 2006.

Diante de outra perspectiva, o Areial desvela-se como lugar sem lei em um passado não muito distante daqueles dias, marcado através de fontes dos jornais e da memória oral como local de refúgio para bandidos perigosos.

As lembranças de seus antigos frequentadores encontram-se impregnadas pelos momentos soturnos que o local impunha,

[...] Ali era esconderijo de bandido, tinham que fazer o Parque mesmo, enfejava a cidade, era um barronal isso aí!<sup>34</sup>

[...] Ali era o Areial e fazia a divisa com o Uruguai, era uma areia aquilo, mataram um camarada ali, mandaram matar, Gauchinho era o nome dele, que foi casado com uma moça que ficou viúva, ali matavam, no Areial. Depois do Areial é que começou a melhorar, mas ali era lugar de matagal, de mortes e foi por muitos anos!<sup>35</sup>

[...] Ali na frente do parque era tudo campo, carrapicho, não havia nada! Ali prá lá, perto dessa igreja, era poteiros, pra botarem cavalos, vacas, e a agora donde é a Vila Municipal ali era outro poteiro, e tinha cobra cruzeira que inté era pra assustar a gente! Porque era tudo de muro de pedra, não era tapado com arame e tinha muita cruzeira ali. E tinha muito sabe o quê? Umbú, tinha aí.. Morava um senhor de nome Chico Couto, chamavam ele, gordo, trabalhava também com contrabando, E depois impeçaram a povoar, povoar o município aí e taí, cheio de casa<sup>36</sup>.

Desse modo, no início dos anos trinta um periódico riverense publicou nota solidarizando-se com a retirada dos *quiosques* do Areial. Considerados bares populares, ofereciam bebidas, doces, fiambres e outros produtos com preços acessíveis para as famílias que costumavam frequentar o “parque”, assistir as partidas de futebol e reforçar a audiência das sessões de circo.

**Desaparecerán**

*Los Kioscos ubicados en la linea divisoria, para mas datos vea el lector la resolución pertinente del Concejo departamental en la sección respectiva*<sup>37</sup>.

O projeto de reordenação urbana imposto na região do Areial no final dos anos 1930, transferiria para outras praças da cidade o lugar de apresentação dos circos. Através desse novo planejamento urbanístico, os governantes apontavam para possibilidade de exterminar com as áreas perigosas, com trânsito de populares, e tidas como de risco dentro do espaço do Areial. Os cronistas da época apontam para os "lugares insalubres" onde prevalecia uma intensa vegetação de "mato fechado", áreas traiçoeiras, pois, muitas vezes

---

<sup>34</sup> Idem.

<sup>35</sup> MENENDES, F. Entrevista citada.

<sup>36</sup> BISSO, H. Entrevista citada.

<sup>37</sup> *Tradición Colorada*, 01/07/1930, p. 2. Os grifos são da edição do jornal, uma publicação do Partido Colorado do Uruguai.

escondiam-se os "malfeitores", desocupados e ciganos. Nesse rol estavam incluídos os *quiosques* que reuniam muitos trabalhadores descapitalizados e as canchas de futebol que o descampado oferecia ao público futebolístico.



Parque Internacional recém inaugurado, meados da década de 1940.

Acervo Família Echeveste.

Embora mudando seu endereço, os espaços de sociabilidades reservados ao fiel público dos palhaços estavam consolidados. Alguns circos armavam suas lonas no Cerro do Marco, localizado na região central, próxima ao Parque Internacional, na divisa dos dois países. O Cerro afirmou-se como espaço para essas atrações até o final dos anos 1950. Logo após, os locais destinados ao picadeiro se transferiram para outras regiões, com as companhias deslocadas para as poucas praças destinadas a esse espetáculo.

As imagens do picadeiro apontado através da memória de Jesus, descendente de libaneses, deslocam-se em direção ao Cerro, onde experimentou momentos lúdicos que preencheram sua infância nas primeiras décadas dos anos 1940,

As lona do circo no Areial não são da minha época, mas eu sei que os circos vinham pra lá. Depois os circos foram pro Cerro do Marco, eu era guri pequeno e eu ia com as filhas do meu padrinho, elas me levavam, sempre tava bom, ia muita gente. Mas tinham também as luta livre com as mulheres, tinha a Mulher Gorila, a Chinesinha, o Demônio, eram de enganação, mas era muito divertido, a gente se divertia!<sup>38</sup>

Essas imagens circenses, guardadas no interior das recordações de seus variados memorialistas, desnuda a importância dos espetáculos de lona nas preferências do lazer entre a comunidade fronteiriça. Os circos mantinham-se com atrações que envolviam elementos oriundos do grotesto e das fábulas, pelo encantamento do público com os números de mágica e hipnose, imprescindíveis para arrebatar uma numerosa pláteia.

Como analisado no estudo de Regina Horta Duarte, o universo de bufões muitas vezes estava ligado a "uma diversão descomprometida e sem caráter educativo", afastando as pessoas dos teatros, exercendo um verdadeiro fascínio sobre o público"<sup>39</sup>. Com efeito, em Santana, muitas pessoas oriundas das camadas populares escolheram o circo entre as suas preferências no exercício do lazer. A investigação apontou para uma concorrida demanda na região pelos *teatros de lona*, nesses espaços o público contava com uma variada programação em único espetáculo, independente do perfil econômico de cada companhia<sup>40</sup>. Mesmo os picadeiros mais singelos divertiam a assistência com quadros de mágica, animais, teatro e equilibrismo.

Seu Bisso, que em sua juventude tomara-se um cativo frequentador dos sofisticados espetáculos internacionais apresentados no Cassino Internacional, mesmo não integrando uma família abastada, manteve por longo tempo o hábito de frequentar o circo entre suas preferências no lazer. Fazia-se presente nas atrações circenses, quando os teatros de lona visitavam o empoeirado "parque" do Areial,

Ali dentro era tudo bem simples, mas a gente se divertia, *entonces*, vinham as companhias pobres também, mas, tu sabe que elas também traziam animais, ah! eu gostava muito, e tinha os números com os outros artista, tinha as bailarinas, ali dentro sempre tinha de tudo né? eu gostava muito e sempre era bem frequentado tu sabe?<sup>41</sup>

---

<sup>38</sup> ASEFF, Jesus Echeveste. 61 anos. Entrevista concedida a Liane C. Aseff. Santana do Livramento, entre os anos 1999 e 2006.

<sup>39</sup> DUARTE, Op. Cit. p. 141.

<sup>40</sup> Denominação usada pelas fontes para nomear as atrações oferecidas pelo circo.

<sup>41</sup> BISSO, H. Entrevista citada.

Desse modo, muitas vezes, o circo abrigava em sua maioria espectadores populares, os quais não poderiam concorrer com o valor dos ingressos pagos nos sofisticados Cine Teatros da cidade, geralmente reservados a um público endinheirado, integrado às regras do mundo "civilizado"<sup>42</sup>. Contudo, acontecia dos espectadores integrados aos preceitos das casas "civilizadas" encontrarem-se entre a platéia dos picadeiros, especialmente quando as companhias internacionais visitavam o nada glamuroso Aerial.

É sabido que os padrões da nossa civilização encontravam-se com marcante grau de influência, o controle dos costumes e hábitos do homem ocidental<sup>43</sup>. Desde então, inúmeras regras passaram a merecer particular atenção, pois o seu esquecimento ocasionava uma série de sanções sociais para os indivíduos que as desrespeitava. Norbert Elias, percebeu em sua pesquisa que o indivíduo para conviver em sociedade "teria que ser suficientemente cortês e civilizado" assim, sendo de certa forma obrigado "a observar, a olhar em volta e prestar atenção às pessoas e seus motivos"<sup>44</sup>. A rigorosidade dos códigos de comportamento impõem a aprovação pelas pessoas que convivem em sociedade, dessa maneira exige-se uma "obediência às regras de como proceder para não ofender, chocar ou incomodar os outros"<sup>45</sup>. Provavelmente, diante da rigidez das normas sociais igualmente impostas a sociedade santanense, a maioria da população sentia-se inibida em frequentar o circuito cultural reservado às apresentações das companhias teatrais. As regras sugeridas para uma vida em sociedade, necessárias para as boas condutas sociais nas casas de espetáculos marcaram as lembranças da juventude de Dona Elda,

[...] no Teatro Colombo entravam só de chapéu e luva e tudo, e as vezes a gente ia lá para ver, assistir a entrada do cinema até isso a gente fazia né? Mas, então a gente achava feio, porque

---

<sup>42</sup> DUARTE, R. H. Op. Cit. p. 139. Na perspectiva dessa autora, as platéias das casas teatrais do início do século XX obedeciam a determinadas regras sociais, pelas quais se diferenciavam do público de outros lugares, como o do circo. Nessa visão, os espectadores do picadeiro encontravam-se inaptos para usufruir as atrações do mundo "civilizado" do teatro considerado um dos mais importantes ambientes de sociabilidade do século XIX. Desse modo, essa platéia encontrava-se distante dos moldes de comportamento atribuídos a "boa sociedade".

<sup>43</sup> ELIAS, N. O Processo Civilizador. São Paulo: Jorge Zahar Editor, 1990. p. 90.

<sup>44</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>45</sup> DUARTE, Op. Cit. p. 139. Entre as regras exigidas pela "sociedade civilizada" para se constituir uma platéia bem comportada pode-se encontrar: a pontualidade, que se impunha como primeira exigência, "a civilidade deveria ser exercida e obedecida antes mesmo do levantar o pano", a proibição ao inadequado uso dos chapéus no interior das salas, pois atrapalhavam a visão do espectador das cadeiras de trás, na perseguição dos críticos a fumaça dos cigarros, onde muitas vezes "parecia concentrar-se no recinto de forma insuportável", e especialmente aos ruídos praticados no decorrer de cada sessão: "nada mais desolador, do que o barulho infernal promovido por aqueles que deveriam assistir silenciosamente aos espetáculos, batendo palmas somente nas horas adequadas".

para botar um chapéu e uma luva até iam com o sapato de salto torto, e nós comentava, porque a pessoa toda de chapéu e luva tinha que tá direitinho, não podia tá torto né, e as vezes o pessoal de sapato torto e de chapéu! Todo o pessoal, se tu queria ir no cinema tinha que ir de chapéu. Os rapaz ia arrumado, de traje<sup>46</sup>.

Mesmo encontrando-se na condição de admiradores da diversão alheia, esse outro público entretia-se a valer com a imperfeição no protocolo exigido aos frequentadores dos Cine Teatros. Os outros espectadores que encontravam-se impossibilitados de entrar nos teatros, seja pelo valor dos ingressos ou pela incompatibilidade de vestuário, cultivavam o frequente hábito de "observar, olhando a sua volta" o modo com que as pessoas se portavam nesses referidos lugares públicos, conforme percebeu Norbert Elias em seu estudo sobre a sociedade ocidental<sup>47</sup>.

Da mesma forma, encontrava dificuldade em pagar o valor dos ingressos cobrados por cada sessão.

Desse modo, não há incoerência no fato de que muitas vezes o circo ganhava a preferência, nas ocasiões em que sua presença coincidia com a chegada das companhias teatrais na região. No entanto, a população de trabalhadores em geral, encontrava-se constantemente buscando novas opções de lazer, quando não aparecia uma nova companhia circense na cidade.

Também os circos, para a maioria empobrecida da população, poderiam se impor como possibilidade de mobilidade física e muitas vezes oportunizava migrações para outros lugares, outras culturas, como no caso do artista santanense popularmente conhecido como Demônio, e o da Mulher Gorila. Os desentendimentos familiares estimularam o jovem David Martins a buscar novos lugares, por isso com 14 anos decidiu seguir com uma companhia circense que se apresentava no Cerro do Marco. Marcado por uma característica versátil, esse artista "rodou o mundo com o circo", mas também experienciou a outra difícil faceta desse cotidiano mambembe. Assim, Demônio remete suas lembranças para o momento em que tomou a difícil decisão de abandonar a família para aventurar-se com a companhia:

Aí, tinha um circo, na divisa de Rivera e Livramento que se chamava "Os Águias Humanas", e de tarde sempre eu ia por lá, em cima do morro, no Cerro do Marco, ali, e de maneiras que eu me dava bem com o pessoal, com os artistas e o dono do circo. Aí quando eu briguei com o meu pai eu fui para lá, eu treinava com eles ali, porque no Ginásio a gente tinha que treina

---

<sup>46</sup> CORTES, Elda. 75 anos. Entrevista concedida a Liane C. Aseff. Santana do Livramento, 13.01.2004.

<sup>47</sup> ELIAS, N. Op. Cit. p. 90. Entretanto o estudo sobre a platéia santanense que "espiava" os espectadores das casas (atrações) noturnas não se encontra no foco desta pesquisa.

também, aprender a subir corda e baixar corda essas coisas toda, porque no momento que se formasse e fosse para o exército tinha que saber, para sua defesa própria. Aí eu conversando com o proprietário do circo, eu disse que tinha largado os estudos e queria viajar com o circo. Aí ele veio, falou com o meu pai, arrumou a licença e eu viajei, aí começamo a viajar, por toda parte desse mundo! [...] Eu escrevo, eu faço música, faço tudo, eu tô escrevendo um livro também<sup>48</sup>.

O cotidiano da vida circense entretanto, não parecia tão simples como o rapaz imaginava. Entre suas tarefas e apresentações rotineiras, o artista, semelhante como em uma escola, deveria participar de um aprendizado simultâneo, atuando em todas as frentes dos espetáculos,

No circo eu fazia trapézio, fazia o globo da morte, com moto, eu treinava no circo, mas daí comecei a apreender muitas coisas, a magia, junto com os artistas, era praticamente uma escola. [...] Em toda parte do Brasil, quem não conhece o "Demônio" não é brasileiro! E no estrangeiro também, tanto Uruguai, Argentina. Mas mesmo assim nunca me subiu para a cabeça que eu fosse melhor que ninguém! [...] a primeira viagem eu fiquei três anos viajando e depois vim aparecer em Rio de Janeiro! Do Rio de Janeiro eu voltei, tive um mês em casa, aí seguido peguei outro circo<sup>49</sup>.

Um caso curioso de ascensão artística no universo bufão, inscreveu-se na "descoberta" da Mulher Gorila. A trajetória dessa moça negra, dotada de físico robusto e fisionomia extravagante, chamou a atenção do empreendedor artístico Demômio quando excursionava com uma companhia circense pelo estado de Santa Catarina. Gorila viu-se em poucos dias ascender da singela função de marreteira, atadora de cordas do circo, para a condição de estrela principal de um ringue de lutas. Em suas recordações, o descobridor de talentos orgulha-se de seu feito, acentuando suas majestosas características físicas,

Na cruzada assim, se encontramos, e eu vi ela forcejando com uns bom músculo, e aí falei para ela, para ele treinar luta livre. Eu batizei com o nome de Gorila, porque era uma negrona forte, era mais forte que eu! Tinha uns músculos! ela trabalhava com marreta, era ela que cravava aquelas estaca no circo.[...]<sup>50</sup>

Observou-se que o lazer da comunidade fronteira no decorrer de trinta anos encontrava-se concentrado em espaços alternativos, os quais abrigavam uma população de trabalhadores em geral<sup>51</sup>. A procura pelo exercício de sua sociabilidade, estava tanto na assistência dos picadeiros como nas arquibancadas dos cenários das lutas.

---

<sup>48</sup> MARTINS, David. 69 anos. Entrevista concedida a Liane C. Aseff. Santana do Livramento, 12.01.2004.

<sup>49</sup> Idem.

<sup>50</sup> Idem.

### 1.3- As lutas, uma atração popular

As lutas na região atingiram o apogeu nos anos 1930 e mantiveram-se atrativas, de cunho popular, e com um público cativo até meados da década de 1960. Frequentemente os jornais anunciavam os embates pugilísticos, de um lado ou de outro da fronteira. As atrações eram geralmente reservadas aos sábados e domingos, mas quando aparecia um lutador de outra região acontecia de os anúncios chamarem o público para dias da semana. O jornal *Tradición Colorada* divulgou no decorrer do mês de setembro uma emocionante disputa realizada no Cine Teatro Internacional,

#### **BOX**

##### ***Esta noche habra emocion en el Cine Internacional***

*Con objeto de brindar a los aficionados al box mayores comodidades y como la importancia de la pelea lo merece la empresa del Cine Internacional há resuelto realizar esta noche el programa de box que estaba anunciado para el sábado [...] se ha suspendido la función de cine[...]*

*De manera que esta noche a la hora en que antes apreciabamos el trabajo de los astros y estrellas de la pantalia, dos "astros" del box se haran "ver estrellas" para proporcionar al respetable un poco de emoción. Igual que la muchacha del circo. Polo Norte pelea hoy com Maturino Osório por el titulo. A buscar lugar bueno muchachos! GAUNA<sup>52</sup>.*

Tamanho foi o sucesso dos embates proporcionados pelas estrelas dos ringues fronteiriços, que a região, devido a intensa procura por essas atrações, assistiu a emergência de ginásios destinados a esses espetáculos. Esses locais serviam para a preparação e apresentação de seus atletas. Contudo, as lutas de boxe consideradas de caráter profissional desenvolveram-se especialmente entre as décadas de vinte e trinta. Tinham características diferentes dos combates apresentados às platéias das décadas seguintes, quando vigorou a luta espetáculo. Embora essas atrações não aglomerassem uma "multidão de gente" semelhante a ocorrida nas partidas de futebol, os lugares reservados às lutas tinham a preferência de uma assídua platéia, composta por brasileiros e uruguaios,

Não tinha a fama do futebol, mas as pessoas iam muito ver. Que eu me lembre não se pagava, tinha um público, mais ou menos, não era como o futebol, que era uma enchente de gente. O público era de maioria masculino. Tinha o Mário Cunha, ele gostava muito de boxe, ele gostava de fazer rebuliço de boxe, tinha o Sezefredo Paiva, ele gostava de lutar também, ele lutava

---

<sup>51</sup> A cronologia deve-se ao fato de que, entre o alvorecer dos anos trinta e as primeiras décadas dos anos sessenta, a população fronteiriça - leiam-se espectadores riverenses e santanenses - tiveram sua preferência voltada para os circos e as lutas de boxe que no período eram fartas naquela região.

<sup>52</sup> *Tradición Colorada*, 09/09/1931, p. 02.

grande. Tinha uruguaios e brasileiros sim, eles se reuniam né? e ali (Rivera) tinha uma academia de boxe<sup>53</sup>.

Constantemente anunciadas pelos jornais locais, as pejejas eram frequentadas por uma considerável população que via no esporte uma maneira de diversão. Ginásios e bares que mantinham embates pugilísticos em cartaz contavam com uma platéia eclética e fiel. Embora fossem frequentados por adeptos do sexo masculino, não era incomum identificar mulheres e adolescentes nesses ambientes. Muitas artistas e donas de casas noturnas tornaram-se assíduas admiradoras, escolhendo um ídolo para si e misturando-se a maioria de homens.

Seu Perseverando relembra de alguns espaços públicos que levavam muitos apreciadores do gênero a acompanharem a ascensão profissional de seus ídolos prediletos, semelhante ao ocorrido aos artistas que destacavam-se nas apresentações das casas noturnas e no mundo do cinema,

[...] Às vezes mudava de sede né? faziam lutas internacionais, claro, às vezes vinha gente do Uruguai lutar, dessas lutas eu não assisti muito, eu tava em Porto Alegre. O Maturino Osório era daqui, de apelido Mondongo, era um lutador popular. Tinha o Sezefredo Paiva, que era de família de alta sociedade lá de Rivera, esses troço e tal, parece que ele lutou com profissional e foi aí que terminou (risos). Tinha aí no Colombo, aí houve luta de boxe, sim, houve, parece que umas lutas, mas esporadicamente, tinha em diversos lugares que eles faziam ringue, depois sim que caiu o esporte era no ano de 32, 33, 34, 35, depois o Mondongo foi para Porto Alegre<sup>54</sup>.

A emocionante atuação dos personagens do ringue fazia-se notável, demonstrando sua brutalidade no palco dos assaltos, fascinando as platéias. A truculência característica de alguns lutadores, chocava os espectadores. No decorrer de uma dessas noites que prometiam embates ferozes, uma passagem trágica do boxe na região assinalaria para sempre a memória de Floriano:

Me lembro de vários tipos que lutavam [...] mas tinha aquelas coisas de aficcionado, dos que lutavam. Tinha o Bebeco, meu amigo, ele tinha um físico muito delicado, tinha o peso mínimo, era baixinho, pequeno, mas tinha um físico maravilhoso, e era um lutador de primeira, de combate, valente. Esse Bebeco, foi lutar com um castelhano, o Osório, que era peso médio e ele era peso mínimo, mas não podia, ele não podia lutar com esse peso, mas ele era muito atrevido, ele era valente, desafiaram ele e ele foi lutar. O sujeito deu um golpe muito violento no peito dele e saiu sangue da boca. E daí ele não pegou uma tuberculose? Pegou uma tuberculose e acabou morrendo, por causa desse golpe. Foi o Maturino Osório, o lutador que deu o golpe nele. O Maturino era um grande lutador ![...] <sup>55</sup>

---

<sup>53</sup> SANTANA, P.F. Entrevista citada.

<sup>54</sup> Idem.

<sup>55</sup> MENENDES, F. Entrevista citada.

Outras ocasiões conduziam muitos espectadores em viagens a outras cidades, onde seus lutadores preferidos estivessem atuando. Seu Perseverando rememorou sobre um episódio quando ele, jovem estudante, vivendo na capital do estado, acompanhou um embate de seu conterrâneo Maturino,

[...] Maturino, essa eu assisti, quando inauguraram o ringue Farropilha, ali perto do cais do porto. Quem vinha para inaugurar, era o Primo Camera, que era campeão mundial de boxe, ele vinha de passagem para Buenos Aires. O Flores da Cunha foi inaugurar o ringue, o General e Governador, eu tava lá no ringue, eu também fui, e fizeram a última luta com o Maturino e o Retamose em homenagem ao General Flores da Cunha, o Retamose era daqui (Uruguai), parece que daí de Tacuarembó, mas era um bom lutador. E o Maturino, fizeram uma homenagem ao Flores, conterrâneo naturalmente do Maturino, o Flores era daqui não? (risos) E no primeiro ou segundo *rond*, (risos) O Retamose deu um soco assim, pegou o queixo e o estômago do Maturino, o Maturino largo lá fora. (risos) Terminou a luta! O Maturino era valente, mas, era cheio de coisa para lutar, e até tinha um camisa assim, um chambrão de sêda. Aqui de Rivera, tinha muito aqueles troço de sêda. Tá, se apresentou o Maturino ! E nós todos, os santanenses batendo palma pro Maturino, mas ele lutou de novo, no segundo *round*, pegô e foi [... ] O Retamose era bom lutador. Quem foi vencer ele foi um rapaz de Pelotas, o Geraldino Oliveira, foi uma luta! Sim, todo ringue contra o Retamose ! Ele ganhou por pontos do Retamose, mas era valente o Retamose ! Eu me lembro. Tinha o negro Polo Norte, que era um negro também daqui, grandão. Era bom mas não era, assim de garra que nem o Retamose, os outros faziam coisa e ele aguentava, tinha o Juca Tigre, do Rio de Janeiro, vinham todos lutar aí, eu vi todos aí, em Porto Alegre, no Clube Farropilha, no seu auge!<sup>56</sup>

Adentrando no universo das pelejas na região, tem-se a oportunidade de "espiar" a trajetória da construção dos personagens que encantariam as platéias:

Eu praticava o boxe, descobri um negro, um mulato que tinha um físico bárbaro esse. E um dia eu correndo de manhã, e ele andava correndo e eu peguei ele e disse: vem cá, um físico bárbaro, tu não quer entrar numa academia de boxe? Ele disse: quero. E eu trouxe ele para a Academia. E comecei a preparar ele, preparar ele, ele tinha um golpe de esquerda nótavel, um físico bárbaro, mas ele era muito covarde, covarde que era uma barbaridade, depois ele foi embora para São Paulo, criou uma academia por lá, ele tinha uma escola maravilhosa lá, para ensinar né? morreu em São Paulo, parece que chamavam ele de Polo Norte [...] Lutavam no Coliseu, ali, no Colombo. Ali tinha luta, ia muita gente, mas eu nunca lutei, mas gostava muito, só tinha academia. Ali era uma sociedade de amigos, era gratuito, e ali formou-se um clube de boxe, que foi longe[...] E esse mulato, que quando tinha um físico bárbaro, agora, quando ele dava um golpe de esquerda era mortal, mas era covarde que era uma coisa bárbara! A história dele começou em Santana e terminou em São Paulo, e ele era muito estimado, o negro.[...]<sup>57</sup>

Através das lembranças dos personagens, pode-se assistir o desenrolar das concorridas sessões que o esporte oferecia aquela comunidade. Os apreciadores das lutas elegeram o box como um dos entreterimentos mais populares na fronteira por trinta anos consecutivos.

<sup>56</sup> SANTANA, P. F. Entrevista citada.

<sup>57</sup> MENENDES, F. Entrevista citada.

Na década de sessenta, as fontes apontaram para três significativos cenários de lutas que mantinham-se através de uma pláteia estritamente popular: o circo armado pelo conhecido e temido artista Demônio, localizado na rua Vasco Alves, em uma área descampada, próxima do centro da cidade, o Bar Europa, localizado na região central, defronte ao já modernizado Largo Internacional, na divisa das cidades e o Bolão, boate popular, que periodicamente dividia sua programação rotineira com espetáculos de lutas. Este último, localizava-se próximo ao frequentado Restaurante Pedrinho, na linha divisória, entre a Aduana uruguaia e a Alfândega brasileira<sup>58</sup>.

Desse modo, os memorialistas reproduziram os cenários e as lutas que apreciavam, algumas tornaram-se inesquecíveis, nos diversos palcos de Santana,

Lembro bem deste lugar porquê, defronte, do lado brasileiro, estava os *Sirangelos*, que era uma família muito grande, que tinha um prédio que até hoje tá ali, de três andares, que ocupava todo o quarteirão. Estava também um famoso lugar de *dancing* popular chamado-se *Bolón*., o Bolão, era um lugar popular que tinha uma escada donde a gente chegava a uma *gran* pista de baile e que servia também, quando tinha eventos pugilísticos, pra ser o lugar onde armavam as arquibancadas e aí *pelearam* os pugilistas da época. As lutas não eram seguidas, quando havia uma luta a cada seis meses, sete meses, nas mesma pista de baile formavam um *escenário* de luta, também tinham lugares noturnos<sup>59</sup>.

Após apresentar-se em espetáculos junto a comunidade circense, "correndo mundo", o já consolidado artista popular Demônio decidiu diversificar suas atividades profissionais atuando em outros segmentos, embora priorizando sempre a cena noturna. No decorrer dos anos sessenta encontrava-se ocupado nos treinos preparatórios para os combates com os também famosos adversários,

Depois do teatro, eu comecei na luta, a luta livre, já tava barbado, eu só lutava, eu tinha um empresário, porque todo artista tem que ter um empresário e ele tem que ser bom. Eu lutava com tudo que viesse [...] Aqui em Livramento, era no Ginásio Irajá, e nos circo também que vinham assim, nós lutava. No circo, na quadra do Irajá, quando era no Irajá, vinha gente de fora, vinha gente da Brigada Militar, volta e meia chegava gente de fora né? Vinha de todo o lugar, vinha assim, do Uruguai, da Argentina. Pois a luta mais difícil que eu encontrei foi em Buenos Aires, com o Pascoal Peres, ele era segurança do governador, Perón, do Presidente, é. Aquele foi difícil, ele era um cara que vivia só para aquilo também né? Que vinha treinando, treinando, e era bom brigador. Eu fui ganha dele no terceiro ou quarto *round*, porque ele quis dá espetáculo, dá show, e deu uma bobiada aí eu, noquei ele!<sup>60</sup>

---

<sup>58</sup> Denominação dada ao controle alfandegário uruguaio.

<sup>59</sup> SAYNUN H. M. Entrevista citada.

<sup>60</sup> MARTINS, D. M. Entrevista citada.

Mais tarde ressurgiu o personagem Demônio, porém como empresário e treinador dos lutadores masculinos e femininos que apresentavam-se em eventos pugilísticos, conhecidos por lutas-show ou luta-espetáculo. Embora o ambiente onde aconteciam as apresentações fosse extremamente simples, inúmeros admiradores faziam a fama dos espetáculos. O circo de lutas estava armado ao lado do antigo prédio do INPS, onde espectadores de variadas faixas etárias instalavam-se nas arquibancadas rústicas de madeira. No centro havia um palco, e ali desenvolviam-se as lutas. Cobrava-se ingressos populares aos frequentadores desse esporte, que misturava mulheres, homens e crianças em um mesmo ritual, embora em sua maioria fosse público masculino quem mantinha alta a frequência do lugar.

O artista diverte-se rememorando aqueles tempos, quando alterava as funções de empresário de lutas e estrela principal de sua casa de espetáculos,

Aquela época eu era empresário desse circo ali, eu lutava e era empresário. O problema que esse circo era um circo que as mulheres faziam espetáculo de teatro né? Mas elas praticavam luta livre, elas praticavam para dar o showzinho delas, aí depois elas compraram um circo e começaram a viajar[...] Eu já nasci para a luta também. Nas minha luta todo mundo ia, não ficava ninguém em casa, tinha propaganda em jornal, e o pessoal, os jornalista sempre foram meu amigo também. Eu nem tava chegando na cidade já tavam sabendo que eu tava aí<sup>61</sup>.

Seu Perseverando, um saudoso admirador do lúdico teatro do Jeca Tatu e das lutas pugilísticas profissionais que encontravam-se em cartaz entre as décadas de trinta e quarenta na fronteira, não considera-se grande apreciador desse tipo de embate popular. As lutas promovidas por Demônio não contavam com sua presença. Sua frequência nesses ambientes dava-se esporadicamente. Embora não tendo assiduidade nesse tipo de atração, relembra com clareza do ambiente onde aconteciam os espetáculos,

ali tinha tipo de um ringue de box, de luta, mas era aberto, não tinha lona, era popular, como um circo, tinha um tablado e umas arquibancadas para sentar, bem modesta, claro, era ali bem no canto, pois era um pátio, num terreno baldio que fizeram um "clube", ali não tinha clube, ali tinha um lugar próprio para essas lutas. Tinha muita gente, ali ia muita gente, depois eles deram luta aí no (Ginásio) Guanabarra<sup>62</sup>.

Além das atrações masculinas nas lutas do circo, Demônio costumava entreter o assíduo público desse tipo de espetáculos de boxe-teatro, com atrações femininas: mulheres consideradas pelos padrões de beleza vigentes como de tipo extravagante. Algumas delas,

---

<sup>61</sup> Idem.

<sup>62</sup> SANTANA, P. F. Entrevista citada.

pelo seu exotismo, inscreveram-se na memória de muitos apreciadores desse espetáculo. Três lutadoras são constantemente citadas nas lembranças dos memorialistas: a Mulher Gorila, a Chinesinha e Rebecca.

Outro centro de atrações populares, o Bar Europa oferecia espetáculos de lutas mantendo regularmente em cartaz um variado quadro de personagens que cativavam o público, seja por possuírem características físicas incomuns ou nomes artísticos enigmáticos. Um escritor santanense, antigo apreciador desses embates na fronteira, descreveu algumas lutas memoráveis em sua crônica abordando diversos aspectos sobre os personagens da boemia santanense,

Na década de 60, ainda eram as lutas na fronteira as grandes atrações[...] Numas dessas noites no ringue instalado ali no fundo do "Bar Europa", estavam em cartaz quatro grandes lutas. A primeira delas era entre o "Garoto de Ouro" e o "Tigre Paraguaio", a segunda, entre "Drácula" e "Demônio", a terceira entre "Bira Pequeno" e o "Garoto X" e a quarta, entre a "Mulher Gorila" e "Hércules" [...] O estádio estava cheio. Boêmios, jogadores e cabareteiros, mulheres da noite, empresários e fazendeiros. Todos eram aficionados desse espetáculo que, na época tinha sua arte e seu encanto. Eram lutadores profissionais quase todos de fama internacional [...] Iniciou-se a segunda peleja. Confrontaram-se "Drácula" e "Demônio", dois respeitáveis lutadores pesos-pesados [...] A última luta da noite teve lugar entre a "Mulher Gorila" e "Hércules" que foi nocauteado no primeiro assalto. Um conhecido empresário do boxe ergueu-se e disse uns desaforos para a "Mulher Gorila". esta o chamou para o ringue e ele subiu [...] fez menção de dar-lhe um soco, mas a "Mulher Gorila" o agarrou pelo ombro e por entre as pernas o ergueu acima de sua cabeça, ameaçando jogá-lo fora do ringue. E a "Mulher Gorila" o jogou, por cima das cordas, para fora do ringue. Estava terminada mais uma noitada de lutas nos fundos do "Bar Europa"<sup>63</sup>.

Diante do variado repertório de lutadores que conviviam com a comunidade fronteiriça, chamou atenção da pesquisa a atuação de personagens surreais. Assim, alguns destes personagens mantinham-se pelo terror, inscrito no cotidiano dos inúmeros fãs que cativavam nos "temíveis" ou divertidos embates que promoviam. Haroldo, assíduo frequentador das lutas no "estádio" montado ao lado do INPS, relembra como a figura austera do lutador Demônio, que vestia-se notadamente com um traje negro e uma enigmática capa vermelha, caracterizando assim seu apelido, o tomava de temor naquela época: "Ah, o Demônio? Tu sabe que quando esse cara passava pela rua, a gente tinha medo, medo mesmo, ele tinha uma cara de malvado, dava um friozinho na barriga quando tu passava pelo cara!"<sup>64</sup>

<sup>63</sup> MACHADO, L. *O Imperador da Noite*. Porto Alegre: Renascença, 2002. p.47, 48.

<sup>64</sup> PONCHE, Haroldo, Zignago. 61 anos. Entrevista concedida a Liane C. Aseff. Florianópolis, 15.03.2005.

Toma-se pertinente observar nesse episódio algumas características que encontram-se associadas ao imaginário daquele período. Na busca dos vestígios deixados por aquela fantasia, impregnada no imaginário popular dos anos 1950, deparei-me com uma desolação, marcada por profunda nostalgia, presente nas fontes entrevistadas.

A partir dos anos 1970, com o advento da televisão e o posterior aprisionamento do tele-espectador no universo televisivo, especialmente das novelas, não é mais possível encontrar aquelas fantasias suscitadas pelas lutas- espetáculos do passado<sup>65</sup>. Todo o criativo e peculiar imaginário de então perdeu-se com a transformação das formas de lazer, em especial com o surgimento de um lazer virtual consolidado nos últimos quarenta anos pela televisão.

Ainda no decorrer dos anos sessenta era possível impressionar a comunidade fronteiriça com as atuações de espetáculos tidos como mágicos. Já na primeira quadra da Avenida Sarandi, em Rivera, podia-se encontrar um expediente no mínimo enigmático, relembrado com espanto pelos protagonistas daquele período,

Tinha uma galeria chamada Chaparro, e na loja bem da frente tinha uma vitrine que apresentavam shows do Homem Faquir. Tchê, tu sabe que o cara se deitada em cima duma mesa de madeira cravada de pregos enormes, tinha umas cortinas e o cara vivia ali, o cara era magro, um palito quase! E o pessoal ficava assistindo ali da rua o espetáculo, era incrível!<sup>66</sup>

Como se o personagem incorporasse o homem, assim Demônio entrevistou sua performance artística misturar-se ao imaginário popular, a ponto de tremer as bases de algumas cidades por onde excursionou no final dos anos cinquenta,

O problema é que eu comecei com o circo né, então, depois quando eu apareci lutando, eu era o Homem Demônino, então até agora ainda existe a ignorância do Demônino né? (risos) Eu tinha uma capa, e aonde eu chegava levantavam a minha capa para ver a minha cola. (risos) Minha roupa era de diabo, a mesma roupa que eu tenho no disco. Se não era conhecido na praça, eu

---

<sup>65</sup> A primeira novela brasileira, "Sua vida me pertence", ainda não era diária e foi exibida na TV Tupi, indo ao ar de dezembro de 1951 a fevereiro de 1952. Ver: HAMBURGER, E. "Diluindo Fronteiras: A televisão e as novelas no cotidiano" In: História da Vida Privada no Brasil. Contrastes da Intimidade Contemporânea. Coordenação geral de Fernando A. Novais, volume organizado por Lilia Moritz Schwarcz, Vol. 4. São Paulo: Cia das Letras, 2004, p. 471. Em Santana o advento desse universo televisivo deu-se a partir de meados dos anos 1970, quando foram instaladas as torres de recepção dos canais de televisão. Antes desse período, a comunidade dependia da recepção e programação do Uruguai, através do canal 10, inaugurada em 18.05.1968, que tinha como logotipo um simpático burrinho, contrastando com o novo modo de lazer. Entretanto, os aparelhos para a recepção dessa emissora eram caros, restritos a uma classe que possuía maior poder aquisitivo; no geral, os trabalhadores para assistir algum programa dependiam da generosa oferta do privilegiado que possuísse um aparelho de televisão. Segundo dados do Censo Demográfico divulgados por HAMBURGER, na década de 1960 a região Sul contava com uma média de 0,80% de domicílios com aparelhos de TV contra a subida vertiginosa de 17,3% na década de 1970. P. 453.

<sup>66</sup> PONCHE. H. Z. Entrevista citada.

chegava já todo de Demônio, desembarcava do avião, e vinha o pessoal correndo levantar a capa para ver se eu tinha cola. Ai nos baile, principalmente no Rio Grande do Sul, no Brasil, nessas cidade mais pequena, não queriam que as gurias dançassem comigo, porque era perigoso elas ficarem grávida se dançassem comigo (risos) o "Demônio" era danado! Então foi ai que eu fiz o meu nome mesmo, né?<sup>67</sup>

È notável que os espectadores dessas décadas encontravam-se deslumbrados por atrações que prendiam a atenção das platéias pelo terror inusitado dos números apresentados. Os empresários do setor, pareciam valer-se de expedientes provenientes da tragicomédia grega e do expressionismo alemão, para construção de seus personagens.

As mulheres eram de todo o lugar, não eram daqui, da gente tinha só uma. A Mulher Gorila, diz que era daqui, ela me disse que era daqui, daí do Fluminense, mas eu não vou te afirmar, porque ela dizia que era de Livramento, agora, eu conheci e encontrei ela em Santa Catarina. Lá ela trabalhava num circo, mas ela não lutava ela era só forte. Mas ela não lutava, aí eu treinei um tempo e aí ela deu boa.[...] Sim, valia pelo negócio, não? Eu sempre estava em toda parte justamente por isso, eu sempre fui curioso e gosto de saber as coisas, e conversar com as pessoas, então não houve dificuldade para mim. Elas ficaram artistas, todo mundo gostava<sup>68</sup>.

Desse modo, o olheiro Demônio viu-se na batalha por descobrir novos personagens para seus espetáculos. As mulheres figuravam em sua preferência para a construção dos números artísticos, posto que poderiam atrair uma platéia numerosa e curiosa para as pejejas. Em sua busca de ícones para a lona, o empresário mantinha preferência pelas modelos que apresentassem características semelhantes aos atletas do pugilismo, para eletrizar os embates,

Tinha a de Rosário que era a Mulher Chinesa, ela era meia japonesa assim, era boa, de uma estatura média. Tinha a Rebecca, ela era argentina. O problema é que a mulher só tinha que saber, ter um bom corpo, bonito, um bom físico e saber bater. A Gorila era a melhor delas, então quando era luta com a Gorila, se fazia com duas mulher contra ela, ela era um "homem " né? Ah! lotava. Até agora se for uma luta livre, e for uma luta boa ou box, luta, o pessoal gosta do esporte[...]

Olha, chegando na praça ali, tinha o circo da Jane que era todos os dia. Tinha mulher que lutava, a Gorila lutava com homem, pois ela era forte, ela era um "homen", só tinha outra diferença, (risos). Era ela, a Rita Monterrey, que era uma loira forte também, era de Buenos Aires, a Rebeca, a Chinesa. Bueno, eram seis ou oito, eram oito mulher que viajavam, mas essas é que mais chamava atenção. Aqui na cidade tinha mais gente que fazia luta, mas quem fez nome mesmo fui eu. Tinha uns quantos lutador bom aí. Só que eles não tinham sorte, ou sei lá, não fizeram fama<sup>69</sup>.

Nessas atrações, recomendadas a um público masculino adulto, não raro vislumbrava-se uma platéia composta de crianças e jovens adolescentes, que divertiam-se com o inusitado dos números apresentados naquelas noites. Esse tipo de espetáculo

---

<sup>67</sup> MARTINS, D. Entrevista citada.

<sup>68</sup> Idem.

<sup>69</sup> Ibidem.

arrebatava um público popular, as famílias que assistiam aos embates pertenciam a uma classe de trabalhadores assalariados, embora em alguns locais, dependendo das dependências do estabelecimento surgissem algumas famílias da camada média.

Muitos garotos, mesmo não recebendo a aprovação dos pais, subvertiam as ordens e fugiam para assistir seus ídolos, feitos de personagens reais como as mulheres lutadoras,

Ah, esses guri, reviravam por aí tudo né atrás de luta. Eu nunca frequentava, só ouvia falar, diz que era horrível as luta com as mulheres, o Arnaldo era pequeno se ele ia, ia escondido, que essas luta ia muita bagaçerada que se juntava né? Se pagava para entrar. Parece que tinha a Mulher Homem, Mulher Aranha, a mulher não sei de quê. O Luis Alberto decerto que ia, ele morava lá pra trás, decerto, ele ia com a gurizada!<sup>70</sup>

A preferência da maioria da população em buscar atrações em espaços abertos, caracterizaram o lazer fronteiriço já nos primeiros anos do século passado. Circos de animais, o teatro do Jeca Tatu- o personagem caipira, circo de palhaços, circos de touros, rinhadeiros, cavalhadas e as corridas de cavalos em "cancha reta" constituíram-se nos passatempos escolhidos para distração pela população local.

Em outros espaços coletivos de lazer, como nas emocionantes e perigosas apresentações dos circos de animais realizados em uma praça específica para esse fim - denominada Praça de Touros - aglomerava um número expressivo de espectadores. No Uruguai o evento era conhecido como "*Fiesta Brava*", e Santana foi escolhida por alguns anos para demonstrar a sua "*versión fronteiriza*"<sup>71</sup>. Esse tipo de atração, importada da Espanha, cativou a comunidade fronteiriça entre os anos de 1907 até 1908-1909, conforme apontaram as fontes locais. Abrigavam em sua maioria um público heterogêneo entre ricos fazendeiros, políticos, mas também podia despertar a atenção de um público descapitalizado, muitas vezes classificado pelos endinheirados de pobrerio.

O espetáculo desenrolava-se semelhante ao ritual característico das touradas espanholas. O toureiro concentrava-se em movimentos feitos pela sua capa vermelho sangue, procurando chamar a atenção do touro bravo; ao mesmo tempo em que buscava manter-se fora do alcance de sua feroz perseguição, obstinado em sua tarefa em desferir golpes mortais no animal com suas espadas. Claro que todo esse processo de atenção e

---

<sup>70</sup> CORTEZ, E. Entrevista citada.

<sup>71</sup> A Praça dos Touros encontrava-se no entorno do Hospital Santa Casa de Misericórdia, e do Colégio Santa Teresa de Jesus, entidade pertencente às irmãs terezianas, posteriormente o local foi utilizado para os embates das cavalhadas e mais tarde, nos anos 70, tornou-se a Praça de Esportes.

expectativa, criava uma excitação quase incontrolável na platéia, que das arquibancadas delirava, clamando numerosos *olés*, assim como o nome do valente toureiro.

Em Santana, muitos animais utilizados para essas atrações vinham através da empresa ferroviária uruguaia Ferro Carril, para abrilhantar os espetáculos<sup>72</sup>.

Enquanto em Santana os registros desse período são escassos, em Rivera pode-se encontrar passagens sobre "*la fiesta brava*" em sua literatura regional. Antecedendo as apresentações das touradas, a platéia compartilhava dos momentos ritualísticos que acompanhavam a atração. Assim, as passeatas costumavam seguir pelas principais avenidas de Rivera e Santana - a empoeirada Sarandi e a empedrada Andradas. Eram seguidas pelos populares e a comitiva dos toureiros que eram escoltadas em suas volantas. Esse ritual acontecia na ocasião em que as estrelas do show deixavam o Hotel Central, localizado na Avenida Sarandi. Um episódio semelhante pode ser ilustrado através das memórias do cronista riverense,

*Cantidad de curiosos [...] atraídos por los acordes de una banda de música que heroicamente atacaba un alegre repertorio de marchas: "fandanguillos y pasodobles" [...] arrancaba la caravana de la "Fiesta Brava" rumbo a Sant'Anna. Las instalaciones de nuestro "ruedo" santanense no eran de la calidad constructiva de las de "La Plaza de la Unión" (Montevideo), pero, a base de madera como material fundamental, tenían un excelente aspecto y contaban con las elementares comodidades que era dable exigir [...]*<sup>73</sup>

Essas atrações eram reservadas para as tardes de domingo quando, logo após a hora do almoço, no momento da tradicional sesta, tinha início a passeata que concentrava numerosos admiradores desses espetáculos. Desde então, o nome de famosos toureiros que atuaram na Praça dos Touros como *El Príncipe*, *Bombita*, *El Americano* tornaram-se célebres, inscrevendo-se para sempre na memória coletiva da população. No entanto, no outono de 1908 uma fatalidade marcaria o fim daquelas festas na fronteira.

O toureiro espanhol *Morenito* também conhecido como o valente *Alcalá*, encerraria com gotas de sangue a efervescente crônica das touradas em Santana. Conforme as pistas deixadas através da crônica de Zas Recarey sobre o episódio,

*La suerte de los picaderos fue deprimente. En breves instantes dos o três caballos, víctimas de la furia del toro "sabio", yacían inertes en su piso de arena manchada de rojo. Llegó la suerte de banderillas. Parece que los integrantes de la "troupe" hubo alguna indisición all respecto a cuál ellos enfrentarían al toro [...] la suerte quedó acargo de "Morenito", hombre de reconocida destreza, valiente como el mejor. Pero el "miura" furioso y enardecido, com inaudito furor y agilidad volvió a embestir al torero, este trato de protegerse en un burladero que no pudo alcanzar, entonces a saltar del ruedo por encima de la valla, pero la fatalidad lo hizo resbalar lo que aprovechó la fiera para*

---

<sup>72</sup> ZAS RECAREY, H. *Rivera, Fronteriza y Romántica*. Montevideo: Taller de Comunicación, 1987. p. 77, 78.

<sup>73</sup> Idem, p. 77.

*tomarlo de lleno y lanzarlo al aire com una cornada mortal. Y allí terminó todo [...] Ya no volveria más a sonar nunca más el clarín que anunciaba a las multitudes efervorizadas que en la arena de una plaza había un hombre que frente a un toro salvaje, se arriesgaba a demostrar que, al margen de la fuerza bruta, él seguía siendo el rey de la creación [...]*<sup>74</sup>

Curioso observar o fato que a organização dessas touradas usava somente o espaço físico brasileiro para a realização das suas apresentações, que desde o final do século XIX fôra proibido em território uruguaio. Santana nesse período domina os espaços públicos de diversões, pois as festas são promovidas entre as duas cidades. Entretanto, a produção e o gerenciamento desses espetáculos encontrava-se a cargo de estrangeiros, riverenses, montevidianos e alguns imigrantes espanhóis que viviam em Rivera naquela época,

*El espectáculo fue siempre hábilmente promocionado, estando la tarea a cargo de eficaces organizadores que tratavam de arrimar a la flamante plaza el mayor número posible de espectadores [...] la propaganda consistía en reparto de boletines en ambas ciudades, colocacion en los comercios de "affiches" com las figuras de las estrallas taurinas, todo ello conforme a lo que se llevaba a cabo em Montevideo, que era el centro organizativo de esta actividad*<sup>75</sup>.

Nessa época, a organização de algumas festas, como a das touradas, mesmo encontrando-se a cargo dos uruguaios, pode-se perceber características miscigenadas do público presente nas atrações. Juntos, dividindo um espaço comum de sociabilidade, achavam-se duas comunidades com acentuadas tonalidades culturais. Embora com interesses políticos diversos, nesse momento, a população fronteiriça partilhava lugares em comum, determinados para o lazer.

Outra festa que contava com uma platéia internacional era a dos Corsos públicos, pois a organização e apresentação do evento estava a cargo da administração pública dos dois municípios. Somente a partir do final da década de trinta os desfiles deixariam de manter características internacionais, como vai se tratar no segundo capítulo.

---

<sup>74</sup> ZAS RE CAREY, H. Op. Cit. p. 83.

<sup>75</sup> Idem, p. 79.

#### 1.4- Reconstruindo a Fronteira, em busca de uma outra cidade

*Santana Viejo.  
Yo te canto, también, Santana viejo,  
- grata ciudad de mi ciudad hermana –  
pues vivo unido a ti por un añejo  
amor que data de mi edad temprana.*

*Al igual que en las calles de Rivera  
Viví en las tuyas los primeros años,  
y prodigué mi juventud primera  
en unos como en otros aledaños. [...]*  
Olyntho María Simões, 1963.

No decorrer da trajetória determinada, em muitas ocasiões, através do recurso da memória oral, pretendeu-se restabelecer os modos de lazer e os espaços de sociabilidade da fronteira. Nas décadas estudadas pela investigação, encontrou-se indícios de um fenômeno cultural semelhante ao descrito no estudo de Mikail Bakhtin. Um destes aspectos pode ser vislumbrado na diversidade da linguagem miscigenada de seus habitantes, a mescla de costumes, assim como a divisão dos espaços reservados ao lazer, característicos dos habitantes daquela região.

A memória apurada de Seu Bisso emerge da confluência cultural desse laboratório pelo qual passam os cidadãos fronteiriços. No cotidiano da região emerge a linguagem miscigenada dos santanenses, como nessa fala de Seu Bisso:

Porque tinha o cassino e tinha as pensões, porque traziam as mulheres contratadas, não? *Entonces*, quando abria de noite elas já vinham, e vinham de carro, que era dois mil réis a corrida, era as volantas, sabe?<sup>76</sup>

Assim como Seu Bisso, outros personagens encantam as pessoas de fora da região com seu dialeto diferenciado, palavras que são o resultado da mistura das línguas portuguesa e espanhola, denominadas de *portuñol*.

Possivelmente a intensidade das relações entre essas duas culturas determinou um comportamento social peculiar, próprio daquela região. Essa integração cultural está ligada diretamente ao cotidiano daquela região, pois como assinala José Carlos Meihy, "somos um verdadeiro laboratório vivo de cruzamentos culturais"<sup>77</sup>.

---

<sup>76</sup> BISSO, H. Entrevista citada.

<sup>77</sup> MEIHY, J. C. S. Manual de História Oral. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

Contudo, os fronteiriços, como são denominadas as pessoas residentes no lugar, podem subverter algumas regras com sua vivência tão diferenciada das outras regiões do país, como revelou o olhar antropológico de Andréia Quadrelli sobre esses personagens,

É certo que o ator fronteiriço, através destas práticas, estabelece novas regras para definir ou identificar-se com uma nacionalidade determinada, e estas novas regras transgridem as regras definidas pelos Estados nacionais. Não obstante, e este é um ponto interessante, estas regras vinculam-se estreitamente à idéia de nação, pois a nacionalidade geralmente se define segundo uma noção de pertença, uma “comunidade de sentimento”<sup>78</sup>.

Desse modo, acompanhando a concepção de Suart Hall, "as pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação; elas participam da idéia de nação tal como representada em sua cultura nacional". A comunidade fronteiriça mantém autonomia para determinadas ocasiões, como direcionou o estudo de Suart Hall. Acredita-se que a região, quando transgredir a representação de nação “não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentido” – um sistema de representação cultural<sup>79</sup>.

Fato curioso dá-se na linguagem dos moradores do lugar, constituída através da miscegenação das línguas portuguesas e espanholas. No decorrer da investigação, acentuou-se entre outras características, a importância deste "dialeto" compartilhado entre riverenses e santanenses. O papel da linguagem está diretamente relacionado com o comportamento social daquela comunidade. Pode-se verificar o embricamento da linguagem dado através do estudo etnográfico dessa comunidade,

Em ambas as cidades, encontram-se grupos sociais que falam mais de uma língua e se distinguem no seu conhecimento, domínio e uso. Os atores fronteiriços apresentam uma série de condutas, atitudes e valores diferentes, segundo sejam expressados em uma ou outra língua[...]<sup>80</sup>

Esse linguajar, que tornou-se uma segunda língua para santanenses e riverenses, geralmente é visto com certa reserva pela população letrada, instituições de ensino e o poder público<sup>81</sup>. Também denota entre os integrantes da comunidade uma diferenciação

<sup>78</sup> QUADRELLI, A. S. Op. Cit. p. 53.

<sup>79</sup> SUART HALL. A Identidade Cultural na Pós - Modernidade. Tradução Thomas Tadeu da Silva/Guacira Lopes Louro. 8ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 55.

<sup>80</sup> QUADRELLI, A. S. Op., Cit. p. 55.

<sup>81</sup> Segundo o estudo de Andréia Quadrelli, no ano de 1959 o professor uruguaio José Pedro Rona publicava uma investigação pioneira sobre a situação sociolinguística da fronteira, afirmando " a existência de uma área bilingüe e estabelecendo uma primeira definição fonológica do que, então, identificou como *fronterizos*, com referência às formas fortemente lusitanizadas do espanhol e fortemente hispanizadas do português" A partir deste marco delimitador do estudo linguístico dessa região, as comunidades de fronteira Uruguai-Brasil têm sido descritas como "sociedades bilingües, nas quais se falam, além do espanhol, variedades de português de grande variabilidade e instabilidade estrutural. Estas variedades têm sido academicamente denominadas

social entre as classes. Considera-se que a comunidade letrada, em muitas ocasiões relaciona o mau uso das línguas a dificuldade e falta de domínio de sua linguagem materna. A pesquisa deteve-se na opinião de um comerciante uruguaio, *doble chapa* para ilustração desse tema.

O portunhol não se fala em sociedade, nem em Santana e nem em Rivera, as pessoas, geralmente os turistas, se utilizam dele apenas para o entendimento, quando fazem no comércio. De outro modo, quem fala esse dialeto, se é que se pode dizer assim, são os populares, que não tem o mínimo domínio da gramática, da língua portuguesa e da espanhola.<sup>82</sup>

Usualmente a maioria da população fronteiriça utiliza o portunhol para comunicar-se com as pessoas de fora do lugar- os uruguaio com os turistas brasileiros e os santanenses com turistas de língua espanhola, especialmente uruguaio e argentinos. Para uma boa parte da população, no entanto, tornou-se parte do seu universo coletivo, como ensina Antônio Neto,

Eu sou um *doble chapa*. A origem do *doble chapa* é uma coisa curiosa. A origem é dos automóveis, porque eles chamam a placa de *chapa* lá, né? E aqui, como a gente usa um *portunhol*, nos dizemos *doble chapa*. também. E também é o eleitor que vota no Uruguai e no Brasil, mas legalmente, porque a constituição permite não é?<sup>83</sup>

O mau uso da língua pela comunidade da região suscitou estudos e opiniões polêmicas no meio acadêmico e entre a maioria da população. Desta maneira, a pesquisa de Andreia Quadrelli observou como os estudiosos do tema definem essa variante da língua espanhola:

O *portunhol*, tanto na sociedade riverense como santanense, é uma língua sem prestígio; por isso, muitos de seus falantes rejeitam esta linguagem; "*prefiero no*"[...] existem duas matrizes de bilingüismo fronteiriço, uma correspondente às "classes baixas", que teriam como língua primária um dialeto português e o espanhol padrão como língua superposta, e uma matriz correspondente às classes "médias e altas", que teriam o espanhol como primeira língua e o português como língua secundária<sup>84</sup>.

A discussão sobre um linguajar híbrido, como o usual na fronteira, adentrou o universo acadêmico, voltando-se para uma questão inquietante na literatura gauchesca- o linguajar híbrido da literatura platina, que por certo contraria os cânones literários e lingüísticos da chamada "alta literatura".

---

Dialetos Portugueses do Uruguai ou DPU, são popularmente conhecidas como *portunhol* e localmente como brasileiro. Por outro lado, o português falado na fronteira com o Uruguai tem recebido o nome de Português Gaúcho da Fronteira (PGF), sendo reconhecido como uma fala fortemente influenciada pelo espanhol" Op.Cit. p. 57. Um tema polêmico, sem dúvida, porém as especificidades do uso do portunhol não encontra-se como objeto desta investigação.

<sup>82</sup> LOPEZ, Antonio. 65 anos. Entrevista concedida a Liane C. Aseff. Rivera, 18.01.2004.

<sup>83</sup> APOITIA NETO, Antônio.

<sup>84</sup> BARRIOS, A. Citado por QUADRELLI, Op. Cit. p. 168.

Através dessa teoria literária, o autor vale-se da oralidade da linguagem regional, na busca pela construção da sua narrativa ou poesia do universo local,

No caso da gauchesca platina, analisada por Ángel Rama como gênero colindante, entre o culto e o popular, entre o oral e o escrito, também ocorre a irrupção das formas e da poesia oral, da *payada* e do espanhol eivado de americanismos, muitas vezes, próximo do que hoje se chama português. A gauchesca, por isso mesmo, custou a ser reconhecida como arte literária. Os puristas da língua não admitiam o que viam como degradação do espanhol nos versos de um Estanislao del Campo, ou de um José Hernández [...] valorizar a escrita híbrida de um Hernández, de um Simões Lopes Neto, de um Cyro Martins, é subverter os critérios de valor dos cânones literários da chamada literatura culta. E não apenas tolerando um vocabulário regional, como querem alguns, mas aceitando uma outra lógica que rege a pontuação, e sobretudo, a sintaxe<sup>85</sup>.

Contudo, para compreender-se o fenômeno lingüístico determinado pela região, é pertinente retroceder no tempo, observando o cotidiano do lugar, quando teve início o povoamento de Rivera. Assim encontrava-se o panorama lingüístico na zona fronteira,

[...] Desde o século XVI até os últimos vinte e cinco anos do século XIX, a região norte estava praticamente nas mãos dos brasileiros que a povoaram e a administravam; a linguagem evidenciava, em meados do século passado, a quase total desaparecimento do espanhol, foi, em parte, para modificar estes fatos que se fundaram, entre 1853 e 1862, cidades uruguaias defronte das brasileiras já existentes, favorecendo o assentamento de populações hispano-falantes[...] As políticas lingüísticas implementadas no Uruguai a partir do século XIX também ajudam a compreender a existência atual das variedades de português. O bilingüismo fronteiro poderia ser o resultado de uma planificação lingüística que estabeleceu a educação generalizada e obrigatória, junto com o uso da língua espanhola “Idioma Nacional”, em todas as escolas do país<sup>86</sup>.

A literatura existente sobre a linguagem utilizada na fronteira, aponta a cidade de Rivera como maior usuária do bilingüismo característico daquele lugar.

### **1.5- Novos hábitos, além do Prata**

O dinamismo da vida cultural na fronteira, deu-se entre o final da década de vinte e o final da década de 1950. No transcorrer deste período a cidade recebeu muitas influências cosmopolitas, importadas, que davam-se em variados segmentos culturais, como na moda, os lançamentos discográficos, o culto aos ídolos cinematográficos e musicais e nos estilos de comportamento. O sucesso dessa vida privilegiada para uma cidade do interior, deve-se ao fato de Santana se consolidar nesse período como um polo econômico, principalmente na industrialização de artigos derivados da carne, como linguiças, cortes nobres e enlatados em geral, destinados na sua maior parte para a exportação.

---

<sup>85</sup> CHIAPPINI, L. "Multiculturalismo e Identidade Nacional" in Fronteira Culturais. Brasil - Uruguai-Argentina. Cotia: Ateliê Editorial, 2002. p. 53,54.

Esses novos hábitos chegavam à fronteira oriundos de grandes centros urbanos, como Paris, Londres, Madri, Buenos Aires, Montevidéu, São Paulo e Rio de Janeiro, depois de extensas viagens marítimas<sup>87</sup>. Nesse período a região encontrava-se repleta de opções culturais, pois mantinha variados cassinos, cafés e todos os tipos de cabarés. Nessa época, a população dessas comunidades foi invadida pelos estrangeiros que afloravam pelas ruas da cidade, cada qual com seus hábitos peculiares, costumes diferenciados e rituais pouco ortodoxos- como as greves, introduzidas em Santana pelos recém chegados espanhóis de orientação anarquista<sup>88</sup>. A fronteira dava início nesse momento a um novo ciclo, repleto de encanto e divergências ideológicas, com a chegada de anarquistas, franquistas e comunistas.

Através do cotidiano que permeou aquelas comunidades, verificou--se uma fluência das atrações do lazer fronteiriço. Muitas vezes, os protagonistas que conduziram episódios significativos da história do entreterimento do lugar, encontram--se entre as "pessoas comuns", parafraseando Eric Hobsbawm<sup>89</sup>.

Assim, faz-se necessário dar voz a alguns personagens dessa região que foram esquecidos. Gostaria de construir, uma História "dos de baixo", perseguindo o entendimento de "como se produzem e se explicam as diferentes versões que os diversos agente sociais envolvidos apresentam para cada caso"<sup>90</sup>. As fontes analisadas na literatura da fronteira versam sobre uma determinada camada social, a classe alta. Essa categoria tem seu cotidiano político e social intensamente registrado em publicações sobre a região.

O estudo dos lugares que caracterizaram a diversão dessa comunidade, conduziu o historiador a construção de uma análise histórica, onde o social foi pensado como,

---

<sup>86</sup> QUADRELLI, A. Op. Cit, p.172.

<sup>87</sup> A região mantinha um estreito vínculo cultural com as metópoles do Prata, posto que, desde 1882 a cidade de Montevidéu abastecia o comércio de Santana e Rivera através da companhia ferroviária Ferrocarril. Também a maioria da população de imigrantes que chegava na fronteira desembarcava nos portos de Buenos Aires e da capital uruguaia.

<sup>88</sup> As crônicas de memorialistas como Cirino Bittencout e Hipólito Zas Recarey referem-se seguidamente a esses novos habitantes.

<sup>89</sup> HOBBSAWM, Eric. Sobre História - Ensaios. São Paulo: Cia das Letras, 2000. p. 216. Semelhante ao estudo dos movimentos populares, do qual George Rudé foi destacado pioneiro, Hobsbawm orienta os historiadores para deterem seu olhar sob a "história das pessoas comuns" na sociedade contemporânea. Assim, a pesquisa entende por pessoas comuns, os personagens que não pertenciam a classe alta composta pelos pecuaristas e comerciantes, como os trabalhadores urbanos e rurais, as prostitutas, os visitantes anônimos, os *outsiders* e os vários tipos incomuns, que permearam o imaginário local. A percepção do cotidiano dessas pessoas pode ser investigado a partir da própria leitura destes e não somente sob o olhar das classes dominantes.

<sup>90</sup> Idem, p. 217.

[...] um processo tecido na contradição e na luta, e não na mesmice, pois o historiador deve pensar que o presente é sempre remetido pelo passado e supor que a pesquisa remeta a volta a um tempo anterior para que haja uma melhor compreensão do tema<sup>91</sup>.

A pesquisa pretendeu construir um mapa cultural, onde os personagens pudessem reconstruir a cidade boêmia desse período<sup>92</sup>. Contudo, o fio condutor para o trajeto da viagem a essa “outra cidade” encontra-se imbricado em sua memória<sup>93</sup>. A cidade, com suas dimensões de espaço e de tempo apresentam-se como um desafio para o historiador,

O espaço, entendido tanto como território da cidade -apropriado e transformado pelo homem- quanto como espaço construído- materialidade edificada ra, que se reveste de forma, função, significado. Ora essa dimensão espacial que se oferece ao olhar no contexto urbano, tem marcada para si, a passagem do tempo, uma vez que se trata de buscar, na cidade, a sua História e Memória. E, nesse ponto, o historiador precisa ter filigranas no olhar para ver, neste espaço transformado, destruído, desgastado, renovado pelo tempo, a cidade do passado [...]<sup>94</sup>

Sem dúvida, as lembranças daqueles tempos nos trariam indícios de uma outra Santana e uma distinta Rivera. Algumas obras da literatura regional da fronteira, que referem-se à essa época, carecem de uma leitura crítica, pois, abordam a partir de uma perspectiva romântica e mitificadora<sup>95</sup>.

A sociedade local construiu ao longo desse período uma teatralização do ser e do fazer fronteiriço, através da miscigenação dada entre distintas culturas, estruturando-se com características híbridas específicas daquela fronteira<sup>96</sup>.

Através da advertência de Sandra Pesavento para o sentido histórico que conduz uma investigação, observa-se que: a história, como bem sabemos, tem sido, entre

---

<sup>91</sup> CHALHOUB, S. Trabalho, lar e botequim. O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da *Belle Époque*. Campinas: Unicamp, 2001. p. 15.

<sup>92</sup> Um dos objetivos desta investigação consiste em "mapear" alguns lugares que caracterizaram as diversões fronteiriças, os rituais de convívio entre essa população, os lugares culturais dos endinheirados e das pessoas comuns.

<sup>93</sup> A referência a uma "outra cidade" encontra repercussão nesta pesquisa através da abordagem de PESAVENTO, que acredita ser possível existir várias cidades dentro de uma mesma cidade, pois resguardados suas temporalidades, dividem o mesmo espaço. Ver: PESAVENTO, S. J. "Com os olhos no passado. A cidade como palimpsesto" in ESBOCOS: Revista do Programa de Pós Graduação em História da UFSC. Florianópolis, nº 11, 2004, p. 28.

<sup>94</sup> PESAVENTO, S. J. Op. Cit.

<sup>95</sup> Em Santana, destaca-se a pesquisa de fontes feita pelo jornalista e historiador Ivo Caggiani, que detém a maior parte de documentos e literatura sobre a formação e povoamento, assim como outros aspectos da cidade. Em Rivera a historiografia encontra-se mais variada, com os trabalhos dos historiadores Waldemar Rodrigues Navarro, Anibal Barrios Pintos, Julio Miranda e Joel Salomón de León entre os mais relevantes. Entretanto, em ambos os casos os discursos carecem de uma abordagem crítica sobre as comunidades.

<sup>96</sup> A pesquisa identificou características próprias daquele lugar, como a linguagem bilingue citada anteriormente e alguns hábitos cotidianos "emprestados" da cultura uruguaia.

outras coisas, uma sucessão de formas de representação do mundo que os homens constroem socialmente, tornando-se pertinente relacioná-lo a o caso dessa comunidade<sup>97</sup>.

Os personagens que participaram da cena cultural da fronteira inscreveram-se na memória coletiva como protagonistas de episódios relevantes para esta comunidade. Muitos deles, como o barbeiro e seresteiro Humberto Bisso, o também barbeiro e amante das lutas do ringue, Floriano, a foliona Elda, o obstinado cinéfilo Hermes e seu cinema popular, o múltiplo artista Demônio, a destemida Elpydia, contribuíram para construção do imaginário daquelas cidades. Esses notáveis membros de famílias que pertenciam a diversas classes sociais, possibilitaram a investigação realizar um passeio cultural em busca daqueles lugares que tanto divertiram a comunidade "naqueles anos", como se referia o célebre Bisso<sup>98</sup>.

A modernização imposta a região, foi semelhante ao fenômeno ocorrido a São Paulo dos anos 1920 - guardadas as proporções - quando a fronteira demonstrou um dinamismo econômico local - de base agropecuarista - associado a industrialização emergente e representada pelos dois frigoríficos existentes na cidade<sup>99</sup>. Muitas casas culturais fortaleceram-se diante deste aspecto econômico de Santana. Assim foi incorporada uma espécie de culto ao novo, ao moderno, que passou a vigorar no cotidiano da população da fronteira<sup>100</sup>.

Vislumbra-se nesse momento uma cidade sintonizada com as referências culturais das grandes metrópoles do Prata, como Buenos Aires e Montevideu, as quais, guardadas proporções, conviviam com a mesma efervescência cultural da capital paulista nesse período, muito embora ocorresse das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro possuírem uma matiz voltada para a cena de atrações européias.

---

<sup>97</sup>PESAVENTO, S. J. Uma outra cidade - O mundo dos excluídos no final do século XIX. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 2001. p. 126.

<sup>98</sup> A pesquisa entendeu por passeio cultural o mapeamento feito das cenas cotidianas de lazer da fronteira naquele período.

<sup>99</sup> SEVCENKO, N. Orfeu Extático na Metrópole. São Paulo, Sociedade e Cultura nos freementes anos 20. São Paulo: Cia das Letras, 1992. p. 25.

<sup>100</sup> Idem, p.48. A pesquisa utiliza-se do conceito de "novo" formulado pelo historiador, quando o "novo" aponta para caracterizar o homem contemporâneo, que ser diz moderno. Assim, o novo, o moderno encontrava-se em contraposição a tudo o que remetesse ao antigo, ao passado, "porém para aquela geração encontrarva-se remoto". Na fronteira pôde-se verificar nesse momento, a emergência do automóvel em contraposição as volantas, o calçamento das ruas em troca das "antigas ruas empoeiradas", a abertura de novas e largas avenidas. No comportamento apontar a modernidade através dos ícones da nova era, os novos tecidos, leves e acentuando a silueta do corpo, entre outras manifestações consideradas modernas.

Mais tarde, nos anos 1950, com o advento do cinema e a consolidação das publicações da Revista do Rádio, a influência da moda *hollywoodiana* se estabelece no imaginário da fronteira. Mitos como Elizabeth Taylor caracteriza o estilo sedutor e romântico no imaginário feminino, ou James Dean e Marlon Brando, para o tipo rebelde, viril, exótico, no modelo masculino, tomam-se referências comportamentais, especialmente entre os jovens que pertenciam às famílias de classe média. A emergência de códigos de comportamento modernos na cidade, encontrava-se relacionada com esses meios de comunicação<sup>101</sup>.

Estava posto um novo mundo e um novo tempo. A velocidade dessa vida moderna havia criado novos espaços e opções para o exercício do lazer. A informação relacionada a quase todo tipo de assunto encontrava-se disponível na publicidade dos jornais, revistas e para a grande maioria de radio ouvintes, nas soberanas ondas do rádio.

Mesmo estando uma parcela da população envolvida com os ousados signos modernos, a maioria da população fronteiriça, cultivava os ingênuos ícones latinos, que ainda mantinham-se na preferência<sup>102</sup>. Nos anos 1950, à fronteira recebeu entre as atrações artísticas internacionais, o cantor e ator mexicano Miguel Aceves Mejia, que realizou *show* no cinema riverense Rex. Outro espetáculo que se destacou nesse período, em cartaz no Cine Teatro Colombo, tinha como estrela a exótica vedete *Luz del Fuego*. O enigmático *show* mantinha características tribais e arrebatava uma incrédula e escandalizada platéia, chocando os conservadores da sociedade local. Tornou-se pertinente para o estudo relacionar a apresentação desta artista que tomou o imaginário popular da época. Algumas referências utilizadas pela dançarina, como suas cobras domesticadas, faziam parte daquele momento, quando muitas atrações artísticas voltaram-se para o culto deliberado de ícones tribais carregados de exotismo, como apontavam as tendências vanguardistas européias<sup>103</sup>. Embora no Brasil os espetáculos dessa ousada vedete, que cruzava os palcos do país, oscilassem entre algumas críticas que os consideravam artísticos, de vanguarda e a maioria conservadora, que os rejeitava como expressão cultural, rotulando-os como sensacionalistas, vulgares, de mau gosto ou mesmo de apelo erótico.

---

<sup>101</sup> Através da história oral e da investigação nos periódicos locais, verificou-se que as moças para paquerar tinham um comportamento semelhante, como alguns gestos angelicais, padronizados entre as jovens da época.

<sup>102</sup> Em Santana a modernização dos usos e costumes mostrou-se significativa para uma parcela da classe média, com maior poder aquisitivo para usufruir de revistas, jornais e viagens que vendiam o novo modelo.

<sup>103</sup> SILVA, A. CARVALHO, J.V. *Luz del Fuego*. Pasquim. Rio de Janeiro, 1982. p. 25.

Santana não foi diferente e a apresentação da artista marcou uma época para a geração dos jovens dos anos cinquenta,

Eu me lembro, eu era guri pequeno ainda, devia ter uns 12 ou 14 anos, quando eu vi ela, a *Luz del Fuego*. Ela deu show no cinema "Colombo". Ela era morena, bonita, bem baixa, tinha uns cabelos compridos e dançava pelada envolvida numa bacia cobra! Foi uma loucura! Tinha mulher que saíram antes do final do show, e os homens gostaram do show, né?<sup>104</sup>

Também o comediante espanhol Oscarito, ídolo popular dos anos 1940 e 1950, célebre ator dos filmes realizados pela produtora cinematográfica nacional Atlântida, mantinha antiga intimidade com a fronteira. Muitas noites dividiu a atenção e as mesas com representantes da velha e a jovem boemia fronteiriça, quando se encontrava em cartaz, apresentando seus espetáculos no Cinema Colombo, não dispensando antes do *show*, um *drink* no café Ponto *Chic*.

A intimidade de Oscarito com a fronteira, no entanto, vinha de longo tempo. Quando em 1930 o comediante debutou no picadeiro do Grande Circo Americano, foi exatamente em Santana, recebendo da platéia local a benção para uma carreira promissora<sup>105</sup>. Suas aventuras contracenando em uma peça do autor santanense Carlos Cavaco nos palcos de lona armados no Areial, foram registradas na pesquisa do cronista carioca,

Seu teste de fogo diante de uma platéia foi ao lado da mãe e da irmã menor, Lili, numa peça obscura de Carlos Cavaco, encenada no grande Circo Americano, do empresário Rizzoli, em Sant'Ana do Livramento, Rio Grande do Sul. Já estava beirando a adolescência e tomando intimidades com o violino, instrumento que lhe arrumou emprego em várias orquestras de cinemas, nos subúrbios cariocas, até a chegada do filme falado[...]<sup>106</sup>

Oscarito manteria pela cidade o mesmo carinho da estréia, quando anos mais tarde, em temporada de espetáculos, já como respeitado comediante do cinema nacional, retornava aos antigos lugares de encontro da comunidade espanhola. Muitas histórias sobre suas visitas no Café Ponto *Chic*, ficaram guardadas nas lembranças do filho do proprietário espanhol,

Inclusive aquele famoso comediante, chamado Oscarito, ele também era espanhol, ele veio pequeno para cá, então, cada vez que ele vinha em Livramento, como ele era amigo do papai, eles ficavam conversando e tomando "bomba atômica" [...] <sup>107</sup>

---

<sup>104</sup> ASEFF, J. E. Entrevista citada.

<sup>105</sup> AUGUSTO, S. Este mundo é um pandeiro. A chanchada de Getúlio a JK. São Paulo, Cinemateca Brasileira: Cia das Letras, 2001, p. 190.

<sup>106</sup> Idem, p. 190.

<sup>107</sup> SANZ, José Antônio Gallo. 65 anos. Entrevista concedida a Liane c. Aseff. Santana do Livramento, 13.07.2004.

Nas primeiras décadas dos dourados anos 1950, popularizariam-se as salas de exposições de filmes na região. As noites dos populares estariam reservadas para o passeio na Avenida Sarandi, a frequência em alguma mesa do Café que estivesse no percurso das variadas opções de cinemas da época. Os espaços tornaram-se múltiplos para a população exercer sua sociabilidade. Abundavam atrações: nos ringues, rinhadeiras, cinemas, circos. Também nesse momento, observou-se uma vigorosidade no discurso da modernidade. Não havia dúvidas- a modernidade chegara enfim à fronteira- dessa vez, através dos jornais. Na publicidade dos periódicos torna-se uma constante a imposição do discurso do ser e fazer moderno, semelhantes aos da capital paulistana, conforme estudo de Nicolau Sevcenko.

Para o autor, o conceito da palavra moderno está relacionado a “tudo que possa introduzir ao novo, que premedite o futuro, quebrando vínculos com o remoto (e atrasado) passado”<sup>108</sup>. O apelo publicitário direciona-se especialmente a um público feminino, fazendo das mulheres o alvo preferencial do novo estilo proposto pela contemporaneidade. Adquirindo os produtos anunciados nos jornais e revistas femininas, as donas de casa poderiam tornar-se mais sedutoras e belas, além de perder menos tempo em seus afazeres domésticos. Para isso, espalham-se uma sorte de produtos, que incluem todos os gêneros do consumo industrializado, desde fogões e geladeiras até uma gama de cosméticos, tecidos e novos utensílios que vendem modernos estilos de vida<sup>109</sup>.

### **1.6- "Dar a palavra a vozes que foram silenciadas"**

Diante desta frase significativa, proferida por Marilena Chauí, apresenta-se a seguir as cidades de Santana do Livramento e Rivera, entre as décadas de 1930 e 1960, através da memória de seus contemporâneos<sup>110</sup>. A cidade no decorrer dos últimos sessenta anos modificou-se, modernizou-se, desfigurando-se então da romântica Santana do passado, lembrada por seus personagens. Seu Bisso ressentia-se, melancólico, da falta que sente daquela outra cidade, impregnada na solidão desta cidade contemporânea- "de todos, só restou eu", o abismo de suas variedades artísticas do passado: tinha as cavalhadas, tinha de tudo, naquelas épocas vinham muitas companhias de fora!".

---

<sup>108</sup> SEVCENKO, Op. Cit. p.18.

<sup>109</sup> SEVCENKO, Op. Cit. p. 158.

Com o passar do tempo, novas práticas foram introduzidas nos espaços do lazer. Para esse boêmio torna-se doloroso vislumbrar que as vibrações das casas noturnas daquela Santana, acabaram-se no transcurso para a cidade moderna de hoje. Muitos lugares de referência boêmia fecharam, acabaram-se, novas atrações substituíram os jogos nos cassinos e a frequência aos espetáculos dos cabarés.

A ruptura teve início no final da Segunda Guerra, quando também se abateu uma catástrofe na Santana de Seu Bisso, de Dona Sinhá, de Seu Floriano, de Seu Perse. A necessidade do governo em racionar energia elétrica gerou o apagão, como foi denominado pela comunidade. A escuridão invadiu os espaços públicos e carregou os lúdicos passeios do *footing*, que tanto apreciava a população santanense para outro lado da fronteira<sup>111</sup>. Desde então, uma nova cena cultural tomou a preferência dos fronteiriços. Os passeios na moderna e "civilizada" Avenida Sarandí, com suas lojas compostas de vitrines envidraçadas, cafés europeizados, comércios que também podiam oferecer uma culinária genuinamente uruguaia, tornaram-se cultuados e ganharam o favoritismo da comunidade fronteiriça desde então. Vários elementos contribuíram para modificar o perfil desses novos consumidores, como o advento de novas tecnologias e o estímulo crescente ao consumo de bens materiais. Em sua crítica a sociedade capitalista, a qual caracteriza por uma composição de inovação tecnológica, exclusão social e consumismo compulsivo, a filósofa consegue traduzir a solidão daqueles jovens personagens diante das novas gerações fronteiriças:

Destruindo os suportes da memória a sociedade capitalista bloqueou os caminhos da lembrança, arrancou seus marcos e apagou seus rastros [...] Nada mais pungente do que a frase " já não existe mais" , essa frase dilacera as lembranças como um punhal, e cheios de temor ficamos esperando que cada um dos lembradores não realize o projeto de buscar uma rua, uma casa, uma árvore, sabemos que não irão encontra-las nessa cidade, onde a funcionalidade destruiu paisagens de uma vida inteira<sup>112</sup>.

---

<sup>110</sup> CHAÚÍ, M. Citada por BOSI, E. Op. Cit p.39. Essa declaração foi extraída do discurso de arguição da tese de livre docência de Ecléia Bosi, na USP, em janeiro de 1979. A pesquisa considerou pertinente a utilização dela no contexto deste tópico.

<sup>111</sup> A expressão importada da Europa tem origem anglo-saxã. Na época muito utilizada para denominar o tradicional passeio em volta da praça central da cidade. Em Santana, o *footing*, acontecia na Praça General Osório, e me Rivera dava-se na praça Rio Branco, atual Artigas. Nessa caminhada, os jovens da comunidade, vindos de diferentes classes sociais, embora a maioria fosse da classe rica e média, efetuavam o passeio, sozinhos ou acompanhados de seus pais, divertiam-se circulando pela praça. Também servia de palco para os namoros, muito embora fossem observados pelo olhar atento dos pais.

<sup>112</sup> BOSI, E. Op. Cit. p. 37.

A recriação das práticas de lazer vivenciadas pela comunidade fronteiriça no passado, tornou-se possível, visto que alguns de seus personagens, muitas vezes demonstravam uma sincera consciência de que realizavam uma tarefa: suas lembranças teriam algum valor para aquela cidade moderna, distante de sua outra época. Então, quando Seu Bisso contava suas histórias do passado, incorporava-se de uma força extra, como quem tem de cumprir uma tarefa:

[...] só sobrou eu pra contá a história! Aí já *impeçou* a se desfazer o pessoal da serenata, eu tenho aqui uma lista, eu enxergo só de uma vista, enxergo mal sabe, mas eu tenho aqui o nome deles [...] tá mal escrito [...] e o último, Humberto Bisso- tá aqui ele! (risos)<sup>113</sup>

Um estudo de referência da memória oral, o qual orientou esta pesquisa, inscreve-se na obra de Ecléia Bosi, que tem no indivíduo o sujeito que recorda, transformando esse sujeito em "o memorizador das camadas do passado", podendo com isso deter muitos objetos significativos, dentro de um tesouro comum<sup>114</sup>.

A fronteira também recebeu a visita da funcionalidade, conforme entendida por Marilena Chauí, fazendo com que os lugares de referência como prédios, comércios, boliches, ruas, árvores que acompanharam a vida boêmia desses personagens já não existissem mais. Sem brilho, apagaram-se acompanhando as sombras que tomaram conta da cidade no período da Segunda Guerra, e que privou Santana do alegre passeio em volta da Praça General Osório. Acabaram-se as barbearias, espaços de conversa animada, os alfaiates e suas lojas que podiam ser sofisticadas ou humildes, e que sempre mantinham um público ávido pelas últimas notícias da moda ou da política.

O cidadão Humberto Bisso, barbeiro aposentado e ex-boêmio, figura carismática e muito conhecida da cidade, abre a porta desse tempo onde "quase tudo já não existe mais". Através da memória prodigiosa desse ex-boêmio podemos vislumbrar uma fronteira, onde nos primeiros anos do século XX "era tudo mato, tudo *carrapicho*" ou ainda "só tinha duas ruas", para depois se entregar à noite dos agitados cabarés e cassinos, que a partir dos anos 1920 ferviam de atrações, como numa grande metrópole. Como um pai que acompanha o crescimento de um filho, Seu Bisso viveu o apogeu e decadência da fronteira dos últimos 90 anos,

A mudança na cidade veio devagar, *impeçaram* a botar balastra na rua, e esses rolo que hoje é puxado a auto, era puxado a boi...que aplainava tudo[...] tinha muito fervedor nas rua, a água

---

<sup>113</sup> BISSO, H. Entrevista citada.

<sup>114</sup> BOSI, E. Op. Cit. p. 39.

minava. *Entonce* a água corria aí, pra baixo, daí dessa esquina à duas quadras tinha a lagoa das lavadeiras, lavavam bem na esquina da faixa. Não havia trem, não havia luz, não havia nada em Santana. Auto, essas coisa veio muito depois.<sup>115</sup>

Manteve em sua memória a magia noturna dos ambientes, como no famoso Cabaret Cassino Internacional, onde se tornou assíduo frequentador, dada à beleza dos espetáculos e os momentos de encantamento. Da orquestra que participava, recorda a admiração do público agradecido diante das serenatas noturnas. Igualmente, suas lembranças nunca olvidaram das cenas truculentas, típicas daquela região, caracterizada pela violência nos limites de fronteira. Tempos em que a comunidade convivia angustiada com os freqüentes tiroteios que aconteciam, por motivos diversos. Fossem pelas disputas políticas, desentendimentos sobre o jogo ou por mortes relacionadas ao contrabando, aquela população encontrava-se exposta ao cotidiano da violência. No início da década de vinte chegaram as agitadas revoluções e os imigrantes estrangeiros, considerados tipos esquisitos, na visão de alguns personagens daquele período.

Quando não se encontrava agitada pelo rastro de violência imposta por algum conflito político armado, a população da fronteira convivia naturalmente com práticas comerciais consideradas ilegais, como o contrabando, que caracterizou aquela região desde sua povoação. Assim, considerando-se as condições de vida do cotidiano fronteiriço, tornou-se pertinente examinar as peculiaridades dessa atividade estudadas por Suzana Bleil,

A especificidade desses traços culturais pode ser melhor percebida na continuidade "trans-fronteiriça" da rede urbana, onde o contrabando se inseria como parte estrutural dos mecanismos de troca, adaptando-se a lógica da organização espacial desta região[...] Sempre combatido pelas autoridades, o contrabando se firmara como um tipo de intercâmbio desde o período colonial. E embora sempre tivesse sido encarado como uma sonegação fiscal passível de rigorosa punição, teve, entretanto, para os habitantes da fronteira um papel fundamental e indispensável nos negócios e na vida cotidiana deste espaço [...] As charqueadas fronteiriças brasileiras foram instaladas nos locais onde a facilidade dos transportes e os fretes mais baratos podiam ser encontrados, o gado que passava por contrabando pertencia, em sua maior parte, as estâncias compreendidas dentro da zona fronteiriça<sup>116</sup>.

---

<sup>115</sup> BISSO, H. Entrevista citada.

<sup>116</sup> BLEIL DE SOUZA, S. "Os caminhos e os homens do contrabando". In Práticas de Integração nas Fronteiras: Temas para o Mercosul. Porto Alegre, Editora da Universidade/ UFRGS/ Instituto Goethe/ ICBA, 1995, p. 126.

\* MARGUIA, J. Contos do país dos gaúchos. Porto Alegre: Mercado Aberto, IEL, 1992. p. 125. Citado por BLEIL DE SOUZA. Op. Cit. p. 126, 127.

Dentro da perspectiva proposta por esta pesquisadora, a região absorveu em seu cotidiano o senso comum de que o comércio e o contrabando são "faces de uma mesma atividade, a troca de bens e mercadorias, que atendem às necessidades da região".

Na região o contrabando não escolhia classe social. A dinâmica do comércio ilegal unia as mais diversas faces da comunidade, envolvendo-as como em uma rede.

O contrabando incluía no rol de produtos comercializáveis no mercado negro, desde armas e animais, até bebidas e gêneros alimentícios, entre outros produtos de menor repercussão.

No entanto, este comércio ilegal, construído e organizado ao modelo de verdadeiras máfias, não admitia opositores, agindo com extrema truculência e crueldade, espalhando o temor no imaginário da comunidade. Como no violento episódio do "caso Ripoll", relatado mais adiante.

### **1.7- Causos do contrabando**

*Llegué a conocer gauchos viejos de chiripá y "pata el suelo",  
gente guapa para cuerpearle a la ley o a la miseria;  
contrabandistas que cruzaban en la noche, sigilosos como zorros.  
Gente que hablaba una mezcla de español y portugués, un "portuñol"  
que en vez de hacerlos binacionales, los volvía extranjeros de ambas tierras.  
"El Campo", Julián Marguía.\**

Historicamente, a fronteira já se desenhava como território propício as práticas ilegais do contrabando, refúgio e asilo político desde o século XIX. Em 1862, com a intenção de orientalizar o norte fronteiro uruguaio, o presidente Berro assinara a lei de criação da *Villa de Ceballos*<sup>117</sup>. A "orientalização fronteira" proposta pelo presidente

---

<sup>117</sup> Segundo indicou o estudo de QUADRELLI, a intenção do presidente fazia parte do projeto de permutas de terras mantido pela chancelaria do Império português durante dez anos, pelo qual se cederiam as terras da atual Rivera ao Brasil. Nos meandros de disputas por terras e poder naquela região, pode-se interpretar o gesto do presidente como uma atitude do governo uruguaio para impor de fato a presença de uruguaio no local, até então impregnada de estrangeiros, sendo a maioria deles de descendentes de portugueses. Também a denominação de Ceballos procurava manter essa autonomia, sendo entendida como sinônimo de "agresividad y desafío" para um povo que se criava com a missão histórica de converter-se em "baluarte nacional de la soberanía, del lenguaje, de las costumbres y del comercio frente al enorme Imperio del Brasil" Foi em 1867, com o decreto da delimitação do povo, que se trocou seu nome por Rivera, correspondente a Bernabé Rivera,

priorizava o povoamento do outro lado de Santana com uma população uruguaia, pois a região encontrava-se invadida pelas famílias brasileiras que determinavam com sua influência as decisões administrativas e econômicas do lugar.

Nesse período, o departamento de Rivera ainda não havia sido instituído, fazendo com que o setor administrativo mantivesse a dependência política do departamento de Tacuarembó, distante cerca de 100 km da região. Como lembra Suzana Bleil em seu artigo, a ocupação dos territórios fronteiriços foi sempre mais um empreendimento luso e brasileiro que espanhol e uruguaio; no momento da independência uruguaia os espaços localizados ao norte do Rio Negro ainda estavam despovoados, favorecendo às "populações brasileiras uma penetración pacífica" da região;

O Uruguai converteu-se, em meados do século XIX, em imenso campo de engorda de gado para a indústria de charque brasileira [...] O Brasil exercia uma enorme pressão sobre os departamentos fronteiriços do Norte e do Nordeste [...] em 1889, os brasileiros declararam possuir 80% do valor das propriedades imobiliárias do departamento de Artigas e 77% do valor das de Rivera<sup>118</sup>.

A fronteira foi registrada na memória coletiva da região como um território propício para contrabandear, um lugar sem lei e também suscetível a mortes, em função da profusão de contrabandistas que habitavam o local,

[...] não tinha nada que demarcasse a fronteira. Diziam: - Lugar perigoso, era um terreno plano, que aguardavam, que breve seria uma linda praça. Hoje, terreno inóspito, em cujo ângulo estava a fazenda "El Suspiro" do Don Arévalo Bustamante, que tinha um montão de mortes [...] Era um reduto perigoso, todas as manhãs amanhecia no meio dos chircais, um morto e diziam - Ali tem um, terra boa pro contrabando, tudo aberto. E assim, era a fronteira, assim era a sua entrada [...]<sup>119</sup>

Outra atividade ilegal, *as trampitas* semelhantes à prática do contrabando, são reconhecidas e aceitas como uma prática usual entre a população das duas cidades, mantendo-se impregnadas no cotidiano da região. As *trampitas* podem ser caracterizadas como "pequenas mentiras" geralmente usadas pela população para obter a documentação brasileira ou uruguaia. As mais frequentes relacionam-se ao lugar de trabalho ou de residência, como também para usufruir benefícios sociais nos dois países.

Pode-se verificar que a prática das *trampitas*, impregnadas então no imaginário popular, foram crescendo paralelamente ao desenvolvimento urbano e econômico das cidades. Desse modo, a atividade ilegal pode ser investigada e assim definida:

---

coronel que lutou nas guerras da independência sendo morto pelos charrúas em uma emboscada. QUADRELLI, Op. Cit. p. 57.

<sup>118</sup>BLEIL DE SOUZA, S. Op. Cit, p. 127.

<sup>119</sup>COITINHO, A. "O Começo", *A Platéia*, Santana do Livramento, 15.06.2003. p. 2.

A prática de nascer em um país e se registrar em outro, junto com outras práticas que veremos, são geralmente conhecidas como *trampitas*, enquanto reconhecidas como práticas ilegais pelos Estados Nacionais. Em muitas ocasiões, representam oportunidades para obter benefícios econômicos ou sociais da proximidade física, política e institucional de dois Estados nacionais. As *trampitas* estendem-se a diversos âmbitos e adquirem diferentes modalidades e interesses<sup>120</sup>.

A complexidade que compõe essas práticas ilegais, possivelmente "é reflexo da densa trama de relações e significados que rodeia as pessoas desta fronteira"<sup>121</sup>.

A prática do contrabando encontra ressonância no universo das *trampas* realizadas pela maioria da população. Essa atividade comercial, reprimida pelo estado e mantida como padrão na região fronteira no período investigado, pode também ser caracterizada igualmente de "ilegitimidade (se fosse definido pelo estado) ou legitimidade (se fosse definido pela população da fronteira)," diante da abordagem de Andréia Quadrelli. O panorama cultural das zonas de fronteira parece transcender "à linha de fronteira, e isto devido às suas dinâmicas que vinculam as pessoas e as instituições das fronteiras internacionais com as pessoas e instituições dentro de seus próprios Estados"<sup>122</sup>.

Diante dessa perspectiva, é possível o entendimento da mentalidade inerente a prática do contrabando na região. Mesmo sendo condenado, considerado pelas autoridades e pela comunidade uma atitude ilegal, foi intensamente praticado especialmente nas primeiras décadas do século passado. A atividade cooptou trabalhadores de variadas matizes sociais, mantendo entre seus controladores algumas figuras destacadas da política e administração local. A comunidade acompanhava, como em uma novela, o desenrolar de cada capítulo referente aos acontecimentos no universo do contrabando, entre o medo e a diversão, dependendo da gravidade do caso.

Usualmente os contrabandistas se utilizavam de alguns funcionários de sua confiança da Usina Elétrica de Santana para colaborar na passagem dos caminhões recheados de mercadorias do lado uruguaio para o brasileiro. Assim, essas viagens costumavam acontecer durante a escuridão da noite. À meia-noite, quando o empregado da Usina apagava as luzes conforme o determinado pelo seu superior, os caminhões seguiam de Rivera em direção a saída de Santana. Entretanto, a fiscalização da Aduana uruguaia,

---

<sup>120</sup> QUADRELLI, A. S. Op. Cit. p. 65. A antropóloga alerta aos pesquisadores interessados na região sobre a perigosa "proximidade física e a distância política em que vive a população destas cidades podem ter uma série de conseqüências, em princípio, inesperadas".

<sup>121</sup> Idem, p. 69.

<sup>122</sup> QUADRELLI, A. S. Op., Cit. p. 69.

órgão que controla a entrada de mercadorias em território uruguaio, encontrava-se próxima, em diagonal com a Alfândega brasileira, separadas apenas por uma linha divisória. Segundo apontam as fontes, o trajeto dos veículos seguia pela rua da Aduana riverense, passando em frente a Alfândega brasileira e a Usina Elétrica, que nesse momento mantinha-se silenciosa. Após, seguindo pela Avenida Tamandaré, rua paralela ao Parque Internacional, no lado brasileiro, também em algumas ocasiões, seguia pela rua dos Andradas, onde encontrava-se o principal acesso da saída da cidade.

A concessionária da usina elétrica aqui, era a firma uruguaia Eugênio Barth [...] em dias pré-determinados, para a entrada de mercadorias, diziam que o pessoal das máquinas faziam "*el apagón*" (corte de luz) pelo tempo necessário, para a dita mercadoria entrar e ser descarregada nos armazéns dos comerciantes; contudo para o bom desempenho da missão a "gang" dispunha de alguns elementos em outra zona, onde disparavam seus bacamartes, com o fim de atrair a atenção da guarda aduaneira<sup>123</sup>.

### 1.7.1 O Caso Ripoll

O Ripoll era um sujeito muito estimado,  
muito valente,  
ele metia o pau no governo,  
não tinha medo de morrer!  
Seu Floriano, 2004.

O caso Waldemar Ripoll inscreveu-se nas crônicas policiais da fronteira e ultrapassou os limites da região pela crueldade da ação. O crime, ocorrido em 1935, foi associado a motivações políticas. Médico e simpatizante de ideais socialistas, Waldemar Ripoll mantinha uma ferrenha disputa ideológica com o governo provisório de Vargas e o então governador Flores da Cunha<sup>124</sup>. O motivo maior, no entanto, revelou-se associado a um dossiê em que Ripoll delatava a rota e os chefes do contrabando na fronteira, envolvendo indiretamente a família Flores da Cunha.

O crime pôde ser rememorado pelas lembranças de seus contemporâneos, a partir da crueldade e frieza com que o episódio ficou caracterizado, aliada ao modo premeditado do

<sup>123</sup> CARVALHO de B. C. Lendo o Passado. Vol. 1. Santana do Livramento: EDIGRAF, 1986. p.173.

<sup>124</sup> Waldemar Ripoll, natural da cidade de Quaraí (RS), médico e político, tornou-se conhecido na região quando participou ativamente da Revolução de 30, junto com outros simpatizantes da causa, entre eles estavam o General Flores da Cunha. Porém, logo após a consolidação do governo provisório de Getúlio Vargas Ripoll desentendeu-se com a cúpula política que rodeava Vargas, exilando-se no Uruguai, na cidade

assassinato. A maioria da população fronteiriça foi invadida por sentimentos de indignação e revolta, diante de "tamanho injustiça" feita a um "homem de valor". Entretanto, as pessoas sentiam-se ameaçadas pela repressão e truculência política que se instalara na região : "Naquela época quem era do governo não pagava crime, o sujeito era do governo e estava tudo bem", como resume Seu Floriano à ação da justiça, atento observador que era dos fatos políticos da época.

O crime hediondo do Dr. Ripoll, um humanista na sua concepção, manteve-se impregnado ao longo dos anos em sua memória. Assim o estudo pôde reconstituir esse episódio pelas amargas recordações de Seu Floriano:

Agora eu vou te contar. O Ripoll era um sujeito muito estimado, era maragato, era contra essa gente. Então eles tinham ódio do Ripoll, porque o Ripoll era um sujeito inteligente, um sujeito bom, fazia carga bárbara neles. Muito Bem, então mandaram matar o Ripoll, como mataram o Ripoll?

Chegou um negro lá, pedindo emprego, que não tinha o que comer: "Tá negro senta aí!"

E o Ripoll era um sujeito muito humano, mandou darem agasalho e comida para o negro, que ele estava com fome. E passou um dia, passou dois dias, e o negro lá, estudando o Ripoll.

Uma noite, mataram o Ripoll, o negro esse matou o Ripoll, que eles mandaram né? Muito bem, os capangas do chefe, levaram o negro, para consumir com ele, numa escolta para um lugar estranho que ninguém conhecesse, para ocultar o crime, mas eles levaram ele para matar né? Quando chegaram lá e foram abrir a porteira, esse matador atirou no negro, deu três ou quatro tiro no negro, o negro reagiu, se foi campo fora, entrou para um banhado, e aí ele reagiu. Ele era valente, o negro era bandido, mas valente! Esse matador, que depois morreu variando, viu que ele tava morrendo e foi lá e deu o tiro de misericórdia no negro, terminou ali com o negro. Claro, para o negro não falar. Mas, todo mundo sabia, quem foi que mandou matar.

Aí foi que começou a guerra, aí, barbaridade! Tinham muito medo de enfrentar ele, cara a cara, então, mandaram matar ele, a morte do Ripoll foi uma coisa muito sentida, até hoje se fala na morte dele, os antigos falam na morte do Ripoll. Porque mandaram matar o Ripoll? Foi por causa de contratado, pelo pessoal do governo. Ah, foi por motivos de política. O Camilo era chefe da guarda aduaneira, era outro mandador de mortes, ele mandava matar não?<sup>125</sup>

Seu Perseverando, conhecedor dos meandros da política riograndense e nacional, admira a coragem com que o médico enfrentava seus desafetos, que mesmo diante da ameaça velada animava-se com o projeto de publicação de um livro-denúncia,

Ele se tornou um jornalista brilhante, o Ripoll era do Partido Libertador. A parte social do programa do Partido Libertador foi redigida pelo Ripoll. Ele fez a Revolução de 30, junto com Getúlio, o Flores, todo mundo.

Tem aquilo do Ripoll, por exemplo, na verdade foi um crime político, mas com rede de interesse desse comércio ilegal, o contrabando.

Expressão tinha esse grupo oligárquico que havia em Santana, isso sim tinha o monopólio. Por isso que o Ripoll escreveu um livro, sobre o monopólio do contrabando na fronteira, aonde

---

de Rivera, onde mantinha publicação que denunciava as atitudes do governo provisório e segundo seu Perseverando, "para ter liberdade de fazer oposição ao governo".

<sup>125</sup> MENENDES, F. Entrevista citada.

atingia naturalmente o poder [...] Não, ele não chegou a escrever esse livro, claro ele estava preparando o livro, e por ter comunicado que morreu<sup>126</sup>.

As relações de corrupção e convivência do poder estabelecido com as práticas ilegais de comércio eram conhecidas pela comunidade.

O Camilo era o chefe da guarda de repressão ao contrabando, a Alfândega, e era contrabandista. Ligado aos grandes poderosos do contrabando, e tinha esses contrabandistas que viviam só disso, né? Quer dizer que houve um tempo que apagavam a luz da usina para passar os caminhões do contrabando, quando havia qualquer coisa, passavam os caminhões. O Camilo Alves por exemplo, tinha uma fábrica, a Santa Clara, de compota, e nunca fabricou compota nenhuma, ele trazia as compotas de Rivera, mudava o rótulo e mandava embora. No Cassino de Porto Alegre na Exposição de 35, vinha essas compotas de Livramento, a Santa Clara, eu já nem tirava o rótulo mais, tinha episódios assim. E o contrabando de gado então? Se era fazendeiro por exemplo, que internava 6.000 bois, digamos, fortes e ele matava anualmente 30.000. da onde ele tirou? Era do Uruguai, claro, aí ele matava 30.000 anual. (risos) Não era esse contrabandinho de comida, esses sempre foram comuns, era o contrabando grande. Eram os grandes poderosos, eram essa gente, essa gente tinham preços especiais, abasteciam o Armour, com gado uruguaio, claro! 50.000 mil cabeças matou fulano, 30.000 cabeças o beltrano [...] O Camilo era desse outro contrabando, ele tinha uma fazenda lá da família, mas pequena, sem expressão<sup>127</sup>.

Tomou-se possível distinguir diante da abordagem direcionada por Suzana Bleil, aspectos dessa mentalidade fronteiriça, que desfruta de intimidade e desenvoltura com práticas ilegais, como o contrabando, posto que a maioria da população sempre caracterizasse essa atividade livre de reservas morais. Há uma concepção de que comércio e contrabando "são faces de uma mesma atividade"<sup>128</sup>. É recorrente nas memórias de alguns personagens, a importância da atividade como mantenedora da saúde econômica da fronteira.

Miguel Saynun Hijo relembra aspectos do intenso movimento de venda naqueles dias, nas lembranças de uma vida passada no interior da loja de seu pai, que dirigia um poderoso comércio de atacado e varejo situado do lado oriental na linha divisória denominada "*La Gruta Blanca*". O armazém destacava-se na fronteira pela revenda de produtos estrangeiros, especialmente nos anos de 1940, 1950. Mantinha uma linha de produtos uruguaios considerados de alta qualidade, bem como outras especiarias vindas da Europa e do continente americano. Entre os produtos mais procurados, alvo de consumidores que viviam além das fronteiras locais, podia-se ser encontrado as bebidas, os laticínios, os cigarros e os doces uruguaios, além de variados gêneros alimentícios

---

<sup>126</sup> SANTANA, P.F. Entrevista citada.

<sup>127</sup> Idem.

<sup>128</sup> BLEIL DE SOUZA, S. Op. Cit. p.126.

importados. Saynun recorda-se de sua infância, dos bons tempos em que seu comércio era disputado pelas famílias santanenses e alvo de "importações" alheias,

E eu conheci um comandante da Sabaque, nessa época a linha que vinha aqui era a da Sabaque, chamava-se Carta, Comandante Carta, acho que oriundo de Curitiba, mas lembro muito bem dessa pessoa, e lembro bem de outras coisas que vendiam [...] isso que eu to te falando era o *Ballanties*, o *Monk* e o *Old*, esses eram os de combate, saiam sempre! (risos) Se passava assim: a última hora, quando o voô ia *salir*, não sei quantos passageiros levavam nos *avión* da época, vamos dizer levavam 15 passageiro e tinham 10 passageiro- tem cinco passageiro que não vão, que não tão *cubierto*, temos tantos kilos para cubrir *o avión* - viam e chamavam o pai e levavam lá, doce de *durazno*, em *alvinar*, *de la Mercedes*, lembro que era uma delícia, a marca era Mercedes, o tipo, *premiér*, e o doce em *alvinar*, que não tinha no Brasil na época, parece mentira que não tinha! Eu lembro fim de ano, por exemplo, as exposições na vitrine de venda, eram nozes, amêndoas, avelãs, toda *la parte de marisqueria, aceitunas* gregas, que *veniam* em latas enormes, tinham como uma polegada e meia. Então, as bebidas da época, eu lembro que os vinhos eram os *La Colina*, uruguaios, e lembro que nós vendia por livreta, e nossos grandes frêgues, de Livramento que pagavam por mês e que levavam todo esse tipo de *mercaderia* eram Dilney Albornóz, todos *los Albornóz, los Serraltas, los Guerras*, todas *las familias* assim tradicionais e boas se abasteciam dessa *mercaderia en mi casa, en casa de mi padre*. *La Sabaque* então, que era essa empresa de Edu Carta, e eu falava do pêssego, porque o Carta dizia: "mandem tantas dúzias de lata de pêssego", porque tinha lugar no *avión* para levar para Porto Alegre! Importavam tu falou? Contrabandeavam não é, meu anjo, ou levavam e tal. Porque não tinha em essa época pêssego em *alvinar*, pêssego em calda como tem hoje, era, **no Brasil só tinha isso aí. Tinha rapadura, tinha tijolo, tinha goiabada e aqui nós tinha os ovos Kimbo** que vinham importado, e em calda. *Bueno*, depois, tá, hoje tem muita coisa bonita no Brasil<sup>129</sup>.

Em muitas ocasiões, graças a garantia de impunidade proporcionada pelos coniventes agentes das alfândegas, os produtos eram transportados a luz do dia, como testemunhou em certa ocasião, um perplexo Bisso,

Mas aqui houve uma época que o contrabando era muito comum, eu cheguei a ver uma caravana de caminhão, de dia, que passou pra cá, e se foi embora por essa rua Tamandaré, donde pára os ônibus ali. Se foi embora, não sei donde ia aquilo. Vinham de Rivera, passaram pela Aduana do Uruguai, baxaram pela Usina velha nossa e depois iam embora. Os chefes do contrabando iam na frente (risos)<sup>130</sup>.

Em algumas ocasiões, no entanto, o combate ao contrabando acentuava-se. Nas décadas de 1920 e 1930, o controle aduaneiro uruguaio caracterizou-se pelo rigor de suas ações. Embora fosse cíclica, a intervenção policial, constrangia e prejudicava a população da fronteira. Assim, constantemente a vigilância recaía sobre os cidadãos, acostumados a rotina de atravessar a fronteira para comprar gêneros alimentícios: produtos importados ou de notável qualidade, no Uruguai, e açúcar, café, cachaça e doces populares, no lado brasileiro.

---

<sup>129</sup> SAYNUN HIJO, M. Entrevista citada. Os grifos são meus. Através da fala deste personagem, carregada de forte sotaque portuñol, verifica-se o fervor dos nacionalismos que muitas vezes pautam as relações fronteiriças.

<sup>130</sup> BISSO, H. Entrevista citada.

Aqui em Santana houve uma época que *inté* um vidro pra uma janela que se trazia tomavam, por que me tomaram de mim,. Porque era contrabando naqueles anos, não podiam passar e os guardas cumpriam ordem. Me pegaram e me levaram pra Alfândega e me tomaram o vidro, mas isso faz como oitenta anos atrás. Não!, era proibido trazer de lá né (risos) Não era a polícia, era a guarda municipal da Alfândega, daqui de Santana, eu ia comprar lá, o meu pai tinha uma marceneria e às vezes precisava de algo, me mandou buscar um vidro, me tomaram, era um vidro só!<sup>131</sup>

A fiscalização rigorosa, entretanto, não comprometia o estoque dos pequenos comerciantes informais santanenses, acostumados a adquirir produtos de qualidade do outro lado da fronteira. Impunes, seja pela cooptação da fiscalização, seja pela audácia de suas ações, usualmente compravam toda sorte de pequenas mercadorias para o comércio estabelecido, destinados a um seleto grupo de exigentes consumidores brasileiros,

Morava um senhor de nome Chico Couto, chamavam ele, gordo, trabalhava também com contrabando, comprava coisa de Rivera e vinha vender aqui. Sim, ele comprava queijo, essas coisas e vendia pro comércio daqui<sup>132</sup>.

No entanto, a repressão a prática do contrabando pelas autoridades alfandegárias na região tornou-se problemática para a comunidade fronteiriça. Os hábitos e costumes do cotidiano da região, como a compra de gêneros alimentícios para o consumo doméstico, conhecido como contrabando formiga, sempre foi considerada uma prática lícita entre seus habitantes. A proibição a esses costumes demandaria uma ruptura brusca com os valores locais.<sup>133</sup> Para a comunidade fronteiriça, a prática do contrabando pode ser entendida como uma forma cotidiana de resistência<sup>134</sup>. A questão, quando tratada no âmbito nacional, esvaziou-se, talvez pela complexidade como o tema se insere no cotidiano da comunidade fronteiriça. Já durante o regime imperial, o político Silveira Martins soube traduzir o dilema da prática do contrabando na região. Na tribuna, dissertando sobre as dificuldades e a impotência do governo no combate ao comércio ilegal proferiu certa vez, em referência as mercadorias clandestinas que entravam do

---

<sup>131</sup> BISSO, H. Entrevista citada.

<sup>132</sup> Idem.

<sup>133</sup> A declaração feita por Rui Barbosa na qual comparava o contrabando praticado na região com o chamado crime da moeda falsa, gerou indignação entre a população fronteiriça. A prática do contrabando formiga pode ser entendida dentro de uma ótica de subsistência praticada pelos indivíduos pobres e da camada média do meio rural e urbano, estando imbricada no histórico cultural daquela região. Segundo Susana Blail, nesse caso, a ação do Estado Nacional parece diluir-se diante da rede de sociabilidade que a protege, criando uma ética própria para esse caso, semelhante aos episódios de economia moral das multidões, investigados por Edward Paul Thompson.

<sup>134</sup> Observando-se que com a aquisição dos produtos de primeira necessidade, acontece a troca entre os dois lados, as duas nações. A fronteira pode fechar-se ou abrir-se em junção das soberanias nacionais, entetanto,

Uruguai - "Se o exército brasileiro fosse estendido em linha e de mãos dadas, mesmo assim a mercadoria entraria por entre as pernas dos soldados"- dada a falta de controle e corrupção que envolviam os setores competentes à fiscalização alfandegária na fronteira<sup>135</sup>.

### **1.8- A cena boêmia-**

Contudo, à parte da vida agitada do contrabando, seu Bisso gostava mesmo era de compartilhar com seus companheiros da divertida cena boêmia da fronteira. Esse personagem por muitos anos manteve com outros colegas de profissão, alfaiates e pequenos comerciantes, uma orquestra mista, composta entre dez integrantes brasileiros e uruguaios. Logo após o término do expediente, os rapazes deixavam seu ofício para descansar em seus lares. Logo mais, à noite, por volta da onze horas, meia noite, os músicos reuniam-se e como acontece em uma procissão, caminhavam à procura de residências e comércios (para beberem sua dose de vinho do porto) que apoiassem sua divertida visita e assim alegrar as famílias com seu variado repertório. Depois, decerto saíam visitando os Cabarés- Cassinos de sua preferência e de seu poder aquisitivo .

Constituindo-se em forte apelo ao lazer fronteiro entre os anos 1920 e 1930, as serenatas eram populares na região. Realizadas em locais públicos e clubes da cidade, eram também nas residências rurais uma alternativa de sociabilidade para os integrantes dessa comunidade, da região da campanha. Assim, as serenatas afluíam nas residências familiares, repartições públicas, cafés, bares, e, claro, nas ruas da fronteira.

Através das lembranças desse boêmio podemos constatar uma efervescente confluência cultural. Observa-se pela fala de Seu Bisso, que brasileiros e uruguaios dividiam os mesmos espaços de sociabilidade.

Sempre manteve sua barbearia no mesmo local - uma rua paralela à principal em Santana, a duas quadras do Parque Internacional, próximo aos centros de lazer das duas comunidades. Mesmo com a idade avançada, esse personagem mantém um diálogo vigoroso com suas lembranças, que são minuciosamente revividas enquanto as relata. Na busca pelas

---

a percepção que riverenses e santanenses possuem do Estado Nacional carrega singularidades, assim a questão do Estado Nacional parece diluir-se nessa comunidade da fronteira .

<sup>135</sup> BITENCOURT, C.C. Op.Cit. p. 174.

emoções vivenciadas naqueles anos, surgem às cenas da morena vistosa comprometida com o chefe da Alfândega, e que mesmo assim enamorou-se dela quando solteiro, expondo-se ao perigoso desenlace dessa ousadia. Recorda do companheiro de serenatas que lhe emprestou uma arma para se defender, sem ele nunca ter dado um tiro! Diverte-se apresentando as características físicas e os milagrosos dotes culinários de Don Godoy, o cozinheiro uruguaio, seu amigo, responsável pelo requintado serviço do Cabaré Internacional. Contudo, o cozinheiro também podia lhe servir um singelo prato composto de bife com batatas fritas não importando o adiantado da hora.

Mas o que mais tinha gosto em assistir eram as apresentações dos números musicais, não deixava de admirar nenhum,

Ah, tinha orquestra mui boa, mui boas. Teve um o *Mejon Escalada*, era espanhol, era o chefe da orquestra, tinha uma orquestra, tocava no cabaré depois foi dono do cabaré também, tá sepultado aí.(melancólico) Ele tocava de tudo não? tango, valsa. O pessoal sentava assim numa mesa, e pedia cerveja, podia até pedir comida porque vinha. Tinha até cozinheiro, o que tu quisesse tu pedia, se tu podia pagar né? (risos) Eu, muitas vezes me sentei na mesa e eu dizia: " Godoy, *hagame* um bife *bien* gostoso eh " (risos) e vinha. E os bifês não eram de carne braba, eram de carne boas! E as mulheres tomavam de tudo o que viesse, porque elas eram pagas pra isso, pra fazer gastarem não? Se sentavam numa mesa com um velho de dinheiro e *impeçavam* a pedir de tudo né? (risos) tinham que pagar, o trabalho delas era esse né!<sup>136</sup>

Curioso observar a direção do olhar de Seu Bisso, que não se movimenta em direção ao interlocutor, mas procura aquele outro tempo. Verifica-se no personagem similaridades aos sujeitos retratados no estudo de Ecléia Bosi, quando estudou os mecanismos da memória. Então, quando a memória individual "fala", geralmente, é através de um corpo alquebrado, dedos trêmulos, espinha torta, coração acelerado, as cicatrizes, a íris apagada, quase sempre são uma tarefa, uma paciente reconstituição, entretanto existe no sujeito "plena consciência de que esta realizando uma tarefa"<sup>137</sup>.

Os cassinos da região, O Cabaret Cassino Internacional e o Cabaret Caverna, nesse momento despontam como as grandes vedetes da fronteira, seu cartão de visita, denunciando sua circularidade cultural, pois transitava entre eles um variado público de todos os segmentos daquela sociedade.

O Cassino Internacional, do lado brasileiro, recebia um diversificado público, proveniente de cidades uruguaias, principalmente de Montevidéo, e de outros lugares do Brasil para olhar a noite, com seus variados números. Apresentavam-se as companhias

---

<sup>136</sup> BISSO, H. Entrevista citada.

<sup>137</sup> BOSI, E. Op. Cit. p. 39

teatrais européias e do continente Americano, famosos grupos que por ali passavam, em deslocamento para outras capitais brasileiras, vindas através da Argentina e Uruguai. Assim, abrilhantavam a noite em casas que as ofereciam, para quem pudesse pagar por um espetáculo inesquecível.<sup>138</sup>

Conforme Seu Bisso:

Vinham de tudo que era lado, vinham companhias de revista de Cuba, vinham trabalhar aqui, porque tinham cabarés [...] Não, a Tosca era ali de construção onde está a usina velha[...]Não, ali até o Flores da Cunha, o governador, porque ali era jogo, tinha tudo que cuidasse de jogo, como roleta, monte, bacará, jaguru [...] e o Flores jogava muito era roleta. Amanhecia, e quando ele perdia, não podiam fechar o cabaré, tinham que seguir dando bola pra ver se ele se *desquitava*, ele não deixava fechar. Agora, se ele não se desquitava, ele vinha de noite de novo, amanhecia aí. Muita gente diz: - Ah, o Flores da Cunha! O Flores da Cunha era um índio igual a qualquer um outro!  
A cidade era boa, eu conheci a cidade com duas ruas [...] eu tô com 100 anos! Aqui nesta rua era tudo carrapicho<sup>139</sup>.

Ao transmitir as lembranças das pessoas dessa comunidade, observamos emergir dois tipos de narradores, conforme analisados por Walter Benjamin: o observador que vem de fora e narra suas viagens e o que ficou e conhece sua terra, seus conterrâneos e de cujo passado está impregnado.

Seu Bisso, sem dúvida é o narrador-personagem que vence as distâncias no espaço e volta para contar suas aventuras, num lugar onde essas aventuras possuem um significado real. Seu Bisso apresenta uma característica de narrativa quando iguala-se a arte da narração, pois ela não está confinada nos livros, seu veio épico é oral. O narrador tira o que narra da própria experiência e transforma em experiência dos que escutam<sup>140</sup>.

Na quietude do interior de seu lar, distante da rua lá fora, distante do movimento intenso de pedestres e automóveis, e longe dos elementos que caracterizaram esta nova cidade, Seu Bisso sentia-se na necessidade de narrar suas vivências para alguém que as pusesse a público para esta nova comunidade. Tornava-se necessário dialogar com um interlocutor que ouvisse sua história. Contar com a cumplicidade de alguém para mostrar a face daquela outra cidade, mostrar como ela havia se desenvolvido, tornado-se efervescente, boêmia e mesmo violenta, naqueles anos. Até se transformar nessa Santana de

---

<sup>138</sup> A apresentação da cantora lírica Bidu Sayão em Santana do Livramento, no Clube Caixerai, considerada pela crítica como a melhor cantora lírica de todos os tempos inscreve-se nesse caso. Provalmente a artista encontrava-se de passagem pela cidade após alguma apresentação na capital gaúcha. Tendo em vista que a soprano se deslocava para uma capital do Prata, como faziam muitas companhias artísticas.

<sup>139</sup> BISSO, H. Entrevista citada.

hoje, onde não há mais diversão, não existem mais os bailes e as orquestras do passado, onde tudo acabou-se, os lugares perderam-se no tempo, "todos se foram!". Sua narrativa está impregnada pela experiência do passar dos anos, "sua lição ele extraiu da própria dor, sua dignidade é contá-la até o fim, sem medo."<sup>141</sup> Faz-se pertinente dividir a reflexão de Ecléia Bosi sobre o narrador, onde "a arte de narrar é a relação alma, olho, mão: assim transforma o narrador a sua matéria, a vida humana".

Na fronteira, nos final dos anos vinte e início da década de trinta, os saraus literários constituíram-se em opções de lazer das famílias mais abastadas, expondo algumas transformações adquiridas pela sociabilidade feminina,

As mulheres ganham maior visibilidade no espaço urbano, participando de rodas sociais, organizando saraus literários, nas classes mais privilegiadas, ou trabalhando, vendendo flores e cigarros, nos setores mais pobres<sup>142</sup>.

Em Santana, dava-se de maneira semelhante às "reuniões sociais européias"- uma moça iniciada em música clássica tocava ao piano peças de compositores consagrados, como Strauss, Chopin, Mozart, enquanto outros jovens do grupo recitavam poesias, monólogos e apresentavam esquetes teatrais<sup>143</sup>.

As recordações de Elpydia Martins Dutra, Dona Pydia, pecuarista, que foi no passado uma ativa agitadora cultural e mais tarde presidente do Círculo das Mulheres de Santana, transporta o olhar para esse período, onde realizavam-se reuniões desse gênero nas casas de famílias em Santana e algumas vezes em Rivera<sup>144</sup>. Eventos que por vezes reuniam "duzentas e poucas pessoas" conforme lembra Dona Pydia. Outras alternativas de lazer para as famílias ricas da fronteira desenrolavam-se nos salões dos clubes e cassinos, segundo rememora Dona Pydia:

O clubes realizavam muitos bailes bons, no Clube Caixerai os conjuntos tocavam tango, rancheira, valsa, chotes, ragtaime, que é uma mistura de chote e vaneira, era bom, tu sabe, sempre tinha um grande número de público, mulheres bem vestidas, bem perfumadas, eu me lembro de quando a Bidu Sayão se apresentou no Clube Caixerai. Os bailes nos clubes eram uma vez no mês, nos outros dias se davam os assaltos. Os carros de aluguel eram puxados a cavalo! As moças bebiam gasosa e os homens cerveja e vinho. Mas as moças nunca iam sozinhas nas festa, iam acompanhadas pelos pais ou amigos<sup>145</sup>.

---

<sup>140</sup> BENJAMIN, W. Citado por BOSI, Op. Cit. p. 84, 85.

<sup>141</sup> BOSI, Op. Cit. p. 90.

<sup>142</sup> RAGO, M. Os Prazeres da Noite. Prostituição e códigos de sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. p 54.

<sup>143</sup> RAGO, M. Op. Cit.

<sup>144</sup> MARTINS, Elpydia Dutra. 107 anos. Entrevista concedida a Liane C. Aseff. Santana do Livramento, 15.07.2004.

<sup>145</sup> Idem.

A apresentação da soprano Bidu Sayão em terras fronteiriças era realmente uma promoção extraordinária para a cena cultural da região naquele momento. A artista, uma verdadeira celebridade lírica, constantemente apresentava-se no circuito europeu e norte-americano, e mesmo que de passagem, encontrou um espaço em sua concorrida agenda para esse espetáculo nesta cidade de fronteira do Rio Grande do Sul! Ao longo de sua carreira Bidu conviveu e trabalhou com as grandes personalidades artísticas do século XXI, como o maestro Arturo Toscanini, que a chamava de “*la piccola brasiliana*”, Maria Callas, Carmem Miranda, a pianista brasileira Guiomar Novaes, além de ser considerada musa e intérprete predileta do maestro Villa Lobos, especialmente para a Bachiana nº 5, das Bachianas Brasileiras.<sup>146</sup>

Contudo esse episódio serve para mostrar a intensidade da conexão que Santana mantinha com o eixo cultural do Prata. Os espaços de sociabilidade entre uruguaios e brasileiros, no entanto, caracterizavam-se por uma peculiar homogeneidade. Os bailes de clubes sociais da cidade, tinham frequência de um público de endinheirados e estavam restritos a uma só nacionalidade. Também essa característica era percebida nos recitais dos conservatórios musicais, nas formaturas dos colégios religiosos e especialmente *footing* praticado pela juventude na praça central. Entretanto, em determinadas festividades e eventos, podia-se observar um público miscigenado. Os estádios de futebol, o circo, o cassino, algumas casas de espetáculos e as festividades camavalescas onde incluía o desfile dos corsos, consistiam em atividades que misturava a população santanense e riverense, embora, em algumas ocasiões aflorassem alguns conflitos nacionalistas e diferenças culturais<sup>147</sup>.

Santana do Livramento, em meados dos anos 1930, contava com um refinado café, onde circulava as famílias da classe pecuarista e de comerciantes, composta de alguns imigrantes espanhóis e italianos da região. Um deles, o Café e Confeitaria Ponto *Chic*, como insinua o nome, manteve-se por muito tempo como o local de encontro dessa classe

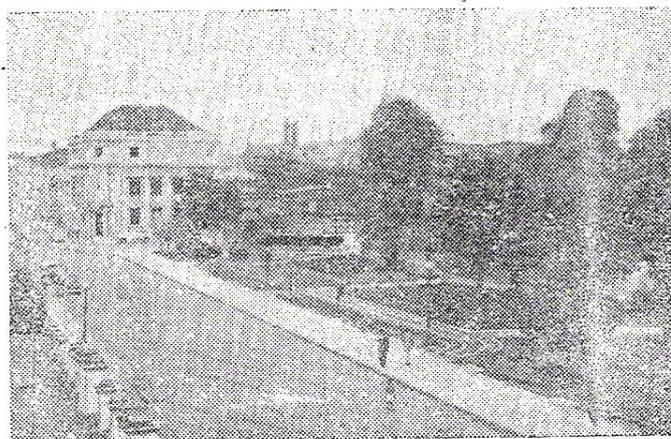
---

<sup>146</sup> Para uma breve biografia de Bidu Sayão, ver sítio [www. saopauloimagem data.com.br](http://www.saopauloimagemdata.com.br)

<sup>147</sup> Tornou-se possível verificar o espaço dessas festividades e dos lugares que propiciavam encontro das duas comunidades, devido às publicações de memorialistas existentes na região, especialmente dos riverenses Hipólito Zas Recarey, Waldemar Rodrigues Navarro, Hugo de Léon e Júlio Fernandez Miranda. Sobre as festas em Santana, a escassa literatura sobre esse tema, à exceção do memorialista Cirino Carvalho Bitencourt, encaminhou a investigação à busca de fontes escritas, como os jornais que circularam no período e a memória oral dos contemporâneos daquela época.

social. Localizado na praça central da cidade, em seu entorno desenrolou-se a cena cultural e política da época, pois ali estava a sede do governo municipal, o prédio da Igreja Matriz assim como as casas culturais daquele momento, o Theatro Sete de Setembro, as confeitarias, farmácias e mais tarde, nos anos 1950, o cinema.

Pode-se verificar o prestígio dado a esse logradouro público, nessa imagem, publicada no jornal O Republicano, em dezembro de 1947. Embora os passeios cultivados ao redor da Praça General Osório pela comunidade já estivessem no final, o periódico procurava eternizar a imagem do lazer santanense.



Vista da Praça General Osório, 1947. Fonte- O Republicano.

Seu José Sanz, filho do antigo proprietário espanhol do Ponto *Chic*, relembra sua infância vivida por entre as mesas e calçadas do café, onde seus assíduos frequentadores escutavam boa música no interior e mesmo no meio da rua:

Tinha no fundo do salão, um palco, onde se entrava por uma escadinha e ali tocaram diversas orquestras, que vinha de passagem do Brasil para o Uruguai, ou vice-versa, mais tocaram no apogeu do café [...] Inclusive botavam na frente um tablado de madeira, com mesas que vinham da ponta do café, até a esquina, e nessa época o *footing*, como era chamado, era feito ao redor da Praça General Osório, então a frequência do café era feita pela elite dos rapazes que também faziam o *footing* na praça<sup>148</sup>.

O Café Ponto *Chic* tinha nos consumidores endinheirados sua principal clientela, não impedindo porém o convívio com clientes de escasso poder aquisitivo. Muitos trabalhadores da construção civil, comerciários e moradores do interior do

---

<sup>148</sup> SANZ, J. A. G. Entrevista citada.

município, pouco afeitos aos modismos emergentes ou aos lançamentos cinematográficos também participavam dessa eclética cena do *footing*.

Essa parcela da outra população, geralmente esquecida da historiografia fronteiriça, fazia-se presente, determinada a usufruir do lazer, dividir com aquela gente rica os espaços de sociabilidade que a cidade oferecia. Longe das bebidas caras ou dos variados salgados, doces e confeitados expostos artesanalmente na vitrine da confeitaria, a diversão consistia em passear em volta da praça. Afinal, faziam parte daquela comunidade, podendo participar da assediada cena do *footing*. Assim, na praça concentrava-se uma população diversificada de trabalhadores que impunham sua presença diante daquela seleta sociedade, conservadora, e de bem nascidos, conforme indícios deixados através da memória oral entre os contemporâneos do período.

Virginia Severo Apoitia, viveu sua infância em um distrito do interior de Santana, porém quando recorda-se das diversões que fizeram parte de seu cotidiano, apressa-se em destacar o inesquecível passeio do *footing*, praticado na praça central, assim também entrelaçado em suas lembranças aparece o Café Ponto *Chic*, cenários do lazer santanense daquela época:

ali vendiam chopp, tinha o seu Terêncio um moreno velho que trabalhou muitos anos com eles, parece que eles eram espanhol, o seu Terêncio era o gerente dali, moreno. Tinha essas coisas de café, como vou te dizer, salgadinho, confeitaria essas coisas, o chopp vendiam chopp de copo, era uns caneco pesado assim de louça com as alça, com o Eustáquio eu fui muitas vezes por lá. Já era meu namorado, eu ia no cinema Colombo, nós ia no Ponto Chic depois ia pro cinema (risos). Isso era cedo assim, às vezes de tarde, Domingo tinha matiné, final de semana. Dos filmes eu não me lembro (risos)<sup>149</sup>.

Assim como numa colcha de retalhos, os moradores dessa fronteira buscam rememorar sua juventude através dos lugares que visitaram, das cenas pitorescas que viveram e que preenchem o universo de suas recordações. O passado é vivenciado como uma outra época, perseguido constantemente nas lembranças e de uma outra cidade. O narrador é o memorizador das camadas do passado, “o que tem acesso e pode reter objetos que são significativos dentro de um tesouro comum”<sup>150</sup>. Ao dividirem com o historiador suas lembranças, encontram-se diante de uma situação que Ecléia Bosi conclui como "a de deixar de

---

<sup>149</sup> APOITIA, Virginia Severo. 74 anos. Entrevista concedida a Liane C. Aseff. Santana do Livramento, 18.01.2005.

<sup>150</sup> BOSI. Op. Cit. p. 413.

ser por momentos os visionários da cidade antiga que só existia em nós e que de repente, ganha a sanção de uma testemunha, passa a ser uma lembrança coletiva, uma realidade social<sup>151</sup>.

Outros espaços da sociabilidade fronteiriça concentravam-se nas partidas de futebol, nos bailes dos clubes sociais e nas variadas sessões das muitas salas de cinema existentes na região. Essas atrações eram concorridas no final da década de 1940 e início do anos 1950, como vislumbra-se no próximo capítulo. Antonio Apoitia Neto, debruça-se com prazer sobre as memórias de sua juventude:

Olha, eu estudava de noite, não tinha muita opção de lazer, eu trabalhava durante o dia, eu trabalho desde os 14 anos de idade, né, eu trabalhava, e de noite ia para o colégio, fiz ginásio e curso de contabilidade, fiz faculdade tudo de noite! Então meu contato era com aquela juventude que trabalhava.

O lazer era aos domingos, futebol, ir a campo de futebol! Sábado era festa, era baile, havia muito baile, e o cinema. Porque não havia televisão e o cinema era a diversão de toda a população, e filmes de melhor qualidade do que os de hoje. Era preto e branco [...]<sup>152</sup>

O fenômeno provocado pela proliferação das diversas salas de cinema espalhadas na fronteira, particularmente entre as décadas de 1940 e de 1950, demonstrou uma confluência cultural com os vizinhos uruguaios. Nesses espaços encontravam-se jovens empregadas domésticas, meretrizes, estudantes, membros de famílias tradicionais, assim como os operários das diversas fábricas existente na fronteira naquele período. Os filmes, principalmente os brasileiros, movimentavam as bilheterias dos cinemas no país. Uma produção de filmes direcionada para um público predominantemente popular emerge nessas décadas.

Entre as décadas de quarenta e cinquenta, verifica-se uma profusão de anúncios nos periódicos que exibiam diariamente a programação de filmes nos cinemas, demonstra a afeição da população pela emergente atração. Na região, neste momento, o cinema impõem-se como uma distração popular, dada a sua intensa procura. Os jornais *A Platéia* e *Folha Popular* anunciam a programação diária dos cinemas santanenses, *Internacional* e *Colombo* como também as sinopses dos filmes em cartaz nas salas do cinema *Avenida, Rex, America e Astral*, em Rivera.

---

<sup>151</sup> Bosi orienta sua reflexão dentro da perspectiva de Maurice Halbwachs, a qual cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva. Op. Cit. p. 413.

<sup>152</sup> APOITIA NETO, Antonio. 69 anos. Entrevista concedida a Liane C. Aseff. Santana do Livramento, 15.01.2004.

## 1.9- A diversidade econômica

A ascendente dinâmica sócio econômica imposta a região naquele momento, possibilitava uma movimentação das camadas sociais naquela sociedade tradicionalmente conservadora e excludente<sup>153</sup>. Torna-se possível encontrar um indício do vigor dessa economia fronteiriça, diante dos dados comparativos da população santanense no período relativo ao decênio dos anos 1940 à 1950<sup>154</sup>.

Conforme os números apresentados na sinopse do IBGE, a cidade de Santana do Livramento acolhia na década de 1940 uma população urbana de 26.995 habitantes, contando ainda com 20.419 pessoas vivendo no interior do município. Na década de 1950, acontece uma tímida elevação desses dados, passando para 30.113 habitantes usufruindo da vida na cidade. O início na movimentação da população rural em direção à cidade parece tomar vulto, pois apenas 18.411 vivem no campo nesse período. Entretanto, na década de 1960 essas informações adquirem uma leitura distinta, como uma provável estabilidade no êxodo rural e um aumento na população urbana. Assim, nessa década Santana registrava 38.303 habitantes urbanos, e 17.601 vivendo no campo<sup>155</sup>.

Para esse abrigar esse contingente populacional a região mantinha em funcionamento duas Estações Ferroviárias. A empresa concessionária inglesa *Ferrocarril Central del Uruguay*, no lado oriental, era a mais antiga, funcionando desde 1892. A ferrovia do lado brasileiro somente iria funcionar no ano de 1910, através da concessionária francesa *Companie Auxiliaire des Chemin de Fer au Brésil*, provavelmente para escoar a produção das antigas charqueadas e posteriores Frigoríficos para os portos de Montevideu ou Buenos Aires<sup>156</sup>. A importância dessas ferrovias para a região, no entanto, não se restringia somente a economia, mas prestava inestimáveis serviços ao lazer dos

---

<sup>153</sup> Tornou-se possível verificar os dados referentes ao crescimento econômico da região através da produção histórica construída por Caggiani; também o trabalho de Vera L.P. Albornoz sobre o Frigorífico Armour reforçou a análise desse historiador. No ano de 1937 o Frigorífico Armour "constituía 85% do capital instalado em Livramento e empregava 82% do operariado local" In ALBORNOZ, V.L.P., Op. Cit. p. 148. Conforme gráfico publicado pelo estudo de Vera Albornoz, a cidade de Santana, em 1910 contava com uma população de 36.600 habitantes.

<sup>154</sup> Fonte: IBGE -Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- SC. Segundo o IBGE, os dados referentes ao senso demográfico anteriores 1940 avaliavam somente a população das capitais e do estado. Entretanto, no ano de 1930 o IBGE, não teve possibilidades de realizar a pesquisa do senso demográfico, pela eclosão da revolução de 30 no estado.

<sup>155</sup> IBGE, Op. Cit.

<sup>156</sup> ALBORNOZ, V.L.P. Op. Cit. p. 75.

fronteiriços, transportando as companhias artísticas que por ali passavam, vindas das temporadas nas metrópoles do Prata<sup>157</sup>.

A cidade contava com um parque industrial diversificado, embora as indústrias de maior porte se encontrassem no setor de carnes e couro<sup>158</sup>.

O Frigorífico Swift Armour foi fundado em 1917 por um grupo de empresários de Chicago (EUA), e por muito tempo manteve-se como um dos maiores da América do Sul. Sua principal atividade consistia na exportação de carnes bovinas e suínas e seus derivados enlatados para os mercados estrangeiros<sup>159</sup>. Em 1973, quando o frigorífico ainda mantinha-se como grande exportador, seus produtos eram comercializados para vinte e seis países, incluindo Estados Unidos e os principais mercados da Europa e Ásia<sup>160</sup>.

O Armour, como é conhecido pela maioria da população da região, em tempos de abundante produção chegou a manter em seus quadros uma população de até 3 mil operários. Desde sua fundação, muitos trabalhadores migravam de outras regiões do estado para concorrerem a uma vaga no disputado frigorífico.

No início da década de 1940, Santana contava com "50 indústrias, com 2.757 operários trabalhando no setor secundário da economia", contando que desses, 2.360 estavam alistados nas frentes de trabalho do Frigorífico Armour<sup>161</sup>. Essa indústria mantinha largo vigor econômico naquela região, mantendo uma grande influência política na fronteira.

---

<sup>157</sup> Idem, Op. Cit. p. 116.

<sup>158</sup> "Sant'Ana do Livramento, uma história de 150 anos. Um dia uma terra, uma epopéia" in Revista Ilustrada/EFINTER-73. Sant'Ana do Livramento, Gráfica A Platéia, 1973, p. 109.

<sup>159</sup> Revista Ilustrada, Op. Cit. p 52. Conforme informações dessa publicação comemorativa, nesse momento a Companhia Armour mantinha uma estabilidade em seu número de empregados, possuindo nesse ano 3.600 funcionários no período considerado de atividades normais, ou de safra. p. 110.

<sup>160</sup> BUONOCORE, L. (org) Álbum Histórico em homenagem ao cinquentenário da Associação Rural. Sant'Ana do Livramento, A Platéia, 1969, p.163. Conforme informa a publicação, nesse ano o Frigorífico Armour "abate em média 750 cabeças de bovinos diárias, sua capacidade, todavia, é de 200 bovinos hora e 300 ovinos. A capacidade de estocagem é de 3.500 toneladas[...] a produção de conserva sua capacidade é a seguinte: 4 linhas para a carne bovina em conserva de 3.000 latas por hora. 1 linha para roast beef para 2000 latas por hora, 1 linha de produção de linhas em conserva, com capacidade para 1000 latas por hora; possui ainda instalações para produção de extrato, carne cozida congelada e instalações para elaboração de gorduras comestíveis, não comestíveis, farinha de sangue, de carne e de ossos, couros e tripas. Embora o Frigorífico tivesse produção gigantesca, como indicaram esses dados, mantendo em seus quadros um número expressivo de operários, o fenômeno do relacionamento da empresa e seus trabalhadores carece de uma investigação aprofundada, não sendo o foco deste estudo.

<sup>161</sup> ALBORNOZ, V.L.P. Op. Cit. p. 111.

Para o comércio das cidades de Santana e Rivera, essa indústria proporcionou uma série de benefícios, pois seus operários mantinham um salário superior a média de pagamentos das outras empresas do setor,

O Frigorífico Armour trouxe um inusitado progresso para as cidades fronteiriças. Além dos salários pagos aos seus funcionários, que eram altos, capitalizou os estancieiros, valorizando sua matéria prima. Também o comércio revitalizou-se, com a injeção de dinheiro que a indústria trouxe ao município[...] Em setembro de 1930, o prefeito acertou com a Companhia Armour um empréstimo de 157.894 dólares, pagável em dez anos, com juros de 8% ao ano. Esse dinheiro destinava-se a custear as despesas para o calçamento asfáltico da cidade<sup>162</sup>.

Mesmo pagando um salário acima da média a seu funcionalismo e constituindo boas relações com as instituições públicas e políticas locais, o Frigorífico Armour, mantinha entre a comunidade operária a fama de todo poderoso e de perseguições aos funcionários que estavam articulados com o movimento sindical. No ano de 1950, quando ocorre a morte violenta de quatro trabalhadores vinculados ao Partido Comunista, que estavam executando algumas pizações no Parque Internacional, algumas fontes e a imprensa oposicionista vai acusar a Companhia de manter associação com os mandantes da truculência militar<sup>163</sup>.

Outras indústrias, como as cooperativas de carnes e de beneficiamento de lãs participavam da atividade econômica na cidade juntamente com o Frigorífico Armour. Constituída desde 1920, como barraca de frutos e beneficiamento de lã com outras denominações comerciais, a empresa da família Albornoz transforma sua razão social em 1962 para Lanificio do Rio Grande do Sul Thomas Albornóz. Essa nova indústria de lãs também garantiria a ampliação da classe operária no município<sup>164</sup>.

O Lanificio mantinha um tipo política social para com seus empregados<sup>165</sup>. Recrutando os candidatos do meio local, assegurava capacitação para as funções dando treinamento para a maioria deles, adquirindo assim mão de obra qualificada. Essa indústria,

---

<sup>162</sup> Ibidem, p. 111.

<sup>163</sup> As reflexões sobre essa chacina encontram-se expostas no terceiro capítulo.

<sup>164</sup> Revista Ilustrada/EFINTER, Op.Cit. p. 62. O Lanificio mantinha em seus quadros cerca de 380 funcionários permanentes, contrastando com o Frigorífico Armour, o qual possuía grande número de operários apenas nos períodos de safra.

<sup>165</sup> Idem, p. 61. Diante dos dados otimistas apontados, nesse período a empresa possuía cerca de "5,6% dos empregados da empresa concluiu ou está concluindo a escola superior. 7,4% têm formação de segundo ciclo. 24% tem nível ginasial e 54% atingiu o nível primário [...] ademais de outras tantas e diversas colaborações, ao cotidiano, são prestadas á instituições culturais e educacionais locais". O Lanificio caracterizou-se pelo fato de ser "a primeira indústria gaúcha a beneficiar a lã na própria região produtora, sendo o maior comprador nacional dessa fibra "nobre", como apontava a revista. p. 63.

estabelecera-se no mercado laneiro internacional devido a exportação de seu principal produto, o *tops* de lã. Para tanto, o Lanificio mantinha um laboratório de controle de qualidade<sup>166</sup>.

No entanto, mesmo mantendo sua qualidade tecnológica e esmerada capacitação profissional protagonizou algumas disputas entre a classe operária da região. Assim, no imaginário da classe de trabalhadores de Santana, impõe-se uma contenda entre funcionários do Lanificio e operários do Armour<sup>167</sup>.

No ano de 1944, incentivados pelas considerações do Ministro da Agricultura e Secretário de Agricultura do RS e pela crise imposta a pecuária estadual, os produtores rurais santanenses constituem a Cooperativa Regional Santanense de Lãs-COLÃS, com o objetivo de defender a produção agro-pecuária da região das constantes instabilidades do setor. Embora essa cooperativa fosse domínio predominantemente da classe ruralista santanense, empregava alguns trabalhadores da cidade e do interior do município.

Outra indústria cooperativa também emerge nos primeiros anos da década de quarenta. No ano de 1944, através da iniciativa de um grupo de ruralistas, membros da Associação Rural de Santana do Livramento, inaugura-se a Cooperativa Santanense de Carnes e Derivados Ltda. - Frigorífico e Charqueada São Paulo, situada próxima ao bairro industrial do Frigorífico Armour. A emergente indústria comercializava carnes congeladas, charque, sebo industrial, graxa comestíveis, farinha de osso, assim como carne, sangue e conservas alimentícias, fazendo a concorrência com alguns produtos do seu vizinho, o Armour. Diante desse quadro de ascensão das cooperativas e a urgência na organização dos produtores rurais locais, observa-se um possível descontentamento dessa classe sobre o monopólio econômico que há mais de duas décadas o Frigorífico Armour mantinha na região.

---

<sup>166</sup> Álbum Histórico, Op. Cit. p. 65.

<sup>167</sup> Segundo relatos de Dirceu Carneiro, membro de uma família de funcionários do Armour, nascido e criado no interior de seu parque industrial e por muitos anos funcionário do período de safra do Frigorífico. Existia certo preconceito entre a classe operária da cidade, pois segundo ele, "os operários do Armour era sindicalizados, ganhavam bem, mas era por tempo de safra, nós era bruto; os trabalhadores do Lanificio eram pelêgo, estudados e sempre tinham emprego". A diferença acentua-se no final dos anos 60, distanciando-se do recorte temporal proposto nesta investigação.

Assim nessa publicidade de 1969, pôde-se verificar indícios de um discurso de oposição a essa política, quando os cooperativados apresentam o parque industrial da Charqueada São Paulo,

Na paisagem de Sant'Ana do Livramento, tão cheia de marcos e símbolos surgidos na originalidade de sua construção, hoje em dia se destaca com maior relevo a planta industrial da COOPERATIVA SANTANENSE DE CARNES E DERIVADOS LTDA.

Êsse magestoso conjunto arquitetônico é apenas uma das muitas obras contruídas pelos cooperativados santanenses.<sup>168</sup>

A fronteira fazia-se representar na economia estadual através da Cervejaria Concórdia, de Gazapina e Irmãos, fundada desde 1908 por uma família de imigrantes italianos<sup>169</sup>.

A Cervejaria Gazapina empregava dezenas de trabalhadores, entre eles muitos imigrantes italianos e espanhóis. Entre os anos 1920 e o final da década de 1960 construiu uma marca reconhecida nos principais mercados de bebidas do Estado e região fronteiriça.

As indústrias facilitaram uma mobilidade social entre os trabalhadores daquela localidade, mesmo que para poucos fosse permitido o consumo das novas tecnologias. Nos anos cinquenta, com a popularização dos eletrodomésticos no mercado brasileiro, apenas uma seleta minoria da classe operária conseguia comprar um refrigerador, aparelho dos mais requisitados naquele momento. Entretanto, muitos chefes de família dispunham de capital para comprar um lote de terra ou ainda fazer melhorias em suas casas.

Nos espaços de sociabilidade disponíveis na fronteira entre as décadas de 1940 e 1950, à maioria da população consumidora, assídua dos cinemas, circos, restaurantes, cafês é composta de trabalhadores do comércio ou das variadas indústrias existentes na cidade naquele momento, como veremos no próximo capítulo.

Após a Segunda Guerra, silenciosamente, os espaços de sociabilidade em Santana mudaram de endereço. Como o apagão que tomou conta da cidade durante essa guerra, esses espaços de lazer foram mudando de lado na linha da fronteira, deslocando-se

---

<sup>168</sup> Álbum Histórico, Op. Cit. p. 81. A caixa alta pertence à publicação do autor, os grifos são meus.

<sup>169</sup> Álbum Histórico, op. cit, p. 35, 36. Na recepção da inauguração dessa fábrica, esteve presente o Ministro Plenipotenciário da Itália, comendador Victor Cobianchi. Seus produtos foram premiados na Exposição de Torino, na Itália, em 1911 e novamente, na Exposição Internacional do Rio de Janeiro em 1923. Em 1952, essa indústria troca sua razão social para Cervejaria Gazapina S. A. A qualidade de suas bebidas era o diferencial das outras empresas do setor, pois importava sua matéria prima, o lúpulo dos EUA e Alemanha, e o malte do Uruguai e Argentina. Os principais produtos fabricados pela Cervejaria Gazapina eram: O Chopp em Barril, as Cervejas Gazapina Pilsen, Super - Extra e Aurora (claras), Touro e Vaca (escuras), Extrato de Malta sem álcool (tônico), Guaraná, Soda Limão, Soda laranja, laranjada Pina, Água Tônica de Quinino, Água de Mesa e Gelo.

para o eixo da avenida Sarandi, em Rivera, onde encontram-se até os dias de hoje. A economia regional, por outro lado, manteve-se vigorosa até meados os anos 1970, quando a cidade deparou-se com uma vertiginosa crise que atingiu o comércio e a indústria, da qual ainda não se recuperou.

Acredito, como Antônio Montenegro, que a importância conferida ao estudo dessas comunidades, foi impulsionada pela "memória ameaçada que se colocou como elemento decisivo no confronto entre o presente que busca apagar o passado." Na fronteira, as lembranças do moradores reagem a idéia de ter seu passado arquivado<sup>170</sup>. O apogeu econômico e cultural do passado ressurgiu em meio a crise de identidade que assola a região<sup>171</sup>.

---

<sup>170</sup> MONTENEGRO, A. T. História Oral e Memória: A cultura popular (re)visitada. 3ªed. São Paulo: Contexto, 1994. p. 15.

<sup>171</sup> A crise diz respeito à carência generalizada aos espaços do lazer santanense, sendo possível encontrá-los apenas na cidade vizinha de Rivera.

## Capítulo II

### A Boêmia: integração e divisão nos espaços comuns de sociabilidade

A boêmia! A boêmia é uma feição transitória da mocidade  
que deve ser brevíssima. Nela desperdiçamos energias e  
criamos a hostilidade ao ambiente real.  
João do Rio.

"Ah, nessa época a cidade vivia mais  
da vida noturna,  
porque vinha de tudo!"  
Humberto Bisso, 2003.

#### 2.1- A moderna Santana

Para aferir a intensidade da boemia nas cidades de Santana e Rivera, a investigação debruçou-se em algumas décadas atrás, perseguindo pistas que possibilitassem reestabelecer os espaços de sociabilidade naquela região<sup>172</sup>. Uma tarefa difícil encontrar nos boêmios dos anos 1930, 1940 e até 1950, os quais vivenciaram em sua juventude as alegrias e mazelas da boemia fronteiriça alguma característica que os aproxime das definições contemporâneas usuais que o vocábulo adquire nos dicionários<sup>173</sup>.

Como refazer a trajetória de lugares que não existem mais, apenas sobrevivem na memória do seus contemporâneos?

Os homens e mulheres que incursionavam naquelas noites boemias pelos salões dos Cassinos, no ambiente dos Cabarés e nos Cafés e bares em busca dos prazeres e da diversão que esses espaços possibilitavam, encontravam-se distantes desse significado contemporâneo. A investigação verificou que o mundo do trabalho mantinha um estreito

---

<sup>172</sup> A investigação vai referir-se a espaço de sociabilidade, para definir os redutos escolhidos pela população fronteiriça para a sua diversão; os lugares públicos e privados que aglutinavam um significativo público para o exercício de sua sociabilidade. Entendendo sociabilidade como sociável, coletivo, público.

<sup>173</sup> Segundo define o dicionário virtual Uol, boemia consiste em sinônimo para vadiagem, vida airada. A pesquisa buscou o mesmo significado no Dicionário Aurélio, no qual define Boêmia por: vida alegre e despreocupada. O vocábulo Boêmio definido como aquele que leva a vida desregrada, vadio, pândego, alegre e despreocupado com o futuro desambicioso. Contudo, na época em análise, boemia era sinônimo de sair à noite para a prática dos rituais boêmios, como a frequência aos teatros, espetáculos musicais ou cênicos, a vadiagem, a visita a casa de mulheres, jogos e bebida. Não considero pertinente questionar o significado recente da palavra, porém é importante observar a mudança dada a ela com a evolução sócio cultural imposto pela modernidade, modificando com isso os lugares e o sentido da boêmia.

vínculo com o mundo da lazer. Moças e rapazes, provenientes de distintas camadas sociais, constantemente sentiam-se motivados pelos seus afazeres cotidianos a desfrutar a diversidade dos espaços de sociabilidade. Ansiavam pelo término do expediente da repartição pública ou estabelecimento comercial para agruparem-se em alguma confeitaria, boliche ou café. Com certeza, após uma divertida conversa sobre política ou mulheres da noite, escolheriam por algum cabaret cassino para concluir mais uma noite boêmia<sup>174</sup>.

Alguns protagonistas desta investigação, como Humberto Bisso, Perceverando Santana, Hermes Walter, Elpydia, Miguel Saynun, Floriano, Elda Cortês, Sinhá, Eustáquio e Antônio Apoitia, entre outros, mantiveram-se no mundo do trabalho e estudos para usufruir da divertida noite fronteiriça.

Percebe-se através das lembranças de Seu Floriano que os boêmios das décadas anteriores aos anos sessenta mantinham uma árdua tarefa em conciliar suas práticas profissionais com os passeios noturnos. Sua juventude, foi intensamente vivida entre os prazeres da noite boêmia, como assíduo frequentador dos cabarés de Santana, e a dedicação profissional em sua barbearia. Mantinha-se em constante desafio: conservar a credibilidade e respeito diante de uma clientela, majoritariamente composta pelas senhoras e moças das famílias ricas de Santana e, ao mesmo tempo, alimentar seu espírito aventureiro e de malandragem, motivando seus companheiros de boemia:

E aí foi a vida, foi uma vida divina, agora, eu sempre fui malandro, mas não fui bagaceira, eu era da noite, mas no dia eu era um sujeito direito, correto, trabalhava com as famílias e nunca fiz nada de bandalheira! Na noite eles vinham me pedir dinheiro, mas eu não dava dinheiro pro vício, eu guardava, os outro não, no outro dia, de manhã, eles vinham na barbearia me pedir dinheiro emprestado (risos) Eu era o chefe da "gangue" por que eu era o mais velho, mais experiente na boêmia compreende? Eu dizia: vão pra aqui, vamo pra lá, vamo em tal casa<sup>175</sup>.

Diante de perspectiva semelhante a seu colega de ofício, Seu Bisso rememorou sua passagem pelas noites boêmias da cidade:

Nós fazia no passado, os rapaz, uma turma grande que eu te falei das serenatas, aí nessa esquina, e nós, todas as madrugadas quando vinha de volta das serenatas, nós já vinha com a carne, o pão, o vinho, tudo para fazer o assado no pátio. Eu me deitava, fechava a barbearia às nove horas para levantar a meia noite, para sair para a noite, para a festa (risos)<sup>176</sup>.

---

<sup>174</sup> Estas cenas fronteiriças do lazer tornaram-se possíveis mediante a utilização da história oral entre os protagonistas do período investigado, assim pôde-se fazer a reconstrução dos espaços de lazer, o mapa cultural da região no período investigado pela pesquisa.

<sup>175</sup> MENENDEZ, F. Entrevista citada.

<sup>176</sup> BISSO, H. Entrevista citada.

No alvorecer dos anos trinta, muitas capitais boêmias como Paris, Rio de Janeiro e Porto Alegre compartilharam do prazer da "noite que é uma criança!", nos múltiplos cabarés, cafês ou cassinos, os quais, tornaram-se sinônimo de sociabilidade masculina e feminina dos anos trinta<sup>177</sup>.

Nesse período, ocorre uma afluência aos Cabaret-Cassinos, locais significativos para desfrutar a boemia nas cidades. Em Porto Alegre os boêmios tinham no Cabaret Caçadores seu templo da diversão. No Rio de Janeiro, os companheiros e admiradores da boa mesa e de belas mulheres encontravam-se nos salões do Cassino do Copacacaba Palace, ou no Cassino da Urca. Esse público ansiava encontrar os ingredientes boêmios da vida noturna, implícitos nesses ambientes; buscavam por uma rodada de bacarat, o suspense e a incerteza da roleta, assistir aos números artísticos, todos encenados por belas e por vezes exóticas mulheres estrangeiras, como rememorou Carlos Machado e Jorge Guinle<sup>178</sup>. Em todas essas cidades, as referências aos prazeres da noite dava-se nos mesmos lugares que concentravam uma parcela da comunidade boêmia. Como sugeriu Seu Bisso "entrava todos que podiam pagar". Pôde-se verificar através do relato de Carlos Machado sobre a noite carioca de 1930, uma certa similaridade desses espaços com a Santana dos personagens investigados,

A vida noturna passava-se, quase toda, no centro da cidade. Jogava-se no Automóvel Clube, no *High Life* e nos Políticos[...]se apostava alto na pelota basca. O coração do Rio ficava na Galeria Cruzeiro, no Palace Hotel, no Hotel Avenida, no inesquecível café Nice, na Cinelândia, que com seus cinemas iluminados, as cadeiras de vime espalhadas pelas calçadas e as sorveterias Americana e Brasileira tinha um público assustador [...] À noite abriam-se os cabarés Cassino Beira Mar e Assyrio, os restaurantes Lamas, Taberna da Glória, Taverna Azul e Capela [...] No bar do Hotel Palace encontrávamos os políticos, os homens de negócio, os boêmios, os artistas e grande número de prostitutas<sup>179</sup>.

Observando as impressões de Carlos Machado e Jorge Guinle sobre Paris, a capital boêmia do século passado e reduto de famosos boêmios, que abrigou muitas vanguardas artísticas e literárias, descobre-se fertilidade entre as décadas de 1930 e 1940, as

---

<sup>177</sup> Expressão muito comum, utilizada pelos boêmios para definir as delícias e os prazeres da noite, geralmente em referência às mulheres e à bebida.

<sup>178</sup> Esses personagens, assumidamente, fizeram parte de um grupo de boêmios inveterados. Entretanto, mesmo considerando-se *playboy* em sua juventude, Carlos Machado obteve sucesso como empresário de casas de jogos e espetáculos no Rio de Janeiro, enquanto que Jorginho Guinle manteve sua vida dedicada ao estilo bom *vivant*, e estudioso do *jazz*. Sobre essas personalidades da boemia, ver suas autobiografias relacionadas neste trabalho.

<sup>179</sup> MACHADO, C. Memórias sem Maquiagem, Op. Cit. p. 39.

quais impregnaram o imaginário masculino com ícones boêmios daquela época. Sem dúvida, para os boêmios, a capital francesa constituía-se em parada obrigatória e sinônimo de prazer,

Montmartre era o grande centro. Pigalle. Todos os *shows* com mulheres de seios de fora. Um lugar apresentava mulheres completamente nuas! [...] Havia um cabaré luxuosíssimo que só se tomava champanhe, uísque era raríssimo. Na Scherazade, boate onde se apresentou Pixinguinha, não se podia tomar uísque, só champanhe. Ou *vodka*, porque era uma casa russa[...] Ofereciam *coktails* de uma variedade imensa, coloridos, e o rei dos *coktails* era o martini<sup>180</sup>.

Também nas memórias boemias de Carlos Machado, a cidade apresentava-se enigmática, constituindo um misto entre a civilidade e o sonho da transgressão,

Minha Paris era toda mistério, tinha o *Saint -Germain* e uma *Place Pigalle*, uma Paris de noites sofridas, dos pequenos bistrôs do velho Halles, das mulheres misteriosas, da francesa charmosa, Paris pecado, Paris convidando "vem" e Paris insistindo "fica", Paris dos *clochards*, onde sob a Ponte *Mirabeau* corriam o Sena e nossos amores, Paris capital da Europa, sonho de adolescente, encanto de velhice, folhas mortas, encantamento sem explicação, tempo de *acordeom*, Paris tão nossa!<sup>181</sup>

Na fronteira, os empresários da noite mantinham-se sintonizados com a emergência dos modernos espaços, procurando adequar-se a exotização dos termos que esse singular estilo exigia. Assim, destaca-se a emergência dos estrangeirismos nas palavras dessa publicidade do Café e Bar Sertanejo, possivelmente buscando atrair um público dualizado, porém mais feminino. Também o anúncio buscava chamar a atenção de uma clientela radicada no lado oriental, pois observando-se que em espanhol o significado da palavra *exquisito*, pode ser traduzida como gostoso. Torna-se evidente o duplo sentido dado a publicidade: visava atrair consumidores brasileiros e uruguaios. O café também encontrava-se bem localizado, no espaço do futuro Largo Internacional, em frente a moderna Praça Internacional, ainda em construção.

Casa especializada em deliciosos aperitivos, bebidas frias, cervejas e chopes, cafésinho e café com leite e todos os ótimos e saborosos produtos da "Antartica Paulista"  
Sorvete de creme e abacaxi 1\$000

**Sorvete Da Semana**

**O Exquisito e inigualável «Champanhe a» 1\$500<sup>182</sup>.**

Assim, perante novos ambientes, que em muitos casos encontram-se renovados através de distintos aromas e exóticas atrações culturais, a sociabilidade masculina e feminina impregna nas primeiras décadas do século passado, um imaginário exotizado,

Somente a medida que a cidade se expande e se urbaniza, que surge um comércio mais diversificado, localizado em lojas especialmente destinadas a esse fim, que se multiplicam os

<sup>180</sup> GUINLE, J. Um século de Boa Vida. 3ªed. São Paulo: Globo, 1997. p.110.

<sup>181</sup> MACHADO, Op. Cit. p. 44.

<sup>182</sup> A Platéia Sant'Ana do Livramento, 21/02/1942. p. 04.

espaços públicos de sociabilidade- restaurantes, cafés, teatros, bordéis, praças e passeios públicos [...] generaliza-se o hábito de frequentar cafés para encontrar amigos, fazer novas amizades, contemplar transeuntes, enfim praticar uma nova forma de sociabilidade<sup>183</sup>.

O encantamento proporcionado em torno desses espaços do lazer e da imagem renovada que o homem do pós- guerra tinha de si, anunciava um novo devir histórico. Através da palavra generalizada diversões formam-se uma série de novos hábitos, físicos, sensoriais, mentais, sendo incorporados no cotidiano da população.

Os esportes, as danças, as bebedeiras, os tóxicos, os estimulantes, os cinemas, as competições, os passeios, tomam-se parte do novo homem moderno. Em suma, os tempos modernos exigem das pessoas ousadia, despreendimento, aventura, impondo o surgimento de novos centros culturais para desfrute do lazer<sup>184</sup>.

Conforme observação de Nicolau Sevcenko, após a Primeira Guerra, com a morte e desmoralização dos antigos líderes emerge uma nova geração: os jovens portadores de idéias novas, "gente vinda do seio do caos metropolitano e formada nele", formando uma nova identidade e um novo estilo de vida<sup>185</sup>.

Entretanto, esse modelo impõe mudanças urbanísticas para o desfrute da vida moderna. A beleza das novas construções dominam o cenário urbano das cidades<sup>186</sup>. Na fronteira, as famílias cultivam o recente hábito de caminhar e passam a circular pelas ruas e praças, tomando os locais centrais com novas casas de espetáculos e cafés. O remodelamento do comércio com suas vistosas vitrines e artigos diferenciados e importados, constituíam-se em novas atrações da nova cena cultural fronteiriça<sup>187</sup>.

A feição da cidade, vai se transformando e dando lugar a uma outra cidade mais "civilizada", conforme exigência dos padrões urbanos europeus. Alteram-se a estética das praças, como o caso da antiga Praça João Pessoa, atual General Flores da Cunha, popularmente conhecida como Praça dos Cachorros, localizada na linha divisória dos dois países. Segundo apontam algumas fontes de memorialistas, esse lugar, "antigamente, uma praça familiar", foi idealizada aos moldes das sofisticadas praças argentinas que mantinham o modelo europeu para a construção de seus passeios públicos.

---

<sup>183</sup> RAGO, M. Op. Cit, p. 54, 55.

<sup>184</sup> SEVCENKO, Op. Cit. p.32

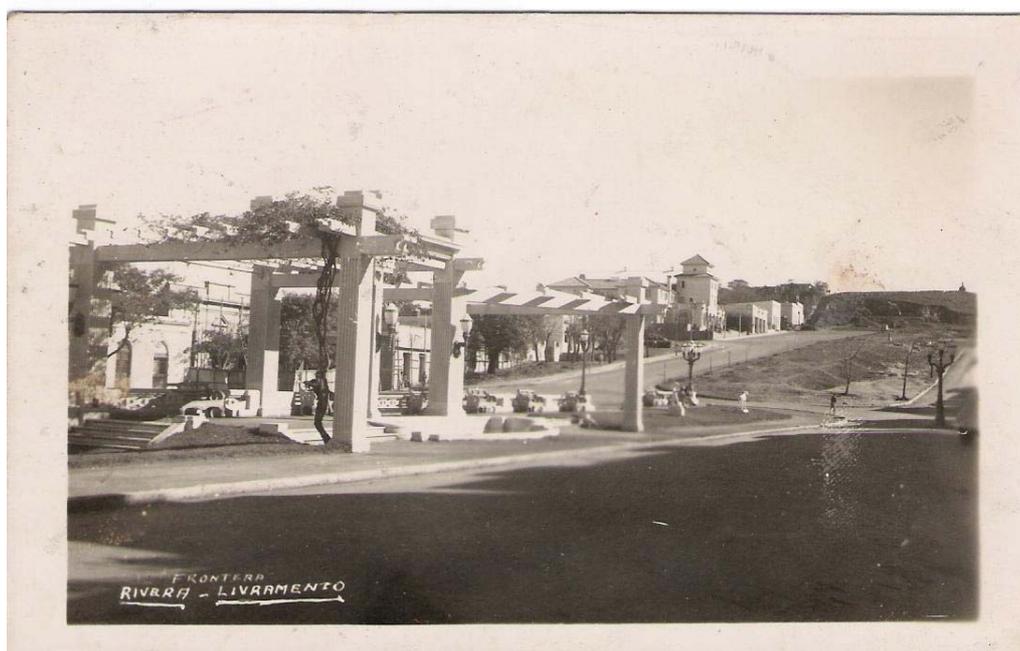
<sup>185</sup> Idem, p.33

<sup>186</sup> RAGO, M. Op. Cit. p. 56.

<sup>187</sup> BITTENCOURT, C. C. Lendo O Passado. Santana do Livramento: Edigraf, 1986. p. 166.

O Eng. Tetamanzzi, de regresso de Buenos Aires, trouxe o modelo de uma "Pérgola" com seu rosedal, que teria visto em logradouro na capital buenoairense [...] mandou fazer ajardinamento da área, e em cada uma das extremidades, pôs estátuas de cães, em homenagem ao fiel amigo do homem, mas a gurizada começou a fazer as estátuas de montaria [...]<sup>188</sup>

A inauguração da glamurosa praça, em meados da década de trinta, idealizada pelo referido engenheiro, acenava, possivelmente, como extensão dos passeios familiares acontecidos na Praça General Osório, região central de Santana. Também pode ser interpretada como uma estratégia política do executivo municipal para a manutenção do *footing* em terras brasileiras.



Linha divisória: vista da Praça João Pessoa, ou Praça dos Cachorros, ao fundo, do lado uruguaio, o Cassino de Rivera ao lado do Cerro do Marco, meados dos anos 1940. Acervo Almir dos Santos Pereira.

Contudo, essa medida mostrou-se infrutífera, a medida que os passeios da população santanense na Avenida Sarandí, em Rivera, tornavam-se cada vez mais populares e atraentes com o alvorecer da década de 1940.

A remodelação paisagística da fronteira incluía a construção de uma grande praça, na área urbana central, o Parque Internacional. Concebido de maneira a possibilitar ao incauto observador a vislumbrar apenas um cenário integrado da linha que divide os dois países.

---

<sup>188</sup> Idem, p. 166.

Embora a execução desse projeto viabilizasse a delimitação física dos países-acordada entre a diplomacia uruguaia e brasileira no decorrer da década de 1930- também pode ser vista como estratégia das administrações municipais para conter a marginalidade e violência daquela região. Já no início dessa época, manifestam-se problemas sociais naquela região. A imprensa vizinha manifesta-se denunciando a omissão das autoridades locais diante do desemprego e a consequente marginalidade da população que mora em lugares periféricos. O cronista riverense mostrava-se chocado pela invasão de migrantes uruguaios na cidade, delatando a crise de desemprego que assolava o Uruguai naquele momento,

La desocupación en el ambiente

Está tomando un carácter de verdadera seriedad la desocupación en nuestra ciudad. No podríamos escapar a la regia general y mantenermos un poco libre del terrible *flagelo* que azota a la humanidad Y para más cual si no fuera suficiente con la angostura que crea la falta de trabajo, depresión de nuestra moneda redondeó la situación angustiosa, poniendo en pésima situación al pueblo que vivía al día y comprando de Livramento. El peso bajo; falta de trabajo en una época en que la producción agrícola esta reducida a su mínima expresión. Todos los días llega nueva gente a Rivera, y llegara el momento que los de casa sufrirán doblemente el mal, por la competencia que se les establecerá en los salarios. [...]<sup>189</sup>

O Areial anteriormente constituíu-se em um espaço público livre de qualquer valor mitificador, como seu substituto, o Parque Internacional. Pelo contrário, o lugar caracterizado pelo seu descampado, por muito tempo tornou-se referência da diversão da comunidade. Encontravam-se no Areial toda sorte de atrações: as cavalcadas, lonas de circo e as partidas de futebol. Contudo, em muitas ocasiões também o lugar acolhia violência e mortes, segundo referência de um jornal santanense, "lugar perigoso, esconderijo para bandidos".

Através da crônica dos memorialistas, verifica-se esse espaço, propício ao abrigo de agentes da contravenção, tornando-se frequentemente procurado pelos fugitivos da lei e exilados políticos. O Areial apresentou-se soturnamente, nas lembranças deste memorialista:

A linha divisória demarcada ao natural por chácaras e poteiros, era mais uma estrada barrenta, em dias de chuva do que propriamente uma rua para o pedestre transitar, o transito era a pé, em carros ou carroças de tração animal; na cidade haviam uns quatro automóveis de particulares[...] revolucionários emigrados, entre os oficiais Siqueira Campos, Cordeiro Campos, entre outros, estabeleceram-se como comerciantes em Rivera, e alguns outros, menos afortunados, acamparam nas imediações do Cerro do Marco<sup>190</sup>.

---

<sup>189</sup> *Tradición Colorada*, 07.08.1930. p. 02.

<sup>190</sup> BITTENCOURT, Op. Cit., p. 166.

Contudo, em seguida suas lembranças apontam em direção ao arrojado projeto de construção da Praça Internacional, um passeio público com calçamento e iluminação inovadoras que parecia indicar o alvorecer de uma cidade civilizada ,

A rústica e antiquada estrada vizinhal, transformou-se na bela Avenida Divisória, indiscutivelmente, o esforço conjugado dos administradores das duas cidades[...]A longa e bela Avenida da Linha Divisória, com quase dois quilômetros, exibe calçamento em desenhos arabescos, iluminação e gás de mercúrio, bancos contornados por ajardinamentos.O desconforto que outrora enfrentara o pedestre ao transitar pela avenida nos dias chuvosos, hoje já não existe; agora no silêncio das noites as senhoritas desfilam com seus sapatinhos de "penhoir", embebidas pela voz susurrante do "poeta *callejero*" a versejar entre o amor e o luar!<sup>191</sup>

O estudo sobre o desenvolvimento urbano na fronteira, realizado por Neiva Schäffer, aponta na primeira década do século passado, o começo de uma tímida ocupação de casas comerciais na região central das cidades, entre a linha limítrofe,

A área construída foi se adensando. O espaço primitivo passou a admitir densidades maiores e os lotes vazios e disponíveis no centro tornam-se escassos já na década de 50[...]Junto a linha central, a aproximação física entre os dois núcleos foi tomando corpo, .fotos dessa área, tomadas no início do século, indicavam um vazio de ocupação no espaço correspondente ao Parque Internacional e ao quarteirão entre as atuais Av. João Pessoa e Tamandaré. Essas ruas foram, predominantemente ocupadas por prédios comerciais<sup>192</sup>.

Essa movimentação nos espaços comerciais da região encontra-se consolidada no decorrer dos anos trinta, quando as cidades de Santana e Rivera experimentam a emergência da modernização<sup>193</sup>. Contudo, embora em menor proporção ao que ocorria nos grandes centros urbanos, ocorre uma movimentação das pessoas em direção às novas lojas, que fascinavam os olhares deslumbrados de homens e mulheres ansiosos por viver a fantasia de ingressar num novo tempo histórico, sintonizados com as nações mais civilizadas<sup>194</sup>. A população vai encontrar-se nas ruas para admirar, flunar com as novas opções de lazer: estar nos lugares, passear, fumar. Mais tarde, nos anos 1950, com a introdução das galerias na Avenida Sarandi, o passeio vai atrair as pessoas pela segurança que essa prática proporciona.

---

<sup>191</sup> BITTENCOURT, Op. Cit. p. 167.

<sup>192</sup> SCHÄFFER, Idem, p. 51.

<sup>193</sup> A modernização está caracterizada neste estudo no sentido de transformação estética, das feições urbanas das cidades, semelhante às modificações urbanísticas ocorridas em São Paulo verificadas nas investigações de Margareth Rago e Nicolau Sevcenko.

<sup>194</sup> RAGO, M. Op., Cit. p. 45.

As pessoas então sentem-se livres para praticar o lazer, desobrigadas de consumir algum produto ou de participar daquele mundo da formalidade, com seus ambientes refinados e muitas vezes excludentes. O passeio na avenida riverense torna-se concorrido, especialmente diante das lojas de confecções, que exibiam roupas deslumbrantes, através dos manequins expostos nas vitrines.

Essas mudanças culturais podiam ser sentidas já no final do século XIX. Tradicionais espaços de sociabilidade, as missas e as festas religiosas que antes consistiam em única opção social entre a comunidade, aos poucos vão sendo substituídas por outras atividades. Seja pelas temporadas líricas, apresentadas no Cine Theatro Sete de Setembro, construído na década de vinte, pelas exibições de comédias teatrais e de cantores em cartaz no Cine Cabaret Internacional, ou a música ao vivo nos Cafês-Piano, como o Ponto Chic e mais tarde, o Tupinambá.

As exibições esportivas também aconteciam na região, especialmente em Santana, como a efêmera experiência das regatas no Lago Batuva que foram introduzidas nos primeiros anos da década de vinte e as concorridas lutas de boxe, mantidas pelas academias de Rivera<sup>195</sup>.

## 2.2- Na trilha das casa noturnas

Mas, voltemos à noite  
que sempre, em qualquer literatura  
envolve *la fantasia del ser humano!*  
Miguel Saynun Hijo, 2004.

No ambiente do cabaré, homens e mulheres desenvolviam sua sociabilidade nos espaços boemios da fronteira. O público masculino entusiasmava-se com as danças exóticas e orientais, que faziam parte do repertório da época, apresentadas no Cassino Cabaret Internacional, dirigido a elite pecuarista da região. Também incorporava o requinte de um cabaré luxuoso e um espaço destinado a projeção de filmes mudos. Os números de maxixe e as cançonetas apresentadas, auxiliaram também na criação de uma cultura do

---

<sup>195</sup> Conforme informações de Cirino Bittencourt, a experiência das regatas teve vida curta e foi introduzida na cidade pela iniciativa do Engenheiro Rafael Bandeira Teixeira, responsável pela obras de construção dos quartéis na cidade, possivelmente apreciador desse gênero esportivo muito divulgado naquele período.

espetáculo da fronteira. A região começa a ser reconhecida pela sua característica de rota artística, intermediando as idas e vindas das companhias artísticas do centro do país, provenientes do Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, que cruzavam a fronteira em direção a Montevideu e Buenos Aires<sup>196</sup>.

Estava posta a cena boêmia na fronteira, com atrações noturnas que podiam variar conforme as necessidades do freguês: os salões de jogos, as cobiçadas atrizes e bailarinas dos cabarés, a variedade dos espetáculos, os cafês e bares explicitamente destinados ao fervor do debate político dos homens ou ainda nas casas de mulheres que mantinham a prática de alugar quartos para os trabalhadores humildes que viviam nos arrabaldes da cidade.

No Cine Theatro Cabaret Internacional e seu requintado ambiente, elaborava-se a construção de um ícone da socibialidade masculina daquela época como informa Cirino Bittencourt:

Foi o maior e mais chique do interior[...]Com sua ampla sala de espera, platéia semi-circular, com espaçoso palco para apresentações de peças teatrais. Lindíssimo mobiliário, cadeiras com assentos e espaldar acolchoados de veludo vermelho, em plano elevado duas arquibancadas com amplos camarotes[...]Na parte alta do Cine Internacional, o "Cabaret", sendo depois dos Caçadores, em Porto Alegre, o de melhor apresentações no Estado<sup>197</sup>.

Um sentimento de saudade, embarga as lembranças do memorialista quando questionado sobre esse espaço de lazer, que pode-se dizer, marcou profundamente a cultura fronteira por mais de duas décadas:

Tinha o Cassino Internacional, que era coisa de luxo, e não era coisa feia, era igual que um clube, tinha pista de baile, mas coisa fina, uns salões imensos, era troço familiar. Vinham de Cuba, como eu te disse, vinham do México, da Itália, da Espanha, vinham de Francia, tinha um homem que viajava só para contratar, vinham ganhando, mulher moça, vinham artistas competentes para os trabalhos. Tinha doutora, tinha bailarina, tinha veto cômico. E tinha, vinham de outros lado para jogar aqui. Viajavam para vir jogar aqui, nos cassinos. O cassino era quase em Rivera, não é onde está agora. Ali no Passeio dos Cachorro, no que atravessava a rua pra cá já era o Cassino<sup>198</sup>.

O cassino, muito freqüentado por integrantes das famílias que detinham maior poder aquisitivo, mas também pelas mulheres, comerciantes, funcionários públicos e rapazes que trabalhavam nos escritórios, no ofício de guarda livros (contadores), barbeiros,

---

<sup>196</sup> A cidade encontrava-se na rota das companhias de circo e teatro que apresentavam suas atrações quando em passagem pela região. Encontra-se referência a essas passagens em algumas obras como a de Sérgio Augusto, Carlos Machado, e memorialistas da literatura local.

<sup>197</sup> BITTENCOURT, Op. Cit. p. 187.

<sup>198</sup> BISSO, Entrevista citada.

alfaiates e, todos que pudessem pagar. Dentro desse templo da boemia fronteiriça, muitos figurões da política local, estadual e dos países vizinhos compartilhavam algumas horas de entretenimento com pessoas anônimas e por vezes alheias aos rumos políticos. Através de seu variado repertório e refinada decoração, circulavam etnias e nacionalidades: americanos, espanhóis, argentinos, uruguaios, entre outros, que imigravam para trabalhar em alguma das indústrias santanenses que proliferavam nesse período<sup>199</sup>.

As noites boemias passadas dentro dessa casa noturna, acompanhando ou apenas admirando com seus amigos os jogos de azar, os números de veto cômico, ou qualquer outro espetáculo oferecido em cartaz, carregam as lembranças de Seu Bisso para o esplendoroso prédio dos anos 1930, mantido na frente ao Areial, em contraste com a escuridão daquele descampado que abrigava atrações circences e ciganas, conforme lembranças de seu Bisso:

Entravam todos os que podiam pagar, porque depois era para o jogo e o jogo precisa ter dinheiro para pagar. Nessa época a cidade vivia mais da vida noturna, porque vinha de tudo!

Uma construção muito linda que desmancharam, era um colosso aquilo, ia mais de meia quadra. Os Alfaia, que vieram de Bagé e tiveram de dono aí, tiveram vários donos não? Porque tinha o Cassino e tinha as pensões, porque traziam as mulheres contratadas não, *entonces*, quando abria de noite elas já vinham, e vinham de carro, que era dois mil réis a corrida, era as volantas (carros) elas chegavam de carro, para não sujar os pés, os sapatos, sabe por quê? sabe o que passa, é que tinha mui areia, não era tudo que era empedrado, tinha um areial, carrapicho, tudo essas coisas aí, e duas três quadras facilitava andar de carro<sup>200</sup>.

O público que frequentava o Cine Theatro Cabaret Internacional, caracterizava-se por seu ecletismo, abrigando senhoras e algumas moças de família, artistas, cabaretiens, enfim um público masculino e feminino que buscavam exercer sua sociabilidade, seja através do jogo, seja em busca de diversão, observando os shows de variedades que a casa mantinha<sup>201</sup>. Assim, desfilava pelas rodas boêmias do lugar, uma população masculina, possivelmente, alimentando a expectativa de poder aventura-se com as bailarinas do espetáculo em cartaz. Contudo, todos buscavam divertir-se naqueles espaços, como apontaram as memórias desse ex-boêmio:

Tu sabe quem é que frequentava muito os cabarés? Essas famílias que vinham de *Montevideo*, que vinham para jogar e frequentavam, as mulher com as filhas e tudo! Eu não te conto, era decente, era um troço fino!

---

<sup>199</sup> Considerando que S. do Livramento em 1932, aparece como "terceiro lugar como parque de produção industrial", depois de Porto Alegre e Rio Grande, segundo levantamento de Tupi Caldas, para a Síntese Geográfica das Regiões Naturais do Rio Grande do Sul. Em 1937, essa cidade possuía 50 indústrias, com 2.757 operários trabalhando no setor secundário da economia local, segundo informações de Vera Albornoz.

<sup>200</sup> BISSO, H. Entrevista citada.

<sup>201</sup> A denominação "moças de família" foi constantemente usada pelos personagens desta investigação quando se referiam as moças solteiras e moral exemplar na comunidade.

Ah! Tinha as mulheres, elas trabalhavam né? O Vestido era comprido, assim, tudo bem vestidas, bem trajadas[...] <sup>202</sup>

Também os criativos números de mágicas e danças flamencas mostraram-se atraentes para a jovem Pydia, que em muitas ocasiões frequentou o Cine- Theatro-Cabaret Internacional, acompanhada de amigas, entre elas a irmã do então governador gaúcho, Getúlio Vargas. O local mostrava-se para as jovens como:

Um ambiente muito refinado, frequentado pelas famílias, sabe? No salão de jogos tinha a roleta, o bacará, o bingo, eu lembro da presença da Josefina Andrade, entre tantas outras. O cabaretier chamava as apresentações dos números, tinha de tango, ractaime, flamenco[...]As mulheres usavam o salto Luis XV, era um salto muito fino, nº 33, e de couro de *cabritilha*, era muito suave de camurça, as botas nos fazia no artesão Pedro Leite, e os cabelos nós cortava no Carlito Boscacci <sup>203</sup>.

Entretanto, o brilho das noites desfrutadas pelos frequentadores do Cabaret-Internacional sucumbe em outubro de 1941, ofuscadas pelo incêndio misterioso que consumiu seu prédio, deixando somente parte das paredes, e desolados seus assíduos frequentadores. Os memorialistas, mostram-se ciosos quando reportados para o ano da tragédia, "O sinistro começou pelos fundos onde havia lixo e dormiam marginais. Há quem diga que foi obra de mãos criminosas, porém nunca foi apurada a verdadeira causa" <sup>204</sup>.

Os assíduos *habitues* dessa casa no entanto, passaram a frequentar o Cine Theatro Cassino América, em Rivera, inaugurado no ano de 1940, pois mantinham hábitos semelhantes "usavam o mesmo sistema de poltronas numerados, para evitar desentendimentos entre os frequentadores" <sup>205</sup>. Uma característica desses espaços de lazer era a prática de concentrar atrações no mesmo local: Os Cine-Theatros. Quase todas as casas de espetáculos mantinham dupla função, exibição de filmes e a apresentação de atrações teatrais e musicais, além de variadas opções nos jogos de azar.

Santana, desde o início do século passado manteve um fluxo intenso de casas de diversões noturnas; no idos de 1919, havia o célebre Cabaret Elite que funcionava em um prédio do lado do Palácio Moysés Vianna, o executivo local, o Bataclan, que manteve suas atividades no sub-solo do prédio ao lado do Cine Theatro Brasil Uruguai e o Chantecler, na rua Silveira Martins, conforme indicam as fontes dadas através pelo

---

<sup>202</sup> BISSO, H. Entrevista citada.

<sup>203</sup> DUTRA, E. M. Entrevista citada.

<sup>204</sup> BITTENCOURT. Op. Cit. p. 188.

<sup>205</sup> BITTENCOURT. Op. Cit. p. 188.

memorialista Cirino Bittencourt.<sup>206</sup> Mesmo tomando conhecimento através dos relatos de seu pai, Miguel Saynun Hijo, encanta-se com o universo exotizado de "suas" lembranças do Cabaret Elite, em franca atividade na virada da década de vinte, do século passado,

*O primer lugar de dancin que teve em Livramento, eu tô te falando de muito antes dessa época, onde me contaram amigos meus já falecidos, fue pegado a Prefeitura, Donde me contaram, que o dr. Bento Santana quando foi nessa inauguração foi de fraque; prá ter uma noção do requinte da roupa dos homens, imagina as mulheres, de traje de festa! E falando em personagens, aqui na época da guerra, passaram muitos artistas que vinham da Europa, vinham da Argentina, e iam pro Rio. E como tinha um problema de não viajar de barco por medo dos torpedos alemães, viajavam por terra. E chegando nessa terra e se apaixonavam e faziam raízes!*<sup>207</sup>

Outra casa de espetáculos conhecida como Cabaret Caverna, também se encontrava entre os ambientes mais glamurosos de Santana. Distante aproximadamente uma quadra e meia do Cabaret Teatro Internacional, evidenciava-se por sua clientela, a maioria composta por ricos fazendeiros, comerciantes, jovens advogados, médicos e funcionários públicos graduados. O prédio onde funcionava o cabaré, foi construído especialmente para esse fim, embora antes tenha sediado o Cinema Avenida, no qual projetavam filmes mudos.

O Cabaré da Caverna era um prédio cinzento, construído recentemente," a cinquenta metros do coração da cidade, quase no largo internacional"<sup>208</sup>. Na entrada do Cabaret, uma imponente porta de madeira, em forma de ogiva, seguida de uma escadaria de mármore de Carrara, propiciava o acesso aos dois salões- o de bailes e o do restaurante. O Caverna, estava dividido em dois ambientes: na parte alta funcionava amplo salão que abrigava os variados jogos que a casa oferecia: Roleta, bacará, ponto e banca, entre outros. Esse salão, dividia as mesas dos jogos pelas suas colunas gregas. Para iluminar essas mesas, caía uma luminária que deixava o lugar muito claro, possibilitando aos jogadores manterem sua atenção.

A dinâmica de shows, variedade e rotatividade de mulheres, impregnou intensamente o imaginário masculino daquela geração, permitindo ao escritor santanense Arlindo Coitinho, uma recriação daquele ambiente, intimamente vinculado à geração anterior,

Do interior da casa saíam vozes. Eram turistas, viajantes, forasteiros e coronéis apostando no pano verde da roleta. Mulheres, amantes de coronéis, algumas viciadas em jogo, ajudavam a dilapidar a fortuna dos coronéis[...] Seus olhos foram abarcando aos poucos o ambiente: As mesas

---

<sup>206</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>207</sup> SAYNUN HIJO, M. Entrevista citada.

<sup>208</sup> COITINHO, A. João Bispo. Editora A Platéia, 1985. p. 62. Tornou-se possível a descrição desse ambiente, diante dos relatos de memória oral com os entrevistados, mas também através da obra deste escritor.

ornamentadas com alvas toalhas de linho, a orquestra localizada num canto, à esquerda do primeiro salão, o luxo das mulheres, a formalidade do ambiente, os pares dançando um tango<sup>209</sup>.

### **2.3- Mulheres de cabarés e *chinas de bailantas*-**

No universo dos Cabarés também podia encontrar-se divisões de classes sociais. As casas sofisticadas, como o Cabaret Cassino Internacional ou o Cabaret Caverna, possibilitavam a seus clientes usufruir mulheres sofisticadas e ilustradas. Entre as mais célebres e assediadas estavam as de origem francesa, espanhola e polonesa. Mais tarde, nos anos 50, as argentinas e as uruguaias dividiram a atenção do público. Mulheres tidas como sofisticadas, desinibidas e acima de tudo modernas, constantemente faziam-se disputar pela rica clientela quando em temporada na cidade. Também é verdade que muitas dessas artistas fascinaram ou "enlouqueceram" seus clientes, permanecendo na cidade. Trocando os salões das casas noturnas pelo ambiente familiar, muitas mulheres direcionaram suas vivências para a nova experiência do casamento.

Como administradoras do lar, encontravam-se na função da reprodução e criação de filhos, herdeiros de progenitores que geralmente tinham posses, como pecuaristas ou comerciantes bem sucedidos. Como donas de casa, dentro do ambiente do lar, muitas delas precisaram impor-se para a convivência na emergente posição social<sup>210</sup>. Diante da situação referida acima, verifica-se que, mesmo não sendo considerado uma regra, algumas mulheres, vislumbravam no ambiente do Cabaré uma alternativa para sua ascensão social. Não raras vezes, as lembranças dos protagonistas da cena boêmia da fronteira enumeraram situações semelhantes a relatadas por Miguel Saynun Hijo,

A Caverna é onde hoje tem um bingo , que era lugar de *dancing*, de ter roleta, onde vieram muitas vedetes de alta categoria, e fizeram raízes aqui, conheceram empresários, casaram, fizeram lar, conheceram *crupies* de jogo, casaram, fizeram lar, tenho muitos conhecidos meus! Conheceram pessoas do lugar aqui e formaram seu lar aqui. A Caverna eu não conheci, estou falando como referência do meu pai<sup>211</sup>.

A trajetória mais comum dessas moças consistia em sua vinda da Europa para as metrópoles de Buenos Aires e Montevideu, seguidas de uma longa temporada pela

---

<sup>209</sup> COITINHO, A. Op. Cit. p. 63.

<sup>210</sup> O estudo não priorizou a trajetória dessas mulheres, mesmo porque os memorialistas não se mostraram dispostos a relatar seus nomes, embora, constituindo-se senso comum a prática de identificá-las dentro daquela comunidade.

<sup>211</sup> SAYNUN, M.H. Entrevista citada.

fronteira, local povoado de fazendeiros endinheirados, que postavam-se fascinados diante do luxo e requinte de suas atuações<sup>212</sup>.

Muitas artistas que trabalhavam em casas sofisticadas, distinguiam-se das outras colegas, pela sua vestimenta, refinamento intelectual e pelos costumes europeizados que incorporavam<sup>213</sup>.

Nos outros espaços, restritos a sociabilidade masculina, popularmente denominados *bailantas*, atuavam outras moças, com características distintas daquelas estrangeiras. Diferentes dos lugares sofisticados, as *bailantas* chamavam a atenção de uma clientela descapitalizada, de homens mais velhos, de meia idade e jovens que faziam suas incursões com seus amigos, embora todos almejassem um único objetivo: diversão e sexo. As moças que conviviam nesses espaços da sociabilidade masculina, em muitas vezes também concorriam com suas colegas estrangeiras. Próximo das requintadas casas de diversões noturnas, no entorno da linha divisória. Suas casas apresentava-se singelas, geralmente construídas em madeira, rústicas ofereciam mulheres desprovidas de glamour<sup>214</sup>. Muitas haviam experimentado uma desafortunada trajetória, como sugeriu a Dona Alberta em suas lembranças. Porém, fosse em casas de diversões noturnas sofisticadas, nas *bailantas* e boates ou lugares semelhantes, todos esses ambientes conservavam o mesmo objetivo: disputar a atenção e a diversão da população masculina da fronteira.

---

<sup>212</sup> Embora muitas vezes essas artistas fossem moças humildes "importadas" de localidades do interior do Uruguai e da Argentina. Muitas viajaram de países da Europa oriental, embarcando no porto de Gênova, na Itália em direção a América Latina, desembarcando no porto de Buenos Aires ou Montevideú. O estudo sobre a prostituição de Yvete Trochón e de Margareth Rago analisa profundamente a trajetória das "escravas" brancas nesses países.

<sup>213</sup> Segundo fontes de Margareth Rago na cidade de São Paulo e na Argentina, mantinham-se escolas para meretrizes. Essas moças humildes, geralmente eram recrutadas nas portas das fábricas, nas estações de trem, nas portas de lojas. Submetiam-se a um curso intensivo, onde aprendiam com cortesãs experientes os ofícios do sexo, aulas de etiqueta e em alguns casos, de línguas.

<sup>214</sup> A pesquisa refere-se a moças desglamorizadas, singelas e sem luxo em comparação as mulheres sofisticadas das casas requintadas.

### 2.3.1- Cerro do Marco-



Cerro do Marco, a esquerda avista-se a cidade de Santana do Livramento, e a direita, Rivera.  
Acervo- Marlon G. Aseff.

O Cerro do Marco, distante apenas duas quadras do Parque Internacional, abrigou desde meados da década de quarenta, uma profusão de casas de *bailantas* - cabarés simples, desprovidos de orquestras e luxo, local que abrigava trabalhadores com baixo poder aquisitivo e jovens estudantes. Considerado região de alta periculosidade pela maioria das famílias fronteiriças, onde, em muitas ocasiões recomendavam suas filhas a "não olharem sequer para o lado esquerdo" da linha divisória, conforme as lembranças de uma senhora, moradora da vizinhança do lugar. Dona Ilsa passou grande parte de sua vida, da infância até a vida adulta, convivendo com essa proibição<sup>215</sup>. Se "antes era a mãe, depois foi o marido", que a alertavam para a manutenção da distancia e desprezo com aquela zona proibida da cidade, posto que até os dias de hoje manteve o mesmo endereço, próximo do Cerro, no lado brasileiro.

Também nessa região de fronteira a população feminina incorporou códigos de conduta moral impostos às mulheres na virada do século XIX. Nessa comunidade, entre

---

<sup>215</sup>DUTRA, Ilsa. Entrevista concedida a Liane C. Aseff. Santana do Livramento, 28.07.2004. A recomendação era uma constante no período entre a maioria dos integrantes das famílias devido a moral rígida imposta aquele período, no caso de Ilsa, em meados dos anos quarenta. A maioria da comunidade tinha conhecimento que aquela região estava repleta de casas de prostituição.

conversas mantidas nas rodas familiares, nos bares, confeitarias, nos bordéis, ou seja, em todo o tipo de ambiente convencionou-se que havia uma diferenciação profunda entre as mulheres da vida, as prostitutas, ou com hábitos semelhantes a estas, e mulheres de família. Estas conservavam suas atitudes e gestos de maneira comedida em público, trajando-se sobriamente, impunham respeito perante a sociedade<sup>216</sup>. Ao contrário das mulheres "desavergonhadas" e "fáceis", investigadas por Margareth Rago, essas moças não seriam confundidas com esse tipo e preservariam com isso sua moral e principalmente, a de sua família<sup>217</sup>.

O cuidado constante em parecer ser integrante de uma família, claro, estava impregnado na sociabilidade feminina. Para desfrutar as opções de lazer que a cidade oferecia, as mulheres necessitavam de certos cuidados, seja nos salões do clube, com a dança, nos gestos, nas amizades, impunha-se um universo feminino vigiado, como se observa nas palavras de Rago:

O homem no espaço público foi sempre percebido positivamente, através da imagem do trabalhador e do político, sendo o ideário liberal. A mulher fora do lar, sobretudo se desacompanhada, precisou prestar muita atenção aos seus gestos, aparência, roupas, para não ser confundida com a figura dissoluta, excêntrica da prostituta, "mulher pública"<sup>218</sup>.

As casas localizadas na região central da cidade, próximas dos cabarés requintados, abrigavam mulheres tidas como mais brutas, discriminadas, mesmo entre sua clientela. A maioria delas vinha das camadas pobres da população, variadas eram as razões que justificavam sua presença naquelas lugares. O motivo mais abordado encontra-se no "mau passo na vida", ou seja, o envolvimento amoroso com algum sujeito vindo do meio marginal, ou a sedução, gravidez e posterior abandono pelo seu companheiro e pela sua família<sup>219</sup>.

A exclusão social imposta às mulheres que viviam na zona proibida, não eximia a maior parte da comunidade moradora do Cerro do Marco. A maioria de seus moradores era composta por famílias de uruguaios, tendo uma pequena parcela de brasileiros. Muitos trabalhadores do comércio local, pequenos comerciantes, donas de boates, operários das

---

<sup>216</sup> A distinção moral que essa sociedade fazia entre as "moças de família" e as "mulheres da vida", promovendo com isso intensa exclusão dessas mulheres na comunidade.

<sup>217</sup> RAGO, M. Op. Cit. p. 39. Mesmo entre os homens a moral era extremamente rígida na época, fazendo "o sexo ser considerado pecado ou doença ao mesmo tempo, inibia a ação e a própria fala de muitos homens" como analisou a pesquisadora sobre as dificuldades para tratar-se dos assuntos sexuais, nas primeiras décadas do século passado.

<sup>218</sup> Idem, p. 40.

<sup>219</sup> MENDES, Alberta. 68 anos. Entrevista concedida a Liane C. Aseff. Santana do Livramento, 18.01.2004. Segundo informou Dona Alberta sobre a situação de vida de algumas moças que conheceu enquanto dona de comércio.

indústrias, funcionários públicos de baixo escalão, e até famílias de classe média, que tinham suas casas próximas ao entorno do Cerro. O preconceito da população das cidades gêmeas, não isentava esse bairro. Muitas vezes o endereço residencial podia fazer diferença na escolha de uma candidatura ao comércio ou indústria local, principalmente sendo o candidato do sexo feminino, "muitas moças decentes que viviam ali, não conseguiam trabalho", relatou Dona Alberta em referência aqueles duros tempos vivenciados pelos moradores da zona proibida. Ela própria havia experimentado várias vezes esse fantasma de perto- considerava-se uma pessoa de respeito, possuía formação- "estudando no Colégio das Freiras", entretanto muitas pessoas da cidade mantinham com ela uma relação de cordialidade, frieza, às vezes chegando a "indiferença e desprezo", devido a sua condição de proprietária de pensão<sup>220</sup>.

Do lado oposto, apresenta-se a perspectiva dos moradores da comunidade do Cerro do Marco, que por longo período conviveram com o preconceito imposto à região. Haroldo Zignago, antigo morador, "nascido e criado" no Cerro do Marco, salienta que:

Tinha realmente esses cabarés populares, tinha a Justina, o Farolito, a gorda Brum, a Maria Gorda, a Dona Marica, tinha a Maria Bitata, que quando faltava luz ela mandava os rapazes fumarem para evitar a fuga sem pagar! (risos) mas eu era pequeno, e me lembro, o meu pai sempre teve um armazém ali no Cerro, e elas vinham comprar lá em casa, elas andavam com umas roupas diferentes, coloridas, às vezes transparentes, mas eram boas pessoas e sempre pagavam em dia [...] mas naquela região não moravam só essas mulheres, a maioria das casas era de família de trabalhadores!<sup>221</sup>

Nesta parte, a investigação não se deteve especificamente na comunidade riverense, no entanto, através da literatura local, observa-se uma relação distinta a de seus vizinhos brasileiros. Para alguns moradores da antiga Rivera, o Cerro do Marco está impregnado pelas lembranças de uma outra cidade, em certos momentos agindo no imaginário da fronteira como um altar, um elemento físico, carregado de significados próximos a memória coletiva riverense. As lembranças do Cerro, cultivadas na memória do poeta, parece representar a voz dessa comunidade,

*Esta claro que este Marco no es uno cualquiera de los mojones que las comisiones internacionales de límites han colocado sobre la divisória entre nuestro país y el Brasil. El Marco a que me refiro, el que un día servió a Tell Ramis para que junto com un plátano y colores de mi Patria, diera forma al escudo de la ciudad, éste, todos lo sabemos, es el que está allí, en la cima del Cerro al cual dió su nombre[...]*<sup>222</sup>

---

<sup>220</sup> Relatos ou desabaços de Dona Alberta, quando perguntada sobre sua condição de proprietária de uma Pensão de aluguel de quartos para moças no centro da cidade.

<sup>221</sup> PONCHE, H. Z. Entrevista citada.

<sup>222</sup> ZAS RECAREY, Op. Cit. p. 18, 19.

Em sua narrativa sobre o Cerro, o escritor não impossibilita a existência de "unas muchachas de esta zona, pero muy enteradas ellas!", no entanto as mantém como personagens secundárias em um contexto de peculiaridades que fazem parte do cotidiano daquele sagrado lugar. Assim pode-se "ouvir" o Cerro "desabafar" com o poeta,

*Cuando ya las dos ciudades estaban entregadas al sueño, en el silencio de la noche, solamente escuchava dos sonidos: el de las máquinas de la usina eléctrica de Santana y el de una musica, as veces vibrante y juguetona y otras, lenta y machacona [...] Ellas comentaron que era de los cabarets santanenses, el "Internacional" primero y la "Caverna" después. De la Caverna, entre pieza e pieza sentía el ruido de las fichas de la ruleta y la voz ronca de Fernadito anunciando su varieté com Jeca Tatu<sup>223</sup>.*

O Cerro abrigou, ao longo dos anos, muitos músicos pertencentes as duas nacionalidades que viviam na região. Em Rivera, em noites folionas do *Marques das Carabillas* (Rei Momo uruguaio) logo após a apresentação dos desfiles das comparsas e murgas, era prática comum os foliões recorrerem as *calles* em deliberada busca de brindes para comer e para tomar. No alvorecer do dia, os músicos e alguns foliões remanescentes da festa, moradores do Cerro, logo após o desfile, percorriam o trajeto de volta para casa visitando o comércio local. Sua expectativa era ganhar alguns trocados, comida e bebida das casas comerciais, geralmente localizadas na linha divisória, embora algumas vezes esse costume assustasse alguns comerciantes,

Meu pai tinha comércio no Cerro lá pelos anos 1950 e quando acabavam as murgas na cidade e alguém avisava que eles estavam vindo para cá, a gente começava a fechar tudo, a recolher os salames e outras comidas. Muitas vezes não dava tempo e eles invadiam, ficavam tocando no pátio, bebendo e fazendo festa. No final era muito divertido. Eu me criei vendo isso!<sup>224</sup>

Outro cronista riverense registrou algumas dessas cenas carnavalescas que inscreveram-se no imaginário dessa comunidade,

*Los conjuntos y murgas que hasta de madrugada, entonaban sus versos, recorrían incesantemente los distintos "puestos de ventas", o algún comércio céntrico hacían oír sus voces, en busca del "peso" para atender sus necesidades<sup>225</sup>.*

Também os boêmios santanenses, caracterizavam-se por manterem esse costume, no entanto de maneira diferenciada. Quando reunidos todos os integrantes da orquestra, antes das apresentações daquela noite, os companheiros recorriam algumas casas de comerciantes conhecidos, para comer ou tomar alguma bebida oferecida pelo dono da casa,

---

<sup>223</sup> Idem, p. 19.

<sup>224</sup> PONCHE, H. Z. Entrevista citada.

<sup>225</sup> MIRANDA, Op. Cit. p. 22.

E a primeira casa que nós ia, de saída já era uma casa de comércio de um cidadão de nome Tubino, *entonce*, em cada casa desses comerciantes que nós chegava, nós davam duas garrafas de vinho português Adriano Ramos Pinto, e vinha naquele *envase* que é uma beleza de vinho[...]<sup>226</sup>

No decorrer daqueles anos, na fronteira transformaram-se os boêmios e também os lugares da boêmia. Aqueles tempos românticos, com seus respeitáveis boêmios deram lugar a homens modernos, que trocaram as valsas e mazurcas pelos tangos, boleros e, mais tarde, no final dos anos 1960, pela música das guitarras elétricas: estridentes e lisérgicas. A ruptura com os anos dourados da boemia fronteira deu-se com o advento das atrações trazidas pelo estilo moderno de viver e a comercialização de seus produtos. O público dos cabarés vai encontrar-se nos bailes regulares que adquirem mais frequência com o decorrer do tempo. Também a maioria da geração de trinta e quarenta encontra-se nesse momento com família constituída, possibilitando assim a procura por lugares que representem tranquilidade e diversão.

O brilho dos cabarés apaga-se por completo nos primeiros anos da década de 1970, posto que impõe-se uma nova ordem moral à cidade de Santana. O executivo municipal decreta o fechamento das casas noturnas, priorizando aquelas localizadas no centro da cidade, dentro do perímetro urbano. A proibição é acompanhada pela repressão policial às boates, com o objetivo de manter as casas fechadas. Nesse momento a sociedade brasileira também se manterá aprisionada em suas liberdades individuais e assustada diante da perspectiva imposta pela truculência militar aos cidadãos. Em Santana, os primeiros anos de chumbo da ditadura- quando os governantes eram indicados para os cargos executivos, e o novo regime impunha-se como defensor da moral e dos bons costumes- foi indicado um professor conservador para o cargo de prefeito da cidade<sup>227</sup>. Essa política moralista, imposta à cidade vai respingar numa modalidade ainda remanescente, porém duradouro do lazer romantizado dos anos anteriores: os salões de baile do cabaré, popularmente denominados de bailantas ou de boates. Demônio, diverte-se trazendo à lembrança alguns enfrentamentos que manteve com a polícia e o poder público, enquanto empresário da noite, no bairro Prado, localidade da periferia de Santana:

---

<sup>226</sup> BISSO, H. Entrevista citada.

<sup>227</sup> Tornou-se possível a reconstrução do cenário daquele momento, segundo os relatos feitos pelo artista Demônio e Dona Alberta, quando questionados pelo término das casas de prostituição na cidade.

Quando eu tive boate aqui no Prado, quando entrou o prefeito Bassedas ele queria terminar com a zona de boate no Prado, e terminou né? E aí, bom, todo mundo desesperado porque queriam que fechassem as portas, bah, tinha um monte de casa aí !

Aí eu já era dono de boate. Os homem me queriam e eu fui lá, ah, não, veio a Brigada- Ah, tá fechada! fecharam as portas. Ah, vinha a Brigada! A Brigada chegou e fechou todas as casa! Chegou na minha, eu disse, não - ah, mas tá fechada! Eles vinham de metralhadora e não sei o que mais!<sup>228</sup>

## 2.4- Os Cine-Theatros

Outro local que abrigava a sociabilidade da comunidade fronteiriça, principalmente nas primeiras décadas do século passado, estava localizado no coração administrativo de Santana, em frente a Praça General Osório. Entretanto, esse espaço mostrava-se restrito a um público proveniente das camadas média e alta do lugar<sup>229</sup>.

No Cine-Theatro Sete de Setembro, comumente a classe rica santanense recepcionava personalidades e políticos influentes daquele período. Na década de vinte, Santana recebeu a visita do poeta e jornalista Olavo Bilac, que foi homenageado pelo General Flores da Cunha, no refinado Theatro Sete de Setembro, onde proferiu célebre palestra. Após a cerimônia, um banquete foi servido para o ilustre convidado e sua seleta platéia. O espaço também era usado para exibição de filmes mudos, geralmente acompanhados de um pianista, que ditava o ritmo das cenas através dos acordes do piano. As variadas sessões de matiné, acompanharam a infância de Dona Sinhá,

Muita gente assistia o teatro, muita gente. Ah, tocavam música, tinha o cinema. Os artistas dessa peça eram do Rio né? O Sete de Setembro era na frente da praça onde é o Fórum, ali era teatro, cinema. Eu me lembro que eu era menina e uma empregada nos levava pro matiné de tarde, e a minha irmã queria fazer xixi e fez ali no camarote! (risos) tinha lindos camarotes, no Teatro Sete<sup>230</sup>.

Do outro lado da linha divisória, na vizinha cidade de Rivera, apresentavam-se companhias teatrais vindas de Montevidéu, que realizavam inúmeras temporadas pelo interior dos municípios, entre eles Tacuarembó e Rivera, que estavam entre os mais solicitados por apresentarem sólido vigor econômico.

Por essas regiões circulavam grandes proprietários de terras, que geralmente mantinham influências políticas, aventureiros e homens dispostos a financiar os espaços de sociabilidade, porém todos eles dispostos a gastar, sendo "bens sucedidos e com muitas

---

<sup>228</sup> MARTINS, D. Entrevista citada.

<sup>229</sup> BITTENCOURT, C.C. Op, Cit. p. 93.

quadras de campo"<sup>231</sup>. Tacuarembó, por exemplo, tornava-se um lugar assediado pelas novas atrações culturais: nos cafés, cabarés e nos teatros concorriam encenações de peças e números musicais. Seu Floriano, barbeiro especializado em cortes femininos, num determinado momento, transferiu sua barbearia para a cidade de Tacuarembó, porque "tava melhor para viver, tinha muita riqueza, muitas atrações e pouca gente, tava bom para trabalhar, ganhar dinheiro"<sup>232</sup>.

Quando apresentadas em Rivera, essas atrações- apresentações de esquetes, dramas, comédias e números musicais- mantinham-se em cartaz geralmente no Cine-Teatro El Riverense, Teatro Florêncio Sanches e nos clubes Artigas e Uruguai. As companhias buscavam chamar atenção das famílias riverenses, que consistiam em sua maior audiência. Segundo verificou-se nas publicações de jornais dessa época, o repertório apresentava-se sendo variado: comédias, dramas, sortidos números de mágica, recital de canto lírico ou músicas modernas. Os espaços sociais que agregava o lazer dos uruguaios, em alguns momentos apresenta-se direcionado a um heterogêneo público, os espectadores riverenses.

Por outro lado, nas temporadas das companhias vindas de outras regiões do Brasil, ou mesmo do Uruguai, mesclavam-se cidadãos de ambos os países, os vizinhos de cidade, acompanhados de suas famílias. Curioso observar que, ao longo de duas décadas, manteve-se como hábito um tipo de segregação cultural naquela região. Tanto nas lembranças dos memorialistas, como nas peças publicitárias dos periódicos dessa época pode se verificar que muitas vezes, os anúncios informando a programação mostram-se direcionados para um determinada nacionalidade<sup>233</sup>. Por diversos momentos a investigação deparou-se com publicidades direcionadas a um determinado público. No diário *Tradición Colorada*, embora, ressaltando seu cunho político ideológico, pode-se encontrar em sua coluna *Sociedad*, convites direcionados ao um "*conecido y bien gustado público nuestro*". Ainda que, ao final do convite comunique-se o preço das cadeiras na platéia no valor das

---

<sup>230</sup> BORBA, Sinhá. 87 anos. Entrevista concedida a Liane C. Aseff. Santana do Livramento, 13.01.2004.

<sup>231</sup> Nesse momento, a investigação, deteve-se também nas informações de Dona A., ex-dona de bordel, onde por muitos anos manteve sua casa uma rica clientela de grandes proprietários de terra da região. No começo do século a região de Tacuarembó, foi invadida por trabalhadores, artistas e aventureiros, movidos pela emergente febre do ouro e tudo o que transcorria ao seu redor. Mais alguns dados sobre a região de Tacuarembó, pesquisar o estudo de BAYARDO, N. *Gardel, a la luz de la história*. Montevideo, *Aguilar/Fundación BankBoston*, 2000. p. 87, 88.

<sup>232</sup> MENENDES, F. Entrevista citada.

<sup>233</sup> Nas obras literárias da região verifica-se que os relatos das cenas do lazer riverense referem-se constantemente ao público uruguaio, assim como a publicidade dos jornais investigados.

duas moedas de uso local: pesos e mil réis, o corpo do texto dá conta do universo da dramaturgia uruguaia. Como nessa convocação, que buscava espectadores para o trabalho da *Compañia Renacimiento* a peça *Malvaloca*, dos irmãos Quinteros, no Teatro *El Riverense*.

*[...]En fin, por la lectura de la nómina que abajo publicamos se dará cuenta el público que salvo la pareja principal, todo está modificado. Abrigamos no obstante la certeza que la conocida experiencia del señor valenti, lo haya hecho formar un conjunto artístico digno de los valores de la señora Olvido leguía y de suyos propio, que ya son bastantes*<sup>234</sup>.

Embora não tendo um público significativo de espectadores brasileiros em suas atrações, os jornais riverenses comunicavam em sua coluna social a programação em cartaz das casas santaneses. Segundo mostra a publicidade deste jornal, convidando o público, formado por leitores uruguaiois, a assistirem o espetáculo moderno representado por grupo espanhol, ocorrido no Cine Theatro Brasil Uruguai, localizado no centro de Santana,

*En "Brasil Uruguay" de Livramento ocupa el palco escénico un discreto conjunto español de espectáculos modernos. Cuyas principales figuras son Adelina Guzman y Carmen Diaz. Su labor mereció aplausos y el publico encantado del buen rato*<sup>235</sup>.

Os periódicos também serviam para informar o público dos acontecimentos sociais. A população que não tinha meios para participar dos quadros sociais do seletto Club Uruguay, contentava-se com as notícias, com minúcias sobre as festividades ocorridas no clube e na cidade. A coluna *Sociales*, em generoso espaço, o cronista relata os detalhes da festa, discriminando o nome das famílias tradicionais que prestigiaram o baile comemorativo a sua Independência,

#### ***El Baile del Club Uruguay***

*Extraordinariamente animado resultó el baile que ofreció la noche del 24 el Cub Uruguay a sus asociados, en ocasión de celebrar la entrada del día 25[...] se bailó animadamente hasta las 5 y media de la mañana del 25, lo que dá una idea del entusiasmo de los danzarines. Um hermoso conjunto de chicas realzaran la importancia de esto acontecimiento social, asi como una gran afluencia de familias de lo más distinguidas*<sup>236</sup>.

<sup>234</sup> *Tradición Colorada*, 1.07.1930. p. 02.

<sup>235</sup> *Idem*, 23.07.1930. p. 02. A história da fundação deste teatro é curiosa. Os relatos das fontes revelam que o primeiro proprietário, Policárpio Duarte, próspero fazendeiro de Santana mantinha camarote cativo no Theatro Sete de Setembro. Em certa ocasião, desagostoso com a administração da casa por terem cedido seu lugar para terceiros, abandonou a frequência no teatro. Empenhou-se então num projeto da construção de um novo espaço cultural, rival ao Theatro Sete de Setembro, nas proximidades do concorrente. Nascia então o Cine Theatro Brasil Uruguai, mais tarde Cine Theatro Colombo. A denominação do novo espaço cultural, ironicamente, parecia sepultar os ícones e a sofisticação do Império propostas na tradicional casa de espetáculos. Irmanando-se com seus vizinhos, o novo espaço procurava buscar diversificada platéia. A nova construção e seu ambiente moderno, caracterizaram um novo tempo, quando, ao mesmo tempo em que mantendo o conforto dos assentos ofereciam uma estética moderna. Embora conservasse uma platéia ainda elitista, possibilitava o acesso de outro público, porém que estivesse integrado as regras sociais.

<sup>236</sup> *Tradición Colorada*, 26.08.1930. p. 02.

Assim, na década de trinta, também a prática nacionalista da comemoração dos bailes cívicos, pode ser verificada nas cidades. Mesmo restrita ao círculo social das famílias da classe alta, essa atividade encontrava-se na cena da sociabilidade fronteiriça, ainda que a população em geral ficasse afastada, ainda que informada dos bastidores dos acontecimentos sociais, relatados constantemente pelos meios de comunicação locais. Verificou-se que a prática de realização dos bailes, nos salões de clubes sociais, já constava, pelo menos uma década antes, no circuito da cena noturna riverense. Em Santana, uma década mais tarde, tomara-se comum as colunas sociais relatarem a frequência de famílias uruguaias nos clubes santanenses. Seja nos salões do sofisticado Clube Comercial, ou nos salões do Clube Caixaeral, por sua vez, auto-intitulado o Clube dos Moços ou da Mocidade e principalmente, nos Cabaret- Cassinos.

## 2.5- Os Corsos, genuínos espaços da diversão popular

*Y a medida que transcurre  
el tiempo el corso se agranda  
" porque apesar de la crisis  
para fiestas siempre hay plata"*  
Olyntho Maria Simões.

Se por um lado, a prática dos *assaltos*, frequentes até meados da década de 1940, aconteciam nas casas de familiares da camada média, funcionando como espaços de integração e sociabilização entre essa classe, os desfiles dos Corsos cumpriam função semelhante para a maioria da população fronteiriça. Assistindo ao desfile do Corso, com seus luxuosos carros alegóricos, esses espectadores contentavam-se em flunar entre os personagens da noite foliona<sup>237</sup>. Muitas pessoas encontravam-se impossibilitadas de adquirir uma fantasia, passaporte para o desfile. Entretanto, mantinham-se informadas sobre a movimentação e preparativos para os bailes e desfiles, através dos jornais, ou do tradicional boca-a-boca e mais tarde, com seus aparelhos de rádio, meio fundamental de divulgação de notícias à época, para a maioria da população.

---

<sup>237</sup> Na pesquisa, usa-se flunar como significado de admiração, observação, para relatar as atitudes daquele público que se encontrava impossibilitado de consumir; sejam os produtos mais caros ou estilos de vida de outra camada social.

O estudo verificou a necessidade da população em buscar novos espaços para exercer sua sociabilidade, em uma década onde a comunidade estava carente de atrativos culturais. Anteriormente, o lazer encontrava-se atrelado as festas religiosas que a Igreja Católica promovia, como as procissões e as quermesses. As pessoas que habitavam essa região, esperavam ansiosos o decorrer dos meses, quando enfim, o calendário marcaria o final do inverno rigoroso, trazendo o calor e o colorido das noites carnavalescas.

A chegada dos meses mais quentes, especialmente os de janeiro e de fevereiro, possibilitava um lazer mais livre, como as caminhadas pelas ruas e praças das cidades. As noites de verão, aproximavam as pessoas daquelas divertidas semanas pré- carnavalescas, em que a alegria burlesca impregnava o espírito dos foliões, pois ao, "*el sonar de tambores y flautas, panderos y pinos, "las matracas", y los pitos de unos y otros, aturdián al sobrio caballero que silencioso e observador recorria todos los movimientos del bulicioso acontecimiento*"<sup>238</sup>.

Anteriormente, no desenrolar da década de 1920, tanto o público brasileiro como o uruguaio esperavam com certa ansiedade a chegada de dias desmedidos de alegria, "*una fiesta que por algo más de una semana hacía vibrar hasta los cimientos a ambas poblaciones, aturridas por el ritmo de una alegría desatada*"<sup>239</sup>.

No entanto, a partir de metade dos anos trinta, o número de casas de espetáculos e atrações esportivas apresenta um aumento significativo. Com a incipiente transformação urbana, ao menos na região central, altera-se o panorama de atividades destinadas à diversão popular. Os anúncios dos jornais confirmam uma diversidade de novas opções do lazer. Tornam-se emergentes as práticas esportivas como as lutas de boxe, as partidas de futebol e as corridas ciclísticas, especialmente na cidade de Rivera.

Alguns memorialistas alertam que a emergência do desenvolvimento econômico daquela região mantém estreita relação com a organização destas festas populares. O comércio local apontava para uma sofisticação nas suas mercadorias, adquirindo produtos diferenciados, como perfumes e especiarias vindas da Europa e da China, para atender uma emergente clientela, ansiosa pelo consumo sofisticado, mais "civilizado". Esse vigor estaria relacionado as novas opções do lazer, e a diversidade dos novas práticas impostas no momento. Assim, o saudoso cronista Hipólito Zas Recarey

---

<sup>238</sup> MIRANDA, J. C. F. *Carnavales Riverenses. Apuntes para su História*. Rivera, 1989. p. 23.

dispõem sua lembranças sobre aquela Rivera, que vai experimentando um processo de reciclagem de seus tradicionais espaços populares de diversão,

*Además, debemos concordar en un hecho de difícil contradicción: han cambiado las épocas, las costumbres y...también hemos cambiado nosotros[...] para más de una generación de riverenses fueram inolvidables fiestas populares.[...]el brillo inusitado de los carnavales fronteirizos coincidió con o desarrollo, también inusitado, de la actividad comercial en Rivera, que tuyo su origen en la concentración en esta ciudad de grandes "stocks" de mercaderías muy finas especialmente telas, procedentes de Europa, China y Japón[...] Comerciantes de otras plazas concurrieron massivamente a Rivera buscando la oportunidad propiciada para realizar un buen negocio. Ese y otros motivos, le dieron a la frontera un ritmo muy adecuado para los grandes movimientos de masas, como el Carnaval, encontraran allí un digo escenario<sup>240</sup>.*

O desenvolvimento do comércio local muitas vezes tornou-se possível devido a característica física, peculiar daquela fronteira<sup>241</sup>. O comércio a partir dos anos vinte, vai vincular-se ao discurso da singularidade geográfica para chamar atenção de seus diferenciados produtos. Nos jornais que circulavam nesse período em Santana e Rivera é usual encontrar na publicidade "para o atendimento do público irmanado de Rivera" ou "do outro lado da linha divisória" Também como a célebre propaganda que evidenciava o Bar e Restaurante Pedrinho, na região central, do outro lado da linha divisória em Santana " O primeiro Restaurante, para quem chega no Brasil".

As festas, especialmente as do carnaval, passavam por inovador processo de organização. A administração municipal em conjunto com a segurança pública e os comerciantes, introduzirá um carácter mais profissional e lucrativo a essa festividade. No término da década de trinta, a administração de Santana e a de Rivera em uma ação conjunta com os empresários, vão unir-se, cada um em seu território, na disputa pelos turistas vindos das cidadezinhas do interior e da capital Montevidéu, em vagões "Fonoelétricos, reluzentes de alegria", como alardeava uma publicidade da época<sup>242</sup>.

Considerando o panorama imposto a sociedade logo após o primeiro pós-guerra, investigado por Nicolau Sevckenko, encontra-se o imaginário urbano impregnado por sentimentos como, "para um efeito sinérgico", apresentando as novas características desse

---

<sup>239</sup> ZAS RE CAREY, Op. Cit. p. 55.

<sup>240</sup> Idem, p. 53, 54.

<sup>241</sup> Uma grande extensão de fronteira seca, onde é praticamente impossível impor uma repressão acentuada ao contrabando por muito tempo, estimulou o surgimento de uma gama de casas comerciais dos dois lados da linha divisória. Dependendo da cotação das moedas, um lado ou o outro é privilegiado, sugerindo uma balança que hora pende para o comércio brasileiro, ora para as casas uruguaias.

<sup>242</sup> Ver capítulo três.

homem moderno, "homem máquina, mulher energia, mulher erotizada"<sup>243</sup>. A fronteira acompanhava o novo mundo direcionado pelo desejo e o consumo da inovação tecnológica e novas práticas sociais. Verifica-se também a necessidade dessa população em associar-se a práticas diferenciadas para o lazer, buscando experimentar sentimentos mais vibrantes<sup>244</sup>.

### **2.5.1- As faces do carnaval fronteiriço**

Em Santana, já na década de 1920 eram comuns os festejos carnavalescos estenderem-se pela linha afora, ou seja, seguirem para o lado uruguaio da divisa. O trajeto podia obedecer ao seguinte itinerário:

Praça. General Osório, entrando pela rua dos Andradas, em direção a avenida Sarandi, em Rivera, passando pela Praça Rio Branco até contornar a praça General Flores; dali, retornando pelo mesmo caminho. Assim, o ciclo se completava noite a dentro, aguardando a hora dos burlescos bailes nos clubes locais. Comercial, Caixerai, Uruguay. O jogo de serpentinas multicores e confetes era tão intenso, que nas rodas dos carros se formavam emaranhados róis, sendo preciso, muitas vezes baixar e fazer a obstrução<sup>245</sup>.

Longe dos glamorosos salões elitizados, que caracterizavam o ritual dos bailes carnavalescos- notadamente restritos a uma pequena elite- nos passeios públicos, divertia-se a maioria da comunidade. Uma pequena parcela da população fronteiriça podia usufruir o prazer do convívio nesses cenários sociais, posto que os três clubes existentes nesse período, dois em Santana e um em Rivera, possuíam rígidos critérios para aceitação de um associado. A primeira seleção dava-se através da classe social e poder aquisitivo que o sujeito detinha.

Nos meses de janeiro e fevereiro, destinados aos preparativos dos desfiles carnavalescos, denominados pela maioria da comunidade de corsos públicos, insinuava-se uma aproximação de práticas culturais comuns entre as famílias mais abastadas e uma população de trabalhadores em geral. Nestes espaços, reservados para as noites carnavalescas fronteiriças, tanto nos passeios públicos como nos clubes, podiam-se verificar algumas práticas usuais a esses dias de momo. Então, acontecia de encontrar-se nos salões refinados

---

<sup>243</sup> Para Nicolau Sevcenko, essas expressões direcionariam os sentidos do novo homem do século XX, rompendo com os paradigmas românticos do passado. As pessoas buscavam esportes e atrações que as colocassem frente a sentimentos intensos, exóticos, radicais, numa referência as emoções vivenciadas pela Primeira Guerra Mundial.

<sup>244</sup> SEVCENCKO, Op. Cit.

<sup>245</sup> BITTENCOURT, C. C. Op. Cit. p. 191.

da alta sociedade como nos desfiles dos carros alegóricos de rua, foliões afoitos que em meio a multidão endiabrada, tomava para si a brincadeira de jogar-se água, ou dos insinuantos e também agressivos- dependendo do ponto de vista- jogos de lança perfumes.

No carnaval internacional dos anos 1930, os foliões atravessavam a linha da fronteira, em meio aos jogos de confetes, serpentinas, lança perfumes e nos dias específicos, o jogo da água<sup>246</sup>. Cada segmento social, a sua maneira, praticava livremente essas brincadeiras: os foliões mais refinados entre as paredes dos poucos clubes sociais existentes na cidade, os camavalescos mais singelos, porém, brincavam no meio da multidão. Não importando o local, o que mais interessava àqueles animados espectadores dos dias de momo, eram as práticas seculares carnavalescas, sinônimo de diversão popular. Momentos lúdicos que ainda habitam as lembranças do jovem Perseverando, herdeiro de uma família de pecuaristas,

Era uma montueira de gente, a Sarandi ficava assim. Antes, tinha o dia da água, tu não podia sair, tu ia passando e te jogavam água, um dia específico, geralmente, jogavam era água, um balde de água que atiravam, levavam água em caminhões e nisso, tinha um dia especial, não posso te dizer se era Segunda-feira, me parece que era, nesse dia tu saía na rua e estava exposto a isso, tomava um banho d'água! [...] ali nos clubes tinha o confete e tinha os lanças perfumes que se jogavam, quem atirava nos olhos naturalmente não era uma pessoa educada, a pessoa fazia uma graça, o sujeito atirava lança perfume nos olhos para a pessoa não enxergar, isso é uma grosseria, agora a pessoa mesmo, da elite, elegante e tudo, jogava um perfume assim, no pescoço da moça, claro, assim, porque aquilo era frio né, (risos)<sup>247</sup>.

Ou como as brincadeiras usuais a essa mesma festividade popular impregnadas nas recordações da jovem Elda, também egressa de uma família de pequenos agricultores, de uma localidade situada no interior do município,

Quando a gente gostava de um rapaz, a gente jogava serpentina nele, jogava em quem achasse bonito, jogava serpentina e eles às vezes jogavam também; eu ficava braba quando jogavam em mim, tu vinha vindo e te jogavam lança perfume nos olhos, ai, ai, parece que tu ia enloquece de dor, era uma dor que parece que te atiram fogo nos olhos! O curso começava assim, sempre no escurecer né, e amanhecia no curso, todo mundo se misturava!<sup>248</sup>

Situação semelhante a vivenciada por Perseverando e Elda pode ser descoberta na crônica literária de João do Rio, um agudo observador dos costumes e cosmopolitismo da sociedade carioca do início do século XX. Aspectos dessa característica bakhtiniana,

---

<sup>246</sup> A denominação de Carnaval Internacional era conferida aos desfiles dos Corsos por seguirem um trajeto A denominação de carnaval internacional era conferida aos desfiles dos Corsos por seguirem um trajeto que cruzava a linha da fronteira, unificando a festividade. O carnaval fronteiriço manteve essas características até o final dos anos trinta, quando então cada cidade passou a organizar suas próprias festas.

<sup>247</sup> SANTANA, P.F. Entrevista citada.

<sup>248</sup> CORTES, E. Entrevista citada.

onde as práticas sociais misturam-se, denunciando um tipo de circularidade cultural, são identificados na crônica de João do Rio Através dos efervescentes acontecimentos que precedem as noites carnavalescas de um homem pertencente a alta sociedade carioca, o escritor parece buscar o rastro pagão da essência desse homem entediado que vivencia seus sentimentos nessa nova cidade,

O carnaval só é interessante porque nos dá essa sensação de angustioso imprevisto, um carnaval sem aventuras não é carnaval [...] Íamos beber *champagne* aos clubes de jogo que anunciavam bailes e aos maxixes mais ordinários. Era divertidíssimo e ao quinto clube estávamos de todo excitados. Foi quando lembrei uma visita ao baile público do Recreio. Com efeito. Íamos juntos e fantasiadas as mulheres. Não havia o que temer e a gente conseguia realizar o maior desejo: acanalhar-se, enlamear-se bem! [...] fomos e era a desolação com pretas beicudas e desdentadas, todo o pessoal de azeiteiros das ruelas lóbregas e essas estranhas figuras de larvas diabólicas, de incubos em frascos de álcool, que têm as perdas de certas ruas[...] De resto a cidade toda estava assim. É o momento em que por trás das máscaras as meninas confessam paixões aos rapazes[...] Nesse momento tudo é possível, os maiores absurdos, os maiores crimes; nesse momento há um riso que galvaniza os sentidos. Eu estava trepidante, com uma ânsia de acanalhar-me, quase mórbida. Nada de raparigas do galarim perfumadas e por demais conhecidas, nada do contato familiar, mas o deboche anônimo, o deboche ritual, Era ignóbil. Felizmente muita gente sofre do mesmo mal no carnaval[...]<sup>249</sup>

Como no conto de João do Rio, muitos fronteirões esgotavam nos quatro dias da folia suas cotas anuais de experiências transgressoras. Mesmo que esses pequenos deslizes de conduta implicassem em inocentes jatos de lança perfumes no desconhecido atraente ou algum balde d'água em uma moça de outra região da cidade.

Embora seja possível afirmar que boa parte dos ingredientes da boêmia fronteira tenha se desenvolvido nas casas noturnas, é conveniente direcionar o olhar da investigação para outras festividades e seus distintos personagens, como "naqueles anos donde os carros do corso e as serpentina varriam as ruas da cidade", como rememorou um dos seus mais antigos personagens das noites boêmias<sup>250</sup>.

---

<sup>249</sup> RIO, J. O bebê da tarlatana rosa. In CAVALCANTE, D., ALVES, C.C.; SILVA, J.R.L (org.) Contos em Quadros, Juiz de Fora: Ed. UFJF, MUSA Editora, 2002. p. 42, 43.

<sup>250</sup> BISSO. H. Entrevista citada.

## 2.6-Outras festas: Orquestras, serenatas, bailes, *assaltos*

Eu vou te contar,  
naqueles anos,  
nós era tudo boêmio!  
Humberto Bisso, 2003.

Seu Bisso, personagem da cena boemia por mais de duas décadas, manteve com outros colegas de profissão, alfaiates e pequenos comerciantes uma pequena orquestra mista de brasileiros e uruguaios. Composta por dez músicos que, no mais das vezes, rompiam a noite executando seu repertório eclético, entre valsas, tangos e marchinhas, levando a festa cordial pelas ruas e residências da fronteira. Através das lembranças desse saudoso boêmio podemos constatar uma efervescente confluência cultural. Nas memórias de Seu Bisso daquela outra época, verifica-se jovens brasileiros e uruguaios dividindo os mesmos espaços de sociabilidade. Conforme recorda, dos velhos e bons tempos,

Nós saía de noite para Rivera né, *entonces* nós ia para Rivera, e o chefe de polícia era um coronel por nome de Ventura Pires, naquelas épocas e ele se agradava das serenatas, nós dava serenata todas as noite pra ele. E ele nos deu carta branca para a rapaziada, que a polícia sempre andava em ordem né, nós, *entonces* todos os dias dias levava uma para ele(risos) uma serenata, a turma de rapaz que te falei!<sup>251</sup>

Embora as serenatas acolhessem uma rota itinerante de um público familiar, a maior parte delas dáva-se nas ruas da fronteira, diferente de outra prática social similar dos *assaltos*.

Os bailes e os *assaltos* nas residências familiares, muito comuns desde o alvorecer do século XX, alcançaram maior expressividade em suas três primeiras décadas. Essa prática, tornou-se usual tanto nos espaços familiares da cidade como nos distritos do interior do município. Ainda que, os *assaltos-supresa* fossem mais expressivos nas residências da campanha. Na época, os clubes sociais, ainda em número reduzido, realizavam bailes mensais, salvo em períodos carnavalescos. Tornava-se visível a carência de lugares que possibilitassem aos jovens e também aos adultos desfrutar o divertido ambiente dos salões de bailes. Nesses ambientes, podia-se desfilar para ver e ser visto. As moças, mesmo acompanhadas pela família, podiam lançar olhares enamorados, assim como os jovens rapazes.

---

<sup>251</sup> BISSO, H. Entrevista citada.

Os bailes de *assaltos* ou de *surpresas* que aconteciam nos lares da campanha, obedeciam quase sempre uma mesma sequência: os festeiros reunidos escolhiam a casa da "vítima" a ser "assaltada", arrebanhando pelas redondezas novos companheiros para a divertida empreitada ao lugar indicado. Homens e mulheres, jovens e velhos, chegando a seu destino dividiam-se entre as tarefas rotineiras a esse tipo de evento: alguns, na matança de novilhos, porcos ou um animal disponível para a realização do churrasco. Outros arredavam cadeiras, mesas e demais objetos que pudessem impedir os afoitos festeiros da realização do baile, geralmente ambientado na sala ou galpão, dependendo do espaço físico do anfitrião. Assim, Virgínia relembra sua juventude, regada com algumas aparições nessas festas,

Chegava de surpresa numa casa que escolhiam não é?, chegavam já tocando gaita, é o que usavam antigamente era gaita, era o violão, e aí já começava o baile né? aí ia até de madrugada, as música era as de gaúcho. Eu era solteira, não namorava ainda, tinha uns 14, 15 anos, com uma amiga e uns amigos. Foi de noite, mas nós de tarde, já saia, nós fomo à cavalo( risos). É, à cavalo pro baile! Aí, nós não tinha hora para voltar, parece que eu posei na casa da Enera, tinha uma comida, uma janta, era muito lindo!<sup>252</sup>

Os espaços de sociabilidade, quando estendidos ao meio rural divertiam o público que vivia em chácaras ou na zona rural e que não tinha disponibilidade nem recursos para frequentar as atrações urbanas. Seu Bisso e seus companheiros alegraram com sua orquestra, encontros semelhantes aos mencionados:

Nos fazia eu vou te contar, as nossas jantas, as nossas festas, nós ia daqui para campanha, prá baile, é, e tinha uma família alemã aqui em Santana, naquelas épocas, numa chacrinha que hoje já fica dentro da cidade, e naquele tempo era chacrinha, eram alemão também, descendentes de alemães, os pais eram alemão, e as moças, tinha umas moças, e os irmãos eram construtor, e tinha caminhão, que nós ía nele, quando havia baile em campanha era uma alegria, e elas mandavam nos avisar, *entoces* nós ía. Ah não! se tocava de tudo, música antiga, eu tenho aí uma música daquelas épocas, que ninguém tem aqui, nem nas rádios não tem aí, um valsa. Nós tocava valsa, cantava tango, essa valsa que eu tenho ai era dos boêmios!<sup>253</sup>

Mesmo possuindo relações de amizade com as famílias, pois partilhavam e divertiam-se frequentemente no mesmo lugar, a figura do músico, muitas vezes constituía-se alvo de temores e preconceitos. As moças muitas vezes não estavam autorizadas pelos pais a aceitar a corte desses rapazes, que tinham sua moral associada a "imoralidade dos cabarés", a desocupação e a boa vida.

---

<sup>252</sup> APOITIA V. S. Entrevista citada.

<sup>253</sup> BISSO, H. Entrevista citada.

Contudo, a desaprovação a sua conduta boêmia prejudicava suas relações amorosas,

Um dos nossos amigos, João da Silva Farias Filho namorava uma das moças e queria se casar, não casou porque a velha achou que nós era muito boêmio, não deixou a filha casar com o João e ele ganhava bem!<sup>254</sup>

Os *assaltos* urbanos, em muitas ocasiões, dependendo do poder aquisitivo do grupo promotor do evento e da "vítima" aconteciam e eram noticiados nos principais jornais da cidade, especialmente nos períodos pré-carnavalescos. Claro que essa prática encontrava-se restrita à classe endinheirada da região. Tanto podia acontecer nos lares riverenses como santanenses. Conforme anunciada nesse periódico a reunião desses afoitos foliões,

Os cadetes da folia atacam,  
hoje, novas posições.  
Será assaltada a residência do Sr. Vicente Fialho  
Continuando nas suas operações estratégicas o bloco "Cadetes da Folia" assaltará hoje á noite à residência do Sr. Vicente Fialho reduto eu se encontra preparado devidamente para receber o ataque. O acontecimento, segundo nos informaram, será do abafa<sup>255</sup>.

Nesses bailes, no entanto a "vítima" eleita, em alguns momentos eximia-se de saber sobre a inesperada visita. Dona Elpydia, recordou alguns desses inusitados encontros pelos salões de algumas famílias, os quais de repente,

O pessoal decidia por assaltar uma residência, e todos iam para lá, levavam orquestra de músicos. Em campanha e na cidade aconteciam as festas de "assalto", ou as surpresas como o pessoal chamava<sup>256</sup>.

Os grupos de foliões urbanos pertenciam a classes sociais diversificadas, podia-se encontrar alfaiates, barbeiros, pequenos comerciantes, mas principalmente, eram compostos pelas famílias tradicionais da classe alta, geralmente pertencentes a uma elite agropecuarista que mantinham e monopolizavam a promoção desses eventos.

Embora as fontes tenham verificado uma maior afluência de *assaltos* na camada alta e média da população que residia na cidade, sabe-se que entre as famílias de trabalhadores rurais humildes também mantinha-se essa divertida prática. A diferença no meio rural, estava na denominação, *surpresas* chamava-se a prática de "surpreender" os amigos. O ambiente das *surpresas* geralmente era simples, abrigando todos os membros da família.

---

<sup>254</sup> BISSO, H. Entrevista citada.

<sup>255</sup> *A Platéia*, 27.01.1941. p. 04.

<sup>256</sup> DUTRA, E. M. Entrevista citada.

A comida tinha o cardápio muito variado, conforme as posses do festeiro, "se tinha porco, era porco, se tinha galinha ou ovelha, se comia também" e os homens bebiam o vinho"<sup>257</sup>. Na região da campanha, as *surpresas* também como os seus similares urbanos, aconteciam mensalmente, e nos períodos de carnaval semanalmente. A carga de reuniões dependia da animação foliona de cada proprietário rural, pois geralmente podiam-se reunir até dez famílias de uma mesma região.

## 2.7- O cinema Hermes, um sonho popular

Eu tinha um bom repertório naquela época,  
e dava conselhos para a gurizada,  
pedia para eles não matarem os passarinhos,  
respeitarem as pessoas velhas,  
serem amigos dos pais.  
Hermes Walter, 2003.

Em 1954, um cinema genuinamente popular finalmente saía dos planos do sonho de seu idealizador e se transformava em uma efetiva forma de lazer para uma parcela significativa da população de Santana do Livramento e Rivera. A inauguração do Cinema Hermes, idealizado e construído pelo cinéfilo e então funcionário do Banco do Brasil, Hermes Walter, consolidava o desejo do proprietário de ver na cidade uma sala de exposições para a comunidade mais carente<sup>258</sup>.

Seu Hermes, como ficou conhecido pelos quatro cantos além da fronteira, desde a sua infância pobre alimentava o desejo da construção de um cinema. Seu Hermes, pode-se dizer, foi um visionário. Idealizava em sua fantasia juvenil um lugar que acolhesse os jovens carentes que, como ele, não tinham como pagar o valor do ingresso das matinés. Sua infância foi passada na Santana "capital do mundo", com variadas atrações culturais e salas onde acontecia a exibição de filmes mudos<sup>259</sup>.

---

<sup>257</sup> APOITIA, V. S. Entrevista citada.

<sup>258</sup> Embora a fronteira tenha mantido uma variedade de salas de cinema entre os anos de 1940 e 1960, a pesquisa priorizou este cinema pela importância de seu empreendimento social; deliberadamente idealista e utópico, que manteve-se por mais de vinte anos como opção de lazer para jovens de comunidades carentes e da classe média. Reunindo-os em um mesmo espaço, seu Hermes antecipava uma ação social. Naquele espaço lúdico as crianças sentiam-se cidadãs, longe de uma sociedade excludente, onde a população carente por muitas vezes encontrava-se impossibilitada para usufruir de sua variedade de atrações artísticas.

<sup>259</sup> MACHADO, L. Op. Cit. p. 10. Expressão usada pelo jornalista santanense da velha guarda Luiz Carlos Vares para designar a fluência de casas noturnas e atrações para o lazer na fronteira.

O ideólogo do cinema popular, emociona-se recordando sua infância de cinéfilo quando:

Eu era guri pequeno era bem pobre mesmo, sabe? Então eu ajudava pedindo nas casas em Rivera, nas famílias, pedindo para lavar as calçadas, limpar algo, e eles me davam uns trocados, e eu ia ao cinema ver meus filmes, eu tinha uns 10 anos, um dia quando passava um filme do *Frankstein*, eu fui escondido do meu pai, eu pensava na portaria dos cinemas, porque eu era conhecidos dos porteiros, sabe? Quanto jovem sem dinheiro como eu e querendo ver um filme, um dia eu vou fazer um cinema para mim e para eles! E fiz. Esses filmes passei todos lá<sup>260</sup>.

Inicialmente, as projeções dos filmes aconteciam no interior de um galpão rústico, com bancos de madeira, o público repleto de crianças e jovens, que mantinham a assistência lotada. O cinema estava localizado na vila Júlio de Castilhos, lugar popularmente conhecido como Beco dos Maragatos. Com o passar dos anos a sala alternativa foi transformada em um prédio de alvenaria, ganhando a preferência dos jovens de outros bairros e da classe média. O valor dos ingressos era simbólico, cobrava-se o que o freguês podia pagar. Sua programação fazia-se imbatível, projetando estréias do *bang-bang* norte americano e alguns clássicos do cinema mexicano e nacional. Nos anos cinquenta e sessenta, década que o cinema ofereceu sessões de matinés, os espectadores lotavam o seu espaço. Entre os seriados que marcavam o imaginário daquele público de cinema, constituindo-o em referência para a cidade, encontram-se o do herói das selvas, Tarzan, os heróis do faroeste americano, *Buck Jones*, *Hopalong Cassidy*, *Billy Hicrok*, o herói da floresta, Fantasma, Dom Chicote, o Cavaleiro Negro, Zorro, entre muitos outros filmes de ação exibidos no local, conforme minucioso relato do criador da sala..

---

<sup>260</sup> WALTER, Hermes. 85 anos. Entrevista concedida a Liane C. Aseff. Santana do Livramento, entre os anos 2003, 2004, 2005, 2006.



O público do Cinema Hermes, 1958. Acervo- Hermes Walter.

Aquela gurizada, muitas vezes, excluída da sociabilidade dos lugares localizados na região central, sentia-se estimulada pela oportunidade de assistir aos filmes que encontravam-se em cartaz em outras salas de cinema, pagando um preço popular. O sucesso do empreendimento de seu Hermes ficou gravado na memória das gerações de jovens que frequentavam seu cinema entre as décadas de cinquenta e sessenta.

Seu Hermes recebe ainda nos dias de hoje, o carinho e a gratidão dos antigos frequentadores das suas matinés, mesmo quando em visita a outras cidades,

Um dia andando nas ruas de Montevideú, um senhor me pára e alegre me chama pelo nome- *Don Hermes!* - fiquei espantado, pois nunca tinha visto o sujeito. Ele notou e disse: Graças ao senhor eu pude ver filmes na minha infância. Eu ia de férias para Rivera, na casa da *abuelita*, e frequentava o seu cinema, o senhor passava filmes de Bang-Bang, alguns não passavam aqui no Uruguai. Quero dizer que tudo isso é lindo, eu vou fazer amanhã 85 anos, e estou feliz, pois aquela gurizada, hoje é tudo gente de bem, doutores, todos tem alguma profissão, não tem ninguém na rua<sup>261</sup>.

Também recebeu o agradecimento do seu público através da poetisa santanense que reconstituiu com sua poesia o cotidiano do Cinema Hermes, buscando traduzir os sentimentos daquela geração que frequentou o lugar:

Nobre Mago  
Nobre Mago  
Tu já tens 80 anos, eu já fiz 46, não importam tantos os anos mas o bem que você fez  
Com sua máquina de sonhos nos permitia sonhar  
pobreza e diversão nunca foi fácil rimar

---

<sup>261</sup> Idem.

Troca de revistas ou vendas, para a entrada completar  
Aula de comportamento antes do filme passar  
Os meninos de um lado, as meninas mais pra lá  
No cinema do seu Hermes, não podiam namorar  
Pois o gordo com a lanterna, nada deixava passar  
Respeito e educação era a regra elementar  
*Bang-bang* ou outros filmes, tudo era alegria  
Nessas tardes de Domingo, nesse mundo fantasia  
O cinema do seu Hermes sempre está no coração  
das crianças do meu tempo  
De ingênua reunião  
Obrigada nobre mago, amigo de nós, carentes  
Que com toda sua bondade salvou os sonhos da gente<sup>262</sup>.

Entre uma sessão e outra, com um discurso aparentemente moralista, o benemérito cativou seu público com ensinamentos como "ser amigo dos pais", "não roubar, estudar, para um dia ser alguém, ter um ofício." Eram os sermões que comumente ensinava o mago. O cinema arrebatava uma população miscigenada entre uruguaios e brasileiros, vindos da periferia e até da zona rural para assistirem sua programação. Em seu lar, observando-se as fotos que guarda daquela época, verifica-se que elas podem contar um pouco da história do lazer na fronteira, e também lembrar a difícil tarefa de promover um espaço alternativo popular para a comunidade de baixa renda da fronteira.

O cinema era um divertimento barato, mas nem por isso deixava de gerar uma lucrativa bilheteria, mesmo sendo a maioria do seu público de baixo poder aquisitivo. O Cinema do Hermes mantinha-se idealista cobrando o valor dos ingressos conforme a disposição econômica do freguês. Muitos garotos não pagavam ingressos, dependendo da história contada ao proprietário. Quando o Cinema Hermes fechou suas portas em 1973, seu idealizador encontrava-se amargurado com o término de seu projeto de vida. Nesse período deflagrou-se uma disputa entre os exibidores locais pelos filmes alugados das distribuidoras. Em um comunicado feito ao delegado regional do INC- Instituto Nacional do Cinema, em 25.06.1973, seu Hermes queixa-se da falta de interesse dessas empresas pelo seu cinema, pequeno, de bairro e destinado as classes menos favorecidas. Os outros cinemas em atividade naquele momento em Santana, o Cine Internacional e o Cinema Colombo recebiam notável preferência para exibição dos títulos lançados em suas salas.

---

<sup>262</sup> CARDOSO, Nelma. Poetisa santanense. Com esta poesia, ganhou o prêmio Destaque Especial 2000 conferido pela Casa do Poeta Santanense. Fonte retirada da Rádio Líder de Santana do Livramento, no programa do popular locutor César Valente em homenagem ao aniversário de Hermes Walter, em 10.07.03.

Pelo conteúdo da correspondência, só após exibidos os filmes nesses cinemas era permitida a projeção no Cinema Hermes.

Na carta, um amargurado e corajoso Hermes, relata ao delegado sua trajetória e a dificuldade de sua tarefa: a construção e manutenção de um cinema popular:

Senhor Delegado, o que está acontecendo com o meu cinema, são as dificuldades que estou encontrando para conseguir filmes 16mm., as firmas tem, mas alegam que primeiro tem que ser exibidos no Cinema Internacional e no Cinema Colombo em 35mm. Depois será no meu. Como o senhor poderá ver, eu pergunto se posso exibir os filmes 16mm, pagando tudo que é Impostos, INPS, PIS, Exatoria Estadual, Taxa Municipal, Guarda Livros, etc. sou registrado em todas as repartições[...] atendendo meus compromissos pontualmente, sem nenhum atraso, e agora essa dificuldade para conseguir um filme e as empresas tem, porque tenho cartas das mesmas comunicando-me que primeiro tem que exibir no Cinema Internacional ou Colombo, ou que tem que consultar com uma pessoa aí se posso exibir ou não, acredite eu nunca exibi uma fita inédita de 16mm. Por esse motivo me sinto bastante aborrecido[.]quando garoto comecei a trabalhar com 9 anos para ajudar minha mãe e meu pai que era um homem muito pobre, ferreiro, passei de tudo, fui engraxate, carroceiro, vendedor de jornais, porteiro do Sr, Tales Garcia do Cinema Colombo, em 1935, enfim, sou o que fui desde garoto até a data presente, um homem honesto e honrado [...] comunico-lhe que estou na eminência de fechar o Cinema se continuar assim, por falta de filmes[...] e todos os filmes que exibo são filmes reprisados em 16mm, por não terem novos em 16mm<sup>263</sup>.

Assim, com a impossibilidade de garantir filmes inéditos e em boa qualidade (bitola 35mm), preterido em detrimento dos cinemas maiores, e diante da inação das autoridades competentes, o cinema realiza sua última sessão em meados de 1973, quando fecha suas portas. O projeto de seu Hermes, que mantinha um significado social para a comunidade, acaba-se. O boicote das distribuidoras, reforçado pela ameaça que sua sala promovia aos concorrentes, fizeram com que as cidades ficassem carentes desse espaço popular, que concentrava jovens de todas as matizes sociais.

Antes da chegada da dura década de 1970, que parecia trazer consigo a sentença de morte da sétima arte, bons tempos foram aqueles em que a população fronteiriça mantinha uma admirada qualidade de vida, como rememorou Antônio:

Sábado era festa, era baile, havia muito baile, e o cinema, que era uma coisa diária, eram sessões que davam super lotação. Eu me lembro de filmes lá no Internacional, lá na linha, que a fila era quase todo o quarteirão, era a fila pra entrar no cinema. Porque não havia televisão e o cinema era a diversão de toda a população e havia filmes de melhor qualidade do que os de hoje. Era preto e branco<sup>264</sup>.

Torna-se pertinente observar que o cinema constitui-se como uma arte genuinamente popular. Em meados do século XX, conforme Sandra Cristina Ferreira, a

---

<sup>263</sup> Carta enviada por Hermes Walter ao delegado regional do INC- RS (Instituto Nacional de Cinema ). p. 01, 02.25.06.1973.

<sup>264</sup> APOITIA NETO, A. Op. Cit.

prática de ir ao cinema, ver filmes, não era em nada parecido com ir visitar uma exposição de pintura, ou ir ao teatro ou assistir uma apresentação de dança. O cinema tornou-se sem dúvida, uma arte, mas uma arte que pede um outro tipo de sensibilidade,

Uma sensibilidade forjada na rapidez da mudança das coisas do mundo. O espectador de cinema, em sua maioria, não era o indivíduo de educação aristocrática, requintado no seu gosto artístico. O cinema é cultura de massa e o seu grande público está dentro desse registro, alguns com mais outros com menos sofisticação no modo de ver, sentir, apreender, compreender as imagens, mas todos sob o mesmo registro da cultura de massa<sup>265</sup>.

As salas de cinema desenvolveram-se na fronteira pelo interesse econômico das bilheterias mas também pela persistência dos amantes da sétima arte. Assim como seu Hermes, a fronteira teve na figura de Ramão João Planella outro admirador do cinema. Entretanto, Planella diferencia-se de Hermes pela condição social. Empresário de sucesso, era admirador declarado do cinema. No decorrer das décadas de 1950 e 1960, o empresário inaugurou três salas, sendo duas em Rivera e outra em Santana. Em Rivera, era proprietário do Cinema Rex, Cinema Astral e em Santana administrava o Cinema Planella<sup>266</sup>. Outras salas marcaram fortemente a imaginário da comunidade fronteiriça desde os anos trinta, como os célebres Cinema Internacional e o Cinema Colombo, que nos anos anteriores promoveram apresentações musicais e teatrais. A afluência da população nas salas de cinema foi tamanha que seu Hermes lembra que nos anos 1950 à região contava com 13 salas de exibição.

Muito embora o projeto audacioso de um cinema popular, idealizado por seu Hermes não tenha conseguido firmar-se, a consolidação e efervescência dos cinemas como centros do lazer na fronteira estende-se até meados dos anos setenta. Nessa década, intensifica-se a emergência de novas linguagens nos meios de comunicação. A televisão surge como a nova rainha dos lares brasileiros e fronteiriços. No início a disseminação dos aparelhos de televisão tenha se dado de maneira tímida, pois só poucas pessoas advindas da classe média e alta possuíam esse aparelhos na região. No final da década de setenta, no entanto as lojas já comercializavam os aparelhos na forma de venda a crédito, facilitando então a entrada desse eletrodoméstico nos lares das classes populares. Dessa maneira, invibilizaram-se os domingos de matinés e de sessões de filmes continuado, os quais

---

<sup>265</sup> MENEGUELLO, in FERREIRA, S. C.S. Cinema Carioca nos anos 30 e 40. Os filmes musicais nas elas da cidade. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: PPGH-UFGM, 2003. p. 54,55.

<sup>266</sup> MACIEL, D. e MACIEL V. "A sétima arte resiste ao tempo na fronteira" in K entre nós. Sant'Ana do Livramento, nº 03, dez.jan.2005. p. 15.

levavam o noticiário da semana no Brasil e no mundo a comunidade da fronteira. Aos poucos, outras formas do lazer foram sendo substituídas pela televisão, segregando com isso muitos aspectos da vida social aos espaços reclusos do lar. As famílias das décadas posteriores ao recorte temporal desta investigação, desde então, encontraram na tela televisiva um de seus entreterimentos favoritos.

O brilho das comédias, das chanchadas brasileiras, dos dramas mexicanos, dos musicais e *bang bang* americanos cedem seu lugar aos folhetins eletrônicos transmitidos pela televisão. Esses, mostram-se concorrentes mais baratos e mais modernos do que a temática dos filmes exibidos nas salas de exibição do cinema. A televisão constitui-se então como um tipo de altar doméstico, no centro da sala das famílias, como um dos poderosos ícones contemporâneos das últimas décadas do século XX<sup>267</sup>.

---

<sup>267</sup> HAMBURGER, E. Op. Cit. p. 440.

## CAPÍTULO III

### A fronteira Inusitada: conflitos e diferenças na "Fronteira da Paz".

Sant' Ana do Livramento,  
Amo tua fronteira privilegiada, única no mundo,  
Amo esse teu eterno abraço com Rivera,  
Essa fusão de solo uruguaio e brasileiro,  
Amo tua linha divisória, tão sinuosa,  
Onde cada marco é um altar,  
No qual duas pátrias livres  
Rezam o credo da fraternidade universal.  
Alma Doris.

#### 3.1-O mito

Diante dos versos da poetisa santanense, observa-se o embricamento cultural a que estão sujeitos os habitantes daquela fronteira. Visto através dessa perspectiva, pode-se caracterizar essas duas cidades como ícones da confraternidade americana, ou ainda como símbolo do panamericanismo, como observou Vitor Haya de la Torre, em visita aquela região em meados do século passado<sup>268</sup>. Entretanto, as fontes apontam para a construção do mito de Fronteira da Paz, que ao longo dos anos constitui-se entre conflitos e diferenças culturais<sup>269</sup>. Como apontado na primeira parte deste estudo, o imaginário da comunidade fronteiriça ficou impregnado ao longo do tempo por um discurso unificador das nacionalidades, construído pelos governantes e imprensa local. Na abordagem desse mito, eximindo as diferenças culturais e nacionais, a fronteira apresenta-se unificada, binacional.

No decorrer da década de trinta, logo após a última conferência do Tratado Internacional de Limites realizada no ano 1928, as administrações públicas incorporam em

---

<sup>268</sup> Segundo editorial do jornal santanense, Vitor Haya de la Torre, intelectual e influente político nacionalista peruano, ficou encantado com aquela comunidade, quando em viagem naquela fronteira. Folha Popular, Dom p.01, 22.07.1956.

<sup>269</sup> As fontes consistem nos registros históricos que caracterizaram a região como a Fronteira da paz, a pesquisa investigou nos periódicos de Santana e Rivera, na obras históricas e literárias que abordam as singularidades do lugar. As pesquisas existentes sobre a fronteira com relação a esse tema não refletem a diferença cultural entre as duas cidades, pelo contrário alimentam a permanência do mito imposto de cidades irmãs.

conjunto uma campanha de revitalização dessa região comum as duas cidades<sup>270</sup>. É dada a largada para algumas políticas direcionadas ao desenvolvimento do setor turístico local. Os meios de comunicação, como os jornais e as emissoras de rádio, tomam a frente ao discurso da irmandade entre as comunidades, através de campanhas publicitárias com o objetivo de alcançar a opinião pública, impregnando o imaginário assim e criando as condições para que as cidades incorporassem com o tempo essa sugestiva alcunha cultural.

A construção de uma praça central, na divisa das duas cidades, separando imaginariamente duas nações foi sem dúvida, um elemento significativo dessa política. Através de iniciativa dos governos federais uruguaio e brasileiro, em fevereiro de 1943 inaugura-se o Parque Internacional, sob a linha imaginária que divide os dois países. No centro da ampla praça, o Obelisco da Paz, orgulho dessa comunidade fronteiriça.

A abordagem desse mito na referência das comunidades encontra-se de tal maneira imbricadas, que pode-se verificar ainda nos dias atuais a existência deste discurso, como na página do sitio oficial da urbe uruguaia *Ciudad de Rivera*:

*La PLAZA INTERNACIONAL, única en el mundo, recuérdese que en ese mismo momento de la historia, la Segunda Guerra Mundial ensangrentaba la humanidad, y eran fronteras precisamente los motivos. Nuestro orgullo pues por la PLAZA INTERNACIONAL se justifica. El OBELISCO de dicha plaza, simboliza la fraternidad*<sup>271</sup>.

Curioso observar o empenho dos governos municipais nesse período, na imposição desse novo discurso. Buscavam a construção de um símbolo, de uma identidade que diferenciasse essa fronteira daquela tumultuada Segunda Guerra Mundial instalada no continente europeu. Justamente quando o mundo agitava-se diante desse conflito, a região apresentava-se como um exemplar da "civilidade" latino americana.

Porém, ao retroceder-se algumas décadas no desenvolvimento urbano da região, vislumbra-se uma comunidade fragmentada pelas disputas de fronteira e rivalidades culturais que mostram-se estampadas nas manchetes dos jornais da região. Também é verdade que no local escolhido para construção da nova praça, antes denominado de Campo do Areal, ou

---

<sup>270</sup> Diplomatas dos dois países acordam nesse encontro sobre a viabilização de uma praça, no centro das duas cidades que possibilite a visualização dos sucessivos marcos divisórios encontrados do lado de cada território nacional.

<sup>271</sup> Sitio [www.rou.edu.uy/historia/Uy.hist4.htm](http://www.rou.edu.uy/historia/Uy.hist4.htm). Link *Uruguay, siglo XX, ciudad de Rivera*, acessado dia 25.08.04.

simplesmente Areal, consistia-se em um espaço popular aberto, amplo, mostrando-se em muitas ocasiões perigoso, desprovido de qualquer significado ideológico.

Livre de qualquer barreira que delimitassem seu espaço físico, o descampado era usado democraticamente pelas duas comunidades. O campo do Areal era disputado principalmente pelos grandes circos nacionais e internacionais que frequentemente visitavam a região, estabelecendo-se no local. Utilizado para as cavalhadas, disputas das partidas de futebol e folguedos que caracterizaram algumas das principais diversões da fronteira no início da Primeira República. Através da memória prodigiosa de Seu Bisso, e de seus contemporâneos, pode-se reconstruir, como num mosaico, esse espaço antes de sua inauguração:

Do ano 22 até agora são 82 anos, mais ou menos, eu fazia instrução a cavalo quando tava servindo, era um campo cheio de carrapicho, de tudo. Aqui tinha uma cancha de futebol do 14 de julho e lá na ponta, lá embaixo tinha outras duas canchas. E tinha esse Hotel Parque que falam, ali era um cabaré, o da Rossita, donde as mulheres que trabalhavam no Cabaret Internacional paravam, havia mulheres lindas!<sup>272</sup>

As lembranças sobre o Areal, no entanto, ultrapassam a imensidão do campo amplo, tomado por matagais e insetos, lugar por vezes usado para "soltar os animais e dar de comer", apontado anteriormente pelas memórias do cidadão Humberto Bisso.

Diferenciando-se desta perspectiva, mais romântica e saudosa, apresenta-se a descrição das recordações do riverense Hipólito Zas Recarey para o local:

*Muchos circos famosos se intalaron allí, para dar paso a una cantidad de gente magnetizada por un espectáculo que aún hoy sigue arrastrando multitudes [...] Otro espectáculo que muy pocos recuerdan, todos os años el 12 de octubre (Dia de la raza), se teatralizaban las luchas ya legendarias entre "moros" o " cristianos". Caballos enjaezados típicamente, montados por caballeros "moros" o " cristianos" formaban dos grupos, dispuestos de uno y outro lado del campo munidos de lanza y sable, como se efectivamente fueran a enfrentar-se[...] no había más edificación que unas quantas casas de madera junto a las palmeras, y hacia el este el famoso "Areal" que se extendía hasta un cañaveral de bambúes ubicado en el promontorio de los "Fortines". La citada avenida de palmeras (hoy Largo Internacional), de un lado tenía, sobre Rivera, los quioscos "el Ribot" y, separado de éste por un centenar de metros, el de "Biquita" [...] por la proximidade Sur, existía un terraplén donde se jugaba a las bochas, mientras rubios "chopps" de Gazapina circulaban generosos entre jugadores y espectadores y que también se llevaba a cabo en la gran "tierra de nadie" de "la Linea", tenía lugar<sup>273</sup>.*

Em meio a essas lembranças otimistas e ao olhar nostálgico, embora atento, do cronista, revela-se uma época em que as comunidades conheceram alguns tipos raros que também acostumaram-se a passear pelo descampado Areal. A população, então, foi sendo

---

<sup>272</sup> BISSO, H. Entrevista citada.

<sup>273</sup> RE CAREY ZAS, H. Op. Cit. *RIVERA Fronteriza y Romantica*. p. 12, 13.

obrigada a dividir e compartilhar seu lazer - especialmente a noite da fronteira - com esses novos habitantes:

*A continuación había una casucha de madera a la sombra de un frondoso timbo ("oreja de negro") donde funcionaba la Fotografía de Nizarala y más allá, donde luego se construyó el "Cine Internacional" un caserón de madera llamado "La Paloma", el cual, al margen de su dulce nombre, era una linda cueva de juego clandestino y otras especialidades del mismo ramo.*

*Durante el día "La Paloma" era simplemente un boliche dedicado al expendio de bebidas alcohólicas, pero la noche, se transformaba en un antro que reunía la más selecta aristocracia del mundo de la timba y "aínda mais".*

*Era rara la noche que no salían a relucir los cuchillos y armas de fuego, con los consiguientes problemas para las autoridades respectivas según si el "amasijado" caía de un lado o outro de la "Linea"<sup>274</sup>*

Para a o cotidiano daquela população, no entanto, eram tempos de alerta, acompanhando as revoluções do final da década de 1920 que agitaram o Rio Grande do Sul e o vizinho país. No Brasil estourava a revolução de 1930, que proclamava um novo governo com Getúlio Vargas. Paralelo a nova ordem política promovida por Vargas, aquela região conheceu uma crise profunda com a queda do preço das cabeças de gado e a decadência das Charqueadas nas cidades de fronteira com o Uruguai<sup>275</sup>.

Do lado uruguaio, o Presidente da República Gabriel Terra, eleito em março de 1931, promove um golpe de estado, em uma ação conjunta com a elite e apoio dos partidos tradicionais daquele país. A fronteira então foi "invadida" por uma população diferenciada: imigrantes vindos da Europa, turistas em busca das variadas atrações das casas noturnas, como também os exilados políticos das revoluções brasileiras e do golpe uruguaio<sup>276</sup>.

Os novos moradores da fronteira, em sua maioria imigrantes procedentes do continente europeu carregavam em sua bagagem uma intensa cultura política, à época inexistente naquela região. A população local encontrava-se nesse momento constituída por

---

<sup>274</sup> RE CAREY ZAS, H. Op. Cit. p. 12. A denominação "tipos raros" era dada pelos fronteirões às pessoas de fora do lugar, aos estrangeiros daquela comunidade, que geralmente que não possuíam ocupação definida.

<sup>275</sup> PESAVENTO, S.J. *O Brasil Contemporâneo*. 2ª ed. Porto Alegre, Editora Universidade, 1994. p. 40.

<sup>276</sup> O golpe e posteriormente o governo Terra que se estenderá até 1938, caracterizou-se pela repressão ao movimento sindical, aos partidos políticos progressistas; atuando na repressão das liberdades individuais, impôs um recuo do movimento de esquerda para outras regiões do interior do país. (Embora Terra tenha dado o golpe no ano de 1933 ele vai convocar eleições e ser eleito pelo povo, similar como o momento político brasileiro nesse período) Sitio *Ciudad de Rivera*, link *Uruguay siglo XX*, p. 02. Essa migração foi relatada por várias pessoas dessa comunidade, que não raras vezes denominaram os membros dos movimentos sindicais, geralmente liderados por estrangeiros, como "bandidos", ou "desocupados", como declarou Gerson Costa, 75 anos, santanense e aposentado do comércio.

uma classe rica, composta por pecuaristas e comerciantes que dominavam a maioria dos espaços políticos, econômicos e sociais da fronteira.

Provavelmente, já no final da década de 1910, com a emergência da chegada desses imigrantes deu-se o estreito convívio com muitas influências e as experiências sindicalistas dos movimentos anarquistas europeus, especialmente os italianos e espanhóis. De fato, essas novas ideologias trouxeram divergências sociais e conflitos políticos junto ao cotidiano daquela população. Portanto torna-se relevante apontar a investigação para esse momento, quando alguns anarquistas tomam a frente do processo de mobilização sindical junto aos trabalhadores daquela região, impondo aos patrões das indústrias locais as *Huelgas* como uma prerrogativa perigosa e inovadora<sup>277</sup>.

A primeira greve da história de Santana, foi patrocinada pelos estrangeiros. Um deles, o construtor basco Antônio Apoitia, proveniente da Espanha, trazia consigo os ideais enraizados no seio do anarquismo espanhol, toma para si a difícil tarefa de politizar a classe operária local. Apesar de carregar consigo o estigma de líder político e baderneiro possuía uma mão de obra altamente qualificada, como a maioria dos imigrantes, por esse motivo, era um dos construtores mais requisitados para a construção das moradias da elite santanense, pois sabia interpretar as plantas das construções das novas moradias da fronteira, especialmente de Santana. Por outro lado, não surrupiava seus ideais quando tratava-se de combater a exploração das classes operárias pelos patrões. Assim, em 1919 ele lidera a primeira greve da história do Frigorífico Armour. Embora sendo autônomo, um prestador de serviços do frigorífico, Apoitia toma a frente do movimento levando seus colegas grevistas a surpreenderem seus chefes, também estrangeiros. O movimento que organizava exigia o direito dos trabalhadores obterem a redução da jornada de trabalho - dez horas para oito horas diárias; melhores salários para os trabalhadores manuais e braçais e também para as mulheres. Pagamento em dobro para os serviços executados aos domingos, pagamento de horas-extras e a readmissão de todos os operários grevistas, além da exclusão dos quadros da empresa daqueles operários que não haviam aderido ao movimento, "revindicações consideradas absurdas e incidiosas pelo patronato"<sup>278</sup>.

---

<sup>277</sup> As greves lideradas pelos anarquistas estrangeiros nas indústrias frigoríficas santanenses ainda não foram historicizadas nem discutidas pela literatura local, sendo possível encontrar-se alguns relatos na historiografia regional. Entretanto esta pesquisa não objetiva a discussão do movimento operário sindical local, pretende apenas orientar o leitor para alguns acontecimentos políticos daquele momento.

<sup>278</sup> ALBORNOZ. Op. Cit. p. 101.

No Uruguai, desde 1915 os trabalhadores fabris trabalhavam apenas oito horas por dia, seis dias na semana, graças a um projeto de lei do presidente Batlle<sup>279</sup>. Mesmo que o Frigorífico tivesse recebido alguma influência dessas leis trabalhistas através de um dos seus administradores e antigo proprietário da Charqueada Livramento, D. Pedro Irigoyen, sem dúvida os méritos devem-se aos operários mobilizados e capitaneados por uma liderança forte, como a exercida pelo idealista basco. Nas passeatas pelas ruas principais de Santana, os grevistas portavam cartazes com as reivindicações escrita na língua espanhola. Muitos deles não falavam sequer a língua brasileira, como rememorou um familiar do espanhol Antônio,

O meu pai sempre me contava que o meu avô, o velho Apositia, que era patrão, ele era construtor, então ele nessa época estava fazendo umas construções lá no Armour, então ele contratou um pessoal para trabalhar para ele lá e quando decidiram paralizar, ele aderiu ao movimento e os caras que se recusavam parar, ele ia derrubando esse pessoal dos andaimes e dizia uma expressão em espanhol, porque ele não falava português, essa expressão era muito usada por ele (risos) dizia: "*me cago em dios*" e ia derrubando aqueles que não queriam descer (risos)<sup>280</sup>.

Mesmo com uma conduta política divergente dos padrões conservadores da fronteira, os imigrantes italianos e espanhóis geralmente traziam consigo uma qualidade difícil de ser encontrada na região. Sua mão de obra qualificada fazia deles disputados artesões no trato da madeira, couro e elaboração de bebidas. O movimento sindical manteve uma certa vigorosidade com a vinda para Santana, a partir dos anos trinta, de muitos anarquistas uruguaios, italianos e espanhóis, quando em fuga da repressão do governo Terra. Alguns trabalhadores alinhados com esses ideais deixaram a capital uruguaia em direção a Santana, onde receberam abrigo e trabalho na padaria de Francisco Apositia, Seu Patchê, uruguaio, filho mais velho de Antônio e simpatizante das causas anarquistas. Seu Patchê colaborava com os trabalhadores perseguidos do lado oriental, conforme lembrou seu filho,

Eu lembro, eu era pequenininho, e via um movimento grande lá em casa, de uns sujeitos falando espanhol, sempre tinha um entra e sai de gente, o meu pai tinha uma padaria muito grande na fronteira, e então ele fornecia , pão, manteiga, leite, para o Quartel, para o bairro do Armour, tinham muitos comércios que o meu pai era fornecedor. Ele tinha uma jardineira, uma carroça, como a gente chama, que fazia a distribuição de pães, lá no pátio de casa ficavam os animais, os burros, o meu pai tinha um viveiro grande onde tinha os passarinhos, também tinha muitas galinhas[...] vinha muitos trabalhadores engajados, de Montevideo, do interior, e o meu pai ajudava, dava abrigo, comida, trabalho, eles ficavam por lá, às vezes podia ser por dez dias, às vezes por meses! Geralmente eram pessoas perseguidas pela polícia, pelo governo uruguaio, e o meu pai não era militante, como o pai dele, mas era um simpatizante da causa e ajudava muito esse pessoal<sup>281</sup>.

---

<sup>279</sup> ALBORNOZ. Op. Cit. p. 100.

<sup>280</sup> APOSITIA NETO, A. Entrevista citada.

<sup>281</sup> Idem.

A solidariedade que impregnava os companheiros locais pode ser explicada pelo tratamento que algumas pessoas da comunidade davam a essa população, que mantinha seus ideais alinhados mais para a esquerda da maioria conservadora. Assim, muitos estrangeiros instalados na fronteira constituíram um núcleo familiar com pessoas da região, embora sofressem com a discriminação imposta pelos endinheirados da comunidade. Isso gerava uma diferenciação social, devido ao caráter político de cada família, taxadas sob a alcunha de comunistas ou anarquistas.

O início da década de vinte inscreveu-se no cotidiano da fronteira pela insegurança causada diante do temor das revoluções que de alguma maneira refletiam na região. Seu Bisso, rememora aqueles anos em que a comunidade parecia estar sempre em prontidão, pois do outro lado da linha divisória poderia vir algum tipo perigo:

Eu trabalhei na campanha porque eu estava servindo e rebentou a revolução dos maragatos e republicanos, eu não pude dar baixa, e nos mandaram para campanha, e até terminar a revolução, até o "arremistício", estivemos no campo fazendo trabalho de patrulhamento na linha divisória. Nós chegava vir do marco 36, lá no Capão Alto até o Taquatiá, durante a noite. Botando sinal para os outros soldados que vinham do outro lado, dizendo que nós tínhamos chegado ali. Nós passava a noite acampado, amanhecia<sup>282</sup>.

Nesse momento, com a crise econômica que assolou a região da campanha, o Aerial foi sendo disputado pelos novos habitantes, estranhos a comunidade. Esse fato constituiu-se em novo perigo, colocando a segurança pública e os governos municipais na construção de novas políticas para o local. O final dessa década, portanto, se mostrará dinâmico: apontando com projetos de modernização e ações conjuntas dos governos locais direcionadas para a urbanização e revitalização do centro da cidade, impondo um período de disciplinamento na fronteira<sup>283</sup>.

A sociedade brasileira naquelas décadas conheceu um impulso modernizador, emoldurado pela ânsia desenfreada de novas tecnologias. Essa comunidade de fronteira portanto estará sintonizada com todos os tipos de manifestações culturais que apontem para um sentido novo, estigmatizando o ser moderno - como incorporasse o conceito proposto

---

<sup>282</sup> BISSO, H. Entrevista citada. Paralelo a revolução de 1930 promovida por Vargas, àquela região conheceu uma crise profunda com a queda do preço do gado e a decadência das Charqueadas nas cidades da região da fronteira.

<sup>283</sup> O disciplinamento dessa comunidade de fronteira mostrou-se similar em algumas características como ao imposto a sociedade uruguaia em meados do século XIX investigado pelo historiador uruguaio. Sobre esse tema ver BARRÁN, José Pedro. *Historia da sensibilidade en el Uruguay. Parte II, El disciplinamiento: 1860-1920*, Ediciones de la Banda Oriental, 1990.

por Nicolau Sevckenko no capítulo anterior - o novo incorpora-se em sugestivo convite para os prematuros consumidores daquela região:

moderno se toma palavra origem, o novo absoluto, a palavra futuro, a palavra ação, a palavra potência [...] Ela introduz um novo sentido a história, alterando o vetor dinâmico do tempo que revela a sua índole não a partir de um ponto no remoto passado mas de algum lugar no futuro<sup>284</sup>.

O modelo norte-americano de modernidade imposto ao Brasil no segundo pós-guerra introduziu novas políticas para a região<sup>285</sup>. Entre as novas deliberações, a construção de um símbolo que remetesse aquela região rumo a "civilidade". Perseguindo os paradigmas estéticos da modernidade, e também incorporando a filosofia panamericanista, encontrava-se a viabilização da Praça Internacional, um espaço sem fronteiras no centro das duas cidades; Enfim, as comunidades encontrariam-se distantes do recente conflito mundial, assim como de seu passado desolador, constituído através de disputas territoriais e barbáries nacionalistas.

A fronteira da modernidade, nasce impregnada pelo sentido de irmandade e fraternidade que orientam as nações desenvolvidas. A nova geração dessa comunidade, compartilhará nas primeira décadas dos anos cinquenta um cotidiano repleto de símbolos que uniformizam este novo projeto. A remodelação dos passeios públicos, o início da popularização do automóvel, e algumas lojas com departamentos e vendas à prazo anunciam esse novo período.

Os periódicos dessa época parecem inverter o discurso das duas décadas anteriores de cada vizinho na sua casa, apontando para um genuíno e singular entrelaçamento de amizade, como se referiu este cronista:

O Parque internacional é o símbolo da confraternidade americana. Ele tem sido o encanto de todos quantos por aqui tem visitado nossa terra. O povo das duas nações tem nele um símbolo de entrelaçamento e os dois países tem símbolo de união [...] E vimos certa vez num jornal uruguaio que, enquanto outros povos demarcavam suas fronteiras com canhões, nos aqui traçamos as fronteiras com flores<sup>286</sup>.

---

<sup>284</sup> SEVCENCKO, Op. Cit. p. 228.

<sup>285</sup> MOURA, G. TIO SAM chega ao Brasil. A penetração cultural americana. Coleção Tudo é história, nº 91. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 08. Para este pesquisador, a estratégica intervencionista americana declarada pelo presidente norte-americano T. Roosevelt, na política do *Big Stick* imposta nas primeiras décadas do século XX, vai ser substituída nas primeiras décadas dos anos 1940 pela filosofia "panamericanista". Criada com o intuito de "melhor vender programas de ação à América Latina" baseando-se em ideais comuns republicanos, como defesa da liberdade, dignidade do indivíduo, entre outros. O estudo de Moura demonstra o desejo norte americano em produzir uma identidade americana em países periféricos da América latina. A chegada do "*American Way of Life*" no princípio dessa década, no entanto não será gratuita, fazia parte do planejamento dessa política de "boa vizinhança" americana para introdução (aceitação) de seus produtos neste promissor mercado latino. p. 11, 12.

<sup>286</sup> Folha Popular, Santana do Livramento, 22/07/1956, p. 02.

Os folhetos e a publicidade dos jornais locais e regional geralmente encontram-se com um sugestivo convite para uma aconchegante visita à Fronteira das cidades irmãs, indiscutivelmente sempre, da Paz. Esta sugestiva peça publicitária é apresentada aos turistas que chegam a região. Embora recente, da década de 1990, poderá demonstrar a concepção do mito fronteiriço. O folheto tem a produção conjunta com *Secretaria de Turismo, Industria y Comercio*, da Intendencia Municipal de Rivera e Secretaria de Desportos e Turismo de S. do Livramento, e patrocinados pelos comerciantes e empresas do ramo da hotelaria, vinícolas e lojas de livre comércio de mercadorias importadas, que estão do lado oriental:

**Vindo do Pampa ou indo ao Prata, DESFRUTE MUITAS EMOÇÕES:**

Sant'Ana do Livramento e Rivera, um lugar ideal para compras

Sant'Ana do Livramento e Rivera., duas cidades gêmeas, uma no Brasil outra no Uruguai. Aqui se confundem usos, costumes, famílias, idiomas, enfim um modo de vida todo especial que merece ser conhecido, por isso é chamada de "FRONTEIRA DA PAZ", ou "LA MAS HERMANA DE TODAS LAS FRONTEIRAS DEL MUNDO".

Situada no pampa gaúcho, possui um dos maiores rebanhos ovinos do Brasil.. Neste cenário vive esse ser mitológico, o gaúcho, com suas lendas, sua coragem, suas tradições e sua cultura.

Terra de água boa e natural é apreciada pelos vinhos finos que produz. Terra do Carnaval Internacional que começa em um país e termina no outro, do festival internacional de pandorgas, do maior desfile de gaúcho de 20 de setembro. Terra de Flores da Cunha e que acolhe a todos de braços abertos com seu exemplo de integração e união entre os povos no mundo. Esta é nossa terra e nossa gente. Venha conhecê-la<sup>287</sup>.

Afora o título de Fronteira da Paz construído ao longo dessas cinquenta décadas pela imprensa, governantes e comunidade local, essa fronteira conserva singulares<sup>288</sup>. A linha divisória imaginária que atravessa as cidades separando Brasil e Uruguai, no entanto, torna-se tarefa difícil de ser compreendida para os que não compartilham o cotidiano daquela fronteira.

Em uma publicação onde discorre sobre a importância do legado cultural da linha divisória no cotidiano de Rivera, Hipólito Zas Recarey, observa que "*para un fronteirizo la idea de "linea" lo lleva, queriendo no, a recordar muchas cosas importantes de la vida*"<sup>289</sup>. Acredita esse escritor que , os fronteiriços tem uma "marco" físico interior

---

<sup>287</sup> Essa publicidade, sem data, provavelmente elaborada nos anos 90, época que foi liberado o livre comércio de mercadorias importadas na região de fronteira Brasil - Uruguai, nos chamados "*free-shops*".

<sup>288</sup> Como vimos no primeiro capítulo, essa sociedade era constituída basicamente pela classe de agropecuaristas, de trabalhadores urbanos e rurais, de operários do setor industrial, de comerciantes, de funcionários públicos, de artesões, de prostitutas, alguns outsiders, e tipos esquizofrênicos que habitavam o imaginário popular da comunidade, e muitos imigrantes, vindos à fronteira pelos mais variados motivos.

<sup>289</sup> ZAS RECAREY, H. *Rivera Romántica y Fronteriza*. Op. Cit. p. 10.

em comum, através das recordações e sentimentos de um cotidiano que pode separar-se, como entrelaçar-se em emoções singulares:

*Cada período de su existencia (niño, joven, adulto e hombre maduro) lo vincula en forma distinta al recuerdo de la " Línea " , esa, la que está allí, donde terminan las "subiditas" de Sarandí, Agraciada e Ituzaingó...Dentro dessa zona o farja lindeira com Sant'Anna, él sabe que existe algo que define el comienzo y el fin de la soberania de dos pueblos, pero ahora está pensando en otra cosa en algo que está lejos, muy lejos.(...)Recuerda, cuando siendo niño, correteaba por allí para chegar hasta alguno almacenes brasileños, o quando subia al Cerro del Marco a remontar las cometas o cuando llegaba hasta el "areal" a jugar al fútbol o a trezarse a pedradas com otra barra de muchachos (brasileños).<sup>290</sup>*

A constituição dessa comunidade também poderá ser vista pela ótica de um estrangeiro, que em um primeiro momento observará uma só região. A mais singular fronteira do país tem na amistosidade e no vocabulário miscigenado de seus habitantes, seu caráter exótico, apontando assim para uma aparente homogeneidade. Despontam-se a diferença diante da descrição de Willian Barros, em reportagem sobre essa região de fronteira, que denominou possuir "dupla personalidade":

A confusão está armada na mais singular fronteira do país. Os carros da batida são brasileiros. Mas a rua, um dos motoristas, o policial - e a lei que julgará todos - são uruguaios (...)  
A separá-las uma linha que não se vê pelo chão, mas que todo mundo sabe onde fica: exatamente no meio das ruas. Sem barreiras físicas ou qualquer obstáculo para demarcar a separação dos países testemunham-se ali cenas inimagináveis em qualquer outro lugar do planeta (... ) Apesar de viverem como unha e carne, santanenses e riverenses **distinguem-se por seus hábitos**. O chimarrão, por exemplo, as cuias dos gaúchos são grandes e decoradas; e a dos uruguaios, pequenas e despojadas. Se o assunto é churrasco, aí sim a prosa pega fogo. Além dos **cortes diferentes**, brasileiros e uruguaios **divergem no jeito** de assar: os primeiros utilizam espetos, los hermanos, usam grelhas de canículas(...) A fronteira, que em tese deveria **separar** as cidades, serve **para estreitar** cada vez mais os laços entre os dois povos. "somos **um exemplo de fraternidade** para o mundo", diz uma professora gaúcha<sup>291</sup>.

Entretanto, quando atravessa-se a linha para a banda oriental, afloram-se as diferenças. Estas distinções podem ser aferidas a partir do traçado urbano, pois em Santana as ruas são estreitas e o traço arquitetônico das casas contrastam com os da cidade uruguaia, caracterizada pela largura de suas avenidas e pela sobriedade de suas construções. A musicalidade brasileira também diverge da vizinha. No carnaval, enquanto os foliões brasileiros divertiam-se ao som dos pandeiros, dançando sambas e marchinhas, no outro lado, os carnavalescos castelhanos vibravam com as apresentações das murgas, recheadas

<sup>290</sup> ZAS RE CAREY, H. Op. Cit. p. 11,12.

<sup>291</sup> BARROS, W. "Dupla Personalidade, Sant'Ana do Livramento, RS/Rivera, Uruguai.", in *National Geographic*, Brasil. São Paulo, Setembro, 2003. p. 26, 27. Os grifos servem para destacar as palavras que o jornalista utilizou em sua visão sobre as diferenças culturais que observou no local. Seu relato, entretanto,

de críticas sociais, em bailes de carnaval entrecortados pelo lamento e a melancolia dos tangos. A história do lazer na fronteira, portanto está relacionada com a linha que divide essas duas cidades.

Embora o cotidiano conduza para um suposto entrelaçamento cultural, os espaços de sociabilidade dessa comunidade foram intensamente disputados. Seja através de posições políticas contundentes nos editoriais dos meios de comunicação, ou através de políticas dirigidas para a área da cultura e do turismo pelos seus governantes.

Os folguedos do carnaval da fronteira e os passeios em volta da praça, conhecidos como *footing* nas décadas de trinta e quarenta, constituíram-se em um termômetro para aferir as disputas pelo poder e pelos espaços de sociabilidade dessa singular comunidade.

Para tanto, buscou-se na investigação dos periódicos dessas cidades, um caminho para a desconstrução desse mito Fronteira da Paz, que caracteriza a região. Na época estudada, havia uma cultura popular relativamente autônoma, vigorosa e criativa em cada uma dessas comunidades.

### **3.2-O concurso dos carnavais-**

Embora fosse mencionado pela imprensa e literatura local como sendo um carnaval de Fronteira, esse folguedo ao longo dos anos apresentou-se de maneira distinta nessas duas comunidades.

Realizado desde 1890, o carnaval riverense brindava seus foliões com um repertório variado, mantendo como uma das estrelas da noite o uso indiscriminado das *serpentinhas y papelitos*, como são chamados na língua vizinha. Diferente da animação das ruas riverenses, mesmo com poucos registros, o carnaval do final do século assim foi registrado pelo historiador santanense Ivo caggiani, que com euforia pretendia evidenciar o sucesso da integração entre essas culturas:

O carnaval de 1896, foi animado, tanto em Santana como em Rivera. Os, bailes de fantasia, deram início, desde o dia 19 de fevereiro, no teatro "7 de setembro", e se converteram em um verdadeiro êxito. Deram nota saliente nos três dias de prazer, alegria e loucura, em que se constituiu o reinado do momo nesse ano. As comparsas, "As Estudiantinas", os "Pierrots", e as "Bebês, todas de Santana e "Os Dandys", "Negros Americanos" e " Agrimensíveis" de Rivera Essas agrupações recorriam as ruas de uma a outra cidade, visitando as casas de família, como

---

destaca a fala de uma professora que harmoniza e mitifica as cidades irmãs, concluindo sua reportagem com o discurso uniformizador.

era costume naquela época e ali ofereciam fartas refeições em retribuição as suas interpretações. O ponto seleta da reunião foi o Clube Comercial, onde os bailes contaram com a presença da sociedade de Santana e Rivera [...] O enterro dos ossos foi realizado neste ano do lado uruguaio, no Domingo, dia 26, tendo por local dos desfiles a praça 1º de outubro (atual Artigas)<sup>292</sup>.

Através da crônica deste pesquisador, pode-se vislumbrar nessa sociedade uma festividade animada, comportada e comandada pelos bem nascidos, visivelmente com algumas influências do carnaval veneziano. As comemorações ao Momo, no entanto, entrariam o novo milênio com modificações no discurso de "hospitalidade" e "irmandade". No ano de 1898 ensaiam-se os prelúdios dessa mudança. Através de uma iniciativa conjunta das autoridades de Santana e Rivera, a festividade tomará um caráter disciplinador e controlador. Pode-se prever o desencadeamento desse processo diante dessa nota encaminhada pelo *Chefe Politico y Policia de Rivera*, Coronel Don Abelardo Márquez para o Intendente Municipal de Rivera Vic. Augusto Martins da Cruz Jobim:

*Rivera, febrero 7 de 1898.*

*Señor Intendente: En este Departamento de policia, se há recibido la nota de SS. Que lleva esta misma fecha y el n°11, respecto a las comparsas carnavalescas que puedan pasar de esta Villa a esa ciudad. En contestación, cúmpleme significar a SS. que se han impartido las órdenes del caso, a fin de que los nombrados, personas disfrazadas o comparsas sean debidamente informadas de las disposiciones policiales de esa intendência com relación a tales fiestas y prometo a S.S. enviar a esa Repartición, a su debido tiempo, una nómina de todas las personas que hayan solicitado y obtenido permiso para el disfraz*

*Correspondiendo así de esa manera, a los buenos deseos de SS. y a las cordiales relaciones que felizmente existe entre ambos pueblos y sus autoridades, y que, por mi parte el mayor empenõ en cultivar y sostener. Le es altamente grato y satisfactorio saludar a sr. Intendente haciendo votos por Dios Gde. Ms.As Abelardo Márquez.*<sup>293</sup>

A partir desse momento, talvez pela segurança pública da região, a festa vai submeter-se ao controle político e policial. Relatos sobre aquela época apontam para um indício de criminalidade na cidade, pois alguns sujeitos investidos de más intenções e com a proteção da máscara carnavalesca instituíram o terror no carnaval fronteiriço nesses tempos. Conforme os relatos que impregnaram a memória de Dona Glória, seja através de suas tias "moças solteiras", Olympia e Francisca ou de seu pai, o alfaiate Vasco, que fazia parte da turma dos intrépidos boêmios santanenses, esse período carnavalesco da história da fronteira foi muito conturbado para o imaginário da comunidade:

---

<sup>292</sup> CAGIANNI, I. In MIRANDA, Op. Cit. p.11, 12. Convém observar que Caggiani construiu sua obra em direção a uma história voltada para o cotidiano da elite civil e militar fronteiriça, embora se estudo desfrute de uma riqueza de fontes.

<sup>293</sup> MIRANDA, Op. Cit. p. 12, 13. Segundo o pesquisador riverense esses documentos foram obtidos através do arquivo histórico de Caggiani.

Muito sangue correu na linha, tinham os tempos dos mascaritos, que por trás daquelas máscaras, eram bandidos, matavam a sangue frio, mataram muita gente da sociedade, e outros bandidos. E no carnaval faziam o terror com as pessoas, mas tinha os outros mascaritos que brincavam também, mas o pessoal tinha medo de sair no corso. Meu tio que era delegado de polícia, uma vez prendeu um nego bandido, que era famoso por ser mau, foi morto por ele, quando foi prender o bandido!<sup>294</sup>

O carnaval uruguaio já nas últimas décadas do século XIX, experimentou mudanças consideráveis, em comparação a tradicional maneira desenfreada que caracterizou o evento durante a época da colônia e primeiros de anos independência<sup>295</sup>. As novas formas de conceber, organizar e desfrutar o carnaval, faziam parte do projeto de disciplinamento e modernidade imposto a sociedade uruguaia, relatado neste estudo de Pedro Barrán:

*Algunas prácticas en boga durante más de un siglo, como ser el juego con agua o con huevos-costumbre que solía causar los peores dolores de cabeza a la policía- fueron substituidas paulatinamente por nuevas y "civilizadas" formas de diversión. Los carnavales del novecientos sintetizan, en buena medida, las diferentes modificaciones que tuvieron lugar en esa fase de transición (...) Las transformaciones culturales y sociales que rápidamente dieron la tónica al nuevo siglo no fueran ajenas a la tradicional fiesta carnavalesca. Los modernos carros alegóricos mecanizados desplazaron los antiguos vehículos de tracción a sangre. Sus luces de colores jugaban entre tradicionales máscaras y cabezudos, aportando a esta añeja fiesta popular un tono propio de la modernización. Desde 1943, comenzaron a elegirse por concurso oficial la Reina y las Vice-Reinas de Verano y Carnaval, quienes presidirían año tras año el desfile inaugural. Bajo el destello de cientos de luces, desfilaban las comparsas de negros con sus tamboriles, sus danzas, sus estandartes y símbolos<sup>296</sup>.*

Em Rivera, as normas que regulamentam a alegria dos os foliões apontam para uma sintonia com o carnaval da capital do Prata. Dando continuidade a política de intervenção na festa, a Polícia riverense e a Prefeitura de Santana do Livramento produziram em conjunto esse sugestivo edital datado do ano 1901:

*Art.1º Es completaente libre el uso de disfraz, durante los días 16,17 y 18 del corriente, toda vez que, com ello, **no se ofenda la moral y las buenas costumbres**, y exceptuándose también el, uniforme militar, hábitos del clero y comunidades religiosas.*

*Art.2º Son completaente libre los bailes de máscaras y fantasía, el juego de serpentina, papelitos o flores; **com prohibición expresa de arrojar agua y otrassubstancias que puedan dañar a las personas o sus ropas.***

*Art.3º las comparsas y máscaras sueltas pueden discurrir libremente por las calles durante esos días, llevando un permiso de la Policía que **será expedido gratis** y que el **interesado asegurará sobre el pecho**, de manera que sea visible fácilmente. para as comparsas organizadas basta un solo permiso, que el presidente llevará personalmente, en que se hará constar el número de los asociados. O presidente de cada comparsa está **obligado a presentar una lista nominal de cada una de las personas que la forman, firmada por éste.***

<sup>294</sup> ITURBIDE, Glória. 69 anos. Entrevista concedida a Liane C. Aseff. Santana do Livramento, 15.01.2003.

<sup>295</sup> ANUÁRIO-1959, Montevideo, *Carnaval del Uruguay*. "Aquellos carnavales de antaño. Archivo Fotográfico, Intendencia Municipal de Montevideo.

<sup>296</sup> BARRÁN, J. P. Op. Cit. p. 249, 250.

*Art.4º los contraventores a las disposiciones contenidas en el presente edicto, pagarán una multa de cuatro pesos o sufrirán veinticuatro horas de detención.*

*Art.5º Siendo el 19 del corriente, "día de duelo nacional", queda expresamente prohibido el uso del disfraz y toda manifestación de regocijo público, debiendo empezar el Carnaval, el día 16 a las 4 p.m. concluyendo-se el 19 a la salida del sol. Rivera, febrero II de 1901<sup>297</sup>.*

As comemorações desse folguedo, no entanto vão tomar novos rumos na virada do século XX. Na capital do estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, alguns periódicos conservadores parecem fazer coro com as proibições do vizinho país. Nas primeiras décadas do século passado, afloram nos editoriais opiniões exigindo a "civildade" da festa.

Na análise de Julio Miranda, naquele momento arma-se uma campanha nos jornais conservadores brasileiros, especialmente os de Porto Alegre, exigindo o final e a "civildade" destes festejos:

*En Brasil en año 1911 e 1912, em Porto Alegre, un diario de aquella capital decia:*

Os festejos carnavalescos são inadequados a moral e perfeição de um povo. O carnaval é festa da máscara e do exibicionismo. Nada tão censurável como o carnaval" [...] Envolto em máscara astuta e vil são cometidos muitos crimes. O carnaval é a antítese do bem e da virtude[...]Não necessitamos mais da máscara para nos divertir [...] Já vão longe os tempos em que presisávamos de exibições grotescas, de festas, de loucuras, etc para saciar a sede do povo para contenta-lo. Hoje tudo mudou, os costumes, os hábitos e a moral. Guerra ao DEUS MOMO! GUERRA A LOUCURA! Consoante uma notícia publicada, o governo do Estado negará qualquer auxílio aos festejos carnavalescos na capital do Estado<sup>298</sup>.

Com efeito, no Brasil, o carnaval adaptou-se aos trópicos, conhecendo uma expansão que não alcançou em suas regiões de origem. O estudo de Maria Isaura Queiróz sobre esse folguedo popular, aponta para uma adaptação bem sucedida, porém historicizando seu caráter de linearidade e uniformidade que esta festividade apresenta nas diversas regiões em que festejam a chegada do Momo, posto que:

No Brasil, as comemorações são encontradas por toda parte e com o mesmo programa, as variações sendo mínimas: desfiles de escolas de samba, bailes, pequenos grupos de sujeitos cantando e dançando pelas esquinas, constituem o programa habitual. Poucas cidades apresentam folguedos inéditos: meninos fantasiados de palhaços que fustigam os transeuntes com bolas de gás coloridas, como os "clóvis" em certos bairros do Rio de Janeiro; os trios elétricos em Salvador; o frevo e os blocos variados em Pernambuco; as grandes figuras de papel machê em Olinda. A uniformidade dos folguedos carnavalescos sempre existiu no país [...]com o decorrer do tempo houve grandes modificações nos festejos, porém, quando uma novidade surgia, tendia a se espalhar e a similaridade se reestabelecia, as comemorações seguindo os mesmos modelos[...] As modificações se espraiaram por todo o país, de tal maneira que, nas diversas regiões e nas cidades de variado tipo, praticamente o mesmo programa e os mesmos ritmos marcam sua execução<sup>299</sup>.

<sup>297</sup> MIRANDA, Op. Cit. p. 13, 14. O dia do duelo nacional é feriado em território uruguaio, considerado dia para homenagear os (heróis) mortos. Os grifos são meus.

<sup>298</sup> A Federação, fevereiro de 1910. Citado por MIRANDA, Op. Cit. p. 15.

<sup>299</sup> QUEIROZ, M. I. P. de. Carnaval Brasileiro – o vivido e o mito. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1999. p. 12, 13.

Diferente do conceito de carnaval proposto pelo estudo acima, a perspectiva de Maria Clementina Cunha sinaliza para uma investigação desta festividade, porém distante daquela linearidade aprisionada, geralmente encontradas nas propostas para o estudo da origem dessas festas pela maioria dos pesquisadores<sup>300</sup>.

Embora apresentada como uma comemoração secular, as festividades desse folguedo encontram-se diferenciadas sob o olhar atento da recente investigação desenvolvida na obra de Maria Clementina Cunha. O conceito proposto pela historiadora, caracteriza então as festas populares como uma "história social da cultura"<sup>301</sup>. Na concepção dessa pesquisadora, as "festas" dita no plural, foi tomada ao longo do tempo pelo autores, "como um tipo de ocasião dotado de funções e formas comuns nas mais variadas, comunidades". A percepção da autora outorga para essas formas de celebração um carácter ímpar, pois elas pertencem a "vários contextos carregando com isso, vários significados"<sup>302</sup>.

Assim, esta autora aponta novas perspectivas para o estudo desses rituais, que todavia em sua visão, não são considerados "manifestações naturais das civilizações" nem mesmo embalam uma compreensão naturalizada da cultura. Ao contrário, essas comemorações estão impregnadas de uma descontinuidade histórica.

O olhar irreverente de Maria Clementina Cunha, dirige-se para a desconstrução dessa festividade, especialmente a que refere as festas do carnaval brasileiro. Geralmente vistas como "origem" ou "expressão de uma identidade nacional", a pesquisadora alerta para uma releitura desta celebração da festa:

A festa não é vista como um fenômeno com funções e práticas comuns a qualquer sociedade. Tensões latentes sob formas lúdicas explodem em manifestações de dor, alegria ou revolta que tem sempre em gosto único e inconfundível. Assim nenhum atributo universal poderá ser encontrado nas festas percorridas nesta longa viagem cruzando o tempo [...] Afinal, Dionísio, Baco, Afrodite, Eros desde seu antigo Pantheon assumiram máscaras e rostos muito diferentes ao longo do tempo expressando, com seus significados mutantes e polissêmicos, a mudança e o movimento da história<sup>303</sup>.

À vista da estimulante proposta de Maria Clementina Cunha, faz-se necessário buscar neste estudo sobre o lazer na fronteira, uma abordagem onde as diferenças entre

---

<sup>300</sup> CUNHA, M. C. P. (org). Carnavais e outras Fr (e) stas. Campinas: Unicamp, 2002. p. 11.

<sup>301</sup> Idem, p.11. Esta historiadora participa de grupo de pesquisadores da Unicamp, que desenvolvem estudos em torno da revisão historiográfica brasileira sobre alguns temas como escravidão, festividades nacionais, introduzindo esse novo conceito "história social da cultura", nessa linha da pesquisa histórica.

<sup>302</sup> Ibidem, p. 12.

<sup>303</sup> Idem, p. 12.

essas sociedades aflorem, colocando-se como um contraponto na aparente uniformidade que impregnou os discursos sobre aquela região. Diante do alerta, torna-se estimulante "espiar através de frestas, espreitar" para deliberar sobre a "reconstrução de práticas, linguagens e costumes"<sup>304</sup>.

É pertinente observar as festividades na região através dessas frestas abertas pela sociedade, para enfim poder desvendar as disputas em torno de limites, que ao longo do tempo constituíram-se em significados ocultos e tensões latentes das variadas formas lúdicas de práticas do lazer.

### **3.3- O duelo de espaços: A disputa pelo lazer na fronteira**

Na fronteira, as dimensões políticas dessa festa vão aflorar anunciando para tempos do lazer segregado<sup>305</sup>. Neste novo espaço de sociabilidade, cada comunidade vai organizar e comemorar sua festa de maneira independente, buscando cativar, no entanto, a festividade alheia. Esse período se desenvolve nas duas primeiras décadas do século passado. Entretanto caracteriza-se como demarcador no princípio dos anos 1940, quando despontam publicamente os primeiros embates da concorrência dos espaços de lazer. A disputa vai se concentrar em torno das comemorações do Momo e a concorrida cena do *footing* entre os jovens fronteiriços. O acirrado embate em torno dos passeios teve início logo após a racionalização de energia elétrica imposta à Santana. As atrações da vida noturna voltaram-se então para a cidade vizinha, quando o público santanense encantou-se com a moderna *Via Blanca*, que mantinha semelhanças com o *footing*, embora superior, pois o passeio era reservado somente a pedestres, quando trancavam-se aos veículos as quatro primeiras quadras da Avenida Sarandi. Outro diferencial de qualidade encontrava-se no fato desse logradouro concentrar ao longo de sua via as lojas envidraçadas que ofereciam produtos importados, os cafés que vendiam um estilo refinado e as confeitarias com produtos diferenciados expostos em sua vitrine.

---

<sup>304</sup> CUNHA, M. C. P. Op. Cit. p. 13.

<sup>305</sup> Expressão que será utilizada para exemplificar as transformações sofridas nas primeiras duas décadas do século passado, quando os foliões e população em geral estruturaram suas festas dentro do espaço físico do seu país, dando origem a uma "segregação social" que, embora não fosse explicitada, conviveria cotidianamente no seio daquela comunidade fronteiriça. Mesmo em uma fronteira seca, sem linhas limítrofes, é possível perceber a presença de alcunhas pejorativas entre essas duas nacionalidades: como "*castilhanos, pés de chumbo*", dando uma conotação de incivilidade para os vizinhos uruguaios; ou ainda "*los macacos*".

Na investigação sobre o carnaval santanense, observou-se que nos primórdios, em 1874, à festividade era realizada em conjunto, com as administrações municipais das cidades, segundo apontam as escassas fontes existentes sobre esse período. Na segunda década do século XX, porém a comemoração dos dias gordos apresenta-se com características individualizadas, o carnaval fronteiriço já encontra-se livre da expressão internacional, que caracterizaram as festividades do final do século XIX.

Segundo Julio Miranda, em Santana, o carnaval de 1916 apresentava-se no entorno da Praça General Osório. Relatado por esse autor através das fontes da festividade carnavalesca apontadas por Ivo Caggiani, este memorialista considerou que o curso santanense:

[...] *Contó com tal esplendor, que al terminar sus tres días de algarabía, dejó profunda saudade" en el pueblo. Los carros alegóricos, algunos que merecieran un destaque especial: "Góndola Venéciana", Su construcción era similar as auténticas góndolas de los canales de venecia, cuya tripulación estaba constituida exclusivamente por señoritas de la vecina ciudad; "Borboletas", hermoso carro de grandes alas abiertas multicolores cuyos ocupantes cantaban hermosa canción alusiva. "Zíngaras, " outro destacado carruaje, ocupado por jóvenes muchachas de las dos ciudades. "Japonesas" outro carro que causó admiración, com motivos típicos de aquel país. Sabemos que mucho público dejaba de ver nuestros carnavales para concurrir a la vecina ciudad para ver sus esplendoreosos desfiles*<sup>306</sup>.

Através da observação do cronista, atento as transformações ocorridas as preferências do público carnavalesco. Verifica-se nesse momento, o domínio do curso santanense na produção do evento carnavalesco, provavelmente dada a sua minuciosa organização, requinte e a caracterização de temáticas variadas, geralmente europeizadas. Com isso, os promotores dos desfiles conseguiam cativar um público heterogêneo, especialmente foliões vindos do Uruguai. A festa já mantinha em seus quadros foliões riverenses, que costumavam destacar-se entre os carros alegóricos. Desse modo, parece ter início nesse momento, uma tímida concorrência pelo domínio da festa na região. Mais tarde, no final dos anos de 1930, logo da separação dos desfiles internacionais cada comunidade vai encontrar um estilo diferenciado para a segurar seu público e dinamizar as apresentações desses desfiles populares em seu território.

Em Santana, logo após a divisão desses espaços de lazer, no transcurso dos anos trinta, a reputação dos cursos, vedetes da festa, expandem-se através da fronteira. A

---

*brasileños", "ladrones del Uruguay!"* caracterizando os brasileiros com semelhante barbárie, os quais ainda são cobrados pelas antigas disputas ocorridas em torno dos limites sobre a região do Prata.

<sup>306</sup> MIRANDA, Op. Cit. p. 16. Os grifos são meus.

festividade carnavalesca, encontra concorrência entre os variados e animados desfiles, que se apresentam em volta da praça General Osório, no centro da cidade. Os clubes sociais oferecem a comunidade os bailes de salão, regados a sucessos musicais do momento, as marchinhas carnavalescas geralmente tocadas por orquestras vindas de outras cidades. A maioria da população, que não tinha acesso a essas sociedades, divertia-se observando o carnaval vivido na rua. Essa festa desenvolvia-se com a apresentação dos desfiles dos cursos, os quais mantinham seus carros sofisticados e fantasias luxuosas, a maioria dos seus integrantes fazia parte das famílias da elite santanense<sup>307</sup>. No decorrer das apresentações os carnavalescos eram constantemente surpreendidos pela chuva de confetes e serpentina, jogados dos carros, além da prática comum de jogar-se o entrudo, muitas vezes mal cheiroso e o uso de muitos lanças perfumes<sup>308</sup>.

A população santanense urbana e rural, deslumbrava-se com essas práticas e participava animadamente. Para esses espectadores eram deliciosos dias gordos, onde partilhavam essa alegria com outros foliões mais abonados e nesse espaço dividiam brincadeiras e admiravam o outro, posto que a "boa sociedade" tornava-se próxima deles nessas ocasiões. Afinal, nas festas de Momo tomava-se deste sentimento de irmandade pela comunidade de foliões, difícil de ser vivenciada no cotidiano. Pode-se verificar a expressão desse momento, quando então dava-se o encontro e miscigenação da maioria da população nos passeios públicos, semelhante a proposta de Mikail Bahktin. Através das recordações de infância manifestadas por Dona Elda da animada festa do carnaval santanense em meados da década de 1930 :

Festa era só carnal. O curso ia daqui da praça de Livramento, até lá em Rivera (divisa), de lá voltava assim pela Rivadávia, na Andradas de volta pra praça, todo curso ia e voltava e faziam a volta na praça General Osório, mas era carnaval mesmo né, tudo fantasiado, desfilavam, as músicas vinha dos bloco de carnaval, o carnaval puxando, a gente caminhava na calçada prá ir lá olha, às vezes até os guri, a gente ia, levava lança perfume, se avançavam na mão da gente, tomavam né? Às vezes a gente ia muito faceiro né, com o vidro de lança perfume na mão, quando via passavam um guri, pá, levavam! Quando a gente gostava de um rapaz, a gente jogava serpentina nele, jogava em quem achasse bonito, jogava serpentina e eles às vezes jogavam também; o curso começava assim, sempre no escurecer né? Amanhecia o curso todo mundo se misturava, vinha, o carnaval era internacional, eram músicas bonitas, cantaram "o galo carijó", cantaram a: "marmelo é fruta gostosa que dá na ponta da vara," esse também, esse e o galo carijó

---

<sup>307</sup> Os cursos do carnaval na fronteira eram constituídos através dos desfiles em carros alegóricos; que no início do século XX eram feitos com a utilização de carroças movidas a tração animal, as volantas e mais tarde com carros mecânicos.

<sup>308</sup> Entrudo, também denominado de limão de cheio, era muito comum nas festividades dos carnavais. Sobre esse tema, verificar as obras de Maria Clementina Pereira Cunha, Roberto da Matta e Maria Isaura Pereira Queiróz entre outras que abordam sobre a festa carnavalesca.

é de 35, essa marcha, lembro mais as marchas que era a primeira do bloco o galo carijó, todo mundo vestido assim de carijó, eles todo vestido parecia um galo assim e as guria toda de saia tudo carijozinho, era muito bonito os blocos muito bem vestido. Eles andavam a pé, tudo, puxando o cordão era mais de duas quadra de gente. Em campanha não tinha carnaval [...] A jardineira, foi em 38, "Ó jardineira porque estás tão triste" ,foi o bloco mais lindo que eu já vi! ia daqui onde estava a casa Chein, aqui na Andradas e ia até lá em cima na esquina (4 quadras) só do bloco, era toda elas fulgurante a fantasia dela, todas vinham com um cestinho de flor!<sup>309</sup>

A profusão de cores e público do universo carnavalesco invade as lembranças de Dona Elda. Através delas encontramos o curso santanense efervescente, recebendo um público diverso. Foliões provenientes da região da campanha e da cidade, além das famílias uruguaias dispostas a participar do ritual.

### 3.3.1- Entre marchas, murgas e tangos

As marchas, que alegravam o público pelo otimismo deliberado de suas composições, fazendo o contentamento dos festeiros, e assim contagiando quem assistia a passagem do desfile dos variados blocos. Para integrar as fileiras dos blocos o folião necessitava condições para pagar a sua fantasia e ser aceito pela diretoria do clube. Nos blocos, entretanto, não eximia-se as características sociais do candidato- apresentavam-se blocos sofisticados, com fantasias luxuosas e também grupos mais singelos que vestiam seus integrantes com fantasias originais, porém com tecidos mais baratos. Desse os blocos dividiam-se entre os foliões que podiam gastar, concorrendo com fantasias mais arrojadas e apresentando-se junto aos componentes de sua classe social e os outros, a maioria da população que não se interessavam em ostentar vestimentas caras, buscando apenas fazer parte do universo divertido que os dias de momo propiciavam a toda comunidade. Porém, a empolgação e cumplicidade do público dependia das letras e da sonoridade do bloco carnavalesco. Dona Elda aponta alguns deles que se tornaram inesquecíveis para a preferência do público, e a dificuldade de fazer parte de seus quadros,

Cada um tinha um salão né? e tinha o bloco Farropilha *né*, que saiu em 35, em 35 é no ano que fundaram o Clube Farropilha, era só de morenos né? Aí, né, eles ensaiavam lá embaixo, nos fundos de um sítio que tinha, até nós subia nuns barranco que tinha para eu olhar os ensaios, ensaiavam nos salão, era só para os baile, iam para os baile depois do corso, ali no Teatro Sete tinha um bloco, não me lembro o nome, era os baile que tinha, mesmo com os clube da cidades tinha os baile de salão, os clube de primeiro era o Caixerai, não entrava qualquer um, nem barbeiro, o Floriano me contava, eles não aceitavam de sócio, hoje todo mundo é socio, tinhaque ter muita coisa para entrar de sócio.Os blocos não precisava disso para entrar era só fazer a fantasia para entrar, eles contratavam a loja, por exemplo "O Salim" ou "O Castro", para

---

<sup>309</sup> CORTES, E. Entrevista citada.

fornecer as peças de fulgurante, eu não sei se vem ainda o fulgurante, e ai contratavam e faziam as fantasias todas igual. Os homens faziam a calça comprida, com um blusão assim, mas o bloco mais lindo era Ó Jardineira, eu nunca vou me esquecer e eles cantavam assim, "Ó jardineira por que estas tão triste, era muito bonita! Tinha os vencedores dos blocos.

O bloco "A lua sossegada", nós morava na campanha, e cantaram, não me lembro se foi em 34 ou 32 (canta) "Deixas a lua sossega e olhes para mim, de madrugada de longe eu vi! era muito bonito; Lá na campanha, os músico que iam para lá levavam essas música da cidade e eles cantavam para a gente! Nessa época o Aerial, parece que já estava um pouco ajeitado!"<sup>310</sup>

Em Rivera, concorrendo com os corsos santanenses, transitavam as murgas, os corsos e comparsas com seu desfile pelas ruas. Um desfile diferenciado, devido ao som peculiar, caracterizado por instrumentos de percussão e letras de músicas das tradicionais murgas uruguaias. As murgas imprimiam um ritmo que pode ser interpretado como um lamento negro, mas carregado de uma sonoridade diferente dos sambas e marchas brasileiros. Trazem geralmente em suas composições, sarcasmo e críticas sociais que são muito apreciadas pelo foliões uruguaios. O movimento nas ruas do outro lado da fronteira expressava-se, sem dúvida, de maneira distinta. Os blocos carnavalescos, utilizavam-se também dos mesmos ingredientes de diversão dos brasileiros: das fantasias e máscaras ao velho ritual dos jogos de papéis, lança perfumes e serpentinas. Entretanto, a festa vizinha mostrava-se com um caráter muitas vezes dirigido para o lado comercial do evento. As bancas de venda de alimentos e bebidas pareciam "cercar" o entorno da praça, com uma variedade de produtos.

No entorno da praça uruguiaia, os carnavalescos dividiam a atenção do público com um tablado para onde também convertia-se a apresentação dos desfiles. Nesses palcos concentrava-se uma parcela do público carnavalesco, que dançava ao ritmo das murgas e comparsas. Os bailes populares agiam como termômetros para aferir a animação do evento, realizados nas ruas centrais, geralmente a organização utilizava-se das *calles* Uruguay entre Rodó e Artigas. Também aconteciam esses bailes na periferia da cidade, no bairro "*Rivera Chico, com batalla de flores, curso por la calle Cuaró, com la concurrencia del Marqués de las Cabriolas, comparsas, murgas y máscaras*"<sup>311</sup>. Recordar-se de sua infância este escritor uruguaio:

*Las transversales de Av. Sarandí se "vendían" o alquilaban parcelas o solares, para vendedores de comestibles, chucherrias y fantasias carnavalescas. El curso se iniciaba generalmente en la praza Río Branco (Hoy Artigas) y los vehiculos y los conjuntos de murgas, comparsas, etc. se*

---

<sup>310</sup> Idem.

<sup>311</sup> MIRANDA, Op. Cit. p. 43.

*agrupaban de ésta. Logicamente, las mesas de venta, ubicadas en esos lugares, producían un buen rendimiento a sus propietarios. Al redor de la mesa (a veces tablón de caballetes), se agrupaban los consumidores, familiares, o amigos a formar la rueda amena y compañera, mientras saboreaban un buen refresco o el infaltable mate amargo. El sonar dos tambores y flautas, panderos y pinos, las "matracas" y los pitos de unos y otros, aturdíán al sobrio caballero que silencioso y observador recorría pausadamente todos los movimientos del bullicioso acontecimiento. En alguna mesa, a un sólo y soñador cliente, los versos le traían recuerdos, que luego desahogaba en emotivos relatos, o bien alguna lágrima<sup>312</sup>.*

O ritmo da festa uruguaia continha doses de animação para seus admiradores, entretanto parecia não empolgar os foliões santanenses, onde não raro, desgostavam-se com a musicalidade das murgas. Os brasileiros nem sempre conseguiam captar a proposta de teatralidade impregnada nesses grupos. Dona Elda mostrou algum desânimo ao lembrar-se dessas apresentações:

Tu sabe que os carnaval de Rivera, tinha as murga aquela sempre, tinha as murga sempre aquelas murga, bloco de carnaval mesmo!!! eles juntavam dali aqueles mascarado tudo de auto, de carro, tudo jogando confete, se fantasiavam só de mascarado assim né. se juntavam aqui, o curso era internacional, tudo era ali no internacional (atual Parque) eles, passavam para cá . Depois que terminou, ficou só os daqui<sup>313</sup>.

As comparsas apresentavam-se com ritmos que variavam entre a murga , o tango, a tarantela e a marcha de retirada, na despedida. Eram compostas em média de um grupo com dez integrantes masculinos. Geralmente, apresentavam-se com um repertório que continha de quatro a cinco canções, incluindo a música inicial para a *Presentación* e uma outra no final do espetáculo, que era chamada *Marcha de Retirada*<sup>314</sup>.

As letras da murgas uruguaias, geralmente compõem o quadro político e social do país ou cidade, pois suas composições estão sintonizadas com sátiras daquele momento. Pode-se vislumbrar a expressão desse gênero, através da canção de protesto do grupo *Hispaña Uruguaya*, vencedores do carnaval de 1937, que tinha à frente a presidência de Francisco Vitola. Estes carnavalescos entre outros temas recheados de humor, como, *Proyectos que están en pie* ou *Mamita, comprame un negro* posicionavam-se contra a política de imigração japonesa, imposta a sociedade uruguaia:

*Después de una breve ausencia,  
la murga "Hispaña-Uruguaya",  
Salvó obstáculos y vallas*

---

<sup>312</sup> MIRANDA, Op. Cit. p. 43.

<sup>313</sup> CORTES, E. Entrevista citada.

<sup>314</sup> MIRANDA, Op. Cit. p. 21, 22.

*Por volver a la querencia.  
Hay repertorios que halagan  
Y dan brillo al carnaval  
Quieren traer al Uruguay  
por propuesta de un señor  
a quinientos japoneses  
pa que nos planten arroz.*

*Há llegado el carnaval,  
Yo me quiero divertir  
Papelito y serpentina, colombinas y pierrots  
El año entrante de nuevo,  
Volverá alegría aa brindar.  
El año entrante de nuevo<sup>315</sup>.*

O tango, indiscutivelmente, era o companheiro inseparável desses músicos. Esse gênero musical, constituído nos subúrbios de Buenos Aires, mas também aclamado pelos uruguaiois como legítima manifestação de sua cultura, regulamentava o carnaval uruguaio das décadas de 1930 e 1940, paralelamente as sátiras e *llantos* (lamentos) das murgas<sup>316</sup>. Durante as comemorações desse folguedo nos clubes sociais o tango era, indiscutivelmente, a estrela que mais abrilhantava a festa. As composições dos tangos muitas vezes transmitiam o roteiro das desventuras, amarguras, mas também o fascínio e prazer dado a noite boêmia. Quando seus admiradores encontravam-se no interior de uma casa noturna, dividindo uma mesa, uma bebida ou na companhia de uma bela mulher, realizava-se por inteiro o percurso boêmio, de uma geração que divertia-se entre valsas, tangos, espetáculos artísticos e o tilintar da roleta.

O tango surgiu com força no cenário suburbano argentino do início do século passado. Assim, tomando emprestada a linguagem chula dos marginais que inchavam os arredores da capital argentina, esse gênero vai impôr-se na preferência popular assim como nos salões dançantes da classe alta<sup>317</sup>. O tango *Chorra*, de 1928, composta por Enrique Santos Discépolo, carregado de vocábulos lunfardos - o dialeto criado pelos indivíduos que se mantinham a margem da sociedade portenha - insere-se para modelar o universo singular dos tangueros, artistas que transmitiam através de suas composições a vida difícil dos personagens da noite.

*Por ser bueno, me pusiste a la miséria,*

---

<sup>315</sup> Idem, p. 68.

<sup>316</sup> GRÜNEWALD, J. L. CARLOS GARDEL, Lunfardo e Tango, 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994. p. 25.

<sup>317</sup> Idem, p. 22, 23.

*me dejastre en la palmera, me afanastre hasta el color.  
 En seis meses me comiste el mercadito,  
 la casiya de la feria, la ganchera, el mostrador  
 !Chorra!...*  
*Me robaste hasta el amor... [...]  
 Si hace un mês me desayuno  
 com lo qu 'he sabido ayer.  
 No era a mí que me cachaban  
 tus rebusques de mujer...  
 Hoy me entero que tu mama  
 "noble viuda de un guerrero",  
 es la chorra de más fama  
 que há pisao la trinta y tres.  
 Y he sabido qu 'el "guerrero"  
 que murió lleno de honor,  
 ni murió, ni fue guerrero  
 - como m 'engrupiste vos-  
 Está en cana protuariado  
 como agente 'e la camorra,  
 professor de cachiporra,  
 malandrín y estafador.  
 Entre todos me pelaron com la cero  
 tu silueta fue el anzuelo donde yo me fui a ensarta.  
 Se tragaron vos, "la viuda" y "el guerrero",  
 lo que me costó diez años de pacieencia y de yugar...  
 !Chorros!...*  
*Vos, tu vieja y tu papá.  
 !Guarda!  
 Cuidansé porque anda suelta,  
 si los catcha, los da vuelta,  
 No les da tiempo a rajar<sup>318</sup>.*

Em 1917, Carlos Gardel desferia o pontapé inicial do tango-canção, gênero que ocupou espaços e conquistou finalmente o gosto popular, chegando mais tarde, a partir da década de 1930, nos salões da elite, obtendo grande repercussão mundial. Na afamada composição *Mano a mano*, o autor observou na trajetória relatada pela letra, o resumo "implacável da vida de uma mulher que é uma mulher da vida, contém em poucas estrofes a suma dos atos e o vaticínio infalível da vida final"<sup>319</sup>.

Gardel, em sua impecável performance de interpretação da composição não demonstra sentimentos de raiva ou despeito, representando como o personagem citado no tango, até o desfecho, apesar das aparências, defenderá a honra essencial de sua antiga amiga, desejando-lhe o melhor: *Que el bacán que te acamala tenga pesos duraderos, que te abrás en las paradas com cashos milongueros y que digam los muchacos:"es una buena*

<sup>318</sup> GRÜNEWALD, J. L. Op. Cit. p. 195.

<sup>319</sup> Idem, p. 82, 83.

*mujer*<sup>320</sup>. A importância de Carlos Gardel no emergente cenário musical do tango encontrava-se no fato de que suas canções buscavam tocar todos os registros do sentimentalismo popular. Assim, o público podia sentir-se impregnado desde, "o ódio irremissível até a alegria do canto pelo canto, desde a celebração de glórias turfísticas até a glosa do evento policial"<sup>321</sup>.

A população fronteiriça não encontrava-se indiferente a potencialidade sentimental e dramática desse gênero musical. O público riverense acostumava-se ao novo estilo musical incorporando-o em sua programação carnavalesca, seja nos tablados dos bailes populares seja nos bailes nos salões dos clubes sociais.

Nos salões dessas entidades era regulamentado pela diretoria a utilização das chamadas *típicas*, quando dava-se então das orquestras intercalarem em seu repertório meia hora de tangos com meia hora de marchas carnavalescas. Segundo rememorou Antônio, o carnaval na fronteira, nos dourados anos 1950 foi regado a muitos tangos, boleros e marchinhas brasileiras:

Havia muita exigência, eu me lembro por exemplo, quando eu era adolescente, digamos tinha uns dezoito, vinte anos, quinze anos, nos bailes de carnaval, era regulamentada a entrada das pessoas, tinha que ter calça branca ou azul marinho. Bom, no carnaval aqui da fronteira, eu vou falar de quando eu era adolescente, isso faz alguns anos já. Prá ti entrar num clube aqui em Santana por exemplo, no Comercial, Caixeral e o Clube Uruguai, em Rivera que eram os três clubes da cidade. No carnaval o homem, o rapaz, tinha que usar calça branca ou azul marinho e uma camisa de fantasia, senão não entrava, o porteiro não deixava entrar. Então era aquela coisa, a gente tinha que fazer uma calça branca para poder brincar num clube de carnaval, aí, senão não entrava, simplesmente. O sujeito ia com a calça cinza, bom, essa calça jeans não havia! [...] O Valdir Azevedo, ele atuou aqui, o Quitandinha *Serenaders* também, conjuntos famosos, muito famosos do Rio que vinham por aqui e tocavam música brasileira de modo geral. Os carnavais aqui também tinham uma característica né, era meia hora de música brasileira e meia hora de música, de tango, de música uruguaia. Era assim, a gente dançava tango no carnaval! É uma coisa, era assim, meia hora de carnaval e meia hora de orquestra típica, como se chama aqui, geralmente *do Uruguai*.

Eu me lembro que vinha uma orquestra famosa de Montevideo, o Raciati, que é um músico famoso, era famoso naquela época, e era uma orquestra monumental, aquilo, uma coisa, de violino, de piano, de *bandoneon*, era uma orquestra típica como chamam aqui. Se dançava tango, milongas, valsas e coisas assim no carnaval. Era meia hora e meia hora. Lá pelo ano 50, na década de 50 mais ou menos era assim<sup>322</sup>.

Diferente dos cordões e murgas uruguaios, os grupos carnavalescos de Santana, no entanto, muitas vezes encontravam-se miscigenados de componentes masculinos e

---

<sup>320</sup> GRÜNEWALD, J. L. Op. Cit. p. 82.

<sup>321</sup> Idem, p. 83.

<sup>322</sup> APOITIA NETO, A. Entrevista citada.

femininos, podendo chegar até uma centena deles<sup>323</sup>. Diante da diversidade de atrações carnavalescas santanense, o público uruguaio vai mostrar-se interessado pela folia de seus vizinhos. Nesse momento, no final da década de trinta, a festa na fronteira vai caracterizar-se pela disputa pelo lazer entre as cidades. Os meandros desse conflito, com características políticas, tiveram no centro administrativo das cidades, em cujo entornos localizavam-se suas praças, os cafês, o Cine-Theatro, comércios e a Igreja, acalorados debates públicos mantidos através de seus jornais.

Realmente, a praça mostrou-se um elemento aglutinador daquelas gerações que acompanharam o processo de urbanização e modernização do cotidiano da noite fronteiriça. Assim, constituía-se a praça riverense em meados do século passado nas lembranças de Zs Recarey:

*Se contemplaba el "urbanismo" de nuestra Plaza, Tan llena de recuerdos imborrables, com unos cuantos bancos de tirantillos de madera, distribuidos en el perimetro de la Plaza y en las aceras a que hicimos referencia*

*No sé si era linda, pobre o fea, pero era **NUESTRA PLAZA**: el centro de un pueblo que aspiraba a convertirse en "ciud" algún día.*

*Pero, lo que nos interesaba contar quizá no sean las características de la Plaza, sino algunas connotaciones de sabor amargo.*

*En el centro circular de la Plaza nos reuníamos tres ou cuatro veces a la semana ( los jueves y domingos esse espacio se reserbava para los atriles de la banda de música dirigida por Pedro Brito) que cumplía decorosamente com un repertório internacional"<sup>324</sup>.*

O final da década de trinta aponta para um conflito em torno da disputa pelo cativo público dos dias gordos do Momo. Um dos motivos apontados pelos cronistas na guerra pela assistência dos santanenses em suas festas, era a musicalidade que trazia o carnaval brasileiro. Ora, o outro lado da fronteira, era efetivamente tristonho, melancólico, suas músicas não despertavam para a alegria que o carnaval prometia, em aberta crítica ao tango. Entretanto, o crítico parecia ter-se esquecido que o ritmo desse gênero também animava os salões dos refinados cabarés localizados na sua cidade Essa festividade carnavalesca exigia energia, animação e alegria, assim como a música repleta de sambas, estes sim, "genuinamente brasileiros", segundo exploravam os jornais da época.

Assim o jornal A Platéia procurava seduzir seus foliões para a diversão no espaço brasileiro:

---

<sup>323</sup> MIRANDA, Op. Cit. p. 68.

<sup>324</sup> ZAS RECAREY, H. *Aleluya Rivera!* Op., Cit., p. 16 . O destaque a *Nuestra Plaza* pertence ao autor.

## O CARNAVAL

VEM CHEGANDO DE LONGE JÁ SE SENTEM OS ÉCOS DO DEUS DA FOLIA, CONCLAMANDOOS FIEIS PARA A LUTA. RISOS E ALEGRIA POR TODA PARTE. EXISTE UM SOPRO DE VIDA E ENTUSIASMO EM TODAS ALMAS. A HUMANIDADE PARECE QUE FATIGADA, AGUARDA OS DIAS PARA VINGAR-SE...O CARNAVAL - DIZEM OS LABIOS - É A FESTA **ESSENCIALMENTE BRASILEIRA**. É O SAMBA E AS MARCHINHAS DOMINANDO OS HOMENS MOSTRANDO-LHES IRONICAMENTE, O CAMINHO DA FRATERNIDADE HUMANA, FORA DISTO É INUTIL, O MOLE E ENFERMIÇO TANGO ARGENTINO NÃO ADIANTA...O BRASILEIRO É ALEGRE. O **CARNAVAL É FESTA NOSSA** E SANTANA, TERRA BRASILEIRISSIMA, SABE DISSO MELHOR DO QUE NINGUEM. FAÇAMOS CARNAVAL, O CARNAVAL BEM BRASILEIRO, MAS FAÇAMOS NO ASFALTO DE NOSSAS RUAS E O ENCANTO DE NOSSAS PRAÇAS, É UM CONVITE A ALEGRIA. FAÇAMOSO NOSSO CARNAVAL.<sup>325</sup>

Na mesma página, um pouco mais abaixo, em outra manchete onde relata para a comunidade os intensos preparativos da cidade para a chegada do carnaval, o cronista empolga-se com a missão:

Em todas as classes já se nota a confiança, a certeza inabalável, de que teremos o que nos faltou injustificadamente, nos dois anos anteriores: o reinado soberano do grande Deus Momo, cabeça do mais efemero e doido de todos os reinados que passam sobre a terra. Já se movimentaram os poderes publicos. Santana apresenta reivindicações... Haverá plebiscito...Vamos ver de quem será de fato o carnaval...O carnaval popular Genuinamente popular. O único que é verdadeiro porque atinge. o povo em cheio [...] O povo está confiando nos que tem a seu cargo a missão de encher de alegria, de festa louca, a cidade que estava quase adormecida<sup>326</sup>.

Vislumbra-se nas letras desses diferentes gêneros musicais, a murga e o samba, complementariedades que as aproximam, em especial o gosto pela crítica social e de costumes. Nas composições das músicas uruguaias, os letristas murguistas produzem composições satíricas, sintonizando sempre com o momento político vivido pelo país. A exemplo do carnaval montevideano, as murgas se transformaram em um fenômeno do carnaval riverense:

*Cuatro principios de conducta orientam a las murgas: hacer sátira de actualidad, interpretar letras picarescas sin ofender, buena carga de ironía y caraterización com gracia; la mayor parte das letras de las murgas carnavalesca se dedican a criticar hechos políticos y sociales acaecidos durante el año<sup>327</sup>.*

No carnaval de 1937, o grupo murguista *La Gran Murga los Saltimbanquis* composta de 13 elementos e sob a direção de Amaranto Leguizamón e Orlando Scaletti , apresentava crítica a alcunha de *Ciudad de Turismo*, dada a Rivera em sua despedida:

<sup>325</sup> A Platea, Sant `Ana do Livramento 19/01/1941. p . 02. Os grifos e a forma da letra são do cronista da época.

<sup>326</sup> Idem, "O povo confia nos reivindicadores do carnaval santanese". p. 02.

<sup>327</sup> *Tecnología del Carnaval: las máscaras religiosas del teatro de los tablados*, en *H enciclopèdia*: <http://www.henciclopedia.org/autores/remedi/carnaval.htm>. p. 01, 02.

[...] *previnimos  
que nadie puede olvidar  
aunque es Ciudad de Turismo  
tambiém es ciudad comercial.*

*Ahora ya fue colocado el "Cùmplase" a la ley,  
Será grande jugada  
Com las fichas de carey.*

*Volvamos ya, Saltimbanquis,  
Adelante y con amor,  
dejando los corazones  
latiendo com más fervor,  
ya que nos despedimos  
de todos en general,  
y a todos agradecemos  
hasta otro carnaval<sup>328</sup>.*

Semelhante ao fenômeno murguista uruguaio, as marchas divertiam o carnaval brasileiro. Embora o samba, gênero musical inaugurado em 1916, com a música Pelo Telefone, composto por Donga, tenha se tornado sinônimo, em muitas ocasiões para caracterizar a musicalidade brasileira, as marchinhas ganhavam a preferência do público nas festas carnavalescas. As marchinhas faziam sucesso desde os primeiros anos do século passado, sendo consideradas embriões das escolas de samba cariocas<sup>329</sup>. Consideradas de fácil assimilação entre o público, sua fórmula de sucesso residia no seu compasso binário, como o da marcha militar, andamentos acelerados, melodias simples e de forte apelo popular. Suas letras mostravam-se irônicas, sensuais e engraçadas; crônicas urbanas que tratavam normalmente de tema cotidianos. Muitas composições continham conotações políticas, pois exploravam continuamente o ambíguo e o duplo sentido das palavras, por isso mesmo divertiam e ganharam a preferência popular. Tiveram seu apogeu entre as décadas de 1930, 1940 e 1950.

Conforme Omar Jubran, "o auge do gênero está relacionado a popularização do disco e rádio"<sup>330</sup>. A divulgação das músicas através das emissoras de rádio e dos jornais locais, mantinham o público informados do ritmo e da letra das marchas carnavalescas. As músicas mais citadas no decorrer da pesquisa, entre os carnavalescos dessa época na fronteira foram também as mais tocadas nas rádios brasileiras. Chiquita Bacana de João de Barro e Alberto Ribeiro, lançada em 1949, abordando "uma interpretação particular do

---

<sup>328</sup> MIRANDA, J.C.F. Op. Cit. p. 67.

<sup>329</sup> Sítio cifrantiga. [www.cifrantiga.hpg.ig.com.br/Crono3/marchinhas-de-carnaval.htm](http://www.cifrantiga.hpg.ig.com.br/Crono3/marchinhas-de-carnaval.htm), acessado dia 22.04.2005, às 15h30m, p. 01, 02.

<sup>330</sup> JUBRAN, O. "Marchinhas de Carnaval". Op. Cit. p. 01.

existencialismo sartreano; O Teu Cabelo Não Nega, dos Irmãos Valença e de Lamartine Babo, do ano 1932; Mamãe Eu Quero, de Jararaca e Vicente Paiva de 1937; Allah-la-ô de Alberto lobo e Antônio Nássara, sucesso em 1941, entre outras.

Essas marchas passaram a ser estrelas dos salões, das batalhas de confete travadas nas ruas da cidade, nos bailes pré carnavalescos às vésperas do carnaval. O público afoito, aprendia as letras das marchinhas e os sambas, elegia os melhores, que geralmente tornavam-se clássicos, como os temas citados acima. Por longas décadas o Rio de Janeiro liderou a produção de música de carnaval em todo o país. A partir da década de sessenta, as marchinhas foram perdendo espaço para os sambas -enredos: "As escolas de samba , agremiações de grandes sambistas, começaram a ditar quais eram os sucessos. No entanto, compositores como Chico Buarque se arriscaram a escrever suas marchinhas"<sup>331</sup>.

No país vizinho, o público não sentia-se indiferente ao repertório camavalesco. Para Gustavo Remedi, o carnaval uruguaio do século passado, caracterizado pelos tablados e os concursos camavalescos, aflorou nas classes populares o sentido de pertencimento ao seu bairro, através das murgas. As *llamadas*, outro segmento do carnaval uruguaio, consiste no desfile de suas agrupações típicas, geralmente constituídas de um conjunto de bailarinos e bailarinas ao compasso dos tambores, que tocam o *camdombe*, música tocada pelos afro-uruguaiois, dos bairros populares. O universo mágico e triste das murgas assim é descrito pelo cronista riverense:

*Los conjuntos y murgas que hasta la madrugada, estonavan sus versos recorrian incesantemente los distintos "puestos de ventas"o bien en algún comercio céntrico hacian oír sus vocês, en busca del "peso" para atender sus necesidades, no siempre compartidas por el oyente, que se retiraban casi as escondidas para no aportar la pequeña ayuda que el músico esperaba y también..su familia. Las murgas encontraban al murguista, haciendo sonar su tambor, más allá de la alegría camavalesca, que nadie como él transmitió, talvez como consuelo o desencanto frente al vacío mundo de su alrededor, sin la respuesta a su canto, su lucha. a su trabajo, jaranero, renovado siempre<sup>332</sup>.*

Nas comunidades criaram-se ao longo do tempo boas relações entre as populações, pautando a convivência cotidiana pela cordialidade, reforçando o discurso reservado a região, uma só cidade, uma só cultura. Embora a um olhar mais atento observou-se que dado a seu carácter multicultural, desvelaram-se em alguns momentos

---

<sup>331</sup> JUBRAN, O. Op. Cit. p.02.

<sup>332</sup> MIRANDA, Op. Cit. p. 23. Como sugere o cronista, as murgas eram compostas em sua maioria pelos trabalhadores e operários dos bairros periféricos da cidade. Talvez por essa condição os murguistas tenham sido discriminados pela comunidade santanense no início da década de 40.

conflitos étnicos e em algumas ocasiões, nacionalistas. As fontes apontaram para uma concorrência nos espaços comuns de lazer entre as cidades uruguaia e brasileira.

Os encontros culturais, muitas vezes tendem a tornar-se um terreno perigoso para o historiador, visto as precauções verificadas e recomendadas por Peter Burke. Para esse autor, nos últimos anos, os historiadores culturais tem se interessado cada vez mais por esses encontros, assim como para os choques, conflitos, competições e invasões culturais” sem esquecer ou minimizar os aspectos desse contatos. Assim, adverte para a perspectiva da homogeneidade ocorrida no encontro das comunidades:

Seria insensato, é claro, tratar desse encontros como se ocorressem entre duas culturas, recuando a uma linguagem da homogeneidade cultural e tratando as culturas como entidades ligadas (os indivíduos às vezes tem um forte senso de limites, mas na pratica as fronteira são atravessadas repetidas vezes) A questão a ser enfatizada é o interesse relativamente novo pela maneira como as partes envolvidas percebiam, entendiam ou, na verdade, não entendiam umas as outras[...] É difícil dizer quem manipulava quem, mas é pelo menos claro que as diferentes partes do encontro operavam com diferentes definições da situação[...]<sup>333</sup>

Na fronteira, o aspecto híbrido dos relacionamentos culturais impostos a região desde seu surgimento, parecem relacionar-se ao estudo de Peter Burke e a cautela proposta pelo historiador orienta esta pesquisa quando:

É necessário evitar duas supersimplificações opostas: a visão de cultura homogênea, cega as diferenças e conflitos, e a visão de cultura essencialmente fragmentada, o que deixa de levar em conta os meios pelos quais todos criamos nessas misturas, sincretismos e sínteses individuais ou de grupo. A interação de subculturas as vezes produz uma unidade de opostos aparentes. Feche os olhos e ouça por um momento um sulaficano falando. Não é fácil dizer se o locutor é negro ou branco. Não vale a pena perguntar se as culturas negra e branca da Africa do Sul compartilharam outras características, apesar de seus contrastes, conflitos, graças a séculos de interação?<sup>334</sup>

Dada as abordagem unificadoras relegadas a região, a investigação procurou encontrar vestígios nas diferenças e interesses culturais distintos o caminho para desvelar o relacionamento daquelas comunidades fronteiriças no percurso de trinta anos, proposto pelo recorte temporal do trabalho.

O concurso para a escolha da Rainha do *Footing* em Santana, em fevereiro de 1941, demonstrou ser parte de um duelo entre as duas comunidades, para a conquista dos espaços do lazer fronteiriço. Os passeios noturnos pelos arredores das praças da fronteira eram um dos mais altos atrativos para as famílias de Santana e Rivera. Os jornais santanenses e riverenses, aliados aos interesses de seus governantes, tomaram-se então,

---

<sup>333</sup> BURKE, P. Variedades de uma História Cultural. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000. p. 255, 256.

<sup>334</sup> Idem, p. 267.

porta vozes dos anseios políticos que buscavam reverter para uma ou outra cidade o espaço privilegiado de lazer na fronteira, com óbvios retornos financeiros para o comércio da cidade eleita. Com objetivo de conclamar a sociedade santanense para uma parceria, o jornal A Platéia assim orientava seus leitores nesse editorial:

**Os santanenses rejubilam-se,**

As idéias quando bem orientadas tem a atração misteriosa da comunicabilidade e da expansão. Há muito sentiamos a necessidade de fazer ao santanense ver o que a sua cidade tem de interessante e atrativo. Ele sentiu agora os esforços que se vêm fazendo naquele sentido.

Todos apoiaram com entusiasmo a campanha que se desenrola em prol do "*footing*" na praça General Osório. E todas as noites, a praça vê-se "asaltada" pelos seus antigos admiradores e frequentadores. É um verdadeiro desfile que se realiza em suas calçadas. As assíduas concorrentes ao título de rainha do "*footing*", ornam aqueles recantos nas noites tropicais. Anteontem, apesar do frio que fez, foi surpreendente a avalanche de senhorinhas e rapazes de nossa sociedade. A idéia da eleição de uma rainha para o "*footing*", suscitou um entusiasmo indiscutível, e visto essa acolhida, A Platea, no próximo Domingo publicará a primeira apuração dos votos da "rainha"<sup>335</sup>.

Com este atrativo, que certamente em muito cativava o universo feminino, pois explorava sua vaidade e feminilidade, os agentes da cultura local, tinham como objetivo dominar, ou ao menos deter um pouco a crescente tendência da população santanense de ocupação dos espaços riverenses de lazer. A inovação do projeto *Via Blanca* proposta pela Intendencia Municipal de Rivera, no ano de 1936, apresenta-se de maneira significativa nesse momento. Como reforço à essa política de revigoração da diversão popular em território brasileiro estará também o carnaval. Com data semelhante para sua realização à escolha da Rainha do *Footing*, formou-se no ano de 1941, uma Grande Comissão Organizadora para a promoção e revitalização das festas do Momo. Essa comissão era presidida pelo prefeito do município santanense e integrada pelas senhoras da sociedade, diretores dos jornais e alguns influentes comerciantes. Seus encontros eram realizados no Clube Comercial e perseguidos pelo olhar atento e ávido da mídia, a qual tinha como objetivo fazer uma divulgação imediata e com muito alarde.

Nesse sentido, é reveladora a manchete do jornal A Platéia, que caracteriza esse órgão de imprensa como porta voz oficial na disputa dos espaços públicos, quando então mostrou tamanho engajamento na luta:

**O CARNAVAL é nosso!**

**Santanense!** Desperta e não permite que os teus bons vizinhos, **que já nos tem subtraído** pelos seus esforços e por sua tenacidade, o movimento de nossa cidade, **o footing de nossa linda praça, os cafés, os cinemas**, venham agora te **subtrair** o carnaval! Desperta santanense!

---

<sup>335</sup> A Platéia Sant'Ana do Livramento, 19/01/1941, p. 02. Os grifos são do cronista.

Reage. Não permita que a festa tradicional do teu povo, que traz a Alegria no encanto e na beleza contagiosa de suas canções saia daqui para glorificar outra terra. Santanense possui tua cidade lindíssimas ruas, uma belíssima praça jardim, por que fojes dela para **dar jubilo e enriquecer** outra?

Congregate em torno de ti mesmo. Não te esqueças que a tua cidade, ao mesmo tempo em que foges para Rivera, pleiteia o título de cidade de turismo que inumeras vantagens te advirão e para tua terra também.

Santanense sê santanense! Elege tua rainha, glorifica teu carnaval! Que é a festa tradicionalmente popular do povo brasileiro.

Faz carnaval nas tuas lindas ruas e na tua bela praça!

Elevemos a nossa rainha. Façamos nossos carros alegóricos, nosso corso, nossas comissões.

Exijamos que o governo municipal, a policia " entrem no cordão"... **deixando de lado pequenas exigencias** que possam ser a causa do Carnaval emigrar!

Falta um mês apenas. Deus momo, contempla nervoso o displicente silêncio que reina por essas plagas, plagas que querem ser **um recanto de turismo**, uma cidade de atrações.

Desperta santanense!<sup>336</sup>

Nesse momento, verificou-se estarem entrelaçados os interesses políticos junto ao empresariado local, que também encontram-se vigilantes na questão dos limites da fronteira. Na figura do presidente da Associação dos Proprietários de Imóveis, encontra-se uma possível pista para esse embate. Assim, na mesma edição e página do editorial acima, encontra-se esta nota, contendo a íntegra do pedido de regulamentação do decreto da faixa de fronteira, encaminhado ao Secretário da Fazenda do Estado gaúcho:

#### **HINDA A FAIXA DE FRONTEIRA**

A prestigiosa entidade dos proprietários de Imóveis, que dirigida pelo sr. Antônio Prado Brisolla- sempre alerta na defesa dos interesses do seus inumeros associados- enviou ontem telegrama ao Dr. Oscar Carneiro da Fonseca, DD. Secretário da Fazenda do Estado:

"A Associação dos Proprietários de Imóveis de Livramento, que oportunamente, se dirigiu ao sr. Interventor Federal, congratulando se pela feliz solucionada com a regulamentação do decreto da faixa da fronteira- cujas finalidades visam a propria Integridade Nacional- solicita se digne V.Excia. de enviar com urgencia a Exatoria estadual, os formularios para serem preenchidos e entregues com os demais documentos comprobatórios das propriedades dos seus inúmeros associados. Atenciosas saudações. Antonio Prado Brisolla. Presidente".

Ontem mesmo essa entidade recebeu em resposta, o telegrama que transcrevemos na íntegra: Antonio Prado Brisolla- Presidente da Associação dos Proprietários de Imoveis de Livramento: Tenho o prazer de lhe comunicar que estão sendo impressos os formulários os quais, dentro de poucos dias, serão remetidos ás exatorias com as instruções relativas a execução do decreto da faixa da fronteira. Saudações cordiais. Oscar Carneiro da Fontoura. Secretário da Fazenda<sup>337</sup>.

A disputa pelo privilegiado espaço do entorno do Parque Internacional e a zona de fronteira já aticava as duas nacionalidades há pelo menos dez anos, conforme reforça um

<sup>336</sup> A Platéia, Sant' Ana do Livramento, 19/01/1941. p. 02. Os grifos são do cronista.

<sup>337</sup> Idem, p. 02. O Tratado Internacional de fronteira determinava que o entorno do Parque Internacional caracterizaria-se como zona neutra ou seja livre de construções, para a manutenção da linha imaginária. No entanto, essa condição do acordo foi desrespeitada por uns empresários brasileiros, conforme algumas fontes de autores uruguaios. Os grifos fazem parte da publicação.

editorial do jornal riverense *Tradición Colorada*, do ano 1930. O cronista, desgostoso, revela através de suas críticas a desarmoniosa e moderna arquitetura santanese-contrapondo-se a composição do outro lado da linha divisória- sérias preocupações com os espaços de fronteira, que foram tomados e ocupados pelos vizinhos brasileiros:

*Paciencia, ya estaremos iguales*

*La prensa de la ciudad vecina se refiere un poco despectivamente al triste aspecto que presenta nuestra linea divisoria frente a los modernos edificios que ellos han levantado, merced al esfuerzo particular.*

*No vamos a discutir verdaderamente, aquello da lástima y lastima el sentimiento localista y hasta nacional.*

*Pero no conviene olvidar tampoco el tratado de límites y delineación de fronteras entre ambas ciudades, los simpáticos santanenses obtuvieron concesiones de nuestro gobierno en desmedro de los intereses futuros de esta ciudad de Rivera.*

*Mientras ellos avanzan casi hasta el cordón de la vereda de la principal avenida de las dos ciudades, tomando posesión del mejor punto, nuestra odificación debe mantenerse a respetuosa de la de ellos, como para no restar aire, luz y perspectiva a las líneas de sus edificios (...)*

*Menos mal que el Parque Internacional no saldrá que si no nos habrían dado el golpe de gracia, adornando las adyacencias de sus construcciones con un parque cuya parte verdaderamente ornamental con respecto a lo ya hecho, sería la parte tomada al territorio uruguayo...pero no hay mal que dure 100 años<sup>338</sup>.*

Sabe-se que a região nem sempre foi pacífica e cordial, trata-se de um discurso da classe dominante para a consolidação do poder local, caracterizado por uma política conservadora. Observando-se o relato editorial de um jornal santanense verifica-se um curioso caso ocorrido no ano de 1914. Na ocasião da festividade da inauguração dos sinos da Igreja Matriz de Rivera, houve um sério incidente diplomático envolvendo integrantes do Exército Brasileiro e das Forças Armadas do Uruguai, com “saldo de mortes e uma ameaça de rompimento das relações diplomáticas”, segundo a versão alarmante dada pelo jornal *Folha Popular* na década de 1950.

Um soldado brasileiro embriagado tornou-se o estopim do distúrbio. Depois de urinar sobre a estátua do General Artigas, símbolo máximo da pátria uruguaia foi detido pela policia e pela população sendo quase linchado. Este fato causou a revolta da comunidade uruguaia, que dado tal desrespeito, armou-se para defender sua pátria<sup>339</sup>.

Os momentos carregados de tensão para as duas comunidades, podem ser sentidos através das recordações que Miguel Saynun Hijo construiu em sua memória através dos relatos vivenciados por seu pai:

---

<sup>338</sup> *Tradición Colorada*, Rivera, 11/07/1930. p. 01.

<sup>339</sup> *Folha Popular*, Sant’Ana do Livramento. 15/02/57.

Os conflitos daqui se deram por bobagem e nacionalidade[...]Teve um momento em que queriam invadir Rivera, e o Exército brasileiro estando ai, na subida, essa ai que tu viu, ali vamos dizer assim, da Alfândega, *donde* era a Alfândega brasileira, hoje Ferragem Frontera, ali pararam, inclusive falava meu pai que, inclusive os voluntários que iam na *Chefatura* e davam espingardas pra eles, tavam em cima do teto da minha casa!

A minha casa é onde esta aquele prédio todo de vidro (na linha do lado uruguaio), ficavam em cima de ai, de tudo isso, tavam.ali. Ai, começou ai, agora me lembro, em 1914, parece que foi isso, que prenderam e entraram para tirar o soldado. Meu pai me contava essas coisas, to te contando, tavam em cima de minha casa com as espingardas, esperando que entrassem os brasileiros para atirar! Passou um e atirou. Em todo lado era assim, matavam de um lado, atiravam de outro. Era época de marechal né<sup>340</sup>.

Outro caso, este no período carnavalesco, foi relatado por Seu Bisso, que acompanhou o ocorrido, quando retornava do desfile do Corso riverense nos anos 1930. Nesta ocasião, os brasileiros sentiram-se ofendidos pelo insulto ao símbolo nacional. Um soldado brasileiro entrou na avenida da vizinha cidade, onde se realizava a festividade e abordou um uruguaio embriagado que estava caçoando da bandeira brasileira, envolto nela. O fato quase causou outro incidente, pois as forças da Brigada Militar santanense, ameaçaram invadir a linha divisória se a *Jefatura de Policia* não libertasse o intrépido soldado. Assim seu Bisso construiu sua narrativa sobre esse acontecimento:

No carnaval, houve uma *peleia* na praça de Rivera por causa disso, houve um tiroteio e prenderam um soldado, porque o soldado do Sétimo (Cavalaria), andavam vários soldados por lá, e o mascarado uruguaio vinha fantasiado com a bandeira do Brasil! E o cara agarrou e tomou dele a bandeira e se deu um fervero, um tiroteio, e prenderam um soldado e a Brigada e o Sétimo se revoltaram e iam invadi ai, naquele tempo. E prenderam um soldado e tiveram que solta, para evitar [...] e era gente que ia e gente que vinha, arrumando porque tava , tava feia a coisa. Eu tava lá, andava lá na praça, e eu já vinha, vinha vindo já para cá da linha, *entonce* eu vi que houve, que havia qualquer coisa, porque eu vinha pelo meio da rua e a policia vinha a cavalo, e me deram uma pechada (empurrão) que me atiraram no chão e do chão eu ví que vinha um soldado disparando para entrar pro Brasil, pro lado brasileiro e passou pelo Brasil.. A policia queria pegar ele também. Era de noite! Na hora do corso, houve uns quantos tiros lá na praça, mas depois apaziguaram, arrumaram, o soldado foi solto, mas não morreu ninguém, foi um buchiche (alvoroço). (risos) Eu levei essa pechada do cavalo que me atirou no chão, porque eu vinha distraído não é, com o barulho da música, isso tudo, não se ouvia, não se ouvia nada, depois é que eu fiquei sabendo. E o soldado, um ficou preso e os outros escaparam, porque era uns quantos soldados. Depois que se meteram no fervero, *entonce* a policia queria pegar né?<sup>341</sup>

Os episódios acima descritos permitiram ao trabalho considerar que os relacionamentos entre riverenses e santanenses são tão cotidianos como reveladores. Assim, o discurso imposto na direção da imposição de uma irmandade fronteiriça, como o que frequentemente são utilizados para apresentação destas comunidades parece diluir-se.

---

<sup>340</sup> SAYNUN HIJO, M. Entrevista citada.

<sup>341</sup> BISSO, H. Entrevista citada.

# Nossa Encantadora Soberana Quer Tudo, Menos Tristezas! . . .

A encantadora e simpática Soberana que o Povo sem vacilar um só momento escolheu numa hora boa, para dias de felicidade, já conquistou o coração de seus vassallos

Ela agora pode ordenar, mandar, dizer o que quizer, que a sua vontade será cumprida sem a perda de um só minuto

Possuidora entretanto, de uma culta inteligência Rainha moderna, Carmen Araujo Martins, em seu primeiro Decreto, ornado pela beleza suave de umas rimas bem feitas e inspiradas, falando a seus vassallos pela linguagem edificante do verso, apenas uma coisa pediu:

«Não pode haver gente triste!»

Quanta beleza existe na simplicidade desta ordem, que bastaria para imortalizar a glória e a cultura de qualquer soberana de verdade!

E tão diversa da atualidade apesar de Soberana á 1942 ela suavisa seu povo, dizendo:

«Não posso cobrar impostos,

Com um samba estou satisfeita»

E não quer lanceiros de verdade, nem batalhões blindados, nada disso que mata as crianças na Europa, semeia a dor e o barbarismo, basta-lhe:

«Uma legião de lança perfume em riste»

Oh! Santana eu te felicito pela imensa felicidade de teres escolhido, sem um só momento de duvida, uma tão excelsa Rainha!

«Gozemos o Carnaval!»

*Pierrot*

O decreto da Rainha santanense do Carnaval de 1942.

Fonte- A Platéia, 11.02.1942.



Senhorita Oséa Corrêa, Soberana do Carnaval santanense de 1941. Fonte- A Platéia 13.01.1941.

**Excelsa Soberana**



Senhorita CARMEN ARAUJO MARTINS, excelsa Rainha do Carnaval Popular, que será coroada logo à noite, na Praça General Osório, por S. M. Momo Primeiro e Único

Senhorita Carmen Araujo Martins, Rainha do Carnaval de 1942.

Fonte- A Platéia 11.02.1942.

### 3.4- "Mancharam o símbolo da paz<sup>342</sup>": Violência, repressão e morte em uma romântica fronteira

A região mostrou-se, ao longo do tempo, um reduto fértil para o abrigo da contravenção, dada a sua geografia singular. Ocorreram variados casos, onde os perseguidos atravessaram para um ou outro lado da linha de fronteira, buscando proteção. Conforme as lembranças de Seu Bisso, nos anos trinta e quarenta, gravitava uma população considerável de pistoleiros, que geralmente prestavam seus serviços para políticos, pecuaristas, funcionários públicos de alto escalão e homens da noite. Era a violência de cunho coronelístico, que assustava os habitantes das cidades<sup>343</sup>.

Muitos personagens mantinham o terror no cotidiano dos habitantes da região. Bandidos famosos, contrabandistas audaciosos permeavam o imaginário dessa população, Seu Bisso recorda daquele anos, quando a cidade convivia com a expectativa da morte:

Naquele tempo era feio sair na rua de noite, era perigoso, matavam gente, amanhecia, por tudo que é lado acontecia crime [...] aqui na rua cansei de ver gente morta, naquele tempo tinha bandido que saía aqui de Santana para outra cidade para matar gente lá. Pagavam os bandidos para ir lá [...] Naqueles anos vou te dizer, se matava muito, e sabe como é que carregavam os mortos? Numa padiola, *entonces*, tinha um carro fúnebre da Prefeitura que se chamava *cucaracha*, é barata não? A *cucaracha* era preta e dos lados tinha as umas portas redondas assim, uma de um lado e outra de outro, e ali é que se traziam para o cemitério [...]Tinha muitos bandidos naqueles anos, bandidos horríveis, tinha um tal de Paca Braba, que era mui bandido, outro Inácio Mota, esse pessoal tudo era gente perigosa.[..]<sup>344</sup>

Nos primeiros anos do século XX, o entusiasmo da vida noturna compartilhada pela população fronteiriça apresentava-se sem dúvida atraente; onde os diversificados ambientes de cabarés geralmente acompanhados pelas salas de jogos atraíam um público afoito por diversão. Também haviam os trabalhadores da noite, como os *cabaretiers*, profissionais que anunciavam os números, artistas e músicos que atuavam nas casas noturnas, e aqueles

---

<sup>342</sup> Desabafo de um ativista do Partido Comunista, morto na chachina do Parque Internacional, ocorrida no dia 24/09/1950, quando socorrido, conforme apontou o escritor santanense Arlindo Coitinho em livro sobre este acontecimento.

<sup>343</sup> Na literatura local, especialmente a produzida pelo exímio escritor e contador de "causos" fronteiriços, Arlindo Coitinho, encontram-se relatos sobre episódios de violência e mortes que o cronista retira da oralidade. Coitinho indica o endereço dessa truculência que geralmente é associada aos "coronéis" e "doutores" do poder local. Para saber mais sobre o assunto verificar as obras: A Sesta em Santo Arcanjo, Um Tal de Pardo Rivera, João Bispo, Vidas em Fronteira e É a luta Doutor, entre outras crônicas diárias publicadas no jornal A Platéia.

<sup>344</sup> BISSO, H. Entrevista citada.

que viviam do jogo e de interesses escusos ligados a ele. Eram comuns nessa época os crimes envolvendo pessoas relacionadas ao mundo do jogo ou das práticas do contrabando.

A profusão de pistoleiros, que ganhavam a proteção, geralmente, de alguma figura importante na comunidade, fazia com que muitos boêmios, amantes dos jogos ou das mulheres convivessem em constante perigo. Seu Bisso, rememorou um episódio soturno de sua juventude, quando deparou-se com um desses “bandidão”:

eu uma vez me meti a namorar uma mulher de outro, e tive que dar um tiro na boca dum cara que tentou me matar.. Esse episódio foi num carnaval, eu namorei a moça, e o homem dela era bandidão, mandava matar todo mundo aí, matou vários guardas da alfândega, mandou matar. E eu subi no auto, e ela era a choffera, ela que ia guiando, e fomos até a praça Flores (Rivera) e o homem tava nos cuidando e lá na praça Flores ele se parou na rua com os braços abertos assim, e eu me atirei do alto correndo no chão, virei numa cambota e fiquei de pé. E a uns dois ou três dias ela mandou me dizer que ele ia me matar, sabe? ele era capanga do chefe da Alfândega, o Camilo Alves, mas não era o Camilo que foi Prefeito mais tarde. Esse que foi prefeito era bom, mas esse outro era bandido<sup>345</sup>.

Um exemplo dessa violência sem lei, imposta a fronteira entre às décadas 1920 e 1930 inscreve-se nas mortes de João Bispo e Esmeralda, o jagunço baiano e sua namorada. Vindos em fuga para a região, buscavam obter o refúgio no outro lado da linha divisória, em Rivera, e assim refazerem suas vidas, na tranquilidade de sentirem-se próximos do seu país e da sua língua materna. Entretanto, descobertos, foram mortos, antes de conseguirem realizar seu intento, em abril de 1927<sup>346</sup>. Seu Bisso, que morava próximo do local onde ocorreram as mortes, lembra-se da trágica noite, quando ouviu um grande tiroteio desde o interior de sua barbearia:

Foi donde o João Bispo matou a moça, ele era criminoso baiano, fugido da prisão, muito perigoso, o homem era atirador. Em duas quadras que ele andou, ele matou. Lá no Hotel ele matou, tava o Cabral, os ordenanças e o secretário dele. E depois de mais uma quadra e pouco matou um soldado aí na praça, e ele não matou mais gente ali porque não atacaram, eles sitiaram só, e ele se matou e matou a moça. Então ele matou seis pessoas [...]. Eu sempre de noite andava por tudo que era lado, e eu cheguei na hora que o Antonio Cunha, que era da polícia, ele e os políticos aí, apertaram o ferimento. O cara deu três tiros no soldado e pegou no estômago. Fez um triângulo bem pequenininho assim, eu vi ...abrindo a boca tava a homem...era um atirador bárbaro!

Mas lá tavam esperando ele também[...]a polícia tava de prontidão[...] ele também vinha em prontidão porque vinha num desastre bárbaro[...]depois ele matou a moça, a Esmeralda. Essas guria não sabem quem é o cara, entram em namoro e depois levam um bombaço [...]e sabe que ele tinha dinheiro, ele rasgou todo o dinheiro dele e deixou na patente...antes de se matar aqui donde ele tava[...]<sup>347</sup>

---

<sup>345</sup> BISSO, H. Entrevista citada.

<sup>346</sup> COITINHO, A. João Bispo. Sant’Ana do Livramento, Gráfica A Platéia, 1ª Edição, 1985, p.115.

<sup>347</sup> BISSO, H. Entrevista citada.

A violência cíclica, fazia-se companheira da comunidade fronteira, quando não estava relacionada a acertos de contas nas práticas do contrabando, dava-se nas questões políticas. Nos anos 1950 a violência estava direcionada para o cotidiano político da fronteira. A repressão policial vitimou quatro operários, militantes do PCB local, mortos segundo apontaram as fontes, em uma ação conjunta da segurança pública estadual, do exército e da administração do Frigorífico Armour. A chacina, como o episódio ficou conhecido, chocou a comunidade, embora não tenha recebido repercussão favorável dos meios de comunicação locais<sup>348</sup>.

Essas mortes mancharam o símbolo da Paz cultuado pela comunidade, quando o cenário do massacre teve lugar no espaço do Parque Internacional. Houve revolta da população, quando a ação da polícia impediu os parentes das vítimas e a comunidade a terem acesso aos corpos.

Na noite de 24 de setembro de 1950, quatro operários foram chacinados pela polícia, quando pretendiam fazer novas pichações na rua e nas calçadas do Parque. As propagandas do partido comunista referiam-se a palavras de ordem anti-imperialistas - "por um governo democrático popular, pela paz e contra a guerra imperialista na Coréia", entre outras. Alguns simpatizantes, pintavam para a eleição de novos representantes a deputados, senadores e presidente da República naquele ano. O crime que ficou conhecido como "a chacina dos 4 A", pois vitimou os trabalhadores Aladim Rosales, Ary Kulmann, Aristides Ferrão Corrêa e Abdias Rocha. A pesquisa procurou fazer a reconstrução desse momento significativo para a história social de Santana, através das lembranças de seus protagonistas, Hugo e Lúcio, bravos sobreviventes da intolerância política imposta naquele momento pelo governo brasileiro.

A militância do PCB estadual, embora impossibilitada de constituir candidatura própria, encontrava-se rachada. Fragmentados, algumas frentes comunistas manifestavam ampla oposição ao governo do general Eurico Gaspar Dutra, unindo-se aos seus opositores de ocasião, outras seguiam a ordem ditada por seu líder Luis Carlos Prestes, do voto branco, contra o imperialismo. Através do estudo de Maria Vitória Benevides, pode-se

---

<sup>348</sup> As fontes apresentam-se contraditórias: de um lado a versão da imprensa local que aponta os operários como "tipos subversivos", as vítimas teriam armado uma emboscada para a polícia civil e os militares; do outro, os militantes denunciando a intolerância e a truculência policial que caracterizou o episódio.

verificar o impasse que também afetou a militância santanense do Partido Comunista Brasileiro,

É possível afirmar que, excluindo-se os setores populares todos os grupos representativos da sociedade civil, dos liberais- conservadores aos socialistas, passando pelos intelectuais "engajados", apoiavam ou mesmo militavam na campanha do brigadeiro. Os setores populares organizados em sindicatos ou associações afins, permaneceram, via de regra, fiéis a política trabalhista iniciada por Getúlio ou vinculados à palavra de ordem dos comunistas, liderados por Prestes. A campanha do Brigadeiro não contou com o apoio popular, mas o crescimento do movimento sindical, e sobretudo a efervescência das greves, reforçaria o clima da "democratização", provocando, em contrapartida, uma forte repressão no governo Dutra<sup>349</sup>.

Diante do panorama nacional, pode-se relacionar o fato ocorrido em Santana com outro acontecimento trágico, ocorrido na cidade de Rio Grande (RS), em maio de 1950, nas manifestações dos operários em comemoração ao dia do trabalho. A repressão policial, assassinou cinco operários que faziam parte dos quadros do PCB<sup>350</sup>.

Sobreviventes da tragédia em Rio Grande, um casal de trabalhadores quando em fuga para a fronteira, ganhou a solidariedade do então militante Hugo, sendo acolhido em sua residência em Rivera:

E nós tivemos um casal, de Rio Grande, sei bem que é em Rio Grande, mataram quatro também numa chacina. Me lembro bem, no mesmo ano foi. Então esses companheiros eram os que tinham se escapado de lá, ele e a senhora dele, um casal, morou lá em casa um ano e pico. Pessoas super boas, encantadoras, passando trabalho de tudo que é, não?<sup>351</sup>

Sobre o acontecimento vivenciado no Parque Internacional, seu Hugo mostra-se reticente, torna-se doloroso para ele, refazer aquele momento de sua existência. Mas logo carrega suas lembranças para o momento da ação, revendo sua brava trajetória na militância política, quando ele e seus companheiros foram tomados de surpresa, no ataque em massa da ação conjunta de policiais estaduais e federais. Então, encontravam-se pichando palavras de ordem nas calçadas do passeio público, em frente ao obelisco da paz:

Em 1950, quando aconteceu a chacina eu não estava mais no Armour. Já tinha sido botado para a rua, por causa da greve que fizemos. *Havian* sindicalistas, *casi* todos, mas era *el* partido que estava determinando os acontecimentos. Era época de eleição, *se supo* que *la policía* ia tomar represálias, e se consultó a Porto Alegre e *yo era uno, solo yo*, que estava com Lúcio quando *recibió ordenes* de que *podian hacer* pichamento legalmente, que estava *todo* determinado de que *no* ia passar nada. *Entonces* aí se *resolvió hacer*, se *convocó a la* gente toda e se fez, se

<sup>349</sup> BENEVIDES, M. V. M. A UDN e o Udenismo. Ambüguidades do Liberalismo Econômico (1945-1965), Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. p.34. O governo Dutra havia decretado a ilegalidade do PCB; entre os anos 1948 e 1950, o PCB realiza manifestos anti imperialistas caracterizando o governo Dutra como de "traição nacional" e de "ditadura a serviço dos norte americanos"; Em Santana, acentua-se a publicidade da guerra fria pró americana e anti-comunistas nos diários.

<sup>350</sup> Conforme informações divulgadas no livro de COITINHO sobre esses acontecimentos. Em todo o país, manifestações semelhantes foram reprimidas com extrema violência desde as comemorações do Dia do Trabalho.

<sup>351</sup> NEGRES, Hugo. 84anos. Entrevista concedida a Liane C. Aseff. Santana do Livramento, 15.01.2005.

começou a pichar, quando vê, somos surpreendidos pela polícia. E chegou atirando, insultando e atirando e matando. E matou quatro! Havia 15 o 17 *personas* quando *mucho*, *no havia más...Unos dirigian el trabajo e otros* executavam ele *trabajo*. Estavam completamente desprevenidos, a arma deles era o pincel e a cal. Houve um que estava pichando, era parente do Perseverando, tinha uma *fustinha*, sabe o que é fusta? Um relhinho, e brigou de *fusta*. Tinha outro, que morreu, o finado Aristides Corrêia, que tinha um aparato que vinha nos carburadores dos auto *antiguo*, como que uma güela, assim, *flexible*, e deu três ou quatro mangasso num deles com aquilo, e caiu morto, assassinado. Era mais ou menos *las diez de las noche*, era *temprano* todavia[...] o Ari Kullmann era o dono da *Cueva*. E recebia a polícia, a polícia se dava com ele, os que mataram ele não saíam de lá, jantando de noite e comendo sempre. Tinha um uruguaio, me parece que si, que era do centro do Uruguai, mas que fazia muitos anos que morava em Livramento, trabalhava no Frigorífico Armour, se chamava Aladin Rosales, e esse era um dos que podia ser castilhanos. Esse foi um dos que morreu também<sup>352</sup>.

Curioso o tratamento dado pela literatura local aos acontecimentos que desencadearam a triste ação policial, omitindo os fatos do conhecimento público. Na véspera do episódio, a população santanense encontrava-se na expectativa de recepcionar ilustres visitantes do cenário político nacional.

Em Santana, estavam agendadas as visitas dos candidatos a presidência da República a cidade, anunciando a realização de grandes comícios, concentrando uma parcela da população local. A visita do candidato Brigadeiro Eduardo Gomes, representando a coligação UDN (União Democrática Nacional), PL (Partido Libertador) e PRP( Partido de Representação Popular) aconteceu no dia 25 de setembro de 1950, um dia após os episódios fatídicos do Parque. Provavelmente, por conta da repercussão dada a recente tragédia, o candidato modificou sua programação, e assim acabou proferindo seu discurso apenas no aeroporto, para os correligionários locais capitaneados pelo General. Flores da Cunha, declarado cabo eleitoral do candidato. O Republicano informamara seus leitores detalhadamente dos desdobramentos da campanha eleitoral, procurando costumeiramente, fortalecer a imagem do Brigadeiro. Os registros históricos dessa visita foram assim narrados pela perspectiva de Ivo Caggiani:

O tenente-brigadeiro Eduardo Gomes, herói do Forte de Copacabana, foi o segundo candidato a presidência da República que visitou Sant'Ana do Livramento. O primeiro havia sido o marechal Hermes da Fonseca, em 1910. Sua chegada aconteceu no dia 20 de setembro de 1950, tendo ele permanecido entre santanenses pouco mais de duas horas.[...] Sant'Ana do Livramento tributou-lhe uma vibrante recepção no aeroporto da Varig, na qual estiveram presentes figuras da mais alta expressão social, profissional, econômica e política do município. Após a recepção formou-se uma grande caravana de centenas de automóveis, ônibus e caminhões que rumaram para a cidade onde percorreram as principais ruas, tendo a população acolhido, simpaticamente, o "Brigadeiro da Libertação nacional" [...]<sup>353</sup>

<sup>352</sup> NEGRES, H. Entrevista citada.

<sup>353</sup> CAGGIANI, I. Cadernos de Santana. vol. III, Santana do Livramento, 1986. p. 185.

A visita do candidato Getúlio Vargas, entretanto, cumpriu a agenda programada, embora o local do comício, antes anunciado para o Parque Internacional, tenha sido transferido para a Praça Barão de Ijuí. Conforme assinalou o memorialista,

Três dias depois da visita de Eduardo Gomes, no dia 28 de setembro de 1950, chegou a Sant'Ana do Livramento o ex-presidente e então senador da República, Dr. Getúlio Dorneles Vargas, candidato a suprema magistratura da nação[...] Getúlio Vargas foi aguardado no aeroporto da Varig, por incalculável público[...] A noite, o ilustre estadista participou de um comício, um dos maiores até hoje realizados em Sant'Ana do Livramento [...]<sup>354</sup>

O pesquisador publicou na íntegra os discursos dos dois candidatos, os quais em nenhum momento referiram-se ao delicado episódio das mortes dos trabalhadores. Pelo contrário, na conferência proferida por Vargas, o candidato referia-se ao parque industrial implantado cidade, e convidava a todos os trabalhadores nacionais a:

[...] confiar em que o meu governo, zelará por seus direitos e lhe dará oportunidades de trabalho honesto, compensador e sem interrupção. Quero ainda fazer uma referência de **justo elogio** ao sólido comércio e aos **vigorosos empreendimentos industriais** que aqui tem lugar<sup>355</sup>.

Levando-se em consideração que alguns militantes faziam parte do sindicato de trabalhadores do Frigorífico Armour encontravam-se participando da manifestação nas calçadas do Parque Internacional, pode-se estimar que o futuro presidente mostrou-se indiferente a tragédia imposta aos trabalhadores locais.

### 3.4.1- Os protagonistas

Embora a temperatura política nacional estivesse alta, os militantes do PCB santanense, desobedeceram as ordens superiores vindas de Porto Alegre e foram às ruas manifestar-se. Em 1º de agosto de 1950 o Comitê Nacional do PCB havia lançado o Manifesto de Agosto, fechando uma oposição ferrenha ao governo Dutra. No documento o partido propunha a tomada do poder com a formação de uma Frente Democrática Nacional, a qual constava no programa itens como: "pela imediata libertação do Brasil contra o jugo imperialista, pela entrega da terra a quem trabalha, pelo desenvolvimento independente da economia nacional, instrução e cultura para o povo"<sup>356</sup>. As manifestações comunistas são reprimidas pelo governo, ocorrendo então mortes de militantes em todo o país.

<sup>354</sup> CAGGIANI. I. Op. Cit. p. 187.

<sup>355</sup> Ibidem. p. 191,192. Os grifos são meus.

<sup>356</sup> SEGATTO, J. A., NETTO, J. P., NÉTO, J. R. AZEVEDO, P. C de, SACCHETTA, W. (Org.) PCB- Memória Fotográfica- 1922-1982. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 97, 98.

Em Santana, outro militante foi vítima da intolerância política do período, o advogado Lúcio Soares Neto, que estava entre a liderança da manifestação anti-americana. No momento da surpresa do ataque e posteriormente do enfrentamento policial, Lúcio foi ferido gravemente pela polícia. Logo após o término do tumulto, o militante conseguiu passar para além da fronteira, pondo-se a salvo na cidade de Rivera. Logo após a tragédia, revoltado com o desencadeamento dos acontecimentos, Lúcio abandonou os quadros do PCB, embora tenha se refugiado com o auxílio do partido, por cerca de três anos no território uruguaio. Lúcio relembrou as cenas do seu fatídico dia, como também os desdobramentos políticos daquele período:

Sim, fomos para rua pintar "Viva a democracia" e "Fora o facismo" que estava em época. A perseguição era muito mais forte, agora não há perseguição. E nessa época deve-se considerar as contradições que existiam entre a União Soviética, e as contradições do capitalismo que eram agudíssimas, os extremos[...].Na época, o medo era grande, era o povoar de coisas que levavam ao choque e essa foi a época que deu-se isso e conseqüentemente os grupos políticos seguiram o sistema. Realmente eu, após a chacina, eu chamo isso de chacina, eu deixei de militar. Em primeiro lugar, eu fiquei foragido em Rivera, mais ou menos dois ou três anos, sem atravessar para cá, porque se passasse eu seria preso, então passado esse tempo mais ou menos, eu me apresentei, fui ao quartel e me submeti a um julgamento, o juri se fez e eu fui absolvido unanimemente. Os meus advogados de defesa da época, foram o dr. Dorneles e o dr. Guazelli, no ano de 55 [...] O Uruguai, garantia a segurança, o Uruguai sempre garantiu a segurança das pessoas. Então eu tava num café, no Uruguai, e a polícia passava e ficava olhando e não faziam nada. É isso. E o Brasil sempre respeitou o Uruguai, isso é um aspecto muito interessante. Eu deixei de ser comunista depois da chacina, faz muito tempo, mas sempre me mantive alerta na justiça, *Piú Avanti, Piú Avanti!* [...] <sup>357</sup>

Hugo, outro jovem comunista na ocasião da tragédia ocorridas aos seus companheiros, também conseguiu passar para o outro lado da linha, em direção ao abrigo e refúgio dos companheiros uruguaiois. Auxiliando seus companheiros feridos em combate, e necessitando defender-se, o ex militante rememora o momento do enfrentamento com as forças repressoras:

[...]Era o Exército castilhano que vinha para a linha, Veio para a linha, ocupou a linha, o próprio Exército salvou um comunista o Santos, *me quiero acordar del nombre del*, salvou porque caiu baleado das duas pernas e veio um metralhar ele com fuzil, foi quando eu sai dali, eu já não tinha mais bala e chegou o caminhão da polícia com mosquetão, o Exército. Iam fuzilar ele, e o milico catelhano disse- que não, que não permitia, que ele tava no Uruguai- portanto o responsável por ele eram eles. E levaram ele hospitalizaram ele e tudo, e o que salvou ele, era um tocaio dele por coincidência (risos) [...] O Lúcio foi curado no Polla, na Sarandi lá no fundo, num doutor que era comunista, Dr. Polaco Polla, chamavam ele, era russo, mas era médico castelhano, curou ele e imediatamente que curou ele, deu *salida* para ele pelos fundos, pelos muros da casa dele e comunicou a polícia que tinha curado um ferido, porque ele tem obrigação de anunciar né? Mas só depois que curou bem, ele largou. Ah, o Lúcio ficou em Rivera, e depois quem saía com ele era eu, só eu saía com ele. Ele ia com um prato de comida e um pano agarrado assim, e era tempo de eleição no Uruguai também, e ele gritava - o partido *Batllista*

---

<sup>357</sup> NETO, Lúcio Soares. 94 anos. Entrevista concedida a Liane C. Aseff. Santana do Livramento, 18.01.2005.

era o de maior prestígio- e ele gritava: "Viva Batle" em castilhana (risos), não muito bom castelhana, mas, e eu atrás dele. (risos)<sup>358</sup>

Testemunhas da tragédia, Bisso, Eustáquio e Perseverando, rememoram a truculência do fato ocorrido. Seu Eustáquio Aipoitia, construtor e antigo militante comunista, recupera com indignação o episódio em suas lembranças:

Depois disso é que mataram os trabalhadores, tinha o Ary, mataram, eu conheci eles todos. Quem mandou matar? Foi a burguesia. Quem mandou não apareceu matando, só dizem que os comunistas inventaram de reagir contra a polícia[...]eu tava em Rivera aquela noite, quando eu vinha subindo começou o tiroteio, eu vinha com quatro e nos disseram prá banda da linha - vocês se escondam, porque tão matando os comunistas, mataram três ou quatro lá, bem na frente do Tupinambá, ali . Nós vinha bem na esquina de Rivera, na linha, subindo ali, nós tinha ido comer na *Cueva*, e nós vinha vindo pro comício, mas não chegou a haver nada de comício, claro<sup>359</sup>.

Seu Bisso que morava a uma quadra do Parque Internacional, recorda-se da movimentação do público, na noite de um domingo primaveril quando deixava a concorrida sessão das 22 horas do Cinema Internacional. Quando estava dirigindo-se para sua casa, na saída do bar, em companhia do guarda noturno que fazia ronda na vizinhança, escutaram um forte barulho de fogos, indo verificar o motivo de tamanho alvoroço,

Tinha um cidadão aqui que era guarda, e nós vinha vindo junto, daí do bar, e de repente foi aquele fogueio, parecia um mundo de foguete e eu digo, óia Seu Sabino, e esse mundo de foguete o que será, vamos ver o que é? E saímos, nós não tinha chegado na esquina quando uma bala assobiou. Eu digo: -olha Seu Sabino, é tiro isso. E fomos até lá, o Seu Sabino ficou na esquina em frente aonde é hoje os 300 e eu entrei sozinho pela calçada. Fui passa num auto e já tinha um caído aí na calçada, arruinado, morto. Caminhei mais um pouco e num canteiro já tinha outro caído, um cara que eu conhecia, morava perto da casa da minha irmã lá. E no meio da rua tinha um, que estava ventando, e a roupa dele abanava assim, tava morto, mataram uma porção de gente. E eu quando entrei caminhando, um sargento da Brigada vinha com um revólver na mão correndo atrás de mim, e eu fui e botei as mãos no bolso, e seguí caminhando e ele veio e se parou na minha frente e viu que eu não era de peleia e se foi embora. É que o sargento viu que eu não reagi, me olhou só. Aí eu dei volta e disse pro Seu Sabino: Seu Sabino, vamos embora!<sup>360</sup>

Perseverando Santana encontrava-se próximo ao local do crime, do outro lado do Parque internacional, em território uruguaio, jantando com amigos. Na deliberação sobre as pichações tinha mostrado-se desfavorável a manifestação. A orientação dada pelo comando regional do PCB, recomendava aos correligionários santanenses para agirem com cautela, evitando provocações e o enfrentamento com as forças da repressão. Perseverando, considerado pelos companheiros por sua autoridade intelectual no grupo santanense, aceitou as sugestões vindas da capital. Mesmo não participando do confronto armado, relembra-se da atitude omissa das autoridades locais e da imprensa diante do episódio: "Não, a imprensa calou, o dono do jornal A Platéia era o Zacarias, que era o

<sup>358</sup> NEGRES, H. Entrevista citada.

<sup>359</sup> APOITIA, E. Entrevista citada.

delegado de polícia. O diretor da Folha Popular era o Sérgio Fuentes, que fazia oposição ao Republicano, claro, mas não circulou”<sup>361</sup>.

O jornal A Platéia, passados três dias dos acontecimentos trágicos abriu sua edição de quarta -feira, com um editorial aberto a população, sob o título "Anatema Inapelável", lamentando "o hediondo ato", responsabilizando "os adeptos de Stálin" pela chacina ocorrida no Parque:

Continua polarizando as atenções da população das duas cidades vizinhas, tendo tido forte repercussão no País e mesmo no exterior, as lamentáveis e sangrentas ocorrências, que tiveram por teatro o largo Internacional e por principais protagonistas membros do extinto Partido Comunista Brasileiro. Diante do inominável atentado, que poderia ter tido consequências as mais funestas, foi unânime a repulsa das consciências bem formadas, contra o hediondo ato que muito depôs em desabono aos nossos foros de terra pacífica e ordeira. Felismente a chacina premeditada e levada a efeito pelos adeptos de Stálin, não tocou ao fim colimado. A baixa temperatura reinante na noite da tragédia, afastou, do nosso principal logradouro, que é o Parque Internacional, a enorme multidão que costuma ali acorrer onde inúmeras crianças dão expansão a sua natural garridice infantil. Não fora isso os fanáticos partidários do regime soviético, teriam dado a larga, posto aos seus instintos sanguinários, seifando a vida de criaturas inocentes e enlutando, ainda mais a nossa sociedade, momentos antes despreocupada e sorridente<sup>362</sup>.

O jornal o Republicano, no dia seguinte aos acontecimentos destacou a versão divulgada pela polícia local.

O momento mostrava-se delicado, os periódicos O Republicano e A Platéia, publicavam diariamente notícias que valorizavam o modo de viver americano, fosse no seu valoroso exército, fosse nas novas tecnologias ou mesmo na repressão ao perigo vermelho. A guerra fria fazia-se presente no cotidiano da população, legitimando assim a ação repressora do governo. Mantinha-se a comunidade informada através das agências de notícias, especialmente a dos Diários Associados e *Associated Press* as últimas notícias sobre a guerra da Coréia, o avanço norte americano e o fracasso de Stálin. Manchetes comunicando o cerco e morte de ativistas políticos eram usualmente publicadas, como esta que anuncia a eficácia dos fuzileiros navais americanos: "Todos os baluartes comunistas caindo, um após outro em poder dos aliados. Os fuzileiros navais são obrigados a penetrar

---

<sup>360</sup> BISSO, H. Entrevista citada.

<sup>361</sup> SANTANA, P. Entrevista citada. O jornal "O Republicano" de 26/09/50, p. 01, publicou uma pequena nota mencionando o episódio. O caso neste periódico, relatava que o delegado Zacarias e o advogado Mário Cunha tinham sido feridos, entretanto a "emboscada" feita pelos subversivos tinha sido vã e assim "morrido quatro comunistas vermelhos". A pesquisa buscou sem êxito, nos diversos arquivos municipais, o exemplar do jornal Folha Popular de 1950. Isso reforça o depoimento de Perseverando de que o jornal não teria circulado naquele ano.

<sup>362</sup> A Platéia, 27/09/1950, p. 01.

de casa em casa para matar ou tirar à força os comunistas que se ocultam nas mesmas e que atiram de traição nos soldados legalistas"<sup>363</sup>.



O Republicano, 2ª feira, 25 de setembro de 1950.

O fato é que o traumático acontecimento da *chacina dos 4 A* desapareceu do imaginário daquela comunidade, talvez pela eficácia do discurso subliminar imposto a população pelos interesses locais e ao contexto mundial daquele momento.

O escritor santanense Arlindo Coitinho escreveu um romance, na expectativa de recuperar a tragédia para memória coletiva da comunidade. Na obra, mescla personagens reais com fictícios através de diálogos bem humorados e de sua linguagem particular, integrando o coloquial e o portunhol, típicos da fronteira. Assim, o escritor denuncia a ação conjunta da repressão governamental apontando para a possível convivência com o Frigorífico Armour, conforme relatos ouvidos da comunidade fronteira sobre a tragédia.

<sup>363</sup> A Platéia, 27/09/1950, p. 01.

Foi com perspicácia que Arlindo Coitinho refletiu o pensamento conservador das classes dominantes locais introjetadas no imaginário da comunidade, ao descrever o diálogo fictício travado entre o colchoeiro Deodato e Mendes, o dono de uma padaria, quando passeavam pelo Largo Internacional:

- Nossa cidade esta bem servida de tudo...
  - Desde cabarés...
  - Afinal, temos fábricas até dos Estados Unidos!
  - "É... *que yo mi penso que esto coso.*" - caçoou rindo. (dos gringos)
- Chegavam notícias do outro lado do mundo. Deodato dizia:
- Isso é um partido com tendências a morrer...
  - Os vermelhos estão fazendo qualquer coisa...
  - Matando gente...
  - Onde se viu, trabalhadores com partido político?
  - Trabalhador nasceu para trabalhar e obedecer...<sup>364</sup>

Também a poetisa quaraiense Lila Ripoll, que mantinha vínculos afetivos com a cidade, manifestou-se, inscrevendo as mortes dos ativistas políticos em sua obra:

Rosales e Kulmann,  
Irmãos Aristides,  
E tu Abdias,  
Herói camponês  
- de vida singela,  
de sonho tão alto-  
esperem confiantes  
que outrora desponte  
no céu de amanhã<sup>365</sup>.

Ironicamente, os acontecimentos de 24 de setembro de 1950, tendo como cenário o arrojado e moderno Parque Internacional, criado para alardear o significado da união, irmandade e fraternidade entre os povos vizinhos, expôs a inflexibilidade do poder local, o preconceito e exclusão social impregnadas naquela comunidade.

---

<sup>364</sup> COITINHO, A. *É a luta Doutor*, Op. Cit. p. 36.

<sup>365</sup> RIPOLL, Lila, in COITINHO, A. Op. Cit. p. 08. A escritora era prima - irmã e foi criada junto a família de Waldemar Ripoll, médico e político exilado, morto no início da década de trinta pelos agentes da contravenção local.

### 3.5- A revanche de Rivera: A moderna e "civilizada" Via Blanca



Avenida Sarandí, 1937. Passeios na *Via Blanca*, ainda sem calçamento. Acervo Museu David Canabarro.

O reflexo da crise de energia, ocorrida no início da década de 1940, quando a cidade de Santana do Livramento entrou no programa do governo federal para racionamento de energia elétrica, delimitará os novos espaços de sociabilidade naquela fronteira.

A imposição do blecaute, restringindo os variados espetáculos ocorridos em Santana, e mais tarde a proibição dos jogos de azar pelo Presidente Dutra, impedem a população santanense de participar da vida noturna<sup>366</sup>. Das atrações do *footing* - o cultuado passeio na praça central, que nesse momento constituía-se nos principais atrativos para a sociedade fronteira- às sessões de cinema e peças de teatro, a comunidade vivenciou uma drástica queda nos seus modos lazer. A investigação verificou que algumas atrações, como o cassino, os cabarés e o carnaval agregavam um público misturado entre brasileiros e uruguaios. Portanto, com a eminente carência da luz, a alternativa natural que apresentava-se para a comunidade santanense era a de buscar novos espaços para desfrutar sua

<sup>366</sup> MACHADO, C. Memórias Boêmias. Op. Cit. p. 86.

sociabilidade. Com isso Rivera torna-se uma opção atraente, visto os novos ícones de modernidade impostos nos lugares do lazer aquela sociedade.

Em meados da década de 1930, estendendo-se até o final dos anos de 1950 à população fronteiriça encontrava-se deslumbrada pela inovação dada aos passeios realizados na Avenida Sarandí<sup>367</sup>. A Intendencia Municipal, com o apoio dos comerciantes que mantinham suas lojas no entorno desse logradouro, inaugura o projeto *Via Blanca*, que consistia em fechar o tráfego de veículos nas principais quadras da avenida, valorizando os passeios naquela região.

Segundo Julio Miranda, a partir do ano de 1944, na gestão do intendente Miguel Aguerre Aristeguy, dá-se início "*la habilitación de hormigonado de Avenida Sarandí*"<sup>368</sup>. A rua tomava semelhanças a um "formigueiro", tamanho o número de pessoas que circulavam nela. O projeto faz parte das resoluções da *Comisión de Fiesta y Turismo*, que visava atrair um maior número de turistas na região. Com essa atitude, o novo intendente vai direcionar o turismo não só para a concorrência do carnaval, mas também para o comércio, indústria e o recém inaugurado Cassino uruguaio. Desse modo, a administração municipal alimentava-se de novidades em sua programação, na construção dos espaços de lazer:

*"Que explotando debidamente la condición de Ciudad del Turismo de Rivera, se puede hacer subir el nivel de entradas por porcentajes (del casino de Juegos), lo que traerá aparejado bien colectivo" dejar sin atender estos aspectos, sería una política errónea porque se anularía toda posibilidad de aprovechar los beneficios, futuramente, del turismo fde la frontera y se perjudicaría con ello los intereses públicos" [...] Al año siguiente, 1944, se elabora un plan de trabajos por la parte de esta Comisión, tendiente a "fomentar la afluencia y permanencia de personas que vigoricen con su aporte económico las distintas actividades del comercio y la industria de rivera y de manera especial el Casino [...] Otro acontecimiento se incorpora a la vida activa fronteriza además del Parque Internacional: la Via Blanca, es inaugurada en Avenida Sarandí, los sábados, domingos e feriados, desde Figueroa a Julio Herrera y Obes (Hoy 33 orientales), a partir de las 19 horas [...]"*<sup>369</sup>

Pode-se constatar o sucesso da iniciativa da comissão de turismo através da memória iconográfica. As fotografias referentes ao período que permaneceu o projeto Via

---

<sup>367</sup> Com relação ao ano de implantação dessa nova atração, a pesquisa encontrou diferentes dados. Na leitura do memorialista riverense Hipólito Zas Recarey, encontra-se a consolidação dos passeios no ano de 1936, enquanto seu conterrâneo, o poeta José Peraza Lavin relata a *Via Blanca*, como projeto elaborado pela Intendencia Municipal, a partir de 1944, fundamentando-se através das fontes dadas por Julio C. F. Miranda.

<sup>368</sup> MIRANDA, Op. Cit. p. 94, 95. O nome da Avenida Sarandí lembra uma das batalhas patrióticas acontecida no ano de 1825, quando do desembarque dos soldados que ficaram conhecidos como *Treinta y Tres Orientales*, que tinham por objetivo liberar a Banda Oriental do domínio do Império brasileiro.

<sup>369</sup> Idem, p. 93, 94.

Blanca retratam uma Avenida Sarandí tomada por pedestres, misturando classes e etnias percorrendo a larga avenida. O programa determinava que o tráfego de automóveis transcorresse nas ruas paralelas a Sarandí, impedido a passagem de automóveis nos dias determinados pela Intendencia. Mais tarde, com a troca de intendentes, os passeios realizam-se nas quinta-feiras, sábados, domingos e feriados, das 18 às 24 horas, em cerca de cinco quadras da avenida. Nos domingos e demais dias da semana, realizam-se das 20 às 24 horas. No ano de 1950, passam a realizar-se diariamente das 19:45 às 23.30 horas<sup>370</sup>.

Verifica-se no planejamento da *Via Blanca*- afora a divertida cena de *footing*- um eficaz mecanismo idealizado pela Intendência de Rivera para estimular o comércio local. Também tornou-se pertinente associá-la a ao "*disciplinamiento*" da sociedade uruguaia pesquisado por Pedro Barrán e absorvido pela comunidade fronteiriça. José Perazza Lavin, pesquisador riverense, direcionou seu olhar, numa tentativa de reconstruir a eboição desse momento em artigo referindo-se ao projeto inovador,

*Hay acontecimientos que macaron épocas en nuestra ciudad y que desajon profundas huellas en lo sentir y en la memoria [...] La Via Blanca, peatonal o "calzadao" como la chaman los santanenses fue uno destes hitos; Cuando nos remitimos a esse reducto del tiempo-espacio, se abre una ventana virtualen la que podemos ver aquellos personajes que poblaram la calle Sarandi. Los cafés donde se reunian los intelectuales para enfrascarse em larguíssimas discusiones sobre diferentes tema em boga, las corrientes filosóficas, literárias, políticas. Los matrimonios que discurríam entre vitrinas de la Casa el Siglo, Siñeriz, Ludwing, Salus, Más allá un pundonoroso caballero lee con afición un ejemplar de "Tribuna Blanca" y oyro más allá ojea " La palabra" en busca de novedades jugosas. Mientras las mocitas casamenteras pasean bajo la vigilante mirada de sus progenitores en el juego eterno de coqueteo ante aquellos que llenarán su futuro y engendrarán sus entrañas<sup>371</sup>.*

A poética do passeio na *Via Blanca*, foi registrada pelo olhar saudoso do memorialista riverense. A través de seus relatos pôde-se verificar a semelhança com a descrição de Julio Miranda, sobre os giros de final de tarde praticados entre os jovens fronteiriços na Avenida Sarandí. Verificou-se que no ano de 1936, a ampla avenida, ainda carente de calçamento, já era cultuada como ponto de encontro naqueles entardeceres primaveris.

*Aquella tardecita riverense de 1936 no era como otras.Tení algo especial, indefinible, con una mezcla de nerviosismo expectante y "noveleria" que precede siempre a los acontecimientos relevantes. Por el suroeste, el sol al declinar, repetía su diário lucimiento antes de desaparecer detrás de las sierras maravillosas de nuestra tierra. La temperatura agradable, más veraniega que primaveral, iba llevando la muchachada de ambas las ciudades fronteirizas a transformar*

---

<sup>370</sup> Ibidem, p. 94.

<sup>371</sup> LAVIN, J. P. "*La Via Blanca*" una peatonal que marcó época" in *Biblionoticias- Biblioteca Artigas* (IMR). Mayo, vol.1, nº1, Rivera, 2003. p. 03.

*la calle Sarandí en la "via blanca", pasarela de hormigón que por tres o cuatro horas era el escenario de un desfile de juventud que poblava el aire de saludos, musica, sonrisas y piropos*<sup>372</sup>.

Na abordagem de Julio Miranda, o novo hábito de lazer, teve início no verão, constituindo-se em prática usual estendida a todos os meses do ano. As famílias santanenses incorporaram o emergente costume, o qual passou a fazer parte de uma geração à outra a partir de então. A *Via Blanca* trazia semelhanças com o *footing* santanense: os jovens caminhavam observados pelos pais, os que podiam pagar, sentavam-se para beber e conversar, assim o ritual riverense tomava o público vizinho. As atrações especiais do novo modo de lazer encontravam-se nas lojas. As modernas vitrines, coloridas e vivas, acomodavam os produtos de maneira atrativa, como se o consumidor pudesse "pegá-los" da loja. Em contraste com as lojas santanenses, onde muitas ainda mantinham o estilo armazém de secos e molhados com ambientes sóbrios e antiquados ao olhar do frêgues.

A Casa América, um templo do consumo- pode-se dizer, devido a diversidade encontrada em suas mercadorias- preencheu o imaginário da população fronteiriça por diversas gerações. Estava localizada na segunda quadra da Avenida Sarandí, em frente a sofisticada Confeitaria Landô, depois transformada no café *City*. A Casa América caracterizava-se pelas suas largas vitrines, dando a idéia de uma exposição permanente, tamanha a variedade e colorido de seus produtos, que cativavam os consumidores emergentes com referências modernas de consumo. A loja inovou e surpreendeu os consumidores santanenses no natal de 1951, quando colocou em sua vitrine um enorme boneco mecânico de um Papai Noel, importado da Alemanha. O boneco tinha as proporções de um homem alto, e emitia a clássica risada do simpático velhinho. Assim, a Casa América, tornou-se referência por décadas a fio, para as famílias de todas as classes que nos dias que antecederiam as festas de natal, acorriam ao Papai Noel, para fazerem seus pedidos.

A Casa América nessa época, nos anos 40, 50, era livraria e papelaria, depois que começou com o meu pai, aí começaram a agregar "jugeteria", bazar, bom, todas as outras coisas. Primeiro era do meu avô, que era espanhol, Domingos Lopez. E meu pai, Miguel. Enquanto foi meu avô era livraria e papelaria. Aí, quando meu pai começa a trabalhar no negócio, já antes de comprá-lo, depois vai se agrandar. E depois o comprou, aí começou a jugueteria, bazar, eletrônica, móveis, eletrodomésticos<sup>373</sup>.

---

<sup>372</sup> ZAS RE CAREY, H. *Agustin Bisio*. Op. Cit. p.13.

<sup>373</sup> LOPEZ, A. Entrevista citada.

Entre as décadas de quarenta e cinquenta o comércio localizado na Avenida Sarandi conheceu o primeiro impacto de um impulso econômico que nunca mais a abandonaria, atraindo consumidores locais e turistas brasileiros que buscavam a excelência dos produtos uruguaios . As lojas de confecções e tecidos Ludwing e Siñeriz indicavam as tendências da moda e o universo do glamour feminino podia ser observado através de suas vitrines. Também o público tinha a oportunidade de admirar a desenvoltura das manequins que desfilavam as tendências da estação, como rememorou Lopez,

A Tienda Ludwing e a Tienda Siñeriz faziam quatro desfiles por ano, com um público convidado do Rio de Janeiro e em São Paulo. O local dos desfiles eu não lembro, não sei se era na loja, nos clubes, mas que faziam o desfile da temporada, faziam. Sobretudo a Ludwing, tenho absoluta certeza que fazia, até a guerra. Da guerra para cá, decaiu. A recuperação depois da guerra foi muito difícil [...]<sup>374</sup>



Avenida Sarandi, anos 1960. Acervo- Família Echeveste.

Os empresários brasileiros que possuíam lojas no Largo Internacional comemoraram o novo hábito de passeio na *Via Blanca* e a recente urbanização do Parque Internacional. Com a mudança dos hábitos do lazer, logo após a Segunda Guerra, a Praça General Osório esvazia-se, dando lugar aos espaços localizados no largo internacional. Surgem empreendimentos arrojados nessa região, como o Café Tupinambá que, aos moldes do Ponto *Chic*, manteve música ao vivo. Comandadas por uma orquestra, do lado

---

<sup>374</sup> Idem.

de fora do estabelecimento, o café buscava cativar os transeuntes que passavam em direção a Avenida Sarandí, rumo a moderna *Via Blanca*. O Tupinambá também disputava a clientela do imponente Cinema Internacional. Perseverando, contemporâneo da nova prática implantada em Rivera, rememora :

O Tupinambá foi depois do Ponto Chic, veio mais ou menos lá por 1947/48, aí o Ponto Chic já estava em decadência e os passeios na praça terminou, já tinha vindo para a Sarandí, era tudo na Sarandí, na confeitaria City; e na Sarandí até hoje é assim, passa auto, fazem desfile de automóvel, já andou aí? É um desfile de automóvel, o ponto da noite. Enchia, tudo no meio da rua, lotava de gente, até a Artigas (Praça), eu não tenho precisão do tempo, mas acho que era no final dos anos quarenta, lá por 50, mais ou menos isso. E o corso e o carnaval também já passava pelo meio da Sarandí, depois que o Brasil entrou em guerra começou um racionamento de gasolina, de tudo, açúcar, aquele esforço de guerra, bárbaro!<sup>375</sup>

O esvaziamento dos espaços nobres de Santana, em detrimento aos passeios na Avenida Sarandí, trazem reações vibrantes da imprensa local. O diário santanense *A Platéa* procurava reverter a evasão do público santanense, que abandonava definitivamente os espaços de lazer em Santana, rumo aos novos e sedutores espaços criados em Rivera.

Nos meses que antecediam os festas carnavalescas, dava-se início uma divulgação encabeçada pelos jornais *A Platéa* e *O Republicano*, para a valorização das atrações locais, conforme reforça o conteúdo desta nota publicada pela *A Platéa*, em sua coluna social:

FOOTING

"A Platéa" já teve diversas vezes, oportunidade de resaltar o embelezamento de que foi dotada a praça general Osório, o principal logradouro da cidade.

Ontem á noite com surpresa geral foi notado febril movimento naquele encantador recanto.

Dezenasde jovens de nossa melhor sociedade em elegante footing, emprestaram vida e alegria na noite tropical áquele local, fazendo reviver os aureos e prestigiosos dias de Santana.

É com satisfação que registramos esta nota social, e com isso, estamos certos, continuará a fazer parte integrante da vida da cidade<sup>376</sup>.

*A Platéa* mantinha-se vigilante aos espaços de sociabilidade da comunidade, constantemente lembrando a seus leitores para onde deveriam dirigir-se. Em outra nota publicada sob o título "Santana sem Diversões", em abril de 1941, o periódico solidariza-se com as escassas opções de lazer, orientando seus leitores a tomarem os espaços públicos existentes na cidade. Numa tentativa de chamar a atenção, evitando a evasão para os passeios implantados pelos vizinhos,

---

<sup>375</sup> SANTANA, P. Entrevista citada.

<sup>376</sup> *A Platéa*. 20/01/1941. p. 02.

De uns tempos para cá parece que os mãos fados conspiram contra Santana. O Cine Teatro internacional, um dos melhores teatros do Estado, e que era orgulho dos santanenses, foi devorado pelas chamas, privando os "fans" de assistir seus espetáculos favoritos, na casa de diversões de sua predileção. Agora, para o desespero dos amantes do cinema foram suspensas as exibições no Cine Colombo, que vinha sendo ponto obrigatório da elite santanense. É, portanto, de oportunidade que se dê vida aos nossos logradouros públicos: para que o nosso povo encontre neles as distrações de que carece, principalmente agora que a temperatura convida a isso<sup>377</sup>.

O Republicano também participava desse embate pela valorização dos espaços de lazer local, que acabava influenciando toda a vida econômica da cidade. De fato, a partir dos anos 1940, os espaços de lazer convergiram para o Largo Internacional e Avenida Sarandi, influenciando decisivamente o desenvolvimento econômico daquele entorno. Mas enquanto perdurava a disputa, O Republicano mantinha sua política de valorização dos espaços brasileiros, divulgando imagens dos pontos turísticos locais, numa tentativa de gerar fidelidade do seus leitores às atrações que a cidade oferecia. Assim, o bombardeio de imagens tem continuidade ao longo do ano de 1947. No mês de dezembro desse ano, encontram-se fotografias - uma do palácio do executivo Moysés Vianna, localizado em frente da Praça, com frases sugestivas: "Rua Rivadávia Corrêa, vendo-se o magestoso palacete da Prefeitura Municipal" e outra da Praça General Osório:" Um lindo trecho da Praça General Osório!" , como a vista anteriormente no primeiro capítulo<sup>378</sup>.



**Rua Rivadávia Corrêa, vendo-se o magestoso palacete da Prefeitura Municipal**

Fonte- O Republicano, dezembro de 1947.

<sup>377</sup> A Platéia, 15/04/1941.

<sup>378</sup> O Republicano, 12/12/1947.

Entretanto, a geração dos anos cinquenta esqueceu as referências culturais de seus pais no passado, elegendo novos cenários para desfrutar seu lazer.

Assim, a população fronteiriça encontrava-se diante de uma acirrada disputa política em torno dos lugares de lazer. De um lado, a Intendência de Rivera que, mantendo uma política de emancipação do turismo local, determinava em seu planejamento minucioso a criação de novos espaços para conferir vigor a economia e a cena cultural da cidade. Competindo com Santana, buscava com essas medidas disputar o título de Cidade do Turismo; visando atrair um público maior de turistas de outros lugares e locais. Em Santana, nesse momento, o cenário da guerra dilacera o cotidiano da comunidade refletindo-se nos espaços tradicionais de sociabilidade. O momento econômico requeria cautela e os governantes mostram-se impossibilitados de articular novos projetos de revitalização econômica e de lazer.

Após a construção da nova praça em 1943, O Parque Internacional, em uma ação conjunta dos governos locais e federais, Santana parece tomar a frente de ataque na disputa pelo turismo da região. A revitalização do Largo Internacional e a imposição de novos lugares que carregassem o público para os espaços brasileiros, no entanto, mostraram-se ineficazes diante do arrojado projeto dos vizinhos. O público brasileiro rejeita definitivamente a cena noturna santanense, auxiliando na construção de um novo cenário cultural, a "civilizada" e democrática *Via Blanca*. Os passeios do outro lado da divisa, na Avenida Sarandí, tornam-se então o sinônimo de qualidade de vida na fronteira, suas lojas com produtos importados e de qualidade, com bares e cafês que oferecem bebidas e comida diferenciada, com um atendimento de primeiro mundo, dominam a cena do lazer desde então.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Previsão*

O tempo se armou de fato  
lá pro lado do Uruguai,  
Vai chover barbaridade  
e sem poncho ninguém sai [...]  
Mesmo aragano sabe que é dura a  
peleia quando o *tempito* se enfeia  
Pros lado dos castelhano  
Isso é costume da gente lá da fronteira  
gente boa sem fronteira[...]  
é sutileza de peão e está provado  
se armando pra aquele lado  
chove chuva com certeza!  
Adair de Freitas.

No estudo da trajetória cultural, vista através dos espaços de lazer na fronteira entre Santana do Livramento e Rivera, entre os anos 1930 e 1960, pôde-se responder algumas hipóteses inicialmente propostas na pesquisa.

O relacionamento cotidiano entre brasileiros e uruguaios visto através das formas de lazer determinaram proporções históricas ainda não investigadas pela historiografia da região, dando um caráter de ineditismo a esta pesquisa. As questões relacionadas aos espaços do lazer na fronteira indicaram em alguns momentos uma separação social entre as nacionalidades.

A pesquisa verificou que entre os anos de 1930 a 1940, a cidade de Santana do Livramento encontrava-se na liderança da cena boêmia da fronteira. Assim, os Cabaret e Cine-Theatros dominavam as atrações culturais, apontando as tendências desses generôs na região. No entorno da Praça General Osório encontravam-se as casas de espetáculos, o café e confeitaria e o passeio do *footing*, referências no lazer das famílias santanenses e de turistas que visitavam a região. Entretanto, o Cabaret Teatro Internacional, orgulho dos moradores e grande atração da fronteira situava-se próximo da linha divisória. Contrastando com o descampado Areial, espaço que se apresentavam os circos e abrigo de tipos esquisitos. A casa de espetáculos com ambiente sofisticado, funcionava como uma vitrine para Santana, pois recebia uma clientela constituída de famílias uruguaias, que vinham de cidades próximas e até da capital, Montevidéu. No seu interior, encontravam-se "todos

aqueles que podiam pagar", os integrantes da classe endinheirada, comerciantes e trabalhadores autônomos, como barbeiros, alfaiates, escriturários e uma gama de homens que tinham seus serviços contratados pelos coronéis locais para todos os fins. Verificou-se que essa casa noturna era frequentada por um público tido como sofisticado e um outro popular, que não estava acostumado às regras de comportamento impostas a sociedade nesse período.

O espaço ideal escolhido pela maior parte da população para o divertimento, no entanto, era onde se desenvolviam as atrações lúdicas do picadeiro: os circos. Ali também se encontrava um público miscigenado, brasileiros e uruguaios, atraindo crianças e adultos de grupos populares e de classes com um maior poder aquisitivo. Todos buscavam o riso, seja nas trapalhadas dos palhaços ou nas emoções do trapézio, não importando a linhagem do espectador. Pelo fato de agregar um público tão heterogêneo, o estudo considerou esses lugares como centros democráticos da região nesse período. Santana concentrava a maioria dos turistas que visitavam a região, mantendo uma infra-estrutura de hotéis, casas de espetáculos, cafês e restaurantes.

No início da década de 1940, entretanto, todas as atenções e atrações vão mudar de endereço, indo gradativamente para o outro lado da fronteira. Em Rivera, criam-se novas casas culturais, chamando a atenção dos turistas e da comunidade santanense. Tem início entre as administrações municipais uma disputa acirrada pelos espaços de lazer.

Tornou-se necessário investigar as boas relações que a fronteira manteve com a contravenção, pois essa prática comercial ilegal sempre esteve impregnada no cotidiano daquela região. Seja através das mortes entre gangues rivais, que amendontavam a comunidade, seja pelo estreitamento dos vínculos com homens ligados ao poder, o contrabando constituiu-se no imaginário como prática legal para a região. Em muitas ocasiões, esteve presente nas atividades cotidianas de muitos cidadãos fronteiriços, quando indo ou vindo na compra de mantimentos para o lar.

O estudo identificou nos personagens das gerações de trinta, quarenta e cinquenta, as vivências relativas as diferenças culturais que muitas vezes ocorreram num mesmo espaço de sociabilidade. Também contabilizou características que os faziam tornarem-se singulares entre seus vizinhos. Por outro lado, o discurso dos relacionamentos fronteiriços de integração, dentro de uma perspectiva romântica, como mitificado pela

maioria da comunidade, sempre transitou entre as mais variadas situações de conflitos cotidianos.

Um elemento unificador que o estudo identificou como significativo, aponta para a construção de um projeto elaborado em parceria com o poder público e os empresários locais, visando o aumento do fluxo de turistas para às cidades. Rivera em 1932, através de um decreto público transforma-se em *Ciudad de Turismo*. Afora a efervescência da noite boêmia, a fronteira carecia de maiores atrativos para desfrutar desse mérito. Assim, a partir de 1936, autoridades municipais riverenses já desenhavam o projeto *Via Blanca*, que trazia características inovadoras e eficácia imediata.

Quando em 1944 foi definitivamente implantado por decreto municipal os passeios na Avenida Sarandi, a população da região já tinha seu imaginário preenchido com a proposta desse ritual. Com essa atitude a Intendencia de Rivera não só dinamizou a entrada de turistas de outras cidades como agregou seus vizinhos brasileiros para seu novo espaço de lazer. Oferecendo diversidade, "civildade" e modernidade, Rivera mantém até os dias atuais um domínio cultural e econômico nos espaços reservados ao lazer das comunidades. Atualmente concentra-se na Avenida Sarandi a maioria dos comércios de *free shopp*s, bares e restaurantes da região, que dominam a preferência dos turistas e da comunidade santanense. Santana então, foi prejudicada pelas consequências da guerra, mas também por sua "arrogância" em manter espaços hegemônicos, considerados nobres, dedicados a uma classe endinheirada. Como se mostraram a maioria de seus cafés e Cine Teatros, que dificultavam o ingresso de um público humilde, não ambientado a regras de comportamento impostas pelos ambientes chiques. Entretanto, foi percebida a resistência das classes populares; que insistiam em participar da cena do *footing* ou das (antes) sofisticadas casas de cinema.

Em Rivera, por outro lado, a proposta do passeio na larga avenida incluía o olhar despreocupado nas vitrines que expunham as tendências da moda, a paquera generalizada onde o público sentia-se integrado nas formas de lazer, sem contudo sentir-se na necessidade de consumir algo para fazer parte da cena. Santana mostrou-se imobilizada diante do vazio imposto a seus passeios públicos, perdendo a disputa pelos espaços de lazer, não sem antes apelar para estratégias que visavam a recuperação do público. Com apelos nacionalistas e discursos repletos de "santanense desperta", a imprensa seguia à risca

os ditames da administração municipal na busca de uma fórmula para reintegrá-los ao seu espaço nacional. Em vão foram as tentativas para reestabelecer seus vínculos afetivos nos espaços brasileiros. Assim a comunidade viu desaparecer aos poucos seus espaços públicos e privados de diversão, como os passeios familiares nos praças públicas santanenses e os desfiles dos corsos.

Contudo, a disputa entre as cidades pelos espaços de lazer não se constitui fato original. A investigação permitiu observar que o relacionamento mantido pelos governos locais deu-se de maneira conflituosa desde a sua povoação. Para a pesquisa não foi possível construir a narrativa diante de uma abordagem unificadora, que determina as cidades pela sua unidade "econômica, social e espiritual" como apontam algumas historiografias da região. Os pesquisadores consideram característico a presença de um discurso nativo, nas zonas de fronteira, Andreia Quadrelli verificou que:

*Como afirma Grimson un mito "compartido por muchos de sus habitantes que dice que 'la frontera no existe', que 'estamos integrados desde siempre'" (Grimson, 2000: 29). O problema se coloca quando os investigadores assumem este discurso, que impede revelar como a fronteira "no existe para algunas cosas y sí existe para otras. Así, mientras los actores usan cotidianamente la frontera para adquirir mercaderías a mejor precio, una gran parte de los conflictos sociales es enunciada en un lenguaje nacional que alude a defender el territorio, la soberanía y la nación"<sup>379</sup>.*

A história dos relacionamentos sociais nesta fronteira construiu-se ao longo do tempo por um leque de diferenças cotidianas -étnicas, culturais, nacionais- fazendo a comunidade fronteiriça ser caracteriza pela sua singularidade. Peter Burke, refletindo sobre a importância dos encontro culturais, aconselha o historiador a observar "que uma história cultural centrada em encontros não deve ser escrita segundo um ponto de vista apenas. Nas palavras de Mikhail Bakhtin, essa história tem que ser polifônica"<sup>380</sup>. O estudo das formas de lazer na fronteira durante o período proposto no recorte temporal manteve-se diante da possibilidade de construir uma história que incluísse em si mesma as variedades dos pontos de vista dos "vitoriosos e dos vencidos, homens, mulheres, os de dentro e os de fora", reconstruindo assim, a trajetória dos lugares e dos personagens que fizeram a região, por quarenta anos, um polo cultural, rota emergente das companhias que excursionavam rumo as capitais do centro do país e do Prata, dada a sua variedade de espetáculos.

---

<sup>379</sup> QUADRELLI, A. S. Op. Cit. p. 198.

<sup>380</sup> BURKE, P. Op. Cit. p. 267.

A persistência do personagem Bisso ao assinar seu diálogo reportando-se àqueles "outros tempos", demonstra o desencanto com a Santana modernizada do século XXI. Resguardando em suas lembranças a solidão de uma cidade que teve sua época efervescente, a qual ele pôde compartilhar junto a seus contemporâneos. Tudo está acabado, pois hoje, todos "já se foram". Assim, encontrando nele próprio uma rica fonte relatora das aventuras cotidianas daqueles rapazes que tomavam gosto em divertir-se tocando concertos para uma platéia sintonizada com seu tempo.

No início do século XXI as cidades da região apresentam sinais de uma crise econômica e social. Com o declínio da pecuária, da indústria de carnes e lã e da estagnação comercial, elevou-se o índice de desemprego e a economia informal. Muitas casas fecharam suas portas então, e o brilho que caracterizou a região no passado apagou-se. A região sofre com a perda do intercâmbio do passado, pois está fora do eixo cultural do país e do Prata.

A fronteira antiga repousa na distância das lembranças de seus moradores, fazendo emergir a fatídica e cruel frase "já não existe mais" impondo-se na voz daqueles que foram silenciados pela funcionalidade desta nova e moderna fronteira.

## 1- FONTES BIBLIOGRÁFICAS

- ALBORNOZ, V.P. L.  Armour, uma Aposta no Pampa. Santa Maria, Palotti, 2000.
- BARRÁN, J. P.  Historia de la sensibilidad en el Uruguay - tomo II el disciplinamiento (1860-1920). Montevideo, Ediciones de la Banda Oriental, 1990.
- BAYARDO, N.  Carlos Gardel, a la luz de la Historia. Montevideo, Aguilar, 2000.
- BAKHTIN, M.  A cultura Popular na idade média e no renascimento- O contexto de François Rablais. São Paulo-Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1993.
- BENATTI, A P.  O Centro e as Margens. Prostituição e Vida Boêmia em Londrina (1930-1960). 2ª edição, Curitiba, Aos Quatro Ventos, 1999.
- BENEVIDES, M.V.M.  A UDN e o udenismo. Ambiguidades do Liberalismo Brasileiro.(1945-1965), Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.
- BOSI, E.  Memória e Sociedade. Lembrança de Velhos. São Paulo, Cia das Letras, 1994.
- BURKE, P.  Variedades de História Cultural. Trad. Alda Porto. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000.
- CAGGIANI, I.  Cadernos de Santana. Volume III. Sant'Ana do Livramento, (MIG) 1986.
- CARVALHO, C. B.  Lendo o Passado. Volume 1, Sant'Ana do Livramento, EDIGRAF, 1986.
- \_\_\_\_\_  Lendo o Passado. Volume 2, Santa Maria, Imprensa Universitária, 1992.
- COITINHO, A.  É a luta Doutor! Porto Alegre, Renascença, 2001.
- CHIAPINNI, L  Multiculturalismo e Identidade Nacional. in  Fronteira Culturais- Brasil, Uruguai, Argentina Cotia, Ateliê Cultural, 2002.
- \_\_\_\_\_  João Bispo. Sant'Ana do Livramento, Editora A Platéia, 1ª edição., 1985.
- CUNHA, M. C. P. (org).  Carnavais e outras Fr (e) stas. Unicamp, 1ª ed. Campinas, 2002.
- \_\_\_\_\_  Un tal de Pardo Rivera. Sant'Ana do Livramento, Edigarf, 1990.
- DA MATTA, R.  Carnavais, malandros e heróis. Para uma sociologia do dilema Brasileiro. Rocco, Rio de Janeiro, 1997.
- DUARTE, R.H.  Noites Circenses: espetáculos de circo e teatro em Minas gerais no século XIX. Campinas, Unicamp, 1995.
- ELIAS, N. & SCOTSON, J.  Os Estabelecidos e os Outsiders. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000.
- \_\_\_\_\_  O Processo Civilizador. Uma história dos costumes. Volume 1. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1994.
- FAOUR, R.  Revista do Rádio. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2002.
- FERREIRA, de M. M. & AMADO, J. (org.)  Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 2ª Ed., 1998.
- FERREIRA, S.C. de S.  Cinema Carioca nos anos 30 e 40. Os filmes musicais nas telas da cidade. São Paulo- Belo Horizonte, Annabume/UFGM, 2003.
- FLORES, M.  História do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Nova Dimensão, 1993.
- GOFF, Le J.  História e Memória. Campinas, Unicamp, 4ª Ed., 1996.
- GUINLE, J.  Um século de boa vida. Rio de Janeiro, Globo, 1997.
- GRUNEWALD, J.L.  Carlos Gardel, Lunfardo e Tango. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1994.
- HALL, S. A  Identidade Cultural na Pós - Modernidade. Rio de Janeiro, DP&A, 2003.

- HAMBURGUER, E. "Diluindo Fronteiras: A televisão e as novelas no cotidiano" in História da Vida Privada no Brasil. Contrastes da Intimidade Contemporânea. Volume 4 (Orgs. Fernando A. Novais e Lilia Moritz Schwarcz) 3ª Edição, São Paulo, Cia das Letras, 2004.
- HOBBSBAWM, E. Sobre História - Ensaios. São Paulo, Cia. das Letras, 2000.
- LAPLANTINE, François & TRINDADE, Liana. O Que é Imaginário? São Paulo, Brasiliense, 1997.
- MACHADO, L. O Imperador da Noite. Porto Alegre, Renascença, 2002.
- \_\_\_\_\_. Águas Calientes. Porto Alegre, Edigal, 1996.
- MACHADO, C. Memórias sem maquiagem. São Paulo, Cultura, 1978.
- MARTINS, (org.) Maria Helena. Fronteiras Culturais- Brasil, Uruguai, Argentina Cotia, Ateliê Cultural, 2002.
- MEIHY, J. C. S. Manual de História Oral. São Paulo, Loyola, 2002.
- \_\_\_\_\_. (Org.) (Re) Introduzindo História Oral no Brasil. São Paulo, USP, 1996.
- MIRANDA, J.C. Carnavales Riverenses, apuntes para su historia. Rivera, Linea, 1989.
- MONTENEGRO, A. T. História Oral e Memória. São Paulo, Contexto, 3ª Ed., 1994.
- NAVARRO, W. R. Villa Ceballos, los que pusieron los cimientos. Historia de Rivera. Tomo I, Rivera, Editora Atlántida, 1981.
- NORONHA, L. Carlos Machado. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1998.
- PESAVENTO, S. J. Uma outra cidade: O mundo dos excluídos no final do século XIX. São Paulo, Cia Editora Nacional, 2001.
- \_\_\_\_\_. " Com os olhos no passado: a cidade como palimpsesto" in Esboços- Revista do Programa de Pós- Graduação em História -UFSC. Dossiê Cidade e Memória. Nº 11, Florianópolis, 2004.
- \_\_\_\_\_. O Imaginário da Cidade. Visões literárias do urbano: Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre, Editora da Universidade, 2002.
- SANT'ANA DO LIVRAMENTO: Corpo e Alma. Antologia Poética. Academia Santanense de Letras. Porto Alegre, Alcance, 1996.
- PINTO, A. B. Rivera una Historia Diferente. Tomo I, Montevideo, 1990.
- \_\_\_\_\_. Rivera, una Historia Diferente. Tomo II. Montevideo, Ministerio de Educación y Cultura, 1990.
- QUEIROZ, M.I.P. Carnaval Brasileiro, o vivido e o mito. São Paulo, Brasiliense, 1999.
- RAGO, M. Os prazeres da noite: Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991.
- RECAREY, Z. H. Aleluya Rivera! Montevideo, Taller Comunicación, 1995.
- \_\_\_\_\_. Rivera Fronteiriza y Romantica. Montevideo, Taller de Comunicación, 1987.
- \_\_\_\_\_. Cerro del Marco, 30 acuarelas de una Rivera que fue. Montevideo, Imprenta Panamericana, 1985.
- \_\_\_\_\_. Agustin Bisio. Montevideo, Taller Comunicación, 1989.
- RODRIGUES, A. E. M. João do Rio. A cidade e o poeta: o olhar de fláuner na Belle Époque. Rio de Janeiro, FGV, 2000.
- SEGATTO, J. A., NETTO, J. P., NÉTO, J. R. AZEVEDO, P. C de, SACCHETTA, W. (Org.) PCB- Memória Fotográfica- 1922-1982. 2ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1982.
- SEVCENKO, N. Orfeu Extático na Metrópole, São Paulo: Sociedade e Cultura nos frementes anos 20. São Paulo, Cia das Letras, 1ª Ed., 1992.

Sítio, [www.cpdoc.fgv.br/nav\\_historia/hm/biografias/ev\\_bio\\_floresdacunha.Htm](http://www.cpdoc.fgv.br/nav_historia/hm/biografias/ev_bio_floresdacunha.Htm)  
Sítio cifrantiga. [www.cifrantiga.hpg.ig.com.br/Crono3/marchinhas-de-carnaval.htm](http://www.cifrantiga.hpg.ig.com.br/Crono3/marchinhas-de-carnaval.htm).  
Sítio [www.henciclopedia.org.uy/autores/remedi/carnaval.htm](http://www.henciclopedia.org.uy/autores/remedi/carnaval.htm).  
Sítio [www.rou.edu.uy/historia/Uy.hist4.htm](http://www.rou.edu.uy/historia/Uy.hist4.htm). Link Uruguay, siglo XX, ciudad de Rivera.  
Sítio [www.saopauloimagemdata.com.br](http://www.saopauloimagemdata.com.br)  
SOUZA, S. B. "Os caminhos e os homens do contrabando" in Prática de Integração nas Fronteiras. Temas para o Mercosul. Porto Alegre, Editora da Universidade, Goethe Institut, Neba, 1995.  
THOMPSON, P. A Voz do Passado: História Oral. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 3ª Ed., 1992.  
TROCHON, Y. Las Mercenárias del amor. Prostitución y modernidad en el Uruguay. (1880-1932). Montevideo, Taurus, 2003.

## 2- PERIÓDICOS

### JORNAIS

AMARAL, L. E. "Santana do Livramento- Alunos recebem prêmio internacional- Turma da Aliança Francesa fez adaptação de obra de escritor marroquino" Zero Hora, Porto Alegre, 07.06.2001.  
A PLATÉIA, Jornal. Sant'Ana do Livramento - Seus Símbolos. Sant'Ana do Livramento, Gráfica e Editora A Platéia S.A., 1977.  
\_\_\_\_\_ Nossa Terra, Suplemento Especial. Santana do Livramento, 23.11.2000.  
\_\_\_\_\_ " Saudoso Ponto Chic." p. 04, 18.05.1980.  
MENDES, M. " O Marco Contestado " , Zero Hora, Porto Alegre, Dom. 15.07.2001.  
\_\_\_\_\_ "O Marco Contestado", Zero Hora, Porto Alegre. 16.07.2001.  
UCHA, Danilo. " A presença dos Anarquistas." O PORTAL, Santana do Livramento, nº 09, 2001.

### REVISTAS

BUONOCORE, L. (org) Álbum Histórico em homenagem ao cinquentenário da Associação Rural. Sant'Ana do Livramento, A Platéia, 1969.  
Bionoticias, Biblioteca Artigas, Rivera, mayo-2003.  
Revista Ilustrada/EFINTER-73. Sant'Ana do Livramento, Gráfica A Platéia, 1973.  
LEÓN, De H. REVISTA RIVERA. Aniversários: *la historia a través de las fechas e imágenes*. Rivera, nº 01, marzo de 2001.  
\_\_\_\_\_ De la Carretera al avión. Rivera, nº 02, junio, 2001.  
\_\_\_\_\_ Cancionero Riverense. nº 03, diciembre, 2001.  
MACIEL, D e MACIEL, V. "A sétima arte resiste ao tempo na fronteira" in K entre nós, Santana do Livramento, nº 03, dez./2005 jan./2005.  
WILLIANS, B. "Dupla Personalidade" in National Geographic, setembro- 2003.

\*A investigação nos jornais obedeceram a seguinte cronologia:

A Platéia de Santana do Livramento os anos de 1941, 1942, 1944, 1945, 1946, 1947, 1950, 1951, 1952, 1953, 1956, 1957, 1960, 1961, 1967.  
Diário do Sul, de Santana do Livramento 21-05-1954

Diário de Notícias de Porto Alegre, 12-05-1940

*El Dia*, de Montevidéo, 27.01 de 1957

Folha Popular, de Santana do Livramento foram investigados os anos: 1937, 1939, 1945, 1953, 1954, 1955, 1956, 1957, 1958.

*La Palabra* de Rivera, o ano de 1941, 1944

O Republicano de Santana do Livramento, os anos de 1931, 1932, 1933, 1934, 1935, 1936, 1947, 1950, 1955.

O *Tradición Colorada* de Rivera os anos de 1930, 1931

### **3- DOCUMENTOS**

#### **Documentos Oficiais**

Decreto de lei de elevação do município de San´Ana do Livramento a Vila, nº 151/1857. Biblioteca da Assembléia Legislativa do RS.

#### **Documentos não oficiais**

Acervo particular de Hermes Walter

Acervo particular de Humberto Bissio

### **4- ARQUIVOS**

Acervo Iconográfico da Sociedade de Ajuda Mútua Espanhola, sede Santana do Livramento

Arquivo da Prefeitura Municipal de Livramento

Biblioteca Pública Municipal , Santana do Livramento

Biblioteca da Escola Estadual Rivadávia Corrêa, Santana do Livramento

Biblioteca Pública Municipal Artigas, Rivera

Museu David Canabarro, Santana do Livramento

Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, Porto Alegre

Museo Municipales de Artes Plasticas MMAP, Rivera

Museo de Historia y Antropologia MHA, Rivera

Secretaria da Escola Estadual Professor Liberato Salzano Viera da Cunha, Santana do Livramento

### **5- ENTREVISTADOS**

Antônio Apoitia Neto, identidade binacional, 69 anos, advogado. Santana do Livramento, 13.01.2004.

Antônio Lopez, identidade binacional, anos, empresário. Rivera, 18.01.2004.

Alberta Mendes, brasileira, 76 anos, professora. Santana do Livramento, 25.01.2003.

David Martins, brasileiro, 69 anos, artista. Santana do Livramento, 12.01.2004.

Divercelina Machado, brasileira, 68 anos, dona de casa. Santana do Livramento, 23.06.2004.

Dirceu Carneiro, brasileiro, 69 anos, operário fabril. Santana do Livramento, 15.07.2003.

Elda Cortez, brasileira, 75 anos, comerciante. Santana do Livramento.13.01.2004.

Edílio Valério, brasileiro, 63 anos, militar. Porto Alegre, 2001, 2002, 2000.

Eustáquio Apoita, brasileiro, 84 anos, construtor. Santana do Livramento, 12 e 19.07.2003 e 15.01.2004.

Elza Soares, uruguaia, 80 anos, cabelereira. Santana do Livramento, 14.01.2004.

Floriano Menendes, brasileiro, 94 anos, barbeiro. Santana do Livramento, 14, 15 e 16.01.2004.

Glória Iturbide, brasileira, 69 anos, professora. Santana do Livramento, 25, 26 e 27.07.2000.

Haroldo Zignago Ponche, binacional, 61 anos, autônomo. Florianópolis, 15.03.2005.

Henrique, uruguaio, 65 anos, garçon. Rivera, 22.01.2004.

Hermes Walter, brasileiro, 85 anos, bancário. Santana do Livramento, 2003, 2004, 2005 e 2006.

Hugo Negres, uruguaio, 84 anos, torneiro mecânico e pecuarista. Santana do Livramento, 16.01.2004.

Humberto Bisso, brasileiro, 100 anos, barbeiro e homeopata. Santana do Livramento, 2002, 2003, 2004.

Neuza Aranda, 49 anos, brasileira, doméstica. Santana do Livramento, 2000 à 2006.

Izidro, uruguaio, 59 anos, garçon. Rivera, 25.07.2003.

Ilza Dutra, brasileira, 69 anos, professora. Santana do Livramento, 10.07.2005.

Jesus Echeveste. Aseff, brasileiro, 61 anos, comerciante. Santana do Livramento, 1999 à 2006.

José Antônio Gallo Sanz, brasileiro, 65, aposentado. Santana do Livramento, 13.07.2004.

Lúcio Soares Neto, brasileiro, 93 anos, advogado. Santana do Livramento, 13.01.2005.

Miguel Saynun Hijo, uruguaio, 69 anos, funcionário público. Rivera, 17.01.2004.

Perseverando Fernandes Santana, brasileiro, anos, 86 anos, pecuarista. Santana do Livramento, 2004, 2005, 2006.

Sinhá Borba, brasileira, 87 anos, funcionária pública. Santana do Livramento, 23.07.2004.

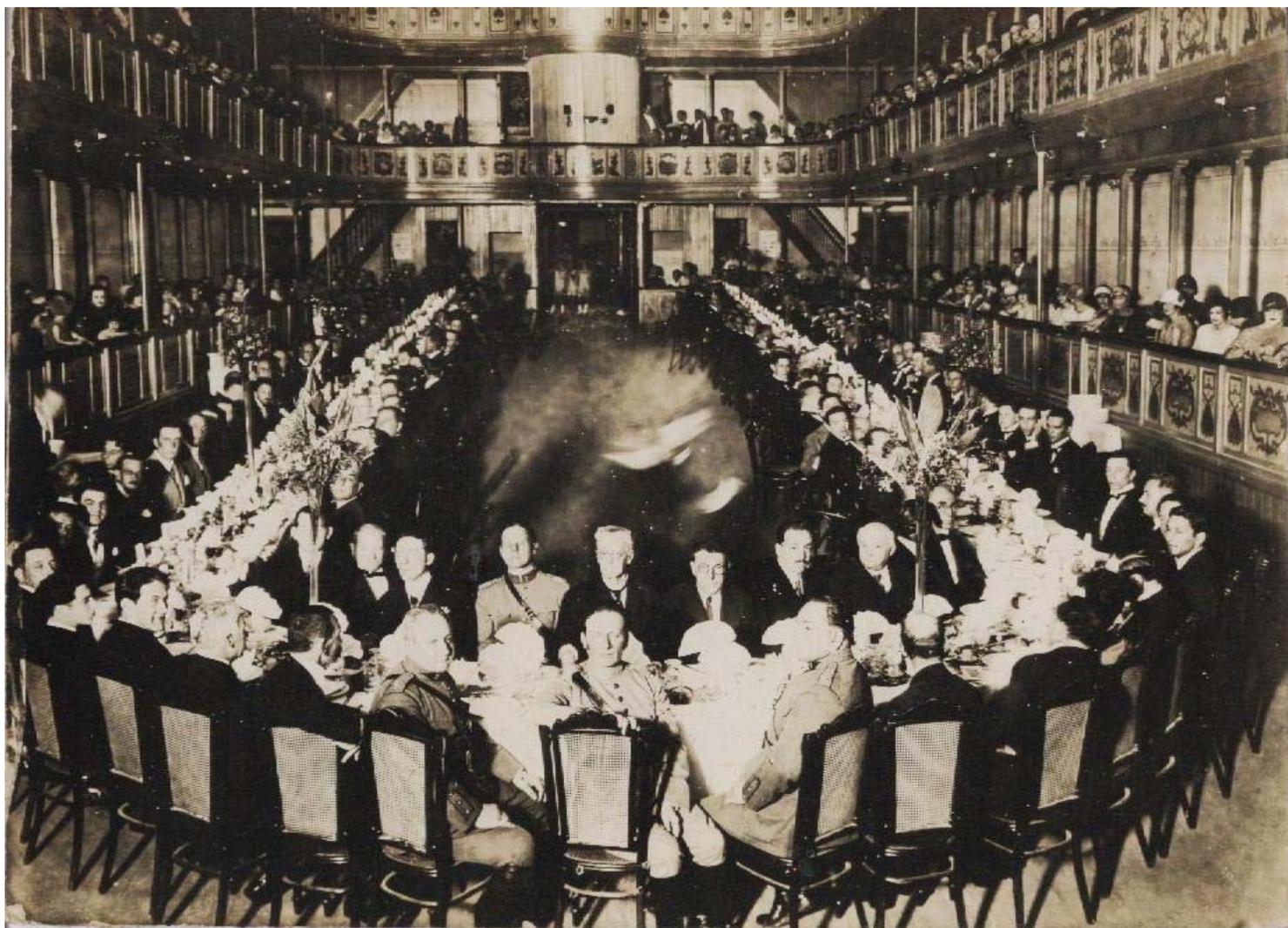
Virginia Severo Apoitia, brasileira, 75 anos, dona de casa. Santana do Livramento, 08.07.2004 e 15.01.2005.

## ANEXOS



Orquestra de músicos dos anos 1930, em Rivera, ao centro, em pé, Vasco Iturbide, o Coronel Ventura Pires, chefe da Chefatura de Policia e Humberto Bisso.

Acervo: Família Iturbide.



Theatro Sete de Setembro, banquete de políticos liderado pelo General Flores da Cunha, sentado no centro da mesa, de frente para a câmara. Final dos anos 1920.  
Acervo: Museu David Canabarro.

Infância na Praça dos Cachoros, meados de 1940. Acervo: Família Aseff.



Beleza feminina dos anos 1930. Acervo: Família Iturbide.



Práticas de relacionamento: troca de fotografias e oferecimento de cartões como demonstração de afeto.



Convite para jantar político em 1935. Acervo: Família Iturbide



Acervos : Família Iturbide.



Trabalhadores de uma carpintaria em Santana do Livramento, meados da década de 1930.  
Acervo: Família Iturbide.



Família de imigrantes italianos, meados da década de 1930.  
Acervo: Família Itubide.



Família de imigrantes libaneses em Rivera, anos 1940.  
Acervo Família Aseff.



Cartão Postal uruguaio em comemoração ao Centenário da Revolução Farroupilha, 1935.  
Acervo: Família Aseff



Luis Carlos Prestes visita o túmulo das vítimas da chacina dos 4A, 1960. Da esquerda para a direita, Adão, Perseverando Santana, Ari Saldanha, Heron Canabarro, Luis Carlos Prestes, Eustáquio Apoitia e Holmos.  
Acervo: Perseverando Santana.



Luis Carlos Prestes e Perseverando Santana, em Santana do Livramento, junho de 1960.  
Acervo: Perseverando Santana.



Construção do novo prédio do Cinema Hermes, 1960.  
Acervo: Hermes Walter.



Espectadores do Cinema Hermes, em meados dos anos 1950.  
Acervo: Hermes Walter.



Inauguração do (galpão) Cinema Hermes em 1954. Da esquerda para a direita, no centro o idealizador do projeto, seu Hermes.  
Acervo: Hermes Walter.



Humberto Bisio, o saudoso boêmio, a chave da História daquela outra fronteira.  
Acervo: Marlon G. Aseff.



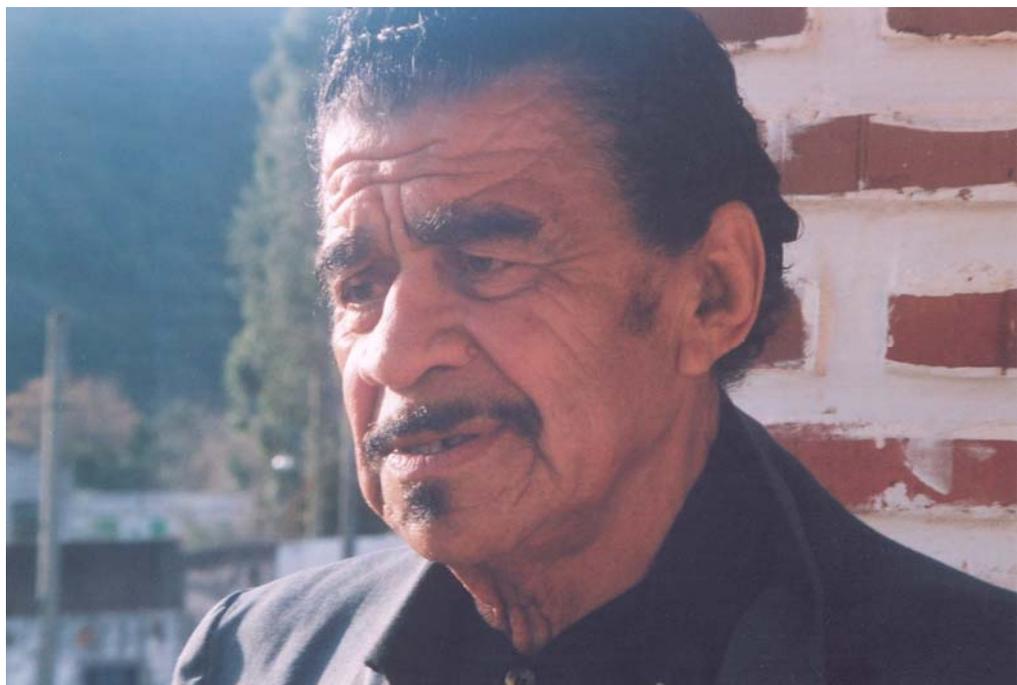
Elpydia Martins Dutra, e as recordações dos shows do Cassino Internacional.  
Acervo: Marlon G. Aseff.



Hermes Walter, e o sonho realizado de um cinema popular!  
Acervo: Marlon G. Aseff.



Floriano Menendes, amante das noites boêmias e das lutas de boxe da fronteira.  
Acervo: Família Menendes.



O artista David “Demônio” Martins.  
Acervo: Marlon G. Aseff.



Dona Sinhá Borba, e as sessões matinés do Theatro Sete de Setembro.  
Acervo: Liane Chipollino Aseff.



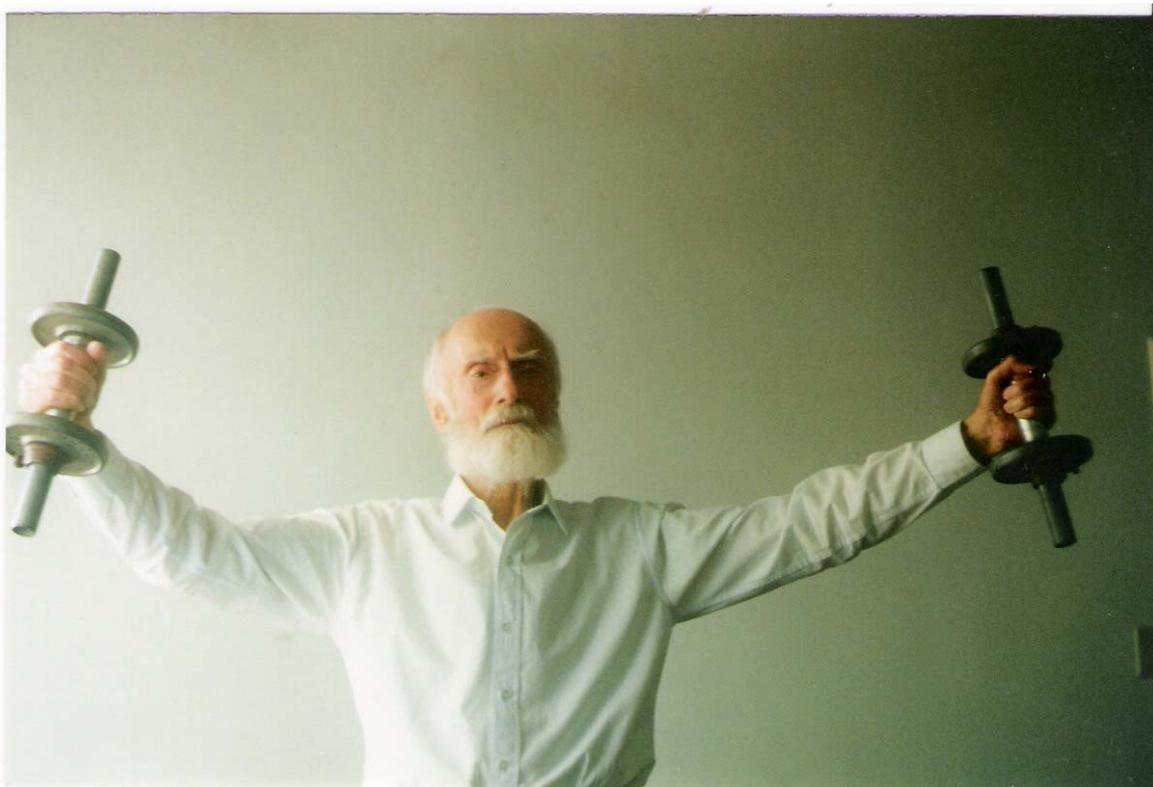
Virginia Severo Apoitia, entrelaçada pela lembranças das festas.  
Acervo: Liane Chipollino Aseff.



Hugo Negres e Perseverando Santana, combatentes históricos por uma fronteira mais justa.  
Acervo: Marlon G. Aseff.



Eustáquio Aipoitia, curador da Sociedade Espanhola em Santana do Livramento.  
Acervo: Liane Chipollino Aseff.



A trajetória “Più Avanti” de embates cotidianos de Lúcio Soares Neto.



Antônio Apoitia Neto, guardião da herança política de sua família.  
Acervos: Marlon G. Aseff.



Dona Elda Cortes, saudosa foliã dos antigos cursos internacionais da fronteira.  
Acervo: Liane Chipollino Aseff.



Seu Saynun, no Cassino de Rivera. Acervo: Liane Chipollino Aseff.



Grupo de candombe riverense Mundo Afro em apresentação artística em Santana do Livramento, 2005.  
Acervo: Marlon G. Aseff.



Rivera, vista de Santana , com os sucessivos marcos que preenchem a sua linha divisória.  
Acervo: Marlon G. Aseff.



Centro da Fronteira: A esquerda Rivera, a direita o Parque da Hidráulica em Santana do Livramento.  
Acervo: Marlon G. Aseff.



Parque Internacional, ao fundo o Cinema Internacional reformado, 2005. Acervo Liane Chipollino Aseff.



Na linha divisória: Praça João Pessoa, ou Praça dos Cachorros, tomada pela economia informal.  
Acervo: Liane Chipollino Aseff.